

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESA



*VISÃO DOS HOMENS, MULHERES E CRIANÇAS NAS
NARRATIVAS CURTAS DA TRADIÇÃO POPULAR
PORTUGUESA E SÉRVIA*

Candidata: Anamarija Marinović

Mestrado em Língua e Cultura portuguesa /Português Língua estrangeira
/Língua Segunda

2009

Índice

1.0	Introdução: motivos, metodologia e objectivos da elaboração da dissertação.....	3-11
1.1	Enquadramento teórico para esta dissertação.....	11-14
1.2	Algumas perspectivas do conceito da cultura popular.....	15-21
1.3	Quem conta um conto, acrescenta um ponto: questões das fontes, autoria e vias de transmissão da literatura popular.....	21-26
1.4	Conceitos, definições dos géneros literários: <i>conto</i> , <i>lenda</i> , <i>conto de fadas e mito</i>	26-31
1.5	Algumas possibilidades de classificar os contos e contos maravilhosos.....	31-34
1.6	Alguns aspectos formais dos contos:.....	34
1.6.1	Fórmulas de começar e acabar os contos.....	34-35
1.6.2	A estrutura dos contos populares.....	35-36
1.6.3	Títulos das narrativas curtas populares.....	36-37
1.6.4	Os nomes dos protagonistas dos contos populares.....	37-39
1.7	O uso da literatura para fins políticos: A literatura popular e os regimes totalitários Casos concretos em Portugal durante o Estado Novo e na Jugoslávia de Tito.....	39-44
2.0	Visão dos Homens na Cultura Popular Sérvia e Portuguesa: tradição, cultura patriarcal e identidade masculina.....	44-59
2.1	O homem na estrutura social na realidade histórica e literária portuguesa e sérvia.....	59-77
2.2	A visão do <i>Outro</i> do ponto de vista das pertenças culturais (étnicas e religiosas) nos imaginários populares sérvio e português.....	77-82
2.3	A posição do homem na família sérvia e portuguesa e as suas manifestações nas narrativas populares.....	82-92
2.4	O homem dentro do Cristianismo (as virtudes propagadas nos contos tradicionais, a visão de Cristo e dos santos populares nas tradições sérvia e portuguesa).....	92-100
2.5	Os estereótipos e preconceitos sobre o homem nas duas culturas analisadas.....	100-103
2.6	O aspecto físico masculino na cultura popular portuguesa e sérvia.....	103-104
3.0	A mulher no imaginário popular português e sérvio.....	104
3.1	A mulher na sociedade vista através das narrativas populares portuguesas e sérvias.....	111-118
3.2	As mulheres vistas pelo prisma da família e as suas representações nas narrativas populares portuguesas e sérvias.....	118-122
3.2.1	<i>Mulher é mulher e mãe é mãe</i> : a maternidade observada da perspectiva das tradições populares portuguesa e sérvia.....	123-124
3.2.2	<i>Madrasta - o nome lhe basta</i> : a complexa personagem negativa das culturas tradicionais e a sua situação na literatura popular portuguesa e sérvia.....	124-128
3.2.3	<i>Esqueceu-se a sogra que já foi nora</i> : a relação ambivalente entre a sogra e a nora nas culturas populares portuguesa e sérvia.....	128-131

3.3. A mulher e a santidade: A personagem da Virgem Maria nas narrativas populares portuguesas e sérvias.....	131-135
3.4 Os padrões de beleza feminina no imaginário popular português e sérvio.....	135-139
3.5 Os estereótipos sobre a mulher transmitidos através das literaturas populares.....	140-142
4.0 A criança e a literatura infanto-juvenil: literatura sobre e/ou para crianças...	143-145
4.1 Definição do termo <i>criança</i> e alguns factores que contribuíram para tal ideia nas duas culturas que analisamos.....	145-148
4.2 Crianças como personagens da literatura popular portuguesa e sérvia.....	148-161
4.3 Crianças vistas através da língua nas duas culturas populares analisadas: estereótipos e ideias sobre a população infantil: formas de tratamento, diminutivos e outras marcas da infância nos contos tradicionais portugueses e sérvios.....	161-167
4.4 Os padrões de beleza aplicados às crianças nas narrativas tradicionais portuguesas e sérvias.....	167-168
5.0 Conclusões.....	168-177
Bibliografia.....	178-184
Anexo 1.....	185-237
Anexo 2.....	238-239

1.0 Introdução: motivos, metodologia e objectivos da elaboração da dissertação

Tendo em conta o facto de desde a infância ter sido educada de acordo com os valores tradicionais da cultura sérvia, a literatura popular começou a ser uma área do nosso grande interesse, primeiramente apenas desde a perspectiva passiva de receptora (ouvinte ou leitora dos contos, lendas, poemas, provérbios e muitas diversas formas literárias que encerram em si a sabedoria dos povos e culturas), decidimos aprofundar os nossos conhecimentos, transmitindo-os e aplicando-os numa esfera mais activa, tanto a nível teórico como ao prático, nomeadamente através da participação num congresso internacional sobre provérbios, da colaboração na edição de um livro sobre os ditados populares sérvios que têm os seus equivalentes na língua portuguesa, do plano da organização de uma palestra sobre o folclore dos Balcãs, e deste conjunto de factores surgiu a ideia para esta dissertação.

Além das razões de carácter afectivo e cultural, existem motivos de índole mais intelectual que me conduziram a optar por este tema: dado que os escritores eruditos por vezes recorriam ao uso dos motivos, temas e personagens da literatura popular, para nós será muito útil alargar e aprofundar os conhecimentos desta área, para a docência das Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade de Belgrado.

Ao longo deste trabalho tentaremos elaborar uma análise quanto mais abrangente e profunda possível sobre o tema da *Visão dos Homens, Mulheres e Crianças nas Narrativas Curtas da Tradição Popular Portuguesa e Sérvia* com o objectivo de chamar a atenção para as aproximações existentes entre as duas culturas em questão. Para este fim, não limitaremos a nossa observação apenas a critérios e temas do domínio linguístico e literário, mas também faremos uma investigação multidisciplinar, não descurando os aspectos etnográficos, antropológicos, sociais, religiosos etc. Com o fim de marcar a visão do *Outro* sob várias perspectivas: social, étnica, familiar etc. Neste momento apresenta-se-nos a primeira dificuldade: como definir o conceito do *Outro* com o fim de elaborar melhor este trabalho científico: será que o *Outro* é apenas o representante da outra cultura ou também o são as próprias mulheres e crianças vistas da perspectiva dos narradores masculinos? Ou o *Outro*

também pode ser o próprio homem visto do prisma feminino por exemplo? Tendo estes critérios em conta, podemos deduzir que seria conveniente fazer a distinção entre um *Outro* mais abrangente, como nomeadamente a cultura sérvia e a portuguesa e várias subcategorias do *Outro* dentro das categorias masculina, feminina e infantil (um rei não é visto da mesma forma que um lavrador, nem uma mulher estéril é tratada de forma igual como uma mãe de uma família numerosa).

O nosso trabalho será dividido em capítulos, consoante o tema que pensamos abordar. O primeiro será de carácter meramente teórico, uma vez que nele serão explicados alguns dos conceitos importantes para a investigação que pretendemos realizar. Os outros serão mais práticos e concentrar-se-ão na análise dos contos concretos dos dois *corpora* e dedicar-se-ão ao estudo e comparação da visão dos homens, mulheres e crianças em várias situações.

Por isso, não deverá parecer estranho que a parte cujo tema central será o homem seja mais longa que as restantes, dado que vivemos numa sociedade na qual ainda se nota uma grande influência da presença e significado do género masculino, tanto na vida pública como no domínio do privado.

Isto não significa que queiramos desvalorizar ou minimizar o papel do género feminino e da população infantil. O que desejamos sugerir com esta abordagem é que no segundo capítulo nem sempre será simples distinguir entre a descrição da posição do homem e a da mulher nos espaços culturais que tencionamos analisar, porque elas estão muito estreitamente ligadas uma com a outra e entrelaçam-se e cruzam-se de tal forma, que quando mencionamos o estatuto do homem, não podemos deixar de olhar para a mulher ao mesmo tempo.

Quanto à diversidade de profissões que se mencionam nas narrativas curtas de carácter popular, é evidente que ela é maior no caso dos homens, uma vez que o seu papel na sociedade era sempre muito mais visível e reconhecido pelas pessoas.

Nos contos que compararemos é frequente a presença dos padres, que são exclusivamente homens. Esta profissão não existe no género feminino nem sequer hoje em dia, nem no catolicismo, nem na ortodoxia, e muito menos era possível imaginá-la na Idade Média, época em que surgiram as literaturas populares que agora são o objecto do nosso interesse.

Por este motivo, a parte sobre a mulher na sociedade e na vida pública terá de ser mais resumida que a sobre a visão do homem.

Por vezes será necessário dar um enquadramento das circunstâncias históricas e sociais que determinaram de certa forma os papéis dos homens e mulheres em Portugal e na Sérvia para se observar em que medida a literatura popular representa o espelho da realidade em que os contos foram inventados, contados e transmitidos oralmente. Esta parte mais teórica será elaborada dentro do segundo capítulo, que observa os comportamentos do homem, pura e simplesmente para se perceber melhor o tema central da nossa dissertação. Uma vez explicados os factores que conduziram à dominação do género masculino, não repetiremos tudo isso na terceira parte da dissertação para nos debruçarmos sobre a situação específica da mulher.

Os capítulos dedicados exclusivamente a mulheres e crianças serão aproveitados para se acrescentarem alguns elementos sobre eles de uma outra perspectiva.

Tentaremos demonstrar também que os princípios *masculinos* e *femininos*, ainda que por vezes pareçam completamente opostos, existem para se completarem. Salientar os aspectos que os distinguem entre si, significa para nós tornar mais visíveis as características que unem os homens e mulheres, e que um dos objectivos desta união é precisamente a de constituir uma família, onde o terceiro elemento, o das crianças, ocupa um lugar extremamente significativo.

Insistiremos muito nos papéis de ambos os géneros na família, porque uma família forte e saudável deveria representar a base de uma sociedade firme e segura. No que diz respeito às características do *Outro*, do ponto de vista das suas pertenças culturais (nomeadamente étnicas e religiosas), serão tratadas no capítulo em que se analisará o género masculino, dado que neste sentido o masculino tem uma função genérica, mais abrangente, e o que se pode aplicar ao representante masculino de uma etnia ou religião, pode-se transmitir da mesma maneira à parte feminina dessa cultura em questão. Por isso, não é possível falar muito sobre a visão *da Outra* nas literaturas tradicionais.

Para explicarmos melhor esta ideia, diremos que as ideias que o imaginário popular sérvio tem sobre *o turco*, são geralmente válidas também para *a turca*. O que na imaginação portuguesa se aplica *ao preto*, é o mesmo que para *a preta*.

Neste momento devemos chamar a atenção para um pequeno detalhe: se o homem turco muitas vezes é representado como símbolo do poder do opressor, não queremos dizer que também a mulher turca simbolize o mesmo. Naturalmente, num sistema patriarcal, as mulheres não exerciam cargos políticos e não

há representações de mulheres turcas como rainhas nas narrativas populares sérvias e por isso não as podemos qualificar de maneira nenhuma.

No entanto, tem-se uma visão igual dos homens e mulheres do povo turco com os quais os sérvios se encontravam no dia-a-dia.

Para ilustrarmos esta ideia podemos dizer que tanto os homens como as mulheres da etnia turca são representados como ingénuos, pouco inteligentes etc. Também na nossa literatura oral um cigano é esperto, tal como uma cigana.

No caso de Portugal, um preto não é culto, nem o é uma preta. Quando se trata de mulheres mouras, pode-se-lhes atribuir uma grande beleza física, como também a um homem mouro, pelo qual se apaixona uma cristã. Por estas razões, ambas as tradições populares não se detêm com demasiado pormenor nos retratos das personagens femininas que representam a cultura do *Outro* e por isso este aspecto não será elaborado com muita atenção no capítulo dedicado à visão da mulher nos contos populares de Portugal e da Sérvia que analisaremos ao longo da nossa investigação.

Uma das ideias-chave da nossa dissertação será mostrar a importância do conceito da diferença, que não vai ser considerado apenas entre duas culturas, mas também dentro de uma mesma cultura e sistema de valores.

Obviamente, em momento nenhum o objectivo desta dissertação será defender os aspectos de uma ou criticar e desvalorizar os elementos de outra tradição, porque um ponto de partida assim não corresponderia às exigências e expectativas de um trabalho que pretenda ser académico e científico e que por isso deve reger-se por critérios de imparcialidade e objectividade.

Esta dissertação, portanto, será elaborada com a utilização dos métodos da leitura comparada de dois corpora literários, da Sérvia e Portugal, recolhidos, publicados e estudados por eminentes especialistas de ambos os países. A esta metodologia alia-se a de análise contrastiva, que consideramos a mais apropriada para a observação de aspectos semelhantes e diferentes entre as culturas aqui comparadas.

Enquanto definíamos os *corpora*, era de esperar que descobríssemos um determinado leque de diferenças que se devem a factores históricos, geográficos, religiosos, culturais e outros. No entanto, a leitura avançada do *corpus* da literatura popular portuguesa fez com que fosse encontrado um número surpreendente de ideias, temas, motivos e pontos de vista parecidos, que não se podem explicar pelos contactos e

influências culturais, porque, como é de conhecimento geral, estes dois países ao longo da história não tiveram notáveis entrelaçamentos.

Porém, tal vez seja possível esclarecer, se não explicar até ao fim as características semelhantes no modo de pensar, de agir, de ser e de estar dos Portugueses e dos Sérvios, através da herança indo-europeia, teorias que defendem a existência de uma mitologia universal, a importância do *inconsciente colectivo*.

Uns dos pontos-chave desta dissertação são também os estereótipos e preconceitos que se enraizaram nas culturas mediante a própria língua. Debruçando-nos sobre os estereótipos e preconceitos, teremos em conta a evolução dos significados destes termos, que no momento em que surgiram não tinham uma conotação exclusivamente negativa, mas que como consequência do seu uso frequente sofreram algumas transformações do sentido.

Como a língua é e sempre foi um veículo indispensável da transmissão de valores, aspectos culturais e ideias, veremos em que medida ela é (ou não) discriminatória em relação ao *Outro*, do ponto de vista do género, nacionalidade, estatuto social, lugar na família, defeitos físicos ou morais e muitos diversos factores que constroem a vida quotidiana das pessoas.

Igualmente será necessário começar por definir alguns conceitos que serão usados ao longo da elaboração desta dissertação, nomeadamente; *cultura e literatura popular, tradição, expressão oral, ou literatura oral*, que, devido à sua complexidade, provocam opiniões por vezes contrárias entre os autores especializados na matéria.

Embora o popular possa em certo sentido por-se a culto ou erudito, nenhum dos autores que estudou esta problemática deseja dizer que na literatura popular não haja elementos e /ou fundamentos de cultura.

Por outro lado, o termo *vulgar*, que é frequentemente usado para se referir à língua do povo, (nomeadamente latim vulgar) nunca se emprega para designar a literatura popular, o que pode servir como ponto de partida para várias reflexões: mesmo que seja transmitida na língua vulgar, uma literatura não o pode ser porque neste sentido a palavra *vulgar* pode ter vários significados e interpretações, que serão mencionadas mais tarde.

Uma vez que o objecto deste trabalho é o *corpus* das narrativas curtas, será indispensável apresentar aqui algumas das acepções dos termos *narrativa, conto, conto de fadas, lenda e mito* e serão dadas algumas das suas classificações, de acordo com a necessidade de apontar para as diferenças entre estes conceitos do domínio da teoria

literária. Consoante essas diferenças, ver-se-á de que modo são tratadas as personagens, quais são as técnicas narrativas e qual é o objectivo que se desejava atingir mediante estas formas breves existentes nas duas tradições populares em questão. Por outro lado, mesmo que os animais por vezes na literatura popular representem algumas características dos seres humanos (a esperteza, a preguiça, a inocência, a falta da inteligência), o conceito da fábula não será tido em consideração, já que o espaço em que o homem aparece nas fábulas é muito reduzido. Uma vez que o nosso fim é focalizar-nos mais nos seres humanos verdadeiros e não nas suas representações simbólicas, decidimos não incluir as fábulas nos corpora da nossa investigação.

Serão trabalhados também os protótipos de personagens, que variam segundo a sua profissão, género, idade, origem étnica etc., que, embora por vezes possam parecer de carácter local, possuem valores e características universais, que são aplicáveis no mundo inteiro, e este é o motivo principal de estes caracteres serem tão famosos, reconhecidos, actuais e sempre vivos entre os leitores e ouvintes da literatura popular em todos os países e línguas. Através das personagens prototípicas e estereotipadas (o velho sábio, a má madrasta, o rei justo, etc.) à sua maneira transmite-se a ideia da crítica de certos comportamentos menos desejáveis e de vícios e defeitos humanos ou, por sua vez, do elogio e incentivo das virtudes e comportamentos que devem ser aceites e aprovados pelo grupo, pelo colectivo e pela comunidade a que estas criações da sabedoria popular se dirigem.

Nesta dissertação tratar-se-á dos homens, mulheres e crianças como seres vivos, e por esta razão não nos concentraremos muito nas entidades sobrenaturais masculinas e femininas (anjos, diabos, dragões, lobisomens, bruxas, fadas, etc.). Evitar-se-ão os seres do mundo sobrenatural, em primeiro lugar por causa da dificuldade de definir o sobrenatural, e a sua relação com o mundo natural, e em segundo lugar, porque não os consideramos muito relevantes para a nossa tentativa de um diálogo intercultural entre a Sérvia e Portugal.

Embora seja verdade que algumas das criaturas existentes no imaginário popular do sobrenatural tenham diferentes formas e funções, (por exemplo o lobisomem na mitologia eslava é um ser perigoso que se alimenta do sangue humano e aparece de noite, e nos contos portugueses ele nasce para cumprir uma sina, como sétimo filho consecutivo numa família sem descendentes femininos), elas não serão o tema do nosso interesse, dado que poderiam merecer uma atenção especial e ser o tema de algum outro trabalho científico.

No entanto, terão de ser observados e analisados os santos populares, Cristo e a Virgem Maria, para se investigar, estudar e comparar a importância que o povo dá à religião e as formas em que a incorpora na sua tradição e na maneira de ser e de viver, uma vez que estas personagens, antes de se tornarem míticas e lendárias existiram na realidade e na história. Através destas personagens, reais e míticas ao mesmo tempo, ver-se-ão os elementos da herança pré-cristã inseridos com mais ou menos sucesso nas duas culturas, e de que modo eles influenciaram a formação da personagem mítica de carácter mais folclórico e local do que propriamente bíblico e universal.

Tentar-se-á explicar também o culto e a popularidade de Santo António em Portugal e de São Sava na Sérvia e observar-se-á até que ponto estas duas personalidades fortes, interligando a realidade e a imaginação popular, a história e o mito, conseguiram contribuir para a formação de alguns aspectos fundamentais da identidade nacional portuguesa e sérvia.

As entidades abstractas personificadas como por exemplo a Morte, a Felicidade, a Miséria ou outras semelhantes não serão aqui observadas, porque, mesmo que sejam representadas como figuras humanas, não cabem dentro da área que pretendemos investigar, isto é, dentro dos seres humanos que aparecem nas narrativas curtas da origem popular.

Como outro aspecto interessante desta dissertação salientam-se as vias de transmissão e preservação da (s) literatura (s) popular (es), as suas fontes e origens, tal como as influências e variações que elas sofreram no processo da sua criação, até se chegar a uma versão definitiva ou “canónica” delas. Este trabalho de investigação terá também dois anexos, em que serão incluídos os contos populares sérvios, traduzidos para português e uma lista de títulos das narrativas portuguesas, uma vez que as referências bibliográficas para cada um dos contos, permitirão um melhor acesso aos seus leitores. O anexo da dissertação servir-nos-ão como material para uma antologia de contos nas duas línguas, que poderão fornecer outro tipo de informação diferente da que actualmente nos interessa.

Nos *corpora* que constituímos não serão incluídos os contos universalmente conhecidos, como *Gata Borralheira* e narrativas aproximadas que aparecem tanto na tradição popular portuguesa como na sérvia, nas suas variantes.

Em primeiro lugar, decidimos excluí-las precisamente por causa de serem demasiado conhecidas e também porque desejávamos tornar esta investigação mais específica e mais pessoal, constituindo os *corpora* de contos que nos chamaram uma

atenção particular, seja pelo título, seja pelo conteúdo, seja ainda pela semelhança dos temas e motivos nas duas culturas, ou pela forma de narrar.

Nesta dissertação não serão analisados os contos de alguma região específica de Portugal (Algarve, Trás-os-Montes) e de alguns territórios particulares onde a língua sérvia é falada porque não nos desejamos concentrar nos pormenores de carácter demasiado local e pretendemos observar as narrativas que pertencem à cultura portuguesa e sérvia em geral e que são bons indicadores de algumas características nacionais e ao mesmo tempo universais. As únicas excepções serão um conto sérvio intitulado como *O vitelo do padrinho (Kumovo tele)*¹ em que, embora seja usado um dialecto falado no Sul da Sérvia, é abordado um tema que será do nosso interesse neste trabalho - a relação entre o padrinho e o afilhado, muito importante para se compreender melhor a cultura sérvia, e mais um, com o título de *Mulher é mulher (Žena je žena)*², que embora na linguagem possua traços dialectais da mesma região que o anterior, tem o seu equivalente quase igual numa narrativa curta portuguesa.

Os títulos dos contos serão também analisados, porque através deles se introduzem os protagonistas, sugere-se o conteúdo, além de que algumas vezes podem ser traiçoeiros e podem conduzir o leitor a extrair deles uma conclusão errónea. Nomeadamente, um dos contos analisados que incluímos no *corpus* sérvio (*A mulher que enganou o Diabo* ou em sérvio *Žena vraga prevarila*),³ pode parecer como uma caracterização extremamente negativa da mulher e das suas capacidades, quando na realidade se trata de elogiar a sua inteligência na luta com o Diabo, como a personagem mais negativa de todas e encarnação do mal.

Os nomes dos protagonistas, se são referidos, também ocuparão a nossa atenção porque na maioria dos casos são simbólicos, e através do levantamento dos nomes e o seu significado, chegar-se-á à conclusão sobre quais são as características que possuem as personagens que levam um determinado nome e de que forma eles são representados na literatura e no imaginário popular.

1.1 Enquadramento teórico para esta dissertação

No que se refere ao enquadramento teórico para a dissertação, serão utilizadas obras de vária índole: dicionários de referência tanto na área de língua, como no domínio da literatura, mitologia etc., obras da história e teoria da literatura, estudos de

¹ In: Tomić (1999).

² In: *idem*

³ In: Kosijer (2007).

etnografia, antropologia, religião e outras que considerarmos necessárias para este trabalho científico.

De entre os autores consultados destacamos: Vladimir Propp, José Leite de Vasconcellos, Mircea Eliade, Vuk Karadžić, Nada Milošević-Dorđević André Jolles, Tzvetan Todorov. E as suas propostas teóricas serão um forte suporte para algumas das nossas ideias e hipóteses.

Por vezes recorreremos ao uso da bibliografia que se refere à imagem dos homens, mulheres e crianças nos provérbios e expressões gnómicas, sobre a qual já constituímos matéria para um estudo anterior apresentado no Segundo Colóquio Interdisciplinar sobre Provérbios em Tavira, que tratava deste mesmo tema apenas de uma perspectiva diferente.

Embora tomássemos conhecimento das diferenças existentes entre os ditados populares e as narrativas curtas, temos em conta que a língua é um instrumento importante da transmissão de valores e ideias que um povo tem sobre algum conceito ou aspecto da realidade, que frequentemente são expressas nas formas concisas de carácter moralizador ajudam para perceber a sua mentalidade.

Através do estudo de uma parte dessa bibliografia, podemos considerar que a visão dos homens, mulheres e crianças nos provérbios e ditados não varia muito em relação à visão dos mesmos nas lendas, contos maravilhosos, mitos etc. Por tanto, a inseparabilidade entre a língua e a cultura faz com que este trabalho seja variado em conteúdos e perspectivas de ver o mesmo fenómeno.

De vez em quando, os títulos e subtítulos dos capítulos serão simbólicos, representados por um provérbio ou ditado popular de ambas as culturas, em primeiro lugar, porque muitos deles são usados como títulos dos próprios contos escolhidos para o *corpus* de investigação e, em segundo lugar, para se sugerir de uma forma mais ilustrativa o conteúdo do capítulo. Esta estratégia foi escolhida propositadamente, para se ver até que ponto a literatura popular e as suas várias formas continuam presentes e actuais nas vidas dos seus leitores e ouvintes da época de hoje.

Nas páginas desta dissertação, uma das questões importantes que se levantam é a inevitável problemática do género, que se torna ainda mais complexa e profunda se tivemos em conta o facto de as línguas eslavas, e entre elas a sérvia, possuem três géneros: o masculino, o feminino e o neutro. Se traduzirmos literalmente o termo *género neutro* do sérvio para português, obteremos um sintagma que não existe na gramática, mas que é muito ilustrativo e indicador para alguns aspectos desta temática:

género médio (em sérvio *srednji rod*). Para explicarmos melhor, tanto a palavra *criança*, como a palavra *filho* no contexto de desejarmos saber quantos filhos uma pessoa tem, na língua sérvia dir-se-á *dete* e a pergunta será formulada no género neutro. O significante da palavra está no género neutro e quando ela aparece nos dicionários, ao lado dela aparece a abreviatura *s.r.* para se referir ao *srednji rod*, isto é género neutro.

Para a lógica desta língua, de acordo com a definição de Satanojčić e Popović (2000) o género neutro é usado para designar, entre outras coisas, os seres jovens cujas características masculinas ou femininas não estão bem marcadas. Portanto, as crianças estão “no meio”, entre o puramente masculino e feminino e daí a justificação de o termo do género neutro se traduzir literalmente do sérvio como género médio.

Os substantivos que pertencem à categoria do género neutro também possuem características que os colocam “no meio” entre o masculino e o feminino, porque no singular se declinam quase como se fossem masculinos, e no plural a sua declinação corresponde por vezes à dos substantivos femininos.

Concretamente, o plural da palavra *dete* (criança ou filho) é *deca* e declina-se como se fosse feminino. Na língua portuguesa a pergunta: “Quantos filhos tens?” é sempre formulada no masculino, enquanto a palavra “criança” é feminina, o que já é um assunto que pode levantar polémicas e opiniões contrárias entre os linguistas e entre as pessoas comuns.

Esta é a razão que nos leva a escolher as crianças na literatura popular como um terceiro elemento adicional, além dos homens e mulheres, que sempre terão uma posição ambivalente e multifacetada na cultura e na sociedade, o que permite um vasto número de interpretações. Isto não significa necessariamente que uma língua seja mais discriminatória que outra, pura e simplesmente indica que um sistema linguístico possui mais uma categoria gramatical, dentro da qual cabem elementos que não correspondem na totalidade nem ao masculino nem ao feminino.

Assim porque este assunto merece mais atenção, será tratado à parte, sob perspectiva da falante nativa da língua sérvia, será abordada a diferença que esta língua faz entre o *género natural* (*prirodni rod*) e *género gramatical* (*gramatički rod*) que podem nem sempre coincidir entre si.

Para esclarecermos mais os conceitos acima mencionados, devemos saber qual é a lógica dos nomes destes termos. O género natural depende do sexo biológico do ser animado e pode ser apenas masculino ou feminino, enquanto o género gramatical se define a partir das terminações gramaticais do substantivo e pode ser masculino,

feminino ou neutro. Existem casos de substantivos que terminam no -a, que é geralmente a marca do género feminino, mas que indicam o nome próprio ou profissão masculinos. Tal é o caso de *Nikola* - Nicolau, ou *sudija* - juiz. Estas características são importantes porque, apesar da terminação gramatical tipicamente feminina, ninguém coloca a questão da “masculinidade” deste nome ou profissão.

Diferentemente dos casos assim, quando existe apenas a forma masculina para uma profissão, muitas mulheres exigem a igualdade dos géneros e propõem uma forma feminina. Esta tendência é justificada e aceite quando não se vai contra algumas regras interiores da própria língua.

Um outro tópico que julgamos interessante e imprescindível para o nosso trabalho será ver em que medida os regimes totalitários (de Salazar em Portugal e de Tito na antiga Jugoslávia) valorizavam ou não a literatura popular e qual é a imagem e os valores que a sua atitude perante ela promovia. Neste caso a literatura oral será observada como um dos numerosos instrumentos da educação das gerações mais novas e desta forma também como um dos veículos importantes para a criação da identidade, cultural.

No que diz respeito às crianças na literatura popular, ver-se-á que nas duas culturas o estado infantil é tratado apenas como uma fase de preparação para se criar um indivíduo adulto de sexo masculino ou feminino, e em nenhuma das duas a criança tem individualidade. Dito em outras palavras, uma criança, desde a sua nascença, é preparada para se tornar parte do colectivo ao qual pertence.

Também julgámos necessário chamar a atenção para o facto de nenhuma das duas tradições populares destaca a adolescência como uma parte especial da vida da criança. Quando se introduz um protagonista muito jovem, os narradores descrevem o seu nascimento e depois deixam o tempo passar rapidamente sem mencionar nada até ele ou ela atingirem a idade apropriada para casamento (geralmente por volta dos 16 anos). Este período da adolescência, hoje em dia tão estudado e considerado uma etapa decisiva para o desenvolvimento de alguns traços de carácter do futuro adulto, na antiguidade nem sequer é tomado em consideração, porque a opinião geral na época medieval era que para casar é preciso atingir um determinado grau da maturidade, tanto no sentido meramente biológico, como ao nível psicológico e emocional, so que naquela altura não foi usada esta terminologia.

A importância do indivíduo e do colectivo na literatura popular das duas comunidades em questão será tratada neste trabalho, porque, sendo o tema tão delicado

e complexo, podemos correr o risco de idealizar demais a pertença a um todo (uma nação, cultura, comunidade etc.) ou de não valorizarmos a qualidade do indivíduo como tal. Dentro desta questão serão observados os problemas da (s) hierarquia (s) que se manifestam em todos os níveis da sociedade e família.

Colocar-se-á a questão da autoridade dos pais e especialmente a paterna no processo da educação dos filhos e também será observado até que ponto a imagem do pai severo e mãe terna e compreensiva são reais e sustentáveis e em que medida se trata de apenas uma aparência.

Finalmente, as esferas do privado e do público nos contos populares serão indicadoras para se descobrir melhor o modo de viver dos Sérvios e dos Portugueses ao longo dos séculos. Dentro da problemática do público e do privado cabem a divisão dos trabalhos em “masculinos” e “femininos”, as formas de saudação, o modo de os protagonistas dos contos se vestirem, falarem etc. Por isso, este trabalho pretende dar uma visão detalhada e complexa, mas com certeza não a mais completa dos homens, mulheres e crianças nas narrativas curtas da tradição popular portuguesa e sérvia.

1.2 Algumas perspectivas do conceito de cultura popular

Logo no início deste parágrafo encontraremos algumas questões “problemáticas” que se levantam e que exigem respostas, o que não será uma tarefa fácil. É realmente possível falar de uma cultura popular ou existem várias culturas populares, conforme as fronteiras geográficas e culturais de cada país? Também, quando mencionamos as fronteiras, devemos sublinhar que a ideia de definir e delimitar as culturas não se pode reduzir apenas à questão da geografia, porque existem numerosos factores que influenciam a formação de uma cultura e a persistência da sua identidade.

Qual é o verdadeiro sentido da palavra *popular*? São ou não sinónimas as expressões *cultura popular*, *cultura tradicional*, *cultura de transmissão oral* etc.? Qual é o lugar que ocupa a literatura oral dentro do âmbito da literatura? Existem alguns valores universais em todas estas literaturas que servem como ponto de partida para o início de um diálogo intercultural e de um olhar diferente sobre o *Outro*? Quais são esses factores comuns e de que dependem? Por que motivo, mesmo que os contos populares de diferentes partes da Europa tenha uma estrutura muito parecida, uma série de temas, personagens e elementos narrativos em comum são sempre actuais e interessantes para todas as gerações de leitores e ouvintes?

Em que medida o local se entrelaça com o universal, influenciando a formação da identidade de cada pessoa que lê e ouve essas narrativas populares? Logicamente não é simples dar uma resposta definitiva, abrangente e profunda a todas estas perguntas de uma vez, mas tentaremos esclarecer esta situação gradualmente, definindo primeiro os conceitos mais gerais para depois passarmos aos aspectos mais específicos, mas não menos importantes.

Para começarmos a designar os termos acima mencionados, devemos saber que em qualquer dicionário de língua portuguesa podemos encontrar no mínimo dois significados para a palavra *popular*: algo que é originário do povo e o segundo que significa famoso.

João Malaca Casteleiro (2001:2909) define este conceito da seguinte forma: “1. Que é relativo ao povo, que vem do povo” e como exemplos para ilustrar a sua definição cita estes substantivos: arte, democracia, julgamento, latim, marcha, milícia, música, poeta, república, revolução e sabedoria, que, acompanhados pelo adjetivo popular compõem sintagmas feitos e muito usados na língua portuguesa, tanto escrita como falada.

Como segundo significado é referido o seguinte: 2. Que agrada, que goza da população em geral e em seguimento acrescenta os sintagmas “aura popular” e “santos populares”.

Embora à primeira vista possa parecer que os dois significados não tenham nada a ver um com o outro, após uma análise mais detalhada e profunda, pode-se chegar à conclusão de que o denominador comum para ambos os vocábulos é justamente o povo: o povo que cria, aprova, critica e transmite, o povo que sanciona ou aceita um elemento da cultura. Este facto será importante mais adiante, quando for observada com mais pormenor a questão da autoria, das variantes e das formas da transmissão das narrativas curtas populares.

Um outro dicionário de língua portuguesa trata estes conceitos duma perspectiva um pouco diferente, o que nos vai dar mais indicações no caminho da nossa investigação: Houaiss (2003:2929) para a entrada lexical “popular” tem as seguintes explicações, das quais nos concentraremos mais apenas nas primeiras duas: 1. relativo ou pertencente ao povo, especialmente à gente comum”, 2. feito pelas pessoas simples, sem muita instrução”

Esta visão do que é popular encerra em si critérios importantes para qualificar de certa forma também a literatura popular. Se nos focalizarmos nas partes das definições

que dizem respeito à “gente comum” e às “pessoas simples, sem muita instrução”, chegaremos à conclusão de que uma das características inevitáveis e imprescindíveis da literatura popular é autoria anónima e o seu carácter pouco culto, o que também dará motivos a opiniões contrárias.

Almeida Pavão Jr. (1980) coloca o termo *popular*, que vem de povo em uma relação oposta ao culto, artístico e literário.

No entanto, falando da literatura, os termos opostos ao popular neste caso poderiam considerar-se correctos apenas os primeiros dois, enquanto o sintagma literatura literária não pode considerar-se correcto porque é já um pleonismo.

O mesmo autor, para sublinhar ainda mais a diferença entre o popular e o erudito, introduz o conceito de *popularizante*, que corresponderia a uma obra de autoria conhecida, culta, mas que foi criada de acordo com os critérios que satisfaziam o gosto do público ao qual a obra é dirigida, de forma a tornar-se popular, sendo desta vez o termo empregado no seu segundo significado.

Contrariamente do seu colega, Barker (2000) valoriza muito o popular e contrapõe-no à cultura de massas.

Pelo que vemos, podemos pensar que para alguns autores o termo popular contém em si tal vez uma pequena nuance depreciativa, porque se refere à origem desta cultura nas camadas mais baixas da sociedade, pelas pessoas sem uma educação institucionalizada, isto é não instruídos, enquanto para outros, o que pertence ao povo é o mais autêntico, é um traço comum da identidade nacional. Por isso não é de estranhar que na época do Romantismo em toda a Europa se tenha desenvolvido um grande interesse pelo popular, folclórico e tradicional, sendo estes aspectos considerados elementos fundamentais da consciência nacional e da construção das culturas baseadas nos ideais patrióticos.

Tendo mencionado a identidade nacional, devemos pensar quais são os elementos que fazem parte inseparável e inevitável do ser das pessoas que se identificam como elementos superiores à nossa identidade individual? Sem dúvida, o mito tem um peso notável na formação do imaginário cultural de um povo. Traduzindo *povo* por *folk*, Alan Dundes (1999: VIII) define este conceito da seguinte maneira: “A folk is any group of people whatsoever who share at least one common linking factor. “ (p. VII)⁴

⁴ (ing.) O povo é qualquer grupo de pessoas que, no entanto, partilham pelo menos um factor de ligação comum.

Esse “factor de ligação” pode ser de carácter religioso, linguístico, psicológico (nomeadamente alguns traços da mentalidade colectiva) etnográfico, social, político etc. As crenças, tradições, ideias (até aquelas preconceituosas e estereotipadas, quer no sentido positivo, quer no negativo) são apenas alguns desses pequenos contributos para um complexo e multifacetado mosaico da identidade e originalidade de cada povo e cultura.

Dado que, como já mencionámos, a grande maioria das pessoas nas comunidades em que se criava a literatura popular, era analfabeta, a forma mais lógica da sua transmissão e preservação do esquecimento era a via oral. Por esta razão para Nada Milošević-Đorđević⁵ as expressões *literatura populares* e *literatura oral* são sinónimas.

Tanja Popović (2007:459) trata estes dois termos como sinónimos também, salientando que o primeiro *literatura popular* ou originalmente *narodna književnost* foi aceite na ciência sérvia no século XIX, sobretudo graças a Vuk Karadžić, grande etnógrafo e filólogo. Aquela estudiosa limita-se a definir o sintagma em questão da seguinte maneira: “conceito comum para todas as obras da literatura oral que um povo cria, cultiva e transmite ao longo de toda uma série de gerações”. Considera-a também “a forma mais antiga da arte das palavras”. Quando se pensa na cultura popular, logo se vê que ela está estreitamente ligada ao domínio da oralidade, à palavra e também ao seio familiar, porque as criações da sabedoria popular foram frequentemente contadas e /ou cantadas pelos membros da família mais velhos, à lareira, dirigidas às gerações mais novas com um fim educativo e moralizador. Sónia Catarina Santos Gouveia (2006) como algumas das funções da cultura popular em geral, e particularmente a literatura oral enumera a função de entretenimento, uma vez que a literatura popular durante muitos séculos representava uma forma de se ocuparem os momentos de lazer e tempo livre, a função de complemento ao trabalho, especialmente no meio rural e a função educativa, mediante a qual se transmitiam determinados valores e ideias à comunidade.

A importância das mulheres na conservação dos valores tradicionais era muito grande, uma vez que a elas era atribuído o papel de educadoras dos filhos e responsáveis pelo cuidado da casa e da família. No entanto, no espaço público, para divulgar e transmitir a sabedoria do povo, predominavam os homens, razão pela qual é natural que o grande número de cantores populares era justamente homens. Neste caso segue-se a lógica do provérbio popular português: “O homem na praça e a mulher em casa”,

⁵ (in: Samardžija, 2006)

salientando-se desta forma o papel da divisão dos trabalhos. A mulher educava a sua família e transmitia-lhe valores colectivos, e o homem “educava” o povo da mesma maneira, apenas de sítios diferentes. Aqui devemos salientar a importância e significado da memória e da interpretação.

Muitos especialistas já tentaram confirmar a hipótese da existência de um autor primordial de cada obra popular, que depois foi corrigido, aprovado, aumentado e alterado pelo colectivo, pelo povo, neste caso.

Voltando à questão da memória, o seu papel é importante, porque a memória colectiva impede o esquecimento e o desaparecimento do “texto” primitivo e faz com que ele permaneça sempre vivo e activo entre os seus ouvintes, possibilitando-lhe várias mudanças e alterações até chegar à sua versão final e consagrada. Como qualquer língua possui a sua difusão territorial, também é lógico que em distintas regiões e partes dum país surjam variantes de uma mesma criação popular, que por vezes são apenas formais (no título do conto, lenda, canção, etc., ou no nome de algum protagonista).

Por vezes estas variações manifestam-se noutros aspectos mais profundos da obra popular (motivos ou temas por exemplo). Quando já existe uma versão canónica de uma criação popular, abre-se o caminho para um leque de diversas interpretações da obra pelos ouvintes, que nunca vai ser esgotado, porque cada ouvinte é uma pessoa complexa que acrescenta ao colectivo um pequeno nuance da sua individualidade, explorando desta forma a grande riqueza da sabedoria do povo.

Manuel Veigas Geurreiro (1978) não concorda com a divisão da terminologia que diz respeito a este assunto e propõe que para a *literatura oral*, e *literatura tradicional* um termo mais geral, abrangente e completo, que é precisamente *literatura popular*.

Neste momento chegámos ao ponto de tentar esclarecer a relação entre o *popular* e o *nacional*,⁶ que são termos estreitamente ligados entre si, porque, sem a menor dúvida a cultura popular serve de base e fundamento para a criação de uma cultura nacional, e este seu aspecto foi muito salientado na época do Romantismo em muitos países do mundo. Para alguns especialistas o popular e o *tradicional* é exactamente o mesmo. Para completar a sua visão, Ramón Menéndez Pidal⁷ explica o tradicional como algo que tem “carácter de patrimonio común”.

⁶ Na língua sérvia é usado um mesmo termo para a literatura popular e a literatura nacional: *narodna književnost*. Para se distinguir que se trata da literatura nacional, cada vez com mais frequência se usa o vocábulo estrangeiro *nacionalna književnost*, ou simplesmente literatura sérvia (*srpska književnost*)

⁷ (*apud.* Viana, Montes, 1997:22).

Aqui nota-se a tendência de as obras de origem popular da tradição oral se observarem como um instrumento para legar alguma ideologia e estética às gerações futuras e de criar uma base identitária dos povos.

Embora por vezes se empregue uma terminologia diferente, conseguimos ver que nem sempre é possível determinar os limites e fronteiras entre os termos, porque no fundo, todos eles nos levam a uma mesma conclusão: seja que se fale carácter popular, seja da oralidade ou da tradicionalidade, esta literatura tem os seus elementos em comum que a diferenciam da literatura erudita e por isso é que ela merece tanta atenção. Nas palavras de Jacinto Prado Coelho (1977), é importante não esquecer a inseparabilidade de língua e literatura como fortes elementos constituintes da identidade nacional. O mesmo autor destaca que a língua, a música, a literatura e os costumes populares são traços de uma “personalidade colectiva” e isso é precisamente o que torna uma cultura única e específica. Para se notar mais a originalidade de cada cultura nacional, é necessário compará-la com outras culturas nacionais, e ela é melhor compreendida se é observada como parte de um todo, isto é como parte da herança e património universal. Esta interdependência entre o nacional e o universal, entre o individual e o colectivo, entre o popular e o culto é tão grande que por vezes é quase impossível traçar os limites e fronteiras que distinguem bem cada conceito.

No entanto, sendo o termo *literatura popular* o conceito com o qual estamos mais familiarizados, optámos pela sua utilização ao longo da elaboração deste trabalho científico. Por literatura popular Veigas Guerreiro (1978:10) percebe “toda a matéria literária que o povo entende e de que gosta, da sua autoria ou não”. Nesta citação podemos observar alguns dos critérios válidos para uma obra se considerar de carácter popular ou tradicional: o *entender* e o *gostar*. O verbo entender aqui pode supor a linguagem clara e perceptível, próxima daquela que o povo usa para comunicar no dia-a-dia. Para além do critério linguístico, na literatura popular o povo pode entender e aceitar mais facilmente os elementos da realidade que o rodeia, e por isso é frequente que os protagonistas dos contos sejam os tipos de personagens com as quais as pessoas se encontram e lidam na sua vida quotidiana (lavradores, pastores etc).

No entanto, quando nas narrativas e formas poéticas originárias do povo aparecem reis, rainhas, príncipes e seres sobrenaturais, eles são símbolos de características positivas ou negativas, de valores e ideias que ajudam as pessoas comuns a encaminharem a sua vida numa determinada direcção: O rei é sempre justo, o que ajuda a formar-se um padrão de justiça em que se há-de acreditar; o ladrão é sempre

vencido no fim do conto e através desta imagem quer se salientar que mais vale ser bom e actuar correctamente do que cometer crimes.

Quanto à segunda parte da citação o que interessa é o *gosto* do povo. Isso não quer dizer que é sempre necessário simplificar e fazer tudo para agradar o seu gosto, mas sim encerra a ideia de que é o próprio povo que estabelece os seus critérios estéticos, que em muitos casos não são inferiores aos critérios que se encontram na literatura culta.

Browne (1988) considera que “the culture of a country is like the voice of the people, their likes and dislikes, the lifeblood of daily existence, the way of life”⁸. Daqui conseguimos intuir que para este estudioso o conceito da cultura popular é usado num sentido muito lato, isto é utiliza-se o seu significado para o aplicar a todas as áreas da vida humana, e maos concretamente remete para a parte espiritual da cultura que se emprega na vida quotidiana dos homens. O mesmo autor trata a cultura popular como “medicine for the illiteracy”.⁹ Para explicarmos melhor esta hipótese de Browne, teremos de dizer que o contexto em que esta frase foi escrita é diferente daquele em que a cultura e nomeadamente a literatura popular surgiram. No momento do surgimento da literatura popular, a maioria da população não era instruída, e esta frase remete para o momento actual, onde a cultura popular poderia ser utilizada como instrumento da alfabetização das pessoas. Isto é, as pessoas devem começar a conhecer e gostar da sua cultura popular, para se alfabetizarem e começarem a aproximar-se da literatura erudita.

1.3 *Quem conta um conto, acrescenta um ponto*: questões das fontes, autoria e vias de transmissão da literatura popular

Uma vez definido o conceito *literatura popular* em termos gerais, seria conveniente aprofundá-lo mais um pouco, porque, como já tivemos a oportunidade de ver, na sua definição estão encerradas as questões da sua autoria, origem, vias de transmissão, temas e motivos específicos e e todas elas carecem de esclarecimento e análise mais uma vez.

O primeiro tópico que se nos impõe neste momento é o das fontes e autoria das obras de carácter popular. À primeira vista, a resposta parece fácil: se um conto, ou

⁸ (ing.) a cultura de um país é como a voz do povo, os seus gostos e aquilo do que não gosta o sangue vital da existência do dia-a-dia, o modo de vida.

⁹ (ing.) Medicamento contra o analfabetismo.

lenda ou mito são populares, é porque provêm do povo e pertencem ao povo. No entanto, o que complica a problemática é por vezes a escassez dos documentos escritos que nos possam servir como testemunhos sobre a veracidade e origem histórica de uma obra literária popular.

Outro assunto importante é a anonimidade dos seus autores, dado que nas primeiras épocas do desenvolvimento das culturas humanas não havia grandes possibilidades de acesso à alfabetização. Uma outra razão para se justificar a anonimidade deste tipo de obras é a consequência da influência da tradição judaico-cristã na vida quotidiana das pessoas durante a Idade Média, onde o nome do indivíduo era importante apenas como o nome de um “servo de Deus”. Por isso até na literatura erudita medieval europeia poucos nomes de escritores foram preservados até aos nossos dias.

Nas culturas não judaico-cristãs este assunto torna-se ainda mais complexo de explicar, e, tendo em conta que as duas tradições em questão se baseiam nas raízes judaico-cristãs, deixaremos de nos preocupar de momento com as culturas de outras vertentes.

A seguinte questão que se levanta é a existência de um ou vários autores primordiais da literatura popular, que depois doaram a sua obra à comunidade em que viviam. O colectivo é o que desempenhava um papel imprescindível na aprovação e modificação do material primitivo de um conto, lenda, ou poema popular até se conservar a melhor versão, ou várias versões semelhantes, que correspondem à realidade dessa determinada sociedade, aos seus valores e atitudes perante as questões importantes da vida.

Se existia um único autor primitivo da literatura popular, como é possível explicar as suas variantes? Se foram mais autores, de que forma se conseguem entender tantas semelhanças entre as obras da tradição popular de vários países?

Viana (1985) defende a tese de um único autor destas obras que ficou em anonimato e considera que, quando se perdia o texto original, era a memória dos intérpretes que revivia os contos e lendas. Neste caso, a parte que suscita dúvidas no leitor é a palavra “texto”, que quase sempre remete para um documento escrito.

Será, então esse primeiro autor alguém culto e sábio que ficou anónimo por razões desconhecidas? O mesmo autor (1987:7) é de opinião que “o povo raro cria, antes adopta e adapta o que recebe de alguém de mais instruído intelecto, de mais conspícua ciência”. Por tanto, daqui é possível vislumbrar a atitude que este investigador tem

perante a cultura popular: à diferença de muitos outros especialistas na matéria, ele indirectamente deseja dizer que aquilo que é popular não poderia atingir um determinado nível de qualidade sem a intervenção de alguém mais inteligente, culto e escolarizado.

Numerosas são as hipóteses completamente opostas, em que ao povo se atribui um papel extremamente importante na criação e divulgação da sua própria literatura. Concretamente, Chadwick (1968) menciona a existência de uma “idade heróica” em que foram criados os melhores poemas e contos de um povo, e neste contexto Jovan Deretić (2007) salienta as importantíssimas funções do povo e da sua literatura criada e transmitida oralmente na conservação e reconstrução da identidade nacional sérvia numa situação concreta, nomeadamente durante a ocupação da Península Balcânica pelos Turcos no período de aproximadamente quinhentos anos entre os séculos XIV e XIX.

Nesse período, a literatura oral não era apenas um passatempo ou modo de diversão, mas sim um veículo que ajudava a não se esquecerem as raízes, a língua, a religião cristã ortodoxa e muitos outros aspectos da nossa “serviedade” e os grandes centros de cultura naquela época eram justamente os mosteiros e igrejas.

Zacarias Nascimento (2003:27) vê na autoria popular dos contos, “a sabedoria do povo” que “soube inventar histórias com diversos fins: divertir, ensinar, explicar”.

Se o autor foi um único, as diferenças entre o conto original e as suas variantes podem-se explicar pela difusão territorial de uma língua, pela oralidade em que os contos foram divulgados, pelo diferente grau de educação e alfabetização dos contadores de histórias.

Esta questão torna-se mais fácil se se parte da hipótese de que os autores eram vários. No caso de existirem vários “proto-autores”, o que se impõe logicamente é a diversidade de perspectivas e formas em que eles se debruçavam sobre um mesmo assunto e aqui é que a colectividade entra em cena para desempenhar um papel importante de assimilar, aceitar, censurar ou reprovar as versões de uma única obra que vai ficar como parte da herança cultural de um povo ou nação.

A maioria dos investigadores, no entanto, defende a existência de um autor, letrado ou não, cuja obra se transmitia de boca em boca e de que ficaram apenas aquelas versões que concordavam com os valores, sentimentos e critérios estéticos daquela determinada comunidade. Para Thompson (1953) “the oral tale-telling is older than

history”¹⁰, isto é, aponta-se aqui para a importância e antiguidade da literatura popular e a sua transmissão oral desde os inícios da história da humanidade.

No que diz respeito às fontes da literatura popular podem ser diversas também. Mais concretamente, quando se pensa em grandes cruzamentos e entrelaçamentos culturais dentro da Europa, pode-nos logo surgir a ideia da Península Balcânica que ao longo da sua história teve a oportunidade de receber várias culturas e tradições: a trácia, a ilírica, a celta, a eslava, a romana, a bizantina, a turca etc. Por isso, é possível encontrar traços de todas estas tradições na cultura popular sérvia, embora alguns sejam mais visíveis que outros. Por este motivo, podemos dizer com alguma certeza que nos contos da nossa língua foram conservados alguns aspectos da mitologia eslava, das tradições indo-europeias, da literatura bizantina, dos contos orientais.

As pessoas que transmitiam e conservavam os contos podiam, além dos cantores anónimos, ser também monges e sacerdotes ortodoxos, ou até os próprios turcos que introduziam na tradição sérvia vários temas e motivos mais próximos da sua realidade.

Embora a teoria da unidade da cultura indo-europeia hoje em dia esteja um pouco abandonada e se considere ultrapassada, durante muito tempo era a única forma de se explicarem e entenderem algumas semelhanças entre povos e culturas distantes em tempo e espaço.

Além destas raízes muito remotas, a cultura sérvia, tal como a portuguesa, na sua literatura popular conserva também características locais e particulares, cenas típicas da vida quotidiana do povo, etc. Enquanto, por exemplo, nas palavras de Viana (1985:5), na tradição portuguesa “o maravilhoso e o pícaro se enlaçam e a sabedoria profunda da vida vivida dá o seu aviso e conselho e exemplo”.

Uma das fontes de determinados motivos e temas na literatura portuguesa pode ser efectivamente a realidade combinada com a imaginação, onde se tocam, cruzam e misturam o sublime e o profano, o fantástico e o banal. Mesmo na literatura popular portuguesa, tão diferente de todas as outras podem-se notar elementos comuns, da origem indo-europeia, influências romanas e orientais, elementos da herança cristã e muçulmana, o que tudo em conjunto esboça traços de uma portugalidade específica e particular.

A base dos contos, mitos, lendas e contos de fada é de carácter internacional, enquanto os pormenores são os que dão um colorido nacional a cada uma das obras

¹⁰ (ing.) “a transmissão oral dos contos é mais antigo que a história.”

provenientes da literatura popular. Alguns autores, e em particular Alda da Silva Soromenho (1984:X), rejeitam a possibilidade de um único núcleo cultural (por exemplo o indo-europeu) do qual surgiram os contos populares que hoje são a herança de distintas nações. Esta ideia parece-lhe “aliciante, mas não convincente” porque, na sua perspectiva “os homens são iguais em todo o mundo, capazes de, em condições idênticas, criarem as mesmas histórias apenas diferentes em pormenores, condicionados a situações geográficas, temporais, sociais e culturais.”

No entanto, esta teoria não parece explicar tantas coincidências nas narrativas que surgiram em espaços e tempos diferentes, nos meios sociais e culturais mais diversos. Se a condição humana, no sentido dos mesmos problemas, vícios, virtudes etc. é igual, pode-se compreender que haja contos que tratem do mesmo tema e duma maneira semelhante, mas na nossa opinião nem tudo é possível explicar por factores de coincidência ou acaso.

De facto, o ser humano é criativo e consideramos que não poderia permitir tanta repetição de temas e motivos na sua cultura sem para isso existir uma razão contundente. Este é o motivo pelo qual apoiamos a teoria de uma base comum que a maioria dos povos no mundo tem, e a partir da qual começa a construir a sua identidade cultural, acrescentando-lhe uma determinada percentagem dos tais pormenores e particularidades que fazem cada tradição, e sobretudo a popular, tão rica em diferenças, nuances e variedades.

Esta hipótese da autora anteriormente mencionada poderia ser mais compreensível e sustentável se ela se quisesse referir ao *inconsciente colectivo*, conceito inventado por Carl Gustav Jung, que servia para tentar explicar uma característica comum para toda a espécie humana e na qual residem os *arquétipos* ou *imagens primordiais* que têm a sua própria linguagem e simbolismo.

Oliveira e Ferreira (1975) escrevem sobre “uma madre universal e única” dos contos e como algumas fontes geográficas citam o antigo Egipto, o Oriente longínquo, o próprio Ocidente e as suas ricas tradições, e até a mítica Atlântida.

Qual é a época exacta quando começaram a surgir os contos populares não se pode saber com certeza absoluta, mas para Jack Zipes (2006) não há provas exactas de que eles existiam antes da Idade Média.

Outros autores consideram esta data muito mais remota. A partir do século IX, com o grande trabalho dos missionários gregos Cirilo e Metódio na alfabetização e cristianização dos povos eslavos, a tradição oral começou a ceder o seu lugar à tradição

escrita, embora não completamente, uma vez que a nossa tradição oral continuou a viver ao longo dos séculos.

Alguns dos especialistas, mais precisamente Mircea Eliade (1963), salientam a antiguidade do mito que chega até tal ponto que vai até às origens do próprio homem. Mas, sobre o mito falar-se-á melhor mais adiante. É um facto que não é fácil explicar a origem e os modos de transmissão da tradição literária popular, e esta é a razão pela qual Oliveira e Ferreira (1975:XIV) optam pela seguinte resposta: “Como foi transmitido? Sabe-se lá como! O eterno mistério do rastilho a arder da palavra não escrita.”

1.4 Conceitos, definições dos géneros literários: *conto*, *lenda*, *conto de fadas e mito*

Depois de ser observada a questão das fontes e autoria da literatura popular, teremos em consideração agora os assuntos das definições e classificações dos géneros literários que serão o objecto do nosso interesse: conto, lenda, conto de fadas e mito, para podermos prosseguir a nossa análise. No entanto, uma vez que neste capítulo será abordada a temática dos géneros literários, devemos chamar a atenção para algumas diferenças no que diz respeito à terminologia estabelecida pelos especialistas sérvios e portugueses. Enquanto na teoria literária portuguesa existe apenas o termo *género* para designar tanto as grandes categorias, como as subcategorias literárias, os estudiosos sérvios optaram por uma divisão de termos que facilita em grande medida a compreensão dos conceitos definidos. Isto é, o termo mais abrangente, dentro do qual cabem a prosa, a poesia e o teatro é conhecido sob o nome *književni rod* (género literário), enquanto as categorias menores (conto, romance, poema, lenda, mito e outras) se denominam como *književne vrste* (literalmente traduzido do sérvio como *espécies literárias*). Uma das possíveis origens desta terminologia pode encontrar-se na biologia, onde o género é entendido como uma entidade superior à espécie.

Para podermos prosseguir a nossa investigação, será preciso definir e determinar de uma forma concisa e sistemática o conceito do género literário. Na perspectiva de Tzvetan Todorov (1970:85) existem muitas dificuldades para definir o género, mas um dos critérios que devem ser tomados em consideração é sem dúvida, o critério estético. No seu ponto de vista, “o género representa precisamente uma estrutura, uma

configuração de propriedades literárias, um inventário de possíveis.” A partir desta definição conseguimos ver algumas características formais daquilo que na ciência literária é considerado como género literário. Para uma obra ser classificada como romance, poema, peça de teatro, conto, lenda ou mito, deve possuir uma série de características que correspondem à designação de cada género. Essas características não se podem reduzir apenas ao aspecto formal, mas também cada género tem as suas particularidades em relação ao conteúdo. Concretamente, um conto maravilhoso é diferente de uma lenda ou mito e mesmo que por vezes no mito também apareçam elementos fantásticos, cada leitor será capaz de diferenciar estes dois géneros e de não os confundir.

André Jolles (1976) propõe o sintagma forma *simples* em vez de recorrer ao termo *género*. Na sua opinião, dentro das formas simples cabem as *legendas*, e com este nome são designadas as lendas sobre os santos canonizados na Igreja Católica Romana, mitos, contos, anedotas, casos, memórias e chistes. Um dos critérios pelos quais uma forma pode ser qualificada como simples é a espontaneidade da expressão, e por isso, na perspectiva deste investigador, uma novela, sendo forma mais culta e elaborada não é forma simples, enquanto que um conto o é por ser uma forma espontânea. Se focalizarmos a questão dos géneros nos casos concretos da Sérvia e Portugal, chegaremos à seguinte conclusão: No âmbito da literatura popular portuguesa podemos distinguir facilmente os três grandes géneros literários básicos: a poesia, a prosa e o teatro, enquanto na tradição popular sérvia podemos encontrar apenas a poesia, (que se divide em: lírica, épica e lírico-épica) e prosa, enquanto o teatro não se encontra.

Em Portugal, no entanto existem vários géneros dentro do teatro popular, tanto profano como religioso, segundo Leite de Vasconcellos (1976:X) as suas origens e o seu surgimento devem-se às influências do antigo teatro oriental, teatro grego e das antigas representações de carácter litúrgico. Com certeza que no território da Sérvia também houve rasgos da presença romana, grega e oriental, mas não se encontram formas do teatro popular. Podemos perguntar-nos se em algum momento do passado houve obras teatrais que desapareceram ou não ficaram conservadas. No entanto, dos géneros literários que existem, a narrativa, e sobretudo a curta, está muito cultivada na cultura sérvia. Aqui encontramos-nos perante um problema de classificação das narrativas curtas, sobretudo na parte sérvia, porque até à primeira metade do século XX, o termo mais usado pelos nossos especialistas era *conto* (na língua sérvia *pripovetka* ou *priča*) que se usava como um termo muito geral e abrangente, mesmo que existissem

outras palavras sinónimas ou de significado semelhante, para se designarem contos de fadas (em sérvio *bajke*), lendas (*legende*), mitos (*mitovi*) etc. O conceito de fábula, por razões acima enumeradas não ocupará a nossa atenção neste trabalho. Antes de decidirmos falar com mais atenção e pormenores sobre cada um dos géneros, que serão objecto da nossa investigação, devemos mencionar algumas das possíveis definições de cada um destes conceitos.

Começaremos a nossa análise com o mito, dado que ele está mais afastado da realidade em que o homem vive agora.

De acordo com André Jolles (1976), o mito em si encerra uma concepção da vida e da natureza e dá uma interpretação da própria natureza. Para este investigador, o mito está estreitamente ligado à religião de uma comunidade numa determinada fase da sua evolução. Dado que na observação sobre o mito este autor menciona uma fase da evolução em que a cultura de uma comunidade se encontra, podemos pensar que o mito é visto como um elemento primitivo da cultura e civilização humana. Mesmo que o mito seja considerado primitivo, nas palavras deste estudioso não notamos em momento nenhum, uma tendência de desvalorizar o mito. Muito pelo contrário Jolles (1976:83) julga que o mito se baseia na imaginação, no antropomorfismo, numa “percepção personificante” do mundo e na “introjecção”. Tendo lido esta definição, observamos que os elementos da imaginação e introjecção são algumas das particularidades que nos podem revelar o nível ou grau de evolução em que cada cultura está.

Traduzido literalmente do grego, o conceito de *mito* primordialmente tinha o significado de *fala* ou *palavra*, que já sugere um seu aspecto notável: a ideia principal do mito era ser transmitido oralmente, para prolongar a tradição de uma comunidade. Para Mircea Eliade (1963) o mito encerra em si elementos do sagrado. No entanto, nem todos os autores consideram o mito como um aspecto sublime da cultura de cada povo. Edward B.Tylor (1976), julga que o mito faz parte da “cultura primitiva” que surgiu quando a inteligência humana estava ainda no seu “estado infantil”. Poder-nos-íamos perguntar agora sobre as fontes e origens do mito da mesma maneira em que o fizemos com outras formas curtas da narrativa popular e poder-nos-íamos encontrar com a mesma variedade de hipóteses sobre o seu aparecimento, desenvolvimento e divulgação na cultura humana. De acordo com Roger Caillois (1980:26), as origens do mito são muito remotas e encontram-se na natureza e na história da sociedade do homem. Daqui provém uma das possíveis definições do mito como “imagem de uma certa verdade que reflecte um mesmo pensamento de diferentes emios”.

Como podemos observar, dá-se a ideia do mito como veículo importante para transmitir verdades. Mesmo que a imagem cosmológica e cosmogónica do mundo não corresponda em grande medida com as verdades comprovadas pela ciência, ninguém se atreve a chamar o mito de mentira ou pura invenção do espírito humano, tendo ele uma grande importância na criação da identidade individual e colectiva das pessoas. O mito esconde dentro de si vários níveis de significados e diversas possibilidades de interpretação e por isso é quase impossível interpretá-lo e compreendê-lo “à letra” e sem uma reflexão mais profunda.

Neste momento, poderíamos pensar em introduzir algumas das numerosas aproximações do conceito *conto*, sendo ele, como já referimos anteriormente, o termo mais complexo e abrangente no que diz respeito ao domínio dos géneros literários aqui analisados. Depois de passarmos que revistem as perspectivas de vários autores, passaremos a enumerar algumas das suas possíveis classificações. As definições e classificações dos contos e especialmente contos populares dependem dos autores e dos seus critérios. Também devemos ter em conta que ao longo do tempo o termo conto tem evoluído e que essa foi uma das causas de numerosas categorizações e classificações dos mesmos. Moisés Massaud (1978:98), refere que na Idade Média *conto* era um termo de significado muito vasto e geral e que servia para designar um relato ou uma enumeração de acontecimentos sem estar vinculado a nenhum género literário em particular. Como seus sinónimos, muitas vezes ao longo da história empregavam-se os vocábulos *apólogo*, *fábula* e *exemplo*.

No período do Renascimento o conto como género literário expande-se por toda a Europa. A partir do século XVI, esta palavra usava-se juntamente com a palavra *novela* de origem italiana, adquirindo o termo italiano uma conotação mais específica. Nos primeiros tempos da sua existência a palavra *novela* empregava-se no sentido de *notícia*, para com a obra do escritor italiano Giovanni Boccaccio adquirir o significado e importância que possui actualmente na teoria da literatura europeia.

Andre Jolles (1976:198) comenta que, quando o conto se opunha ao conceito da novela, o carácter moral do conto era muito mais visível. Nesta linha de orientação, o mesmo autor continua: “As personagens e as aventuras do conto não nos proporcionam, pois, a impressão de serem verdadeiramente morais, mas é inegável que nos proporcionam certa satisfação.” Nesta definição vemos alguns elementos muito presentes nos contos maravilhosos: a polarização entre as personagens positivas e

negativas e o triunfo das personagens que estão de lado da virtude sobre os maus deixa ao leitor ou ouvinte um determinado sentimento de satisfação.

Ao longo do século XIX o conto começa a ganhar plena importância e autonomia nas literaturas europeias e começou a ser usado com o significado de hoje. Para este tipo de narrativa curta obter a sua verdadeira forma em que é conhecido hoje contribuíram em grande medida os irmãos Grimm, quando publicaram a sua colectânea de *Contos para crianças*.

Carlos Reis e Ana Cristina Lopes (1987) qualificam o conto com as seguintes palavras: “género do modo narrativo”, e “relato pouco extenso”, o que significa que para eles o conto tem as suas raízes nas antigas tradições ancestrais e os seus elementos básicos são um narrador, as situações elementares e personagens que representam a categoria de um tipo. Pelo que vemos, uma das características mais importantes de um conto é a sua forma sucinta, o que não quer dizer que não possam existir contos mais extensos. Aqui poder-se-ia fazer um paralelismo entre um *conto* e um *romance*, sendo o romance a forma mais longa e complexa que o próprio conto. Outro ponto que os autores referiram é a presença dum narrador, que, mesmo que narre na primeira pessoa, não é o autor do conto, e este facto pode-se aplicar bem aos contos da tradição popular, em que de facto não se sabe o nome do autor.

Quanto às personagens que são vistas como “categorias-tipo”, esse elemento está muito presente e visível nos contos populares, em que as personagens muitas vezes não são tratadas pelo seu nome próprio, porque ele ou não é referido, ou tem algum significado simbólico. No entanto, o narrador refere-se aos protagonistas dos contos populares ou pela sua profissão (o frade, o soldado, o rei, o pastor, o estudante, o lavrador, o criado), ou pela nacionalidade ou raça (o turco, o cigano, o mouro, o preto), ou pelo lugar que ocupa na família (o pai, o irmão mais velho, o compadre, etc). Embora esta definição seja a do conto em geral, muitos dos seus aspectos podem-se aplicar na literatura popular.

Os mesmos autores, no entanto, consideraram necessário separar as definições do *conto* e *conto popular* e para o segundo conceito oferecem uma definição que será parafraseada a seguir: o conto popular é visto como uma narrativa breve com um número reduzido de personagens, cuja caracterização é bastante escassa e reduz-se apenas à sua origem, profissão, papel na família ou a uma característica positiva ou negativa que o protagonista possui. Tem as suas raízes na população e não na literatura erudita e consagrada. O conto popular surgiu na anonimidade e foi legitimado pelo

povo, enquanto o indivíduo tem apenas o papel de intérprete da tradição em que vive. Nos contos populares nota-se também uma tentativa da comunicação imediata entre o narrador e o público. Por isso, não é raro encontrar casos em que o narrador utiliza a primeira pessoa do singular, tentando desta forma, atribuir-se o papel de testemunha dos acontecimentos que acaba de contar.

Tanto nos contos sérvios, como nos portugueses, o ouvinte ou leitor consegue encontrar frases como “E eu estive lá, mas não me deram nada” ou “Deus seja louvado, o meu conto está acabado”. Nos dois casos, mediante os elementos “eu” e “meu” indica-se a relação subjectiva entre o narrador, os acontecimentos referidos e o público ao qual se dirige. Mediante esta aproximação narrador-leitor ou narrador-ouvinte, temos a impressão de que quem conta o conto toma uma determinada posição, que não é absolutamente invisível e imparcial. Santos Gouveia (2006), defende a ideia do contador que é livre e o leitor /ouvinte que estão presos ao conteúdo que lêem ou ouvem. A liberdade do contador, segundo esta autora, consiste na possibilidade de improvisar, de, devido aos factores de cansaço, falhas da memória ou a sua própria imaginação, acrescentar ou eliminar elementos do conto e desta forma aportar para a criação da obra. Na perspectiva desta investigadora é melhor não falar do original e das variantes de um conto, porque cada versão nova já é em si um original único.

Mesmo que muitas vezes o narrador tente ser objectivo e imparcial, estas formas gramaticais usadas revelam a impossibilidade de o conseguir sempre. No caso particular da literatura popular, o narrador por vezes propositadamente diminui a distância entre si e o destinatário justamente para o aproximar da forma em que o povo fala, de o fazer sentir-se próximo da tradição em que o conto surgiu.

1.5. Algumas possibilidades de classificar os contos e contos maravilhosos

A primeira classificação importante de contos populares sérvios deu-a o conhecido filólogo e etnógrafo sérvio do século XIX, Vuk Stefanović Karadžić, na segunda edição da sua obra *Dicionário Sérvio* originalmente entitulado como *Srpski rječnik*, cuja primeira edição foi publicada em 1818 e a segunda, completada e aumentada, em 1852. Neste livro o autor divide os contos em dois grandes grupos: em *masculinos* (originalmente *muške priče*) e *femininos* (Em sérvio designam-se como

ženske priče). Esta classificação não parece habitual e pelo que temos investigado é a única deste género na literatura europeia. No entanto, uma divisão assim pode ser-nos interessante do ponto de vista do título e tema do nosso trabalho. O critério para uma divisão deste tipo não parece ter a ver com a discriminação machista, como algumas pessoas poderiam pensar depois de uma leitura superficial, mas sim com o número de elementos realísticos ou fantásticos que contêm. Para esclarecermos esta terminologia, devemos mencionar que os contos chamados *masculinos* são aqueles que são cómicos e engraçados, e embora sejam inventados, poder-se-ia dizer que são “reais”, visto que neles predominam os elementos realistas. Uma outra característica que os distingue do outro grupo é a sua forma muito sucinta. Nos contos masculinos predomina uma visão crítica da mentalidade humana e de diversas características nacionais. Por isso, os protagonistas frequentemente são os ciganos, os turcos, ou habitantes de determinadas regiões da Sérvia, Montenegro, Bósnia e outros territórios onde a língua sérvia é falada.

Dentro do segundo grupo, dos contos *femininos* cabem os contos mais longos e mais numerosos, que têm um valor estético e artístico muito mais importante que os primeiros. Nos contos *femininos*, segundo Stefanović Karadžić¹¹ aparecem “kojekakva čudesa što ne može biti”.¹² Isto é, os contos de fadas, mitos e alguns outros tipos de contos populares, caberiam dentro da categoria dos contos *femininos*. Ao lermos esta caracterização dos contos, se calhar à primeira vista nos poderia parecer que nela se encontra uma nuance depreciativa em relação ao feminino, mas na realidade, trata-se de uma sensibilidade diferente que estes contos produzem no leitor e pode-se até chegar à conclusão de que as mulheres têm uma maior capacidade de imaginar e criar elementos mágicos e fantásticos. Ou pura e simplesmente estes adjectivos querem dizer que os homens tinham um papel mais importante na criação e transmissão oral do primeiro grupo de contos e as mulheres se destacavam mais na divulgação dos contos do segundo tipo.

No século XX esta primeira divisão de contos foi abandonada pelos especialistas sérvios para dar lugar a outras, mais próximas da terminologia científica utilizada em toda a Europa.

Na perspectiva de Petar Vlahović (1999) existem os seguintes tipos de contos: fábulas, cujos protagonistas são os animais e cujas características representam as virtudes e defeitos humanos, lendas, que por base têm um acontecimento histórico ou

¹¹ (*apud* Samardžija, 1985).

¹² (sér.) “quaisquer maravilhas que não podem ser.” (tradução livre)

personagem existente na realidade, mas onde aparecem os santos populares, Adão é Eva, Cristo, personagens históricas etc. Além destes dois grupos principais, este estudioso menciona também novelas, contos de fadas, onde o real e o maravilhoso estão sempre num contacto muito estreito, anedotas, e mitos. Nas novelas não há milagres nem maravilhas, e narra-se daquilo que foi ou podia ter sido. Este estudioso tem preferência pelo termo sérvio *predanje* que vem do verbo *predati* que literalmente significa entregar. Isto é, o mito (como também lenda e todas as criações da tradição popular) são transmitidos e entregues oralmente a cada geração. Outro significado da palavra eslava para designar o mito é que através dele são nos entregues algumas verdades, crenças, tradições que fazem parte da nossa identidade.

Em relação aos contos de fadas, alguns dos seus aspectos importantes, segundo Vladimir Propp (1983:17), são as personagens e o seu atributo e a sua função no conto. Por “função” este autor entende a “acção de uma personagem definida do ponto de vista da sua significação no desenrolar da intriga”. De acordo com o próprio existem dois modelos dos contos de fada que se repetem: um deles pressupõe a luta do agressor que tinha cometido alguma malfetoria ao herói e a vitória do último, e o outro consiste na existência de uma tarefa difícil, quase impossível de se cumprir, e o seu cumprimento por parte do protagonista.

Contrariamente de alguns especialistas que empregam o termo *conto de fadas* ou *conto maravilhoso*, Tzvetan Todorov (1970) escreve muito sobre um conceito mais vasto e abrangente, que é *literatura fantástica*. Ainda que uma das características principais dos contos de fada sejam os elementos fantásticos, o conceito da *literatura fantástica* não se pode reduzir apenas a este género literário. Para justificar esta afirmação, continuaremos a referir-nos ao mesmo investigador, e na sua visão o fantástico não significa apenas a presença de um acontecimento estranho, que pode causar certa hesitação no leitor, mas também é uma determinada “maneira de ler”. Como sinónimos do *fantástico* Todorov cita o *maravilhoso* e o *estranho*. Na literatura fantástica, entre outros critérios, é importante tanto o conteúdo, isto é aquilo que o narrador pretende contar, como a forma de o narrador o transmitir ao ouvinte e o leitor, ou seja que palavras são usadas e com que efeito. Precisamente por os elementos fantásticos numa obra contribuírem para chamar a atenção e despertar o interesse do público, este investigador (1970:85) considera que: “o fantástico representa uma experiência dos limites”.

Interessaria agora saber quais são esses limites com os quais a literatura fantástica faz a sua experiência, qual é o efeito dos tais experimentos no leitor, mas julgamos que as tentativas de esclarecermos este assunto ultrapassariam em grande medida as linhas de orientação desta dissertação e desviar-nos-iam muito do nosso tema principal.

Em relação à existência dos elementos fantásticos e entidades sobrenaturais nos contos maravilhosos, devemos dizer que o protagonista não se assusta ao ver um dragão, um diabo, uma bruxa ou uma fada. Não lhe parece estranho ouvir os animais a falarem, não fica confuso quando vê palácios de cristal, vestidos de ouro e outros elementos que não existem na realidade objectiva. O que importa é que eles existam na realidade em que as personagens vivem. Neste momento já poderíamos traçar um caminho que nos possa ajudar a perceber a diferença entre o real e o imaginado, entre o mundo objectivo e o atrístico e colocar algumas questões sobre as funções da arte: Será que ela existe apenas para educar e ensinar ou também para dar a sua visão do mundo, criar noções da beleza, incentivar a imaginação de quem a contempla, lê e tenta perceber? Mesmo que na literatura popular o carácter moralizador e educativo sejam muito óbvios, será que nela também se encontrem aspectos meramente artísticos? Quais são e como os podemos identificar? Ao longo da nossa investigação procuraremos oferecer algumas das possíveis propostas de resposta a estas perguntas.

1.6 Alguns aspectos formais dos contos:

Tendo determinado o conceito do conto, e sobretudo o popular, neste momento compete-nos concentrar-nos na análise de alguns aspectos formais deste tipo de narrativas. Em todas as histórias que constituem o corpus desta dissertação tivemos a oportunidade de ver que estas formas literárias de ambas as tradições populares têm uma estrutura semelhante.

1.6.1 Fórmulas de começar e acabar os contos

As fórmulas de começar os contos “Era uma vez um rei...” ou em sérvio: “*Bio jednom jedan car...*” que são quase iguais em todas as literaturas europeias servem para enquadrar os protagonistas e a acção, para introduzir as personagens e apresentá-las ao leitor ou ouvinte. Daqui podemos concluir que esta é uma das formas de o narrador se

distanciar do público, levando-o aos tempos remotos e tentando desenvolver a sua imaginação. Por outro lado, já mencionámos a tendência que por vezes o contador de histórias populares tem de se aproximar aos seus ouvintes e leitores, mediante o uso das formas da primeira pessoa do singular. Nesta duplicidade de actitudes entre o distanciamento e a aproximação imita-se o processo da comunicação normal e espontânea, tenta-se dar um teor verídico à história, sendo o contador uma espécie de testemunha dos acontecimentos, e da mesma forma, procura-se envolver as pessoas no conteúdo, no ritmo e no tecido da narrativa. O mesmo acontece com as frases finais dos contos: “E foram sempre muito felizes” ou na língua sérvia “*te su živeli sretno do svoga veka*” e outras parecidas, servem para mostrar que o conto é uma entidade lógica e o final feliz está presente como recompensa ou prémio para o esforço e as virtudes dos protagonistas. De acordo com Nada Milošević-Đorđević (2004) o conto é uma unidade artística fechada e o leitor ou ouvinte não podem acrescentar mais nada. Dai a função das fórmulas de acabar o conto é a de encerrar os acontecimentos contados e de concluir a história de uma forma definitiva.

O fim trágico dos heróis positivos do conto não tem o seu lugar, nem faz sentido nas narrativas populares, porque nelas se espera um prémio para os bons e um castigo para os maus. Quando acontece que uma personagem justa e virtuosa no início do conto sofre (a enteada maltratada pela madrasta, o protagonista se encontra perante uma prova que parece impossível e chora), o leitor ou ouvinte espera que a sua situação não dure até ao fim e que se resolva de forma mais apropriada: que se descubra a verdade, que o seu sofrimento seja aliviado e eliminado mediante a aquisição de riqueza, melhor estatuto social ou casamento.

1.6.2 A estrutura dos contos populares

Para observarmos a estrutura dos contos tradicionais, pareceu-nos mais apropriado seguir a visão de Vladimir Propp (1983). Este autor distingue dois modelos dominantes: no primeiro, no centro da nossa atenção está o combate contra o agressor e a vitória do herói. Neeste tipo de contos aparecem os dragões e outras entidades sobrenaturais contra as quais o protagonista luta e triunfa com ajuda dos objectos mágicos que lhe foram fornecidos pelos seus ajudantes do mundo animal ou humano.

No segundo modelo o que importa é o cumprimento de uma tarefa difícil, quase impossível, que o protagonista deve realizar para merecer alguma honra, geralmente a mão da princesa.

Nada Milošević-Dorđević (2004) em vez de "tarefa" e "cumprimento" utiliza os termos "prova" (*iskušenje*) e "reação" (*reakcija*). É natural que esta autora use um vocábulo da terminologia religiosa, que é o primeiro, que além de "prova" pode significar "tentação", porque para ela, os contos tradicionais sérvios tentam mostrar a aplicação das normas cristãs na realidade quotidiana. Nas narrativas curtas de carácter popular, e sobretudo nos contos maravilhosos, é importante salientar, que o protagonista se afasta da casa paterna e é precisamente nesse momento que se dinamiza a acção do conto. Os motivos para a sua saída do lugar em que a história começou podem ser diversos, isto é: salvar a irmã, procurar a esposa pelo mundo fora, conhecer como se vive em outras terras, buscar a melhor prenda para o pai e outros, e nesta situação é que se inicia também a competição do herói da história com os seus irmãos, porque justamente através de uma série de provas é que se verá quem é o mais capaz de ultrapassar os problemas e conservar as suas virtudes.

Com respeito à rivalidade entre irmãos e irmãs, devemos dizer que este assunto será abordado mais tarde, quando se analisarem as relações familiares.

1.6.3 Títulos das narrativas curtas populares

No que se refere aos títulos das narrativas escolhidas para esta dissertação, podemos dizer que eles têm um objectivo parecido com o das frases introdutórias: o de apresentar e introduzir alguns elementos importantes do conto. Em outras palavras, pelo título podemos descobrir quem são os protagonistas, (*O aprendiz do Mago*) o que fazem, (*Os três estudantes e o soldado*) qual é o seu lugar na família, (como no caso do conto sérvio *A nora piadosa e a sogra ímpia*, que na língua original se chama *Milostiva snhja i nemilostiva svekrva*), por vezes vemos as suas pertenças culturais (*A filha do rei mouro*). Em alguns dos títulos sugere-se o tema central (*O caldo da pedra*).

Não é raro encontrar um provérbio popular como título da narrativa, porque, como sabemos, nos ditados é condensada uma grande sabedoria expressa em poucas palavras. Além disso, tal como os provérbios e máximas têm por função ensinar e moralizar, assim também os contos populares em si encerram alguma mensagem de carácter

educativo. Em outras palavras, no título do conto pode-se exprimir de forma concisa qual é o valor ou ideia que se deseja transmitir aos leitores ou ouvintes.

Para ilustrarmos esta situação, daremos um exemplo da tradição popular sérvia *Como fizeram, assim acabaram* (*Kako su radile, onako su i prošle*), que significa que a madrasta e a sua filha, por serem más e injustas mereceram acabar mal no final da história.

1.6.4. Os nomes dos protagonistas dos contos populares

Por fim, devemos olhar para um elemento importante nos contos de ambas as tradições que nos ajudará a sabermos mais sobre as intenções do narrador em ambas as literaturas populares aqui apresentadas.

Mesmo que nos contos, e sobretudo os de fadas, nunca se mencionem concretamente os nomes de Portugal e da Sérvia, há alguns traços únicos pelos quais podemos ter a certeza de que estes contos se referem e são aplicáveis nas nossas respectivas realidades. Uns destes pormenores reveladores são, sem dúvida, os nomes dos protagonistas dos contos. Poucas vezes eles são referidos, mas quando se mencionam é porque têm uma carga simbólica importante. Trata-se quer dos nomes dos santos cristãos, ou dos nomes muito comuns da origem popular, ou porque, segundo o princípio *Nomen est omen*, se desejam atribuir determinadas características físicas ou psicológicas ao protagonista e elas podem ser desejáveis ou reprováveis nessa determinada comunidade. Por exemplo, os nomes que aparecem nas narrativas populares sérvias são: Marko, Mladen, Vlatko, Mara ou Marija, Petar, Milica, sendo eles muito usados entre os Sérvios. Qualquer Marija deve ser boa, virtuosa, trabalhadora e obediente, uma vez que este nome é o equivalente sérvio de Maria e que se associa com a Virgem Maria. Por vezes o nome é dado para se destacar alguma característica física (*Ćela* em sérvio significa calvo, *ćoso* indica um homem sem barba e bigode). O nome da personagem principal numa narrativa pode remeter também para sua origem (*Mededović* poder-se-ia traduzir como Filho do Urso).

Nos contos portugueses acontece exactamente o mesmo e por isso os nomes que se encontram nas narrativas são: João, José, Pedro, Manuel, Maria e outros muito conhecidos e arraigados no imaginário popular, devido à tradição cristã. Por outro lado, podem aparecer nomes que indicam traços de carácter. Por isso, não é de extranhar que

num dos contos incluídos no corpus o nome da protagonista seja Menina Fina, e os das suas duas irmãs, personagens negativas sejam Preguiçosa e Faladeira. Não é raro que em algumas narrativas populares cujo protagonista se chama Pedro exista uma espécie de maldição: “Quem isto ouvir e contar em pedra mármore há-de se tornar”.¹³ Nestes casos uma personagem próxima do Pedro (amigo do mesmo nome crescido e educado com ele) impede a sua petrificação. Aqui reparamos numa semelhança entre o nome *Pedro* e a palavra *pedra*, e advertimos que não se trata apenas de um conjunto de sons parecidos e que o seu significado é muito mais profundo. De facto, este nome é da origem hebraica e na sua etimologia encontramos o sentido de pedra. No Novo Testamento, numa ocasião, Cristo dirige-se ao Apóstol São Pedro chamando-lhe de pedra na qual Ele construirá a sua Igreja. Por tanto, concluímos que este nome não é dado por acaso a um protagonista do conto popular, muito pelo contrário: os que levam este nome devem ser símbolos de constância e firmeza, tanto na virtude, como nos comportamentos impossíveis de corrigir, como é o caso do *Pedro de Malas-Artes*.¹⁴

Podem indicar também uma característica ligada ao seu nascimento, como é o caso do Mama-na-Burra e Maria Silva (o rapaz foi amamentado pela burra, e a rapariga foi achada no meio de uma silva), isto é pode servir como sinal de o protagonista ser reconhecido quando for preciso, para desta forma se resolver o seu destino e saber-se a verdade da sua origem. Alguma capacidade, inata ou adquirida, também pode servir de nome ou alcunha do herói da história (Come-Bóis). No caso das meninas, no nome destacam-se os padrões de beleza (Branca-Flor), alguma virtude ou defeito, e assim se salienta o tipo de pessoa que a protagonista é. Por vezes no nome do protagonista são misturados um substantivo com significado de nome próprio e uma marca do aspecto físico ou algum traço de carácter. Tais exemplos são *João Pequenito*, *Pedro de Malas-Artes*, *Zé Estragado*, no caso da literatura portuguesa. No caso das personagens históricas, aparecem os seus nomes verdadeiros (Cristo, Santo António, São Sava), embora por vezes podem manifestar-se algumas deturpações, como é o caso do imperador romano Traiano, que no conto sérvio se denomina Trojan.

Uma das razões para semelhantes incorrecções nos nomes da origem estrangeira pode ser justamente a transmissão oral dos contos e a pouca escolarização do público.

¹³ In: Pedroso (1985).

¹⁴ In: Oliveira e Ferreira (1975).

Uma outra possibilidade para isso acontecer é a tendência de adaptar esses nomes à língua de acolhimento e o desejo do povo de aproximar de si as personagens de grande importância histórica.

Por último, consideramos necessário chamar a atenção para o facto de que alguns dos nomes aqui mencionados não aparecem nos contos incluídos nos corpora, mas sim nos índices de várias colectâneas consultadas. No entanto, tendo em conta que o nome frequentemente tem um carácter simbólico e significativo, julgamos importante abordar esse assunto de vários aspectos possíveis.

1.7 O uso da literatura para fins políticos: A literatura popular e os regimes totalitários Casos concretos em Portugal durante o Estado Novo e na Jugoslávia de Tito

Depois de nos termos aproximado da literatura popular dos aspectos formais, devemos também salientar que o seu conteúdo pode ser um veículo importante para a literatura ser usada para outros fins, que não são propriamente artísticos e culturais.

Como já apontámos várias vezes ao longo deste capítulo, uma das funções da literatura e mais concretamente a popular é a de ensinar determinados valores e ideias às gerações mais novas. Através dela criam-se modelos de comportamento desejáveis e aceitáveis na sociedade, propagam-se imagens estereotipadas (quer no sentido positivo, quer no negativo) sobre a identidade nacional, o papel das pessoas dentro da comunidade à qual pertencem, as crenças e tradições populares etc.

É de conhecimento geral que a língua está estreitamente ligada ao poder e que pode ser usada para se atingirem certos objectivos políticos e consideramos que a literatura popular é apropriada para isso porque está destinada a um público muito vasto, desde as crianças que a lêem por diversão ou obrigação escolar, até aos adultos, que a ouvem, lêem e estudam por diversas razões. Desde as afectivas, por gosto e prazer de conhecer as raízes e fontes da sua própria cultura até às profissionais, dedicando-se a ela como professores ou investigadores. Um outro motivo pelo qual a literatura popular pode chegar a ser utilizada para finalidades políticas é a sua linguagem simples e acessível, através da qual as ideias desejáveis podem chegar mais facilmente ao leitor ou ouvinte, tentando que este se identifique com elas.

A literatura em geral, como qualquer outra arte, ao longo da história humana, foi manipulada de várias formas, para o público ao qual se dirige manter determinados comportamentos e visões que correspondem aos interesses de quem está no poder. Deste modo, por exemplo a Inquisição tinha listas de livros proibidos, alguns outros sistemas recorriam à censura como um meio legítimo de impor a “pureza“ das ideias e do pensamento intelectual e outros regimes pelo contrário, aproveitavam as mais-valias do livro para divulgarem e fortalecerem determinadas maneiras de pensar, de ser e de agir nas pessoas.

Uma das questões incontornáveis relacionadas com a política e a língua, e neste caso concreto a literatura é a questão dos géneros e a sua função nas sociedades, uma vez que os políticos querem determinar bem a posição de cada um dos géneros para poderem manipular com mais facilidade os seus subordinados.

Essa questão da política e do género ser-nos-á útil para vermos de que forma a literatura popular foi ou não explorada em duas realidades concretas: em Portugal durante o regime do Estado Novo e na Jugoslávia (mais especificamente Sérvia) na época de Tito, e como é que a tradição popular influenciou na identidade nacional e na visão dos homens, mulheres e crianças nas respectivas sociedades.

Sybille Küster¹⁵ aborda a problemática do género do ponto de vista da política da criação das nações, em que a imagem do homem guerreiro era fundamental e a ele atribuía-se uma papel activo, enquanto que para a mulher se reservava um lugar mais passivo, mas elas podiam mostrar o seu patriotismo de outras formas, isto é, sendo pilares da família, e educando os filhos no espírito do orgulho nacional.

Prosseguindo a nossa investigação, cabe-nos aprofundar esta análise explicando a ideologia dos regimes totalitários nos dois países em questão e as maneiras de eles explorar ou não o tesouro da cultura popular e os resultados da semelhante política. Para descobrirmos a influência da política na cultura, temos de dar um enquadramento histórico e teórico sobre os regimes em ambos os países. Sob o nome de Estado Novo é conhecido um sistema político bastante autoritário que se implementou em Portugal em 1933 e que acabou com a Revolução dos Cravos de 25 de Abril de 1974. A figura mais imponente relacionada com esta época é a de António de Oliveira Salazar, que introduziu uma série de reformas na sociedade, que vão ter grandes consequências na história de Portugal do século XX. Neste período Portugal

¹⁵ *Apud.* Isaac (2001).

era um país sem muita mecanização, agrícola, em que predominava o ambiente rural e as cidades não eram bem desenvolvidas. De acordo com Áurea do Carmo Adão (2006), uma das tarefas principais do sistema educativo português daquela altura era precisamente manter na mente das pessoas uma imagem idílica da aldeia e incentivar os valores baseados na tríade Deus, Pátria, Família. A escolaridade básica era igual tanto nas aldeias como nas cidades, pretendendo assim uniformizar a visão do mundo dos portugueses e a sua forma de ser. Os saberes necessários para cada pessoa eram a escrita, a leitura e o cálculo, mas cada indivíduo devia receber uma educação com uma forte componente moral, de forma a ser útil à Nação. Neste sentido, o papel do professor é de enorme importância, porque ele deve tornar os alunos instrumentos da política do Governo, incentivando neles as ideias da obediência, sentido da responsabilidade e a noção da autoridade. As escolas para rapazes estavam separadas das escolas das meninas e isso marca claramente a diferença da divisão dos trabalhos e saberes masculinos e femininos. Por isso não é de estranhar que no período do regime de Salazar tenham sido impressas diversas colectâneas de contos tradicionais, porque nelas se propaga uma visão activa do homem, lutador, herói, sustentador da família, enquanto que a mulher tem o papel passivo de princesa, mãe ou irmã do protagonista, abundante em virtudes e perfeita em beleza física.

Incentivando estes estereótipos na mente das pessoas, o Governo pretendia ter uma multidão obediente fácil de ser manipulada e usada para sustentar os pilares do sistema ditatorial. Esta divisão serve-nos para percebermos melhor a visão dos homens, mulheres e crianças tanto na realidade como na literatura portuguesa. De facto, as crianças não tinham grande individualidade, nem muitas possibilidades de escolha dentro do Estado Novo, sendo elas apenas preparadas para serem futuros membros adultos da sociedade, assumindo as responsabilidades que correspondiam a cada género.

Para Maria da Natividade Carvalho Pires (2005) esta propagação da literatura tradicional é um factor favorável porque contribuiu para a conservação de um grande tesouro de língua e cultura portuguesa. Esta autora justifica o grande interesse pela literatura popular precisamente porque esta surgiu no meio rural, no ambiente que a maioria dos portugueses conhecia e sentia bem, e foi transmitida pelas pessoas pouco escolarizadas, tal como o eram os portugueses da época. Uma das tarefas da política do Estado Novo era insistir no conhecimento dos provérbios, porque encerravam em si um ensinamento e possuem um carácter moralizador, no cancionero popular que

glorificava a vida simples e pura do campo e nos contos tradicionais, porque forneciam os modelos desejáveis de comportamento dos homens e mulheres.

Ao contrário do regime de Salazar, que fomentava os ideais e valores derivados da glória do passado nacional, parece-nos que o regime totalitário de Josip Broz Tito na antiga Jugoslávia tinha por finalidade criar uma visão do mundo totalmente oposta e por isso seguiu uma outra linha de utilização da cultura popular. Desejando fortalecer e manter em vigor a ideia da Jugoslávia (literalmente traduzida como o *estado dos Eslavos do Sul*)¹⁶, Tito tentava não salientar demais as características especiais de cada povo integrado na Jugoslávia. Precisamente apagando uma parte da identidade nacional era possível atingir o objectivo de um país que acreditava no socialismo e nos postulados da „fraternidade e igualdade“ (*bratstvo i jedinstvo*). Sendo todos irmãos e iguais, evitar-se-iam, à primeira vista, todos os nacionalismos. No entanto, detrás desta imagem jugoslava escondia-se a tendência de manipular as pessoas e obrigá-las de certa forma a esquecerem-se das suas pertenças culturais e das suas raízes. Para Carlos Santos Pereira (1999:122), “a Jugoslávia é um Estado artificial, mera resultante dos arranjos e acomodações orquestradas pelas potências vencedoras da I Guerra.” Justamente esta artificialidade nota-se no facto de não se salientarem muito as especificidades da enorme diversidade cultural e étnica dos povos incorporados na Jugoslávia. De acordo com a Sotirović (2007), a tendência da unificação dos povos era tal que até a língua oficial falada no território da Jugoslávia se denominava como servo-croata, ou no espaço da Croácia croata-sérvio. Utilizavam-se oficialmente os dois alfabetos: o cirílico e o latino, sendo, no entanto o latino privilegiado na Croácia, Bósnia, Eslovénia e partes da Sérvia e Montenegro. Todos os traços nacionais notavam-se nas festas populares, música, dança e trajes, fazendo parte de um rico colorido, mas sem aprofundamento de conhecimentos.

É um facto que nos países socialistas o sistema educativo era bastante abrangente e exigente, e desde a infância estudava-se muito e os alunos eram obrigados a disciplinarem-se, de forma a poderem cumprir com todas as responsabilidades que se lhes impunham. No entanto, o único "defeito" sério que se pode encontrar neste tipo de educação é, na nossa opinião, o facto de ele ter sido um sistema secular, em que a disciplina do Marxismo era obrigatória em todas as escolas secundárias e

¹⁶ Os povos eslavos dividem-se em três grandes grupos: os do Leste (os Russos, os Ucríanos e os Bielorrussos), os do Ocidente (os Checos, os Polacos, os Eslovacos e os Sérbios, uma pequena comunidade residente na Alemanha) e os do Sul (os Sérvios, os Croatas, os Eslovenos, os Macedónos e os Búlgaros).

universidades, enquanto que não se podia nem imaginar a possibilidade de a catequese de qualquer religião nas instituições de ensino. A constituição da República Federativa Socialista da Jugoslávia de 1974 proibia o “abuso da religião para os fins políticos” e o Estado estava separado da Igreja. Sendo a religião e a tradição popular fortes componentes da identidade nacional, o regime de Tito tentava afastá-las na maior medida possível da vida pública.

A literatura popular era estudada nas escolas, mas a sua percentagem em relação às outras obras era tendenciosamente resumida. No caso concreto da literatura tradicional sérvia por exemplo, quase não se mencionava São Sava, fundador da identidade nacional e cultural sérvia, e quando se falava nele, abordavam-se meros factos históricos, sem se remeter para a sua santidade, deixando-a ao passado como uma das numerosas lendas e mitos do nosso povo. Vladimir Perić, no seu artigo *Os estudos sérvios e os manuais da história da literatura no ensino secundário* salienta um pormenor que consideramos importante: o cancionero popular sérvio era tratado como cancionero que pertence ao espaço em que são faladas as línguas sérvia e croata, os contos tradicionais sérvios eram designados como "nossos", e desta forma falava-se na "nossa língua", na "nossa literatura", na "nossa tradição", quando ela era proveniente da Sérvia, e quando algo pertencia ao tesouro cultural croata, esloveno ou outro, obrigatoriamente se salientava a parte da Jugoslávia da qual era originário. Neste momento podemos pensar que a política do sistema autoritário de Tito era mais rigorosa com tudo o que era explicitamente sérvio e que era bastante mais tolerante com os traços particulares das outras nacionalidades dentro da Jugoslávia, mas, desejando evitar comentários e juízos precipitados, deixaremos de aprofundar esta questão, que ultrapassa o objectivo da nossa investigação.

No que diz respeito ao tema da nossa dissertação, não nos consta muito que esses contos tenham contribuído de alguma forma para uma determinada e bem definida visão dos homens, mulheres e crianças propositadamente construída. Por outro lado, a propaganda pró-jugoslava foi feita através dos filmes e literatura erudita com a temática da Segunda Guerra Mundial e não tanto mediante a herança cultural de carácter popular. Nos contos tradicionais estudados na época, prestava-se mais atenção nos valores universais como o triunfo do bem sobre o mal, e o protagonista interessava o público apenas como representante de uma determinada virtude ou vício, sem importar a diferença do género.

Estas duas formas aqui contrastadas de se explorarem elementos da literatura e da tradição não pretendem de modo algum dar juízos de valor sobre os sistemas autoritários em vigor naquela altura, nem têm por finalidade extrair conclusões positivas ou negativas sobre as culturas, apenas tentam confirmar até que ponto e em que direcções é possível manipular a literatura e a tradição para fins políticos, de forma a criar estereótipos sobre nós e o *Outro*, sobre a posição das pessoas numa determinada comunidade e os seus papéis dentro dela.

2.0 Visão dos homens na cultura popular sérvia e portuguesa: tradição, cultura patriarcal e identidade masculina

Neste capítulo será observada a visão dos homens nos contos populares da tradição sérvia e portuguesa e o objecto da nossa atenção será primeiramente a definição de uma cultura patriarcal, onde o género masculino é privilegiado e honrado. Tentar-se-á explicar a influência da herança pré-cristã, da tradição cristã (Católica Romana em Portugal e Ortodoxa na Sérvia) e de diversos outros factores na sociedade e nas comunidades em que surgiram os contos que constituem os *corpora* desta dissertação.

Serão analisados os papéis e modelos de comportamento que uma sociedade tradicional atribui ao homem e mediante um levantamento de dados linguísticos tentar-se-á chegar à conclusão sobre o tipo de estereótipos estão relacionados com o género masculino.

Nesta parte da dissertação prestar-se-á mais atenção ao esclarecimento de alguns costumes típicos de Portugal e da Sérvia que conduziram a uma determinada visão da masculinidade, transmitida ao público-alvo através das narrativas curtas da tradição oral. Esses costumes influenciaram a criação de determinadas hierarquias dentro da sociedade e da família, que se revelam também na cultura popular. Mais concretamente, analisando os contos, percebemos que a cultura patriarcal é dominante nas duas tradições populares em questão.

A visão da família com uma forte figura do pai no centro está presente tanto nas narrativas curtas populares sérvias, como nas portuguesas, em tal medida que os protagonistas dos contos não partem de viagem, não se casam ou não começam qualquer acção sem a autorização ou bênção do pai, e não cumprir um desejo (e sobretudo o último) do pai é considerado um pecado muito grave que merece ser

castigado no fim do conto. Rasgos da cultura patriarcal (concretamente nas formas de saudação, a relação entre os mais novos e os mais velhos) serão explicados com mais pormenor ao longo desta dissertação, quando tivermos de nos debruçar sobre a imagem da sociedade patriarcal e as suas estruturas e hierarquias em ambas as sociedades. No que diz respeito às hierarquias sociais, teremos de chamar a atenção para algumas diferenças étnicas ou religiosas que se apresentam nos contos populares.

Na introdução, quando mencionámos as personagens prototípicas, referimo-nos à figura do rei como uma personagem sempre justa. No entanto, tratando-se dos sultões turcos, no caso da literatura popular sérvia, ou reis mouros na tradição portuguesa, eles são vistos como símbolos da opressão e por isso, a ideia que temos deles nos nossos imaginários populares é bastante negativa (são cruéis, injustos, pouco inteligentes e merecem ser enganados ou vencidos de qualquer forma no fim do conto). Por estas caracterizações estereotipadas dos reis e pessoas de outra etnia ou religião, à primeira vista, os contos tradicionais podem parecer discriminatórios ou nacionalistas, mas nós julgamos que as duas palavras no contexto da tradição popular são um pouco exageradas. Para se confirmar que não se trata de nenhum tipo de nacionalismos nas duas culturas aqui analisadas, veremos que nos contos provenientes de ambas as tradições populares aparecem apenas os representantes daquelas nacionalidades com as quais os povos português e sérvio tinham qualquer tipo de contactos históricos ou problemas. Por isso, é lógico que os povos aqui observados se desejem mostrar superiores em relação aos seus inimigos ou rivais.

Na nossa posição, uma visão assim das outras nacionalidades, transmitida às gerações jovens de hoje, não vai estimular nem fomentar a rivalidade e hostilidade entre povos e culturas, mas sim vai contribuir para se perceberem melhor as circunstâncias e o contexto histórico, social e cultural, em que os representantes das determinadas etnias aparecem nos contos populares provenientes de Portugal e da Sérvia. Uma das possíveis explicações para tais qualificações do *Outro* já é dada no parágrafo anterior e algumas outras possibilidades são que, por exemplo, os contos tradicionais devem ajudar as pessoas para criarem a sua própria identidade cultural, ensinar valores e crenças positivas e desejáveis (lutar contra o opressor para se defender é um excelente ponto de partida para se desenvolverem nos mais novos os valores da coragem, patriotismo ou sacrifício pelos outros em nome de algum ideal). Será feito também um levantamento de dados linguísticos relacionados com todos os estereótipos, quer positivos, quer

negativos que dizem respeito aos homens, para com essa informação continuarmos a analisar a posição e caracterização dos homens na tradição popular sérvia e portuguesa.

Uma das partes mais desafiantes da nossa investigação do respeito à diversidade das profissões que exercem os protagonistas dos contos populares, que nos ajudará a ver o grau de desenvolvimento dos países em questão e esse dado ser-nos-á útil para aprofundarmos as nossas aproximações das literaturas populares que aqui analisamos e para termos uma ideia mais abrangente sobre a visão e o papel do homem na cultura da transmissão oral, uma vez que a língua é inseparável do imaginário cultural de cada povo.

Neste capítulo serão tratados também os conceitos da *tradição*, *identidade*, *cultura patriarcal* e outros, que nos poderão facilitar a continuação da investigação na direcção em que pretendemos concluir a dissertação.

A identidade, sendo uma noção mais geral e complexa, merece uma atenção especial, porque dela se deriva uma identidade específica, neste caso particular, a masculina. Ver-se-á de que forma a cultura a tradição e alguns dos seus aspectos influenciaram a noção da identidade e em particular da masculinidade ou feminidade. Por isso, começaremos a nossa análise pelo termo que a nosso ver é o mais abrangente, isto é: *tradição* para depois nos focalizarmos mais nos outros conceitos que cabem dentro do tema deste capítulo. Malaca Casteleiro (2001:3600) propõe a seguinte definição do conceito *tradição*: “Transmissão de valores e de factos históricos, atrísticos e sociais através da palavra ou do exemplo”. Na sua visão observamos um elemento importante: “transmissão de valores”. Esta parte da designação do conceito da tradição chamou a nossa atenção particularmente porque ao longo da nossa investigação tencionamos descobrir e explicar quais são os valores que se transmitiam oralmente para educar os homens, mulheres e crianças e como é que eles são inseridos nos contos populares que pretendemos estudar.

Houaiss (2003:3555) como uma das explicações da entrada lexical “tradição” dá a seguinte definição: “herança cultural, legado de crenças, técnicas etc, de uma geração para outra”. Este autor refere aqui uma série de factores de carácter não material que fazem parte da tradição e o que nos interessa agora é ver o peso e a influência desses factores em cada uma das duas culturas populares em questão nesta dissertação. Dentro desta herança cultural não material será incontornável debruçar-se sobre a cultura patriarcal e os seus postulados fundamentais, que contribuíram para uma determinada visão dos homens e mulheres na sociedade.

Devemos saber que, quando se aborda o tema do patriarcado, é impossível evitar a relação que existe entre as hierarquias, o poder e a autoridade. Na perspectiva de Hosbawm e Ranger (1996:1) "Invented tradition" is taken to mean a set of practices, normally governed by overtly or tacitly accepted rules and of a ritual or symbolic nature, which seek to inculcate certain values and norms of behavior by repetition, which automatically implies continuity with the past.“ (p.1)¹⁷ Os estudiosos citados utilizam o termo “tradição inventada” para marcarem a diferença entre tradição e costume e para salientarem que é o homem que tem a necessidade de inventar tradições para se integrar melhor na sua própria comunidade.

Neste momento será indispensável analisar a necessidade dos seres humanos de se agruparem e organizarem em comunidades e sociedades. Uma das possíveis razões pelas quais os homens se reúnem em grupos poderia ser o facto de o homem ser, usando a terminologia aristotélica, um *zoon politikon*, isto é um animal social. Sendo a sociabilidade uma das características principais do género humano, resulta muito natural os homens desejarem formar organizações que lhes garantam uma qualidade de vida melhor em termos de segurança e regulamento do comportamento. Claro está que além das organizações e hierarquias grandes, como a sociedade, o estado etc, existem outras menores e mais básicas, mas de maneira nenhuma menos complexas e importantes, como a família. Sendo a família uma unidade fundamental para o desenvolvimento da civilização humana, merecerá dentro desta dissertação uma secção à parte.

Estudando esta problemática com mais profundidade, veremos que as diferentes culturas e sociedades possuem diversos graus de hierarquias e instituições que respeitam nas suas vidas. De acordo com Linda Smircich,¹⁸ “as organizações são um fenómeno cultural”, isto é, quanto mais complexo e elevado for o nível de uma civilização, melhor desenvolvidas serão as suas organizações e instituições. Por seu turno, na opinião de Ruth Benedict (1989:2-3)

“The human being is a creature of society. The life-history of the individual is first and fore most an accommodation to the patterns and standards traditionally handed down in

¹⁷ (ing.) A “tradição inventada” é usada para significar um conjunto de práticas normalmente governadas por regras superiores ou tacitamente aceites e de natureza ritual ou simbólica, que procura inculcar certos valores e normas de comportamento mediante a repetição, que automaticamente implica a continuidade com o passado.

¹⁸ Smircich *apud*. Funk (1999:58)

his community. From the moment of his birth the customs into which he is born shape his experience and behavior.¹⁹

Ruth Benedict põe a tónica na necessidade de os seres humanos formarem uma sociedade e salienta também a extrema importância dessa organização na vida humana. Da sua definição podemos deduzir que a sociedade não possui apenas uma vertente política que se baseia nas hierarquias, mas também uma característica mais importante, isto é de integrar novos membros na comunidade, transmitindo-lhes ideias, valores, crenças e moldando a vida do indivíduo dentro dos limites do aceitável e desejável num determinado grupo. Nesta linha de investigação, Giles e Middleton (2001:20) acrescentam que “every human society has its own shape, its own purposes, its own meanings”²⁰ Estas formas, objectivos e significados que variam de uma sociedade para outra são uma prova mais do que convincente que fala a favor da diversidade cultural no mundo e da particularidade de cada cultura que merece uma atenção especial. No caso desta dissertação, o objecto do nosso interesse serão as especificidades das culturas portuguesa e sérvia, que por sua vez podem ter alguns traços em comum, o que mais adiante será observado com atenção e pormenor devidos.

Quando mencionamos a existência e a importância da comunidade e da sociedade consideramos importante abordar algumas questões que inevitavelmente surgem e que deverão ser explicados aqui: a relação entre o colectivo e o indivíduo, as hierarquias e a sua rigidez ou flexibilidade, os problemas da autoridade e do poder e um dos tópicos da nossa análise será o estabelecimento do patriarcado. Os adeptos da teoria evolucionista defendem a hipótese segundo a qual nas primitivas sociedades humanas existia uma hierarquia social e familiar baseada no matriarcado, cujos rasgos são ainda hoje visíveis em algumas culturas, nomeadamente na tibetana. A introdução deste conceito parece-nos justificada nesta altura da investigação, para podermos chegar à conclusão sobre a série de factores sociais e culturais que contribuíram para a formação do patriarcado, como forma dominante em muitas das culturas do mundo, especialmente as da vertente judaico-cristã.

¹⁹ (ing.) O ser humano é a criatura da sociedade. A história de vida de um indivíduo é primeiramente uma acomodação aos padrões e standards tradicionalmente respeitados na sua comunidade. Desde o momento da sua nascença os costumes em que nasceu moldam a sua experiência e comportamento.

²⁰ (ing.) Toda a sociedade humana tem a sua própria forma, os seus próprios objectivos, os seus próprios significados.

Ver-se-ão as diferenças entre estas duas formas de a sociedade se estruturar, para conseguirmos perceber melhor a ideia que nos fornecem os contos populares sobre o tipo de hierarquias dominantes e desejáveis nas sociedades sérvia e portuguesa. A origem do termo "matriarcado" é greco-latina e provém do vocábulo latino *mater* que denomina a mãe e o verbo grego *archein*, que significa governar, e o primeiro a empregar este substantivo, como uma oposição ao patriarcado foi antropólogo e investigador suíço Johan Jacob Bachofen, no seu livro *O direito materno*, onde introduz uma visão das mulheres e do seu poder na história do mundo antigo, que para o século XIX era radical e revolucionária. Segundo este autor a instituição do casamento não existia nos primeiros momentos da história da humanidade e o comportamento sexual dos homens e das mulheres não era regulado ou limitado de forma nenhuma e desses acasalamentos nasciam filhos que recebiam o nome pela mãe porque essa era a forma mais fácil e segura de se determinar a filiação, dado que em muitos dos casos não era possível saber quem era o pai das crianças. Este sistema supõe alguns direitos e privilégios que devem ser atribuídos à mulher e mais especificamente à mãe. Isto é, a maternidade era um dos critérios importantes da autoridade dentro da comunidade. Por isso, no *Merriam-Webster on-line Dictionary*, como segundo significado da palavra *matriarchy* (matriarcado) podemos encontrar o seguinte: “a system of social organization in which descent and inheritance are traced through the female line”.²¹ Da determinação que este dicionário nos forneceu podemos concluir que neste antigo sistema de valores as mulheres ocupavam um lugar importante, porque da sua linhagem se derivava a descendência dos filhos. Esta tendência ainda hoje persiste em Israel, onde pela nacionalidade da mãe se determina a “judaicidade” dos filhos. No entanto, não podemos dizer que a actual sociedade israelita seja igual ao matriarcado dos inícios da história da humanidade, mas este assunto já ultrapassaria os objectivos e o tema desta dissertação. Neste momento compete-nos tentar analisar quais são as razões principais que conduziram à ruína do matriarcado e à introdução dum sistema completamente oposto – o patriarcado, tão criticado e discutido, sobretudo pelas investigadoras e cientistas mulheres do século XX. Uma das possíveis explicações para o aparecimento do patriarcado na sociedade humana deve-se às grandes migrações dos povos provenientes da Ásia no século IV A. C., em que as constantes guerras e conquistas dos novos territórios condicionaram uma diferente posição do homem e da mulher no

²¹ (ing.) Um sistema da organização social no qual a descendência e a herança estão traçados através da linha feminina.

mundo. Muito depois destes acontecimentos históricos desenvolveram-se as culturas grega e romana, baseadas já no sistema fundamentalmente diferente do matriarcado, um sistema centrado nas fortes figuras masculinas. Como a civilização europeia teve estas duas culturas como seus modelos e pilares, não é de estranhar que muitos dos seus valores e ideis principais foram herdados e integrados nas novas sociedades. Após a implementação do Cristianismo na Europa, a imagem de uma sociedade patriarcal ficou ainda mais reforçada e sustentada.

Prosseguindo nesta linha de investigação, nesta altura devemos ocupar-nos um pouco mais dos conceitos que consideramos importantes: a *autoridade* e a *hierarquia*. Estes termos estão estreitamente interligados, porque não se pode imaginar a hierarquia sem o respeito por uma determinada autoridade que estabeleceu a ordem, nem é possível abordar o assunto da autoridade sem se pensar na relação autoridade-subordinação. Johnson (2000) põe em relação os termos de hierarquia e autoridade mediante a distribuição do poder. Quando se trata do poder e da sua distribuição, logicamente teremos de nos enfrentar a algumas questões que nos surgem e que merecem uma resposta: Quem é que atribui e distribui o poder? Que direitos tem de o fazer? Quais são os direitos e deveres dos seus subordinados? Se as hierarquias existem apenas nos sistemas patriarcais ou também se podem encontrar nas sociedades baseadas na estrutura matrilinear? Tendo em conta todas estas perguntas, não nos podemos escusar de pensar numa determinada rigidez, pela qual todas as hierarquias e instituições sociais se regem.

Para podermos aprofundar as nossas ideias sobre o patriarcado e as suas consequências nas sociedades e nas culturas populares da Sérvia e de Portugal, devemos primeiro expor algumas das definições e características deste sistema, com tal de percebermos melhor a estrutura social, a relação do indivíduo com as autoridades, e toda uma série de ideias e crenças que o sustentavam e que se manifestam nos contos populares que pretendemos analisar. De acordo com Panoff e Perrin (1973:317) o patriarcado é qualificado como “sistema jurídico-político no qual a autoridade e diversos direitos sobre as pessoas e os bens coincidem com a regra da *filiação patrilinear*, para se concentrarem nas mãos do homem que ocupa a posição do pai-fundador de uma família extensa.”

Depois de uma leitura superficial desta determinação do conceito do patriarcado, poder-se-ia pensar que este sistema é igualável a tirania ou um regime totalitário, no entanto pensa-se numa sociedade muito bem hierarquizada e centralizada numa forte

figura do género masculino, onde cada membro tem o seu lugar, os seus direitos e as suas responsabilidades. Segundo Birou (1966:43) a palavra "autoridade" possui uma carga afectiva e ideológica dependendo de como se interpreta poder que é reconhecido, (legítimo), aceite e respeitado (obedecido). Esta parece-nos a altura mais apropriada para investigarmos, ou pelo menos tentarmos aproximarmos um pouco das seguintes questões que nos surgem: a autoridade imposta opõe-se ao conceito da livre vontade do indivíduo, e então, interessa-nos saber quem é que escolhe uma autoridade, quais são os critérios de alguém ser escolhido e respeitado e obedecido. Os que obedecem fazem-no por medo do castigo, ou porque realmente consideram que a tal hierarquia e autoridade merecem respeito?

Algumas destas questões correm o risco de ficarem sem resposta, ou de serem demasiado ousadas, no entanto, um dos objectivos desta dissertação não é apenas tentar resolver alguns pontos-chave da nossa investigação, também pretendemos com que o leitor seja um participante activo deste estudo, que reflecta e que ele próprio levante questões sobre a temática.

O sistema social dominante que se representa na literatura popular é obviamente a monarquia, dado que esta instituição surgiu muito antes de a república ser conhecida como entidade. No tempo da criação da literatura popular todos os estados conhecidos eram algum tipo de monarquia. A imagem que o leitor ou ouvinte dos contos tradicionais possui sobre este tipo de estado e a sua constituição é a de um sistema justo, baseado nos altos princípios morais, e em frente do qual se encontra uma figura imponente do rei, símbolo e sinónimo da honra, dignidade, coragem e todas as virtudes universalmente conhecidas. Nos contos populares há hierarquias que são indiscutíveis e inquestionáveis. Mais concretamente, se o rei é representado como justo, honesto e como modelo e exemplo para o povo, todo aquele que se opõe às suas decisões e vontade é considerado personagem negativa, em outras palavras: mentiroso, desleal, traidor e no fim do conto merece ser castigado. Por outro lado, aquele que se submete e respeita o poder real é premiado (geralmente recebendo por esposa a filha mais nova e mais bela do rei), considerado bom e digno. Nos contos de carácter maravilhoso é possível subir facilmente na pirâmide social, geralmente através do casamento do protagonista com a princesa. O herói do conto recebe semelhante honra graças aos seus méritos, inteligência e capacidade de cumprir tarefas difíceis. Com esta ideia deseja-se dizer que qualquer indivíduo que se esforça e atinge os seus objectivos usando os meios honestos, pode esperar alguma recompensa ou prémio. Observando bem as narrativas curtas

populares, damos-nos conta de que a mesma situação acontece no plano familiar. Em todos os contos que temos lido para esta dissertação é representada uma família forte e unida, com as hierarquias bem definidas e com as figuras de ambos os pais no centro. Sendo os pais mais velhos, eles são símbolos de experiência e sabedoria, como também da virtude e boas intenções. Por isso, a tradição dá-lhes o direito de escolherem a profissão do filho, de determinarem a idade e a pessoa adequada para casarem os filhos e filhas e de decidirem sobre todas as coisas importantes na sua vida. Em troca, dos filhos e sobretudo dos mais novos, espera-se obediência, humildade, respeito e amor. Quem não obedece e respeita a autoridade dos pais, na perspectiva dos contos tradicionais é visto como “mau filho”, invejoso, covarde, mentiroso e merece no fim ser expulso da casa, passar pobreza ou até ficar com a maldição feita pelo pai, o que se considera um dos castigos mais graves. No entanto, nem a religião cristã, como um dos pilares importantes do apoio do patriarcado, nem nenhuma das instituições relevantes das quais aqui falamos, permite o uso de violência e maus tratos físicos ou verbais por parte do homem. Muito pelo contrário, a imagem que se propaga, tanto dos soberanos, como dos pais é a de uma pessoa estável, rigurosa, mas capaz de perdoar, de defender e proteger os mais frágeis. Embora na história e a realidade humana tenham existido e ainda existam numerosos casos dos soberanos que abusam do seu poder, não se preocupam com os súbditos, e são verdadeiros tiranos, e de pais fracos que impõem a sua vontade e autoridade utilizando o medo e a violência como recursos, a literatura tradicional oferece aos seus leitores uma imagem propositadamente idealizada das instituições sociais, para se desenvolverem o espírito da obediência, responsabilidade e dever nas gerações mais novas. Temos de mencionar também que, por muito centrado nas figuras masculinas que esteja, o regime patriarcal, pelo menos na teoria, garante alguns direitos e protecção às mulheres. Mais concretamente, o marido devia sustentar a mulher e os filhos e não tinha direito de os expulsar de casa, de os deixar desprotegidos e sem condições de viverem dignamente. Nem ele, nem nenhum outro homem da sua família devia tocar no dote da mulher, porque esta é considerada propriedade da esposa. Com o nascimento do primeiro filho, a mulher atingia um estatuto melhor na família, sobretudo se se tratava do filho varão. Aqui também devemos chamar a atenção para o facto de a mulher-mãe, mesmo que dê à luz apenas meninas é melhor tratada que uma mulher estéril, que de forma nenhuma contribui para o crescimento da família.

Uma das funções da literatura tradicional é precisamente estimular o respeito por estes padrões culturais estabelecidos no passado, para se poderem desenvolver países fortes e famílias seguras e saudáveis.

De acordo com Leite de Vasconcellos (1986:31), um dos papéis da literatura popular é “fortalecer o espírito da criança para o respeito da nacionalidade”, porque, segundo ele, “as crianças amam o que melhor conhecem”. E tendo em conta que, precisamente a monarquia era uma das instituições mais importantes e mais gloriosas, tanto na história de Portugal, como na da Sérvia, é lógico que a literatura tradicional destes dois povos em questão (como também a de muitos outros no mundo) deseje fortalecer a ideia da monarquia, do património cultural nacional. Quando mencionamos o termo *nacional*, devemos ter muito cuidado de não o confundirmos com *nacionalista*, porque na nossa perspectiva, o que pretendem os contos da origem popular é precisamente desenvolver o respeito pela particularidade de cada cultura e um certo orgulho de o indivíduo pertencer a um determinado colectivo, de fazer parte de uma comunidade única e específica, com todas as instituições vitais a funcionarem bem. Por outro lado, o termo *nacionalista*, muito discutido e criticado hoje em dia, pode implicar e implica um certo desprezo e desvalorização do *Outro*, que na nossa opinião, não é o objectivo da literatura tradicional. Uma das suas tendências é primeiramente desenvolver o interesse pela própria cultura e identidade, porque sem esse ponto de partida não é possível compreender nem respeitar a cultura do (s) *Outro (s)*.

Tendo a sua visão do sistema patriarcal, Mary Douglas (1964) salienta que existe uma série de factores que influenciam a posição do indivíduo dentro da sociedade: a sua idade, o género, os seus papéis sociais etc. O factor da idade é extremamente importante para esta cientista, dado que, quando se atinge uma certa idade, mudam-se os papéis do indivíduo dentro da comunidade, e espera-se dele um comportamento diferente. Mais precisamente, nas sociedades com as hierarquias bem desenvolvidas, até as crianças têm as suas tarefas e deveres e quando se deixa de ser criança, a sociedade espera que o indivíduo assuma outras responsabilidades, de acordo com a sua idade ou género, porque nas culturas mais tradicionais a divisão dos trabalhos e papéis sociais era bem marcada tanto para os homens, como para as mulheres. Esta divisão dos trabalhos era justamente a causa pela qual muitas adeptas do feminismo se revoltam contra o sistema patriarcal e enumerando diversos casos de desigualdade, discriminação ou desvalorização da mulher.

Para Cranny Francis (2003) o patriarcado é um sistema discriminatório que exclui a mulher das posições relacionadas com o poder e a autoridade, enquanto Myra Macdonald (1995) salienta a posição desigual da mulher dentro de toda a estrutura social que se manifesta no trabalho, na família, no pagamento e na sua sexualidade.

As razões destas investigadoras para criticarem o regime patriarcal são óbvias e fundamentadas, mas aprofundaremos esta temática mais tarde, quando abordarmos o assunto das características principais do masculino e do feminino.

Para prosseguirmos a nossa investigação na direcção em que pretendemos, neste momento será necessário abordarmos a questão do conceito da *identidade*, que, sendo um termo muito vasto e abrangente, oferece inúmeras possibilidades de leitura e interpretação. O objecto da nossa observação deste assunto será dar algumas das possíveis definições da identidade, determinar qual é o conjunto de factores que contribuem para a formação da identidade e quais são as diferenças sociais, psicológicas e culturais que se manifestam no momento de definir a identidade masculina e mais tarde a feminina.

Vítor Oliveira Jorge (2002) propõe a hipótese de que a identidade é ligada a algo permanente, mas que possui um traço de pluralidade. Para explicarmos melhor a linha do pensamento deste autor, consideramos que dentro do conceito da identidade existem características impossíveis de mudar (a raça, a etnia por exemplo) e muitos outros aspectos que cada pessoa acrescenta à sua personalidade (ideias, valores, crenças, práticas, que com o tempo, idade e maturidade da pessoa podem variar). Inúmeras são as outras tentativas de definir este conceito complexo, mas nós optaremos apenas por algumas, tendo em conta o critério da sua autoria e os limites que nos impõe o assunto principal deste estudo. Peralta e Anico (2006:57) salientam a impossibilidade de separar a identidade do património. Depois da primeira leitura da palavra *património* o que se nos apresenta na mente são os grandes monumentos materiais como testemunhas da existência de uma cultura, enquanto a identidade nos parece como apenas uma parte do grande conjunto de características que compõem um património. Estas investigadoras qualificam a identidade como um grupo de conceitos por vezes pouco estáveis e sujeitos a mudanças, enquanto para elas o património tem um carácter mais constante, sendo a “representação oficial do passado”. O passado e a história são dignos de ser conservados e guardados, para ajudarem os indivíduos a perceberem melhor o seu eu e os outros, para encontrarem e enriquecerem a sua personalidade, e esta poderia ser uma das funções da literatura popular. Segundo Malaca Casteleiro (2001:2019) como primeiro

significado desta entrada lexical dá: “característica do que é semelhante ou igual, qualidade do que é idêntico” e logo depois amplifica o termo da seguinte maneira: “Conjunto de características, de dados próprios e exclusivos de uma pessoa, que permitem o seu reconhecimento como tal, sem confusão com outra, nome, idade, naturalidade, estado civil, filiação...”. Embora à primeira vista estas duas definições nos pareçam completamente opostas, de facto nos são de grande utilidade para percebermos a complexidade e multiplicidade do conceito que estamos a abordar. Por um lado trata-se dos elementos que nos *identificam*, que nos fazem *semelhantes* aos outros, e por outro lado, salientam-se as características particulares e específicas que nos *distinguem*. Entre a dualidade da semelhança e diferença vislumbram-se dois aspectos importantes de cada pessoa: o de pertencer a um grupo, um colectivo, um todo e a necessidade de ter a sua individualidade, a sua personalidade e a sua singularidade. Por esta razão, as literaturas populares portuguesa e sérvia tentam abordar tanto os valores e ideias universais para toda a humanidade, e também de se concentrar nos traços típicos e locais, transmitindo a ideia de uma determinada “portugalidade” ou “serviedade”.

Aprofundando mais as possibilidades de interpretar e preencher o conceito da identidade, na posição de Peter Brooker (2003), os factores que a compõem são: o género, a etnia, a raça, a classe social, a sexualidade e as subculturas. Nesta proposta da definição observamos uma série de factores sem os quais hoje em dia não se pode nem sequer imaginar qualquer tipo de discussão sobre este assunto. A questão do género, como veremos mais tarde, é uma categoria muito mais complexa do que parece após o primeiro olhar. Não se refere apenas as características biológicas e inatas que diferenciam o sexo masculino do feminino, no entanto o termo *género* encerra em si um conjunto de atribuições sociais, culturais, religiosas, psicológicas e outras que se podem anexar a ele. A raça e a etnia, claro está, não remetem pura e simplesmente à cor da pele e nacionalidade, mas também envolvem um conjunto de características antropológicas, etnológicas, psicológicas e linguísticas.

A classe social é também entre outros uma determinante importante da nossa identidade, porque em si esconde a origem, a profissão e um conjunto de pormenores, que nos interessam para esta dissertação, do ponto de vista da literatura tradicional. A questão delicada e complexa da sexualidade, que implica o que hoje em dia se chama *orientação sexual* (homo ou heterossexualidade), as crenças, ideias e valores que uma pessoa tem em relação à virgindade, a natureza e a função das relações sexuais também é uma parte inseparável do ser humano. Nos contos populares divergentes das tradições

da vertente judaico-cristã privilegiam-se a pureza do corpo, a virgindade, a fidelidade (e sobretudo a feminina), enquanto os comportamentos menos desejáveis são o incesto, a promiscuidade, a tendência de ter filhos ilegítimos etc. Logicamente, nas tradições em que se sustenta e apoia o regime patriarcal, não há lugar para se pensar e imaginar uma orientação sexual diferente daquela que é considerada natural, dado que as gerações mais novas se tentam educar nos valores que privilegiam a criação de uma família, o matrimónio e o respeito pela moral patriarcal e purista. No entanto, nós não consideramos esta tendência discriminatória nem rigorosa demais em relação aos direitos dos outros. Pura e simplesmente, na literatura popular propaga-se uma ideia que concorda com as leis da natureza e com as leis da tradição cristã, onde qualquer desvio do comportamento (neste caso sexual) deve ser corrigido e eliminado.

O que na definição de Brooker nos chamou particularmente a atenção é o vocábulo *subculturas*, que embora seja bastante recente na ciência, abrange todos os grupos aos quais o indivíduo pertence, todos os seus gostos, interesses e ideias mais particulares, que penetram muito na esfera do privado, que será devidamente tratada e abordada mais à frente. Finalmente, tendo discutido a problemática da identidade, do ponto de vista cultural, nacional e individual, devemos debruçar-nos sobre mais um elemento deste conceito: a identidade masculina. Veremos agora em que medida a imagem tradicional do homem corresponde à masculinidade actual, quais são as características que deve ter um homem “de verdade” e se algumas delas se podem aplicar ao típico (e bom?) sérvio ou português da forma em que eles são representados na literatura tradicional.

Qual é a importância e o significado da identidade masculina ainda hoje em dia, revela-nos o facto de aparecerem em algumas universidades europeias os chamados *estudos masculinos*. Qual é a sua função? Recuperar a identidade masculina e o mito do homem dominante e poderoso? Dar uma nova visão do conceito do masculino? Ser uma reacção contra as críticas feministas? Complementar e reconciliar a ideia do masculino e do feminino? Na perspectiva de Gardiner (2002), os estudos masculinos de hoje concentram-se mais nas próprias relações dos homens entre si, do que na sua dominação sobre as mulheres. Dentro destes relacionamentos, os estudiosos desta área põem a tónica no género e na idade, porque de acordo com a idade, atinge-se uma determinada maturidade, graças à qual o menino deixa de ser menino e começa a assumir responsabilidades e deveres próprios do homem (ganhar suficiente independência e autonomia económica para poder criar uma família e sustentá-la, ser responsável pela

protecção e defesa dos seus membros, ocupar-se da segurança emocional da mulher e das crianças e manter a boa imagem da família em público são apenas alguns dos aspectos que a sociedade tradicional atribui à personalidade masculina).

Pesquisando a bibliografia para este capítulo, pensámos que, numa sociedade onde ainda em certas áreas de vida predomina a supremacia do género masculino, seria muito fácil encontrar todos os dados e conceitos necessários para a elaboração desta investigação. No entanto, ao contrário das nossas expectativas primordiais, tivemos mais acesso aos estudos e análises que problematizavam a posição feminina e a sua condição no mundo ao longo da história. O “mal” dessas investigações era observarem uma temática feminina da perspectiva feminina das autoras e debruçar-se apenas nos aspectos da discriminação e a posição desfavorável da mulher. Mesmo que tenhamos recorrido mais do que uma vez ao uso e consulta dos tais estudos, por vezes os considerámos “imperfeitos”, porque mostravam apenas um dos dois lados da história. Por isso, decidimos mais tarde utilizar algumas outras linhas de investigação, que nos permitissem o acesso ao lado masculino dos acontecimentos históricos.

Neste momento já nos podemos interrogar sobre a carga e o peso das imagens e ideias estereotipadas sobre o homem e o seu papel no mundo. Serão esses estereótipos sobre o homem ultrapassados hoje e em que medida? Será que se espera demais do homem actual? Como é que essas ideias fixas e petrificadas se sustentam e transmitem e qual é o papel da literatura popular nisso? Deverão todos os mitos e estereótipos centrados no homem ser combatidos e de que forma? O que ficaria depois da identidade masculina, se conseguirmos arruinar a imagem que herdámos através dos séculos da história e que ainda existe e persiste no nosso imaginário colectivo? Todas estas questões parecem tarefas difíceis que merecem e devem ser reflectidas e analisadas com profundidade e atenção para se evitem as conclusões precipitadas ou juízos de valor mal fundamentados. Se calhar, se tivermos em conta o masculino e o feminino como categorias muito mais abrangentes do que o sexo biológico, o caminho para respondermos (ou pelo menos tentarmos fazê-lo) às perguntas acima enumeradas, será mais fácil.

Chevalier e Gherbrant (1982) têm uma visão bastante sublime do homem e ela será citada a seguir, e alguns dos seus elementos serão explicados com mais pormenores e atenção. Estes autores, para se referirem ao homem, utilizam alguns dos seguintes sintagmas “síntese do mundo”, “universo resumido”, “microcosmos”, “espírito e carne”. Após uma primeira leitura, poder-se-ia pensar que se trata da glorificação do género

masculino, quando na realidade nos encontramos aqui com uma determinação genérica do homem como ser humano. Agora já parece mais claro que estes investigadores vêem o homem como a criação mais complexa, mais perfeita e mais difícil de se definir exactamente. Os mesmos especielistas defendem a ideia de que tanto o masculino, como o feminino não devem ser resumidos e reduzidos apenas ao plano do sexo biológico, uma vez que essas determinações simplificam demais a complexidade humana e depois a masculina ou feminina.

Myra Macdonald (1995) propaga que as visões do homem e da mulher, quando as diminuimos apenas às características biológicas, que são inatas, não podemos escapar à criação de estereótipos que reduzem a imagem tridimensional da figura humana a uma muito simplificada, unidimensional.

Agora julgamos necessário apontar para um pormenor de carácter linguístico que existe na língua sérvia e não aparece na portuguesa. Isto é, à diferença da língua portuguesa, que usa a palavra “homem”, tanto para a categoria mais abrangente, como para a mais específica, a língua sérvia tem duas possibilidades de se referir ao “homem”. Mais concretamente, quando se trata da entidade genérica com o sentido de “ser humano”, utiliza-se o termo *čovjek* (no plural *ljudi*), e quando queremos expressar que se trata de um ser humano adulto do género (ou sexo) masculino, costuma-se usar mais o termo *muškarac* (no plural *muškarci*). Embora existam os dois termos, na língua falada podem-se considerar sinónimos, o que é provavelmente um traço que ficou da mentalidade antiga, onde os homens (seres masculinos) foram tratados também por *ljudi*. Muitas das adeptas do feminismo neste elemento da língua sérvia notam uma extrema discriminação, pensando que se só as pessoas de sexo masculino são *ljudi*, as mulheres não merecem ser chamadas de seres humanos e algumas colocam a questão sobre a razão de o termo genérico para o ser humano ser formulado no masculino. A estas perguntas, como também à de por quê nos dicionários de línguas o género masculino dos adjectivos é citado primeiro e o feminino depois, não é fácil responder brevemente, sem se correr o risco de se darem juízos de valor precipitados e errados. Os linguistas defendem a ideia do género masculino como categoria marcada e por isso el merece ter um estatuto especial na língua. Uma das razões de este género estar “privilegiado” em todas partes deve-se a séculos da história da humanidade e aos factores acima mencionados como a influência do sistema patriarcal, o peso das religiões monoteístas, a importância da política etc. No entanto, mesmo que hoje em dia a posição da mulher tenha melhorado e mudado muito em relação aos inícios da

formação da sociedade humana, será quase impossível ela atingir a igualdade absoluta com o homem, pelo menos nas questões da língua. Sendo a língua um organismo vivo, conseguiu-se ao longo da história e a luta pelos direitos femininos, melhorar um pouco a sua situação, uma vez que agora existem terminações gramaticais femininas para algumas profissões que antigamente eram pura e simplesmente masculinas. Por outro lado, nunca será absolutamente possível livrar o inconsciente colectivo universal dos traços importantes da identidade masculina aqui mencionados.

2.1. O homem na estrutura social na realidade histórica e literária portuguesa e sérvia

Este capítulo terá como objectivo analisar a importância e o peso das estruturas e hierarquias sociais e a posição do homem em dois casos muito particulares: na realidade histórica portuguesa e sérvia ao longo dos séculos e especialmente nos primeiros tempos da existência destas duas culturas, que foi precisamente o momento em que surgiram as suas literaturas populares. Observar-se-á o patriarcado, com mais profundidade, para se chegar à conclusão de se existem ou não algumas diferenças entre este sistema aplicado em duas sociedades concretas. Interessar-nos-á o regime patriarcal na Península Balcânica e sobretudo durante e imediatamente após o domínio dos Turcos, para se reflectir sobre as suas consequências na cultura sérvia. Em Portugal, focalizar-nos-emos em várias circunstâncias históricas que conduziram a um patriarcado tal vez diferente.

De acordo com Pavle Evdokimov (2001), quanto mais laica é uma cultura tanto mais ela é masculina. À primeira vista isto parece não estar de acordo com a ideologia cristã, em que se dá um lugar de honor ao homem. No entanto, o que este teólogo desejava salientar é que a religião cristã não se deve identificar com grandes regimes totalitários e que o Cristianismo atribui um papel especial à mulher e que lhe dá o valor que ela merece dentro das características que ela possui. Este autor defende a ideia da grande espiritualidade da mulher, que se entrega ao sofrimento e suporta-o, enquanto que o homem se opõe ao mesmo e “sobrevive” aquele que melhor lida com este sentimento. Na sua opinião, tanto o homem como a mulher possuem a luz e a sombra, isto é, as virtudes e defeitos, o lado positivo e negativo, só que cada um deles recebe

estas características de acordo com a sua natureza. Quando o homem e a mulher se observam apenas desde a perspectiva sexual, reduzem-se ao nível dos machos e fêmeas, o que este teólogo e filósofo que pertence à Igreja Ortodoxa é extremamente humilhante para os dois e diminui a sua personalidade e o seu mistério.

O que ocupará a nossa atenção nesta parte da investigação são as personagens masculinas dos contos tradicionais e o seu funcionamento dentro dessas hierarquias rígidas, a imagem que se tem deles de acordo com a sua idade e estatuto social. Por este motivo aqui serão analisadas várias categorias sociais: começando pelos reis e príncipes, para terminarmos com as camadas mais baixas e os seus representantes. Nesta divisão será incontornável abordar a diversidade das profissões que se repetem nos contos, o que será um dado interessante para descobrirmos o grau de desenvolvimento dos países aqui em questão. Através das profissões, veremos quais delas eram mais valorizadas e prestigiadas entre a população e quais são as características e imagens que se lhes atribuem em ambas as culturas e quais pelo contrário não tinham grande interesse.

Um dos factores importantes para serem abordados aqui sem dúvida alguma, será a idade. A função desta análise será tentarmos determinar até que ponto o mito das sociedades estáveis e bem organizadas em que os mais velhos tinham o seu devido respeito, contribuiu para a ideia da velhice como período de vida importante humana. Sem excepção os contos tradicionais propagam a ideia de que os idosos merecem determinados privilégios e quem não lhes dá, acaba mal no fim da história.

Neste capítulo a diversidade étnica e religiosa terá também o seu lugar, para nos ajudar a percebermos melhor a história e a literatura de ambos os povos que estamos a estudar. Dentro da investigação das características nacionais e culturais dos grupos que viviam nos territórios de Portugal e da Sérvia, tentar-se-á chegar à alguma explicação dos mitos e ideias arraigadas nos dois imaginários populares. Nesta linha de investigação a nossa intenção é demonstrar que a superioridade de uma determinada etnia ou religião ou a inferioridade de outra não é resultado de nacionalismos exagerados nem de uma desvalorização propositada do *Outro*, mas sim de um conjunto de factores complexos, sem os quais a história da Sérvia e de Portugal em concreto não seria igual. Por outro lado, poder-nos-íamos perguntar também sobre a ideia que os povos que nas duas literaturas tradicionais em questão foram apresentados como rivais dos Portugueses e dos Sérvios têm sobre estas duas culturas e podemos supor que no

imaginário popular turco ou árabe existem da mesma maneira estereótipos e imagens negativas sobre nós e os Portugueses.

Estas três vertentes principais deste capítulo (o estatuto social, a idade e as pertencas culturais, nomeadamente étnicas e religiosas) serão suficientes para se ver a situação do homem ao nível mais geral e complexo, para depois nos permitirmos a análise e a posição do género masculino dentro das estruturas mais pequenas como a família, onde o parentesco e consanguineidade são de extrema importância.

A análise do homem dentro da micro-estrutura familiar será feita num capítulo particular, dado que a família como instituição, embora tenha passado por numerosas crises, ainda hoje persiste em todas as civilizações e culturas. Voltando ao início deste pequeno capítulo, devemos deter-nos mais nos sistemas sociais em vigor na Sérvia e em Portugal ao longo da sua história e na forma em que eles estão representados nas narrativas curtas de origem popular. Como era de esperar, a primeira parte da nossa análise das estruturas sociais nos dois países aqui em questão começará pelo período medieval, que segundo muitos especialistas é o tempo mais glorioso na história dos povos sérvio e português. A maioria dos investigadores toma como data do início da Idade Média o ano 476 A. C, em que deixou de existir o Império Romano Ocidental, e como data do seu fim o ano 1453, quando caiu o Império Bizantino. No caso concreto da Sérvia é difícil guiar-se por estas datas, tendo em conta que, após a Batalha do Kosovo em 1389 este país começou a perder a sua integridade por causa da ocupação turca, que durou aproximadamente quinhentos anos. Por esta razão alguns autores opinam que a Idade Média nesta parte dos Balcãs foi bastante mais prolongada.

As autoras Smilja Marjanović-Dušanić e Danica Popović (2004) fazem uma clara diferença entre o período pré e pós-turco, chamando a atenção para algumas leis e direitos que se respeitavam antes do domínio turco e que se referiam ao homem e à mulher, os seus privilégios no casamento e alguns outros aspectos que foram eliminados após a queda do Império Sérvio sob o poder dos turcos. Na perspectiva estas duas investigadoras, a cultura turca é caracterizada como “patriarcal” e “retrógrada”.

Esta qualificação dos turcos como tais diz respeito particularmente à posição da mulher nas estruturas sociais. Defendendo esta ideia, as cientistas referem que antes da chegada dos turcos, a mulher, sobretudo a da cidade, tinha direito de exercer várias profissões: podia ter pequenas lojas, exercer determinados ofícios relacionados com a elaboração dos produtos artesanais, podia trabalhar nas tavernas, ser alfabetizada, ser

atriz, declarar no tribunal (embora não contra o pai, os irmãos e o marido) e sempre se acreditava na sua palavra quando se referia à sua virgindade, dote, idade dos filhos e alguns outros assuntos, e esses privilégios foram eliminados no Império Otomano, em que a mulher cristã não possuía a maior parte destes direitos. Quando mencionámos a profissão de atriz, esta não era muito bem vista pela sociedade, dado que as atrizes viajavam muito e não se conseguiam dedicar por completo ao marido e aos filhos. Estes dados que revelam um pouco a situação da mulher na Sérvia medieval são de grande importância para nós e a nossa investigação porque demonstram que, embora se tenha respeitado o sistema patriarcal na nossa sociedade, ele até certo ponto não corresponde às ideias estereotipadas sobre a dominação do homem em todos os aspectos da vida.

Em outras palavras antes da ocupação turca, as hierarquias existiam, eram rígidas, qualquer transgressão das regras estabelecidas castigava-se, o espaço da mulher era reduzido, mas isto tornou-se mais visível durante o domínio Otomano. Começando a nossa observação pela condição feminina num sistema patriarcal, podemos também ver mais claramente a posição e os direitos do homem nestas circunstâncias. Para se esclarecerem algumas diferenças sociais, devemos dizer que na cultura sérvia era e ainda é muito comum deixarem-se legados para o bem da comunidade. Por isso, as pessoas, tanto homens como mulheres, que participavam na construção das igrejas, mosteiros, hospitais ou quaisquer instituições de uso público tinham mais direitos e privilégios que outras. Isto é, tinham um lugar especial na igreja, eram convidados para grandes festas, pagavam menos impostos e podiam ser sepultados dentro da igreja ou mosteiro que fundaram. Estes conhecimentos permitem-nos perceber melhor a natureza e o sistema das nossas hierarquias e observar a relação entre o indivíduo e o colectivo. Por esta razão, para servirem melhor a Deus e à Pátria, tanto os rapazes como as raparigas deviam adoptar os mesmos valores morais: serem religiosos, obedientes aos pais, não provocarem conflitos nem na família nem na comunidade e conservarem o seu corpo na pureza e castidade até ao casamento. Estas regras por vezes foram infringidas, e na teoria os castigos eram os mesmos, embora na prática se aplicassem mais à mulher. É um facto histórico que na realidade sérvia da Idade Média o homem era privilegiado e que no topo da pirâmide social a mais respeitada era uma forte figura real, depois da qual se destacavam os membros da nobreza e do clero, sendo os monges considerados ainda mais dignos de respeito e admiração que os sacerdotes

“simples”²². No entanto, ao contrário do que se possa pensar, existiam castigos muito duros que se aplicavam também aos homens que transgredissem alguma regra importante na sociedade. Nomeadamente, os tais castigos referiam-se aos violadores, libertinos e alcoviteiros, podendo o alcoviteiro ser excomunicado da Igreja. Dentro destes pecados e crimes também existiam graus de dificuldade e do peso do castigo, tendo em conta se a vítima da violação era menor de idade, virgem, comprometida, casada, viúva ou mãe de um ou mais filhos. Daqui podemos concluir que dentro do sistema patriarcal medieval implementado na Sérvia se notavam muitas hierarquias e divisões sociais, com diversos privilégios destinados exclusivamente ao género masculino, mas que também se sabia que nem sequer os homens tinham direito de violar algumas normas pré-estabelecidas pela comunidade.

Na prática, claro está, houve muitos casos em que as regras patriarcais não foram seguidas e em que se era mais tolerante com os homens do que com as mulheres, mas mesmo assim podemos pensar que se tratava de um sistema geralmente justo, muito bem centralizado e enquadrado nas hierarquias e estruturas estabelecidas e fortificadas com a aceitação do Cristianismo, e sobretudo após a fundação do Episcopado Sérvio em Ohrid (território da actual Macedónia) em 1219, por Sava Nemanjić, na cultura sérvia mais conhecido como São Sava ou na língua original *Sveti Sava*. Após a queda do Império Sérvio as relações entre o soberano (sultão) e os seus súbditos pioraram em grande medida, sendo o sultão símbolo e sinónimo do poder quase absoluto. Os direitos e privilégios das pessoas dependiam da sua identidade religiosa, sendo o islão notavelmente privilegiado em relação ao cristianismo. Na pior situação encontravam-se os camponeses cristãos que não queriam converter-se e que na língua turca recebiam o nome *raja*. Muitas vezes, para sobreviverem ou para melhorarem um pouco a sua situação, essas pessoas pobres e de camadas mais baixas da sociedade foram forçadas a aceitarem o islão. Se a conversão não foi feita à força, os turcos ofereciam vários

²² Na Igreja Ortodoxa existem duas categorias principais dentro do clero: os sacerdotes e os monges. A diferença principal entre eles é que os sacerdotes (em sérvio *sveštenici*) podem e devem casar-se e os monges (*monasi*) devem manter-se em celibato. A lógica para se permitir o casamento aos sacerdotes é a seguinte: podendo resolver bem os problemas na própria família, poderão ser bons pastores na sua paróquia. Os monges, pelo contrário são pessoas inteiramente dedicadas a Deus e ao seu serviço e consideram-se mais perfeitos e menos pecadores que os padres do grupo dos sacerdotes. Entre os monges destaca-se também o sub-grupo de hieromonges (*jeromonasi* ou *sveštenomonasi*), que, pertencendo à categoria dos monges, não se podem casar, mas devido ao prefixo grego *hiero-* que indica sacerdotes, podem exercer os sacramentos (baptizar, confessar, exercer a cerimónia do casamento dar a comunhão etc.) e podem exercer a Divina Liturgia.

privilégios e riquezas materiais para as pessoas pensarem na ideia de receberem a nova religião.

Formalmente era permitido que os bispos cristãos decidissem sobre os casamentos das pessoas que pertenciam a esta religião, enquanto na realidade muitas vezes acontecia que os cristãos consultassem o sultão ou juíz turco sobre estes assuntos, porque o islamismo permitia o divórcio mais facilmente. Nesta última frase vemos que até no regime turco, que para a população sérvia em muitos aspectos foi injusto e desfavorável, houve elementos positivos que, por sua vez facilitavam a vida aos homens e mulheres. Concretamente segundo o direito turco, uma mulher podia-se divorciar comprovando que foi raptada, casada à força ou que o marido era incapaz de consumar o matrimónio. Para podermos prosseguir a nossa análise das hierarquias e autoridade (s) no Império Otomano, devemos saber mais sobre a estrutura social que existia na realidade histórica da Península Balcânica na Idade Média. A figura central que ocupava o lugar no mero topo da pirâmide social durante a existência do Império Otomano era o sultão, que tinha todos os direitos e insígnias do rei. O seu título era hereditário e transmitia-se pela linha masculina. Na hierarquia social os visires e grão-visires ocupavam um rango inferior ao do sultão, sendo eles ministros do Império, mas decidiam sobre os assuntos políticos da importância vital para o estado. A administração pública era um organismo muito importante com uma organização centralizada e os seus funcionários tinham muito prestígio na sociedade.

Os representantes das autoridades religiosas islâmicas também ocupavam lugares e cargos de grande poder e influência. Pelo que conseguimos investigar até agora percebemos que o sistema social do estado turco e do império sérvio, enquanto ainda existia, eram um conjunto de hierarquias bem definidas em que o indivíduo tinha direitos e privilégios se se comportava de acordo com as normas previamente estabelecidas, mas em que qualquer transgressão era bastante visível e castigada, respeitando-se determinados padrões rigorosos. Nos dois sistemas aqui apenas superficialmente mencionados nota-se um grande peso do colectivo sobre o indivíduo, o que não significa que todo tipo de individualidade fosse forçosamente reprimido.

Neste momento compete-nos concentrar-nos mais na situação social e política no caso particular de Portugal ao longo da sua história e explicar até certo ponto as características do estado português antes e depois da queda dalgumas partes da Península Ibérica sob o domínio árabe. Esta comparação servir-nos-á como ponto de partida para finalmente nos focalizarmos nos corpora dos contos tradicionais

portugueses e sérvios e a posição dos homens, mulheres e crianças dentro da realidade literária e as suas representações nos nossos imaginários colectivos.

À primeira vista é possível tentar-se fazer um paralelismo entre a situação portuguesa com a sérvia, porque dois grandes reinos cuja cultura se baseia nas raízes da vertente judaico-cristã (Católica Romana por um lado e Ortodoxa por outro), foram invadidos por um inimigo mais numeroso e mais forte da religião muçulmana. Podemos agora pensar sobre a situação da população cristã que vivia nos territórios conquistados pelos mouros e observaremos até que ponto a sua posição é ou não parecida com o que se vivia na Sérvia medieval. Esta comparação ser-nos-á útil quando começarmos a analisar os contos concretos de ambas as tradições populares, de forma a descobriremos como é tratado o *Outro* desde o prisma complexo dos cristãos submetidos, desde a perspectiva nacional, cultural ou pura e simplesmente humana. Mais à frente focalizaremos na existência e diversidade das profissões que se exerciam nos dois espaços culturais que nos interessam para esta dissertação para deduzirmos qual era a posição dos homens que as exerciam e que tipo de características lhes atribui a sabedoria popular.

Começaremos neste momento a esclarecer determinados aspectos da realidade histórica portuguesa para termos a ideia de como certos elementos da organização social e a sua influência na cultura são representados nas narrativas curtas da tradição oral. A divisão mais comum das classes sociais existentes no Portugal medieval, que se encontra em vários livros de história é a da nobreza, clero e povo. Daqui conseguimos perceber qual era o grau do poder dos laicos e dos clérigos. Em primeiro lugar respeitava-se uma forte figura régia, depois os nobres, subordinados ao rei, depois os representantes da Igreja e o povo, sendo o povo um termo muito vasto, que abrangia diversas categorias de pessoas. O Professor José Hermano Saraiva (1979) propõe a seguinte classificação dos grupos sociais: os imunes, que eram uma camada privilegiada em todos os sentidos da palavra, (nobreza e clero), os vilãos e os semi-servos. A diferença principal entre a nobreza e o clero, segundo este autor, via-se na sua origem, porque uma pessoa se tornava nobre maiormente graças ao seu nascimento, embora também era possível ascender ao rango de nobreza devido aos méritos na guerra. No entanto, os clérigos provinham de diversas classes sociais e graças à sua cultura, educação e ideia de que são os representantes da vontade de Deus na Terra chegavam a ter determinados privilégios.

Para Joaquim Veríssimo Serão (1979) este tipo de organização social e administrativa foi herdado do período visigótico, quando se salientava a importância do poder centralizado na imponente figura do rei, que como súbditos tinha os membros da alta e baixa nobreza, o clero e o povo. O clero, graças aos donativos que o povo fazia à Igreja, foi uma classe social muito rica. Além disso, os sacerdotes disfrutavam do privilégio de não pagarem os impostos e qualquer tentativa neste sentido por vezes causavam conflitos entre a Igreja e a Coroa. As ordens militares também tinham grande importância na sociedade medieval portuguesa e mereciam um estatuto privilegiado devido aos sucessos nas lutas contra os mouros. Existe uma categoria destacável na pirâmide da hierarquia social portuguesa que o Professor Veríssimo Serão denomina como *os estrangeiros*, que pertenciam ao povo e eram justamente duas minorias incontornáveis em Portugal na Idade Média: os Mouros e os Judeus. Embora no início tenhamos dito que os representantes das outras raças, etnias e religiões podem ser representados de forma negativa no imaginário popular, na sociedade a sua presença era significativa e em certos aspectos valorizada. Isto é, os mouros dedicavam-se aos ofícios, alguns podiam manter a sua fé, eram importantes como médicos, vendedores de produtos de artesanato, pagavam os impostos ao rei e eram cidadãos leais que se organizavam em *mourarias*, partes das cidades com elementos da cultura islâmica. Por outro lado, os Judeus eram comerciantes, tradutores e intérpretes, porque tinham um grande poder de adaptação e de comunicação. Concentravam-se mais em Lisboa, Santarém, Palmela e Alcácer. Este resumo das circunstâncias sociais em Portugal e na Sérvia deve servir-nos como uma espécie de enquadramento teórico para a posterior focalização na realidade representada na literatura popular destas duas culturas. Através das imagens que nos são dadas sobre os membros de determinadas classes sociais, entenderemos melhor o papel dos homens nas duas sociedades e nas duas literaturas. Dado que começámos por debruçar-nos sobre as hierarquias sociais na Sérvia, continuaremos a nossa análise baseando-nos nos contos tradicionais sérvios, para prosseguirmos a nossa comparação com os contos de Portugal.

Nas narrativas curtas provenientes da tradição popular sérvia para se denominar o soberano supremo são usadas duas palavras: rei (*kralj*) i czar (*car*). De facto, a segunda palavra é mais frequente e isso pode dever-se a vários factores: No século XIV, imediatamente antes da ocupação turca a Sérvia teve três czares: Dušan, Uroš e Siniša, todos da dinastia dos Nemanjić, que era a dinastia sob cujo reinado este país atingiu a máxima glória, poder, desenvolvimento cultural e influência na Península Balcânica e

na Europa. No nosso imaginário popular usa-se a palavra czar para se referir também a uma pessoa, que na realidade histórica tinha apenas o título do conde ou príncipe, mas que é muito importante para o povo sérvio, do ponto de vista histórico, cultural e religioso. Esta personagem imponente era o conde Lazar Hrebeljanović, que participou na famosa Batalha do Kosovo em 1389 para combater os Turcos, que se tornou santo e mártir da Igreja Ortodoxa. O termo czar é nos conhecido também através da história russa e búlgara que tinham czares como soberanos. Uma outra fonte onde, na tradução sérvia, é possível encontrar-se este vocábulo é a Bíblia, onde os reis David e Salomão são tratados por czares e, no Novo Testamento este termo é empregado para nos referirmos a Deus, que é o Rei dos Céus. A escolha desta designação na Bíblia traduzida para sérvio é justificada porque tanto czar como imperador, são palavras que significam o máximo grau do poder humano na Terra e, como segundo a religião cristã, não existe nenhuma autoridade superior a Deus, é conveniente Ele ser chamado de czar dos Céus (*Car nebeski*). Embora ao longo da sua história a Sérvia tenha tido muitos reis, esta denominação para os protagonistas das narrativas curtas da origem popular é menos frequente, principalmente para se designar a importância da figura do czar, o seu poder e as suas decisões. De facto, a palavra rei é usada apenas em dois contos populares incluídos no corpus desta dissertação: *O rei e o pastor (Kralj i čobanin*²³), e *Três anéis*²⁴ (*Tri prstena*). Entre a categoria que corresponde ao czar pelo poder e significado podem encontrar-se czares, imperadores romanos que de verdade existiam na história como Traiano (na nossa versão popular o seu nome é transformado em *Trojan*) e Diocleciano (que chegou a nós na variante incorrecta como *Dukljan*,²⁵ por vezes aparecem também os sultões turcos e num conto há espaço também para o rei bíblico Salomão, cujo nome no conto é *Solomun*²⁶ e na tradução da Bíblia escreve-se como *Solomon*. As características de todos estes monarcas são as seguintes: são sinónimos do poder supremo, gozam de grande prestígio e privilégios. Quando se trata de Salomão, destaca-se a sua sabedoria, tal como no Antigo Testamento, para se saber que se pensa na mesma personagem. Tratando-se dos sultões turcos e imperadores romanos, o que salta à vista é o abuso do seu poder e a sua crueldade.

²³ In: Kosijer (2007).

²⁴ In: *idem*

²⁵ In: Karadžić (1853).

²⁶ In: *idem*

No conto *O imperador Trojan tem orelhas de cabra*,²⁷ que pela temática e semelhança entre alguns motivos é equivalente ao *Príncipe das orelhas de burro* português, o soberano não deixa que ninguém descubra o seu defeito e manda matar os barbeiros sem um mínimo de piedade, e só quando se apercebe de que é impossível guardar um segredo para sempre perdoa o último barbeiro e permite-lhe que lhe faça a barba todos os dias. Para o imperador que na nossa tradição leva o nome de *Dukljan* e que aparentemente e pela semelhança dalgumas letras se pode comparar com o famoso Diocleciano não existem dados nem indicações que possam relacionar verdadeiramente estas duas personagens. Embora, pensando melhor e concentrando-nos no conteúdo do conto, vemos que o imperador *Dukljan* é muito cruel, agride com um sabre um homem desconhecido que o assustou durante a noite e que é um grande cobarde. Como é de conhecimento geral, o histórico imperador Diocleciano era um perseguidor fanático dos cristãos e atacava-os de todas as formas possíveis, mostrando a sua crueldade e, como todos os soberanos tiranos vivia em constante medo pelo seu trono. Estas duas características são apenas vagas possibilidades de se fazer algum paralelismo entre eles, no entanto são um bom indicador para prosseguirmos a nossa análise contrastiva das narrativas populares.

O rei bíblico Salomão é mencionado no contexto de se opor à mãe, tentando convencê-la com a sua sabedoria de que todas as mulheres são iguais e que é possível enganá-las todas. Por isso merece ser amaldiçoado por ela, não podendo morrer sem ver as profundidades do mar e as alturas do céu. É excusado dizer que, se se menciona algum sultão turco, a sua personagem será negativa e algumas das razões para tal caracterização foram já enumeradas e esclarecidas nos parágrafos anteriores. Pelo que vemos, todos os reis e imperadores estrangeiros têm algum defeito, até o sapientíssimo rei bíblico mostra o desejo de contrariar à mãe, e a desobediência em relação aos pais é considerada um pecado muito grave, que no conto é castigado com a maldição do rei por parte da mãe, sobre a qual a Bíblia não diz nada.

Por outro lado, não se menciona nem o nome, nem característica nenhuma pela qual se poderia deduzir que se trata dos reis e czares sérvios, mas da mesma maneira eles são símbolos de virtude, justiça, cumprimento da palavra (mesmo quando o seu futuro genro ou a sua esposa se mostra mais sábios ou espertos que ele). Estas figuras impõem respeito, mas sabem ser bons e justos juízes, clementes e piadosos,

²⁷ In: Karadžić (2007).

sabem perdoar e até não têm vergonha de aprender algum ofício e trabalhar, como é narrado no conto *O ofício por cima de tudo (Sve, sve, ali zanat)*²⁸ que está disponível em quase todas as antologias da literatura popular sérvia. No conto *O czar e o seu ministro*²⁹, o soberano olha pela janela quando o seu político comete uma injustiça com um camponês, rejeitando o seu pedido com aspereza. Decide vingar-se do comportamento do representante do seu país, convidando-o para almoçar no seu palácio e deixando-o sem pão, para o ministro compreender a importância do trabalho dos camponeses na produção do pão e para ver que, se ele comete injustiças, ser-lhe-ão devolvidas do mesmo modo. Da mesma forma, quando um aprendiz anda pelas ruas a gritar: “Não precisamos mais do czar”,³⁰ que é também o título do conto, embora não vejamos a figura do monarca, pela resposta do aprendiz “Porque já temos um czar, e não precisamos de mais”, podemos interpretar que este czar que está no poder tem todas as características mais do que satisfatórias para poder governar o país. Por vezes é mencionado que algum dos czares casa a sua filha pela Igreja ou dá alguma bênção em nome de Deus, e desta maneira é possível ver que se trata dos monarcas cristãos, que como tais devem ser o exemplo e modelo para o povo e devem ensiná-lo a viver de acordo com as exigências da religião cristã.

No conto *Três anéis* o rei respeita a vontade da filha para escolher o seu marido, de modo que chegamos à conclusão de que não se trata dum rei tirano que impõe a sua autoridade mediante a violência e qualquer cristão concordaria com a semelhante imagem do rei ideal.

Na narrativa sobre o rei e o pastor, a figura régia por momentos chega a ser cômica porque o rei se deixa enganar pelas mentiras do pastor, mas no fim não renuncia da palavra dada e dá a sua filha por esposa ao rapaz que a veio pedir em casamento em lugar do homem rico, porque resultou mas inteligente queo monarca.

Para concluirmos a nossa análise das personagens que representam o poder do país, analisaremos o czar na narartiva curta *A menina que resultou mais esperta que o czar*,³¹ no qual após uma série de tarefas difíceis cumpridas pela menina, o czar casa-se com ela, e a esposa pede-lhe para assinar uma espécie de coontrato pré-matrimonial, em que uma das cláusulas será permitir-lhe que, no caso da separação, levasse do seu palácio o que mais lhe agradasse. Depois de uma situação desagradável em que o czar

²⁸ In: Kosijer (2007).

²⁹ In: Tomić (1999).

³⁰ In: *idem*

³¹ In: Karadžić (2007).

se zangou com a esposa e expulsou-a do seu palácio, encontramos a menina a embriagar o esposo e a levá-lo consigo para sua casinha humilde, sendo ele próprio o que mais agradou à jovem. Tendo-se visto enganado pela esposa sábia, o czar reconcilia-se com ela e leva-a de volta ao palácio. Este conto bastante original entre outras coisas pretende mostrar que nada se resolve com raiva, que o divórcio, mesmo iniciado por parte do marido não é o caminho para os casais cristãos, e que o esposo, ainda que seja o próprio czar, nem sempre tem razão.

Como pais, as figuras régias desejam sempre o bem dos filhos, cuidam das suas filhas de forma a elas preservarem a sua honra até ao casamento, são piadosos com os filhos que os obedecem e castigam justamente aqueles que não se comportam de acordo com as normas em vigor no seu reino. Na ausência dos descendentes, e sobretudo masculinos, os reis nos nossos contos sentem-se muito infelizes e aflitos e rezam junto com as esposas para Deus lhes dar um filho, embora tenha algum defeito físico grave (príncipe-serpente, príncipe-sapo etc.). Esta sina ou encanto surge, por um lado, como castigo para o rei e a rainha por não se terem conformado com a vontade de Deus de eles não poderem ter filhos, e por outro lado, o nascimento do filho é resultado do seu arrependimento e muitas orações sinceras.

Neste momento compete-nos estudar com mais pormenor a situação na realidade literária da tradição oral portuguesa. O imaginário popular português tal como o sérvio faz diferença entre os reis cristãos e muçulmanos, seguindo o mesmo estereótipo de privilegiar uns e apresentar os outros como negativos. Para ilustrarmos melhor esta ideia, servir-nos-emos do exemplo de um rei mouro no conto *A filha do rei Mouro*³² que é representado como cruel, que persegue a filha apaixonada por um cristão, quer matá-la por ser desleal à sua fé e por abandonar a sua família e a sua terra. O comportamento desse rei, de certa forma é justificado, porque nenhum pai, e ainda por cima soberano de um país, gosta que os filhos abandonem os princípios e valores em que foram educados, mas por outro lado, visto pelo prisma do narrador cristão, este rei é inimigo da verdade de Cristo e por isso merece ser apresentado ao público como ímpio, furioso e até egoísta. Os reis cristãos são símbolos e sinónimos de todas as virtudes em alguns contos.

Em outros, onde se menciona apenas o seu título do rei, sem importar a sua religião, as suas características podem variar, e até se salientam alguns defeitos que têm:

³² *In*: Oliveira e Ferreira (1975). Todos os contos citados neste parágrafo foram encontrados nesta antologia.

a gula (*A filha do rei guloso*) a soberba (*O rei soberbo*) o vício de jogar tanto até perder a própria coroa (*Branca-Flor*), a violência e a capacidade de bater na rainha por causa do desgosto de não ter filho herdeiro (*O príncipe Diabo*) e como um dos piores defeitos pode-se encontrar o medo que o rei tem da rainha e por isso fala baixo, para a esposa não o ouvir (*O canponês*) que indica a falta da sua masculinidade e autoridade. Também são capazes de ser injustos com as filhas mais novas se não estão satisfeitos com alguma resposta sua e de as expulsar do palácio. (*O sabor dos sabores*). No entanto, estes vícios enumerados nos contos portugueses não servem para mostrar de modo algum que os reis históricos de Portugal eram maus e que possuíam as tais características porque em momento nenhum são dadas as referências que possam remeter para algum rei português concreto. O que se pretende mostrar com estas representações das figuras régias é que o vício e os defeitos são comuns para todos os seres humanos e que nem os reis podem escapar deles. No fim destes contos, todos os soberanos se arrependem, abandonam o seu vício, melhoram como pessoas e emendam os erros, e por isso podemos ver que as imagens dos reis com alguma característica menos desejável têm um fim educativo e moralizador. Em primeiro lugar, a imaginação popular deseja demistificar a figura do rei e aproximá-lo ao povo, dizendo que o rei também é um ser de carne e osso com o seu lado positivo e negativo. O segundo objectivo destas narrativas é mostrar que o rei deve ser o exemplo do comportamento para o povo e por isso ele, graças à sua sabedoria, piedade e bondade consegue arrepender-se dos seus erros e pecados e voltar a ser o verdadeiro soberano virtuoso, capaz de ser guia e defensor das pessoas do seu país.

Como já referimos anteriormente, o imperador é um título superior ao do rei e esta figura aparece apenas num conto da tradição popular portuguesa, *A princesa-imperatriz* e corresponde ao estereótipo do nobre da Idade Média. Eis algumas características que lhe são atribuídas: (Oliveira e Ferreira, 1975:454) “muito amigo de caçar, homem franco e leal”. Desta descrição vemos que a caça era um dos passatempos preferidos da nobreza, e que de acordo com isso um verdadeiro nobre deveria ter determinadas virtudes como a franqueza e a lealdade. Na narrativa analisada vemos que o imperador, que depois virá a ser o genro do rei em todos os momentos se comporta como um genuíno cavaleiro, diferentemente do rei, o pai da princesa, que por vezes é soberbo e não aceita que lhe contrariem. Daqui podemos concluir que é respeitada a superioridade do título do imperador sobre o do rei e que, por tanto o primeiro deve ser mais virtuoso que o último.

No que diz respeito aos príncipes, nas duas culturas aqui observadas, eles são figuras muito estereotipadas e a sua descrição poder-se-ia reduzir a serem formosos, bondosos, ricos e bons cavaleiros e caçadores. Esta é a razão pela qual António Antunes de Abreu³³ não se detém muito em qualificar os príncipes e concentra-se mais em enumerar factores que falem a favor e em defesa das personagens femininas nos contos populares, mas sobre isto escreveremos mais tarde.

Os condes, fidalgos, validos e outros representantes da nobreza, tanto na tradição sérvia como na portuguesa podem ter uma visão ambivalente. Bons e justos por um lado, e também, sendo inferiores ao rei, por vezes se mostram invejosos, por vezes são muito espertos, por vezes menos sábios que o próprio rei, e desta forma deseja-se salientar que, fazendo eles parte de uma hierarquia muito bem determinada, devem saber qual é o seu lugar nela, que podem ter virtudes, como pessoas de confiança do rei e que também merecem ser castigados, se o seu comportamento não concorda com as decisões do monarca.

Fragmentando a pirâmide social cada vez mais, agora compete-nos observar como é que os imaginários populares de ambas as culturas descrevem os membros do clero. Sendo eles considerados representantes de Deus na Terra, pelas duas vertentes mais importantes do Cristianismo (o Católico Romano em Portugal e o Ortodoxo na Sérvia) é lógico que sejam respeitados. Veremos que nem em todas as situações que os contos expõem é exactamente assim. Por vezes salientam-se os seus defeitos com o mesmo objectivo com que se criticavam certas características dos reis, isto é para o público ser educado e ensinado na virtude. Como anteriormente foi mencionado, dentro da Igreja Ortodoxa existem duas categorias dentro do clero: os sacerdotes e os monges. Os monges, vivendo em celibato e não tendo algumas das preocupações “deste mundo”, são considerados figuras mais sublimes nos contos sérvios que os padres “comuns”. Desta forma, eles possuem uma grande sabedoria, uma fé em Deus muito pura, são justos, grandes conselheiros, sempre dispostos a dar apoio e a aconsolar os outros. Por vezes detrás da figura de um monge (*kaluđer*) ou ermitão (*isposnik*), o ouvinte o leitor sérvio consegue reconhecer São Pedro, São Nicolau, ou o próprio São Sava, pai da cultura espiritual sérvia. Para ilustrarmos melhor a visão dos monges no imaginário popular sérvio, utilizaremos os exemplos de duas narrativas incontornáveis na nossa literatura tradicional (Karadžić, 1853, Tomić, 1999): *O monge e os quatro pecadores*

³³ In: Nascimento, e Dantas Teixeira (1998).

(*Kaluđer i četiri grješnika*)³⁴ e *São Sava, pai e filho (Sveti sava otac i sin)*.³⁵ Na primeira história um monge muito devoto e piadoso encontra um túmulo aberto, uma alma em pena e três cavalos selvagens que não conseguem estar quietos. Ao longo da leitura desta breve narrativa sabemos que o homem em pena era um pai que matou os seus filhos e não o confessou nem ao padre. Quis fazê-lo na hora da morte, mas não o conseguiu porque a morte era mais rápida. Os cavalos eram os filhos que nunca obedeciam os pais e propositadamente faziam tudo o oposto à sua vontade sem se arrependem jamais. O que nos interessa agora é analisarmos o papel do monge no processo de arrependimento e perdão destas pessoas. Sendo ele grande pregador, muito sábio e uma alma pura, conseguiu encontrar as palavras certas para explicar o significado e a importância da confissão e do arrependimento no momento certo na vida de um cristão para se poder obter o perdão de Deus. Utilizando uma linguagem acessível e compreensível, e sem entrar em pormenores dogmáticos, o monge velho e experiente na vida religiosa consegue com que os pecadores se confessem, se abracem e perdoem uns aos outros e que obtenham a misericórdia de Deus e possam repousar em paz. Embora segundo a dogmática da Igreja Ortodoxa não haja arrependimento após a morte física, o monge no conto pretende advertir os pecadores que é preciso confessarem-se a tempo, para não sofrerem como os protagonistas da narrativa.

No segundo conto já se faz referência de Sava Nemanjić, o primeiro arcebispo sérvio, muito importante para a formação da nossa cultura e identidade nacional. Por estes factos históricos, a imaginação popular do povo sérvio atribui a este santo o ensino de todos os conhecimentos e virtudes que adquiriu ao longo da sua existência. Nesta narrativa São Sava ensina o filho que deve ser respeitoso e obediente em relação ao pai mediante um exemplo muito simples e óbvio: o que se diz quando se faz o sinal da cruz: Se primeiro mencionamos o Pai, depois o Filho e no fim o Espírito Santo, isso significa que a vontade do pai na Terra deve estar por cima da vontade do filho. O filho no conto, tendo muito respeito pelos monges como São Sava arrepende-se e aceita que o seu comportamento anterior estava errado.

Em relação aos padres casados (*sveštenici* ou *popovi*) da Igreja Ortodoxa, a tradição popular sérvia tem uma visão um pouco diferente da dos monges. Nomeadamente, enquanto um monge ou ermitão são figuras quase perfeitas e angelicais, símbolos da verdadeira fé, esperança em Deus e amor por todos os seres

³⁴ In: Karadžić (1853).

³⁵ In: Tomić (1999).

humanos, facilmente identificáveis com algum dos santos da nossa Igreja, os padres são personagens imperfeitas, muito mais próximas do humano e do profano do que do divino e do sagrado. Como exemplo disto, aproveitaremos dois contos que encontramos na antologia de Vuk Karadžić (1853) *O padre e os paroquianos*³⁶ e *Afogou-se o padre por não ter dado a mão*. No primeiro, um padre numa aldeia pequena afectada por uma longa e dura seca é acusado pelos seus paroquianos de ser mau pregador e de Deus não ouvir as suas orações que poderiam trazer a chuva desejada. Então o padre responde que recebeu uma mensagem do Céu que poderá mandar a chuva aos habitantes da aldeia no dia em que eles escolherem. No entanto, nenhum dia da semana resultou ser idóneo para agradar a todos, uma vez que em cada dia, algum dos paroquianos tinha uma obrigação e não convinha a chuva para perturbar os seus planos. Finalmente vemos que o que se critica não é a falta de devoção do padre, mas sim a falta de harmonia entre os seus paroquianos, a posição da vontade própria por cima da vontade de Deus etc. O padre, no entanto é mostrado como um ser humano muito compreensível e que tem paciência e boa vontade de ouvir os problemas e necessidades dos outros, que pelo seu comportamento mostraram que não o mereciam. A sua falha é não saber reconciliar os seus paroquianos.

Na segunda narrativa curta aqui observada o padre que não sabia nadar morreu por não querer dar a mão para nenhum dos seus acompanhantes na navegação lhe o salvasse. Deste exemplo na figura do padre são expostos três características não desejáveis: o não saber nadar, que é a menos grave de todos, a soberba e o amor pelo dinheiro, que descobrimos na última frase da sua esposa viúva que disse que ele sempre preferia tirar dos outros a dar e por isso mereceu tal fim. Se um padre não sabe nadar, é negativo porque é preciso educar as gerações mais jovens que devem ter algumas destrezas para sobreviverem o perigo, o que é mais grave neste caso é o padre não querer admitir o que não sabe e aqui vemos a sua soberba escondida, tal como no acto de não querer dar a mão a nenhum dos viajantes que sabiam nadar. Quando não dá a mão, indica-se que o padre era avarento e que essa mão muitas vezes lhe servia para se aproveitar dos privilégios dos que o clero gozava, tendo medo de que lhe roubem alguma coisa. Estas caracterizações por vezes negativas dos sacerdotes desejam indicar que, se eles são casados e têm famílias, não conseguem dedicar-se absolutamente a Deus e ao sagrado na medida em que o fazem os monges. Não é por acaso que no padre

³⁶ Este conto pode-se encontrar também sob o título *Quando quer que vos chova? (Kad čete da vam padne kiša?)*, e de facto, assim é mais conhecido nas versões contadas oralmente.

aparecem traços de soberba, que no cristianismo é o primeiro na lista dos sete pecados mortais. Os sacerdotes eram uma classe culta, com muitos conhecimentos e educação e por isso por vezes se esqueciam de pedir ajuda de Deus nas situações difíceis, julgando-se intocáveis e superiores aos outros. O facto de os sacerdotes ortodoxos terem de sustentar a mulher e os filhos algumas vezes no imaginário popular provoca o pensamento sobre a sua tendência a gostar do dinheiro. Nos contos portugueses aparece quase a mesma diferenciação como na cultura sérvia.

Mesmo que na Igreja Católica os padres não tenham direito de se casarem e de formarem famílias próprias, podemos distinguir claramente entre os ermitãos e santos (se os seus nomes são referidos, trata-se de São Pedro, São Jorge e Santo António, sendo o último importante para a constituição de alguns traços da identidade cultural portuguesa.), cujo comportamento é impecável, sinónimo de sabedoria, fé e todas as virtudes cristãs, e frades, muito mais virados para o mundo da Terra que para o mundo espiritual. Em outras palavras, São Pedro, que muitas vezes acompanha Cristo na sua viagem pela Terra é bom, obediente e subordinado ao Filho de Deus. No conto *A afilhada de Santo António*, que encontramos em Leite de Vasconcellos (1964) este santo protege sempre a sua afilhada Antónia, é sábio, justo e disponível para fazer bem em todo momento da sua vida. No entanto, os frades já têm os seus defeitos. Na mesma colectânea podemos ler que o *Frei João Sem Cuidados*³⁷ passa a vida sem pensar em nada e sem ter preocupação alguma, e sem fazer nada, o que é mau porque se quer ensinar que a preguiça conduz a vários vícios ou pecados. Depois de uma tarefa quase impossível de realizar, o dito padre aprende a sua lição, isto é: aprende a valorizar o pensamento e a preocupação que fazem parte da vida normal de todas as pessoas e deixa de ser tão desleixado. No famoso *Caldo da pedra*, descobrimos um padre, que graças à sua esperteza e capacidade de falar muito consegue enganar as pessoas que o recebem em casa para verem como ele prepara a sopa, tendo como ingrediente apenas uma pedra. Além de ser falador e de saber manipular as pessoas, vemos que tem mais um pecado - a gula, porque come sozinho o caldeirão inteiro cheio de diversos ingredientes que fizeram da sopa um sabroso manjar. Através desta personagem ambivalente, que tanto pode ser simpática como negativa criticam-se os mencionados defeitos do frade, como também a ingenuidade das pessoas em casa.

³⁷ In: Oliveira e Ferreira (1975).

Tendo abordado as primeiras duas classes sociais importantes: nobreza e o clero, compete-nos agora “descer“ ao povo para ver a diversidade de profissões que exerciam os seus representantes nas duas culturas e ver de que forma eles são qualificados e caracterizados nos dois imaginários populares. Nas narrativas curtas portuguesas e sérvias aparecem camponeses, lavradores, pastores, criados, pescadores, soldados e várias outras ocupações que eram comuns nos dois espaços culturais. No entanto, em Portugal podemos encontrar também estudantes, tendo em conta a longa tradição universitária em Coimbra, e na Sérvia, sabendo que os grandes centros da cultura e da alfabetização eram os mosteiros, não se pode encontrar a categoria de estudante no sentido moderno da palavra. Quase sempre se fala em “alunos“ ou “discípulos“, meninos que estudavam com os monges e que têm grande esperteza. Para a nossa surpresa em Tomić (1999) mencionam-se dois casos em que a personagem principal da narrativa é um estudante universitário. Podemos concluir que estas narrativas se integraram no corpus da literatura popular sérvia muito depois da Idade Média, por exemplo nos séculos XVIII e XIX, quando na Sérvia começaram a aparecer as primeiras universidades no sentido contemporâneo da palavra e quando muitos pais ricos começaram a enviar os filhos para o estrangeiro a estudarem nas faculdades.

No conto *O filho sábio (Mudri sin)* critica-se a arrogância do filho que tenta desvalorizar os conhecimentos práticos dos pais, querendo comprovar que três ovos que tinham em casa na realidade são oito, utilizando palavras pseudo-intelectuais e vazias de sentido. No fim da história cada um dos pais fica com os ovos da mesa e ele não lancha. O pai aconselha-o a comer os restantes "ovos" que a sua intelectualidade superficial inventou. O segundo caso é um conto com elementos cômicos que se chama *Ia comprando óculos para saber ler (Kupovao naočare da zna čitati)* em que um pai pobre manda o filho para longe a estudar e este quer saber porque tantas pessoas usam óculos. De um colega recebe a resposta que os inteligentes fazem assim para verem melhor o que lêem. O rapaz entra numa loja de óculos e experimenta vários, “dos que usam as pessoas inteligentes“ e não tem resultado, não consegue ler e até chega a virar o livro ao contrário até que o vendedor lhe diz que ele tem olhos saudáveis é que todos os óculos são bons, mas o que não funciona bem são as suas capacidades intelectuais.

Por outro lado, os estudantes portugueses por vezes são também figuras cômicas, que em chegando a casa durante as férias querem mostrar a sua inteligência aos pais não escolarizados, resultam ignorantes, ou então, nas situações reais na vida são enganados, porque o saber dos livros não os ajuda a preverem o comportamento das

peças. Tal é o caso dos três estudantes enganados pelo soldado numa estalagem que fica com o chouriço, apesar de eles terem feito bonitas odes ao lobo morto com tal de não pagarem o jantar.

Entre outras profissões podemos encontrar alfaiates, sapeteiros, mercadores e, no caso da literatura popular portuguesa, também navegadores, o que nos revela a importância deste ofício para a história de Portugal. Nos nossos contos aparecem guerreiros, o que por sua vez indica a frequente presença das guerras na Península Balcânica. Todas estas pessoas são importantes apenas para introduzirem a situação do conto: para descreverem as condições em que viviam os verdadeiros protagonistas da história: os seus filhos. Entre tanto, conseguimos vislumbrar algumas das suas características: todas estas pessoas são boas, honradas, trabalham duro para sustentar as famílias e preocupam-se com ensinar os filhos todos os valores e princípios morais em vigor naquela altura. Daqui vemos a posição importante do homem e o seu papel de trazer dinheiro para a casa, de ser o pilar da família e de a sua ausência de casa por motivos da viagem ou da guerra ser o motivo de aparecerem problemas e tentações para os filhos e filhas.

Entre as personagens negativas, o ladrão é chamado de ladrão sem eufemismos nem linguagem “politicamente correcta” para se ver que roubar não é um comportamento correcto e que todos os que roubam vão terminar mal no fim do conto. Em relação aos defeitos físicos e psicológicos, como também aos vícios humanos, em ambas as tradições aparecem qualificações como cego (*slepac*), coxo (*ćopavac*), tolo ou parvo (*glup*, *lud*, *benast*), preguiçoso (*lenjivac*), mentiroso (*lažov*), invejoso (*zavidljivac*). Isto deve-se ao facto de estas personagens serem estereotipadas e prototípicas, isto é reduzidas a apenas uma dimensão da personalidade humana. Claro está que todos os seres humanos reais são uma mistura mais ou menos equilibrada do positivo e do negativo, no entanto esta hiperbolização de determinados traços de carácter faz com que o leitor ou ouvinte dos contos contraponha esses elementos à virtude e ao caminho correcto, não desejando identificar-se com as pessoas que terminam enforcadas, expulsas da casa paterna ou do reino etc. O mesmo acontece no caso de se salientarem as virtudes humanas. Por tanto, um dos protagonistas do conto (geralmente o filho ou irmão mais novo) é caracterizado como bom (*dobar*), honesto (*pošten*), justo (*pravedan*) e a enumeração de características desejáveis e aprovadas pela comunidade poderia prolongar-se até ao infinito.

2.2. A visão do *Outro* do ponto de vista das pertenças culturais (étnicas e religiosas) nos imaginários populares sérvio e português

Escrevendo sobre as hierarquias sociais, era incontornável neste momento tocar um pouco na temática da diversidade étnica e religiosa existente na cultura sérvia num período da sua longa e complexa história. Ao contrário do que nos revelam os factos históricos, no imaginário popular sérvio, tudo o que se relacionava com os turcos era visto por um prisma muito negativo. O turco era símbolo e encarnação do mal, do terror, da injustiça e do abuso do poder. O sistema da organização social turco é visto como um feudalismo atrasado, que foi inventado apenas para se cobrarem elevados impostos dos pobres e para se manifestar o poder indiscutível de um soberano tirano. As razões para tal imagem do *Outro* vêm-se na impossibilidade dos sérvios de se conformarem com uma ocupação tão longa e cruel, na incapacidade de o povo sérvio se defender com armas adequadas durante muito tempo e no desejo de nos vingarmos do inimigo através da arte, da língua e da literatura popular. Alargando esta hipótese, dentro das personagens da etnia turca podem-se encontrar duas categorias: sultões e nobres, representados como opressores e injustos e pessoas mais comuns, ou que não pertenciam à alta nobreza, que produzem efeito cómico ou até ridículo por causa da sua ignorância ou falta de inteligência. Todas estas personagens no fim dos nossos contos tradicionais são vencidas de alguma maneira: castigadas, enganadas por um sérvio que é mais sábio. Concretamente, na narrativa popular *Ero*³⁸ e o *juíz turco* (*Ero i kadija*)³⁹ representa-se a arbitrariedade e subjectividade do poder turco em relação aos sérvios, porque quando Ero vem avisar o juíz turco sobre a morte da sua vaca por parte da vaca do juíz, o último responde com falta de interesse que gado é gado e que não há justiça para ele. Para testar o seu carácter e honestidade, Ero utiliza a sua esperteza e inverte a situação, dizendo que na realidade foi morta a vaca do juíz e que a culpa foi da vaca do pobre

³⁸ *Ero* é o nome popular para os habitantes da zona de Hertzegovina, território da actual Bósnia e Hertzegovina, e considera-se que eles são pessoas muito espertas e de espírito bastante aguçado, que sabem encontrar a resposta certa em qualquer situação. Por isso, nos contos populares de todos os territórios em que a língua sérvia é falada, eles são prototipos de inteligência e sabedoria condensada do povo, que resolvem os problemas em que se encontram com um grande sentido de humor e com facilidade. Nos títulos dos nossos contos populares nunca se vai encontrar a denominação “O sérvio e o turco” por exemplo, mas sim é frequente o uso do *Ero*, que deixa de ter o carácter local e regional e passa a ter características universais, típicas para todo o povo.

³⁹ *In*: (Karadžić, 1821).

camponês. É neste momento que o juiz turco procura uma solução no livro das leis e Ero impede-o buscar a lei para o gado, para o qual não há justiça. Sabemos que se trata do juiz turco, pela palavra da origem turca *kadija*, enquanto que, se se tratasse de um juiz da etnia sérvia, a palavra usada para o identificarmos seria *sudija*, derivada do verbo *suditi*, que significa julgar. Outro exemplo da superioridade intelectual sobre os representantes da cultura turca é o conto tradicional *Ero do outro mundo* (*Ero s onoga svijeta*)⁴⁰ em que Ero encontra uma mulher turca, contando-lhe que vem do outro mundo. Quando lhe pergunta por um familiar seu que acabava de morrer, ele fala das suas necessidades e menciona que precisa do tabaco e do dinheiro para enviar ao familiar morto da senhora para este não passar dificuldades. A senhora apiadou-se e deu-lhe dinheiro do saco do marido. O marido apercebeu-se do engano e correu detrás de Ero, que no entanto se disfarça de moleiro, e utilizando a sua esperteza encontra uma maneira para ficar também com o cavalo do turco, e ele confirma que foi enganado com a frase final do conto: “Ti si um poslala novaca da kupi kave i duvana, a ja sam um poslao i konja da ne ide pešice.”⁴¹

No que diz respeito às outras etnias e culturas que aparecem nas narrativas populares sérvias, é possível por vezes encontrarem-se ciganos, que estão representados de uma forma ambivalente, o que se vê muito bem na história sobre *O cigano e o rico-homem* (*Ciganin i vlastelin*): por um lado têm tendência de roubar e enganar os outros, e por outro lado são espertos e têm ideias lúcidas e por isso no fim ficam com os cavalos roubados e ninguém os castiga. Este conto, na nossa opinião serve mais para se mostrar a ingenuidade do rapaz rico, que a maldade dos ciganos. Após uma primeira leitura nossa deste conto, os representantes da etnia cigana pareceram-nos simpáticos enquanto que o rico-homem merecia ser enganado por falta de cautela e pelo desejo de ser servido pelos outros. Embora conheçamos o seguinte conto apenas nas versões orais, e não o tenhamos conseguido encontrar em nenhuma das antologias sérvias consultadas para esta dissertação, consideramos inevitável mencionar a história sobre a língua dos cavalos, na qual um soldado turco (e em outra versão austro-húngaro) faz comentários feios em relação à língua sérvia e comparando-a com a língua dos cavalos. Um monge ortodoxo, símbolo da cultura e sabedoria, que percebeu a língua do soldado, responde-lhe: “Quando os burros compreendiam a língua dos cavalos?”

⁴⁰ In: Kosijer (2007).

⁴¹ (sér) Tu enviaste-lhe o dinheiro para comprar café e tabaco e eu enviei-lhe também o cavalo para não ir a pé.

Nesta frase pode-se pensar que se trata de um discurso nacionalista contra o *Outro*, quando na realidade se pretende desprezar a ignorância e arrogância do opressor e de defender a nossa língua como um aspecto forte da cultura e identidade nacional. Não é por acaso que foram escolhidas precisamente estas duas profissões para os protagonistas, porque a personagem do soldado se relaciona com a força, violência e ocupação de um território e a personagem do monge é sinónimo da paz e da espiritualidade.

O imaginário colectivo do povo português oferece-nos uma ideia do *Outro* representado pelos Mouros e pessoas da raça negra, geralmente bastante negativa. Como já foi dito no caso dos reis mouros, eles são símbolos da opressão, egoísmo e diversos outros defeitos e características não desejáveis e sempre são opostos aos cristãos e vencidos por eles no fim da história. Sobre a importância da presença árabe na Península Ibérica testemunha também o facto de só na antologia de José Leite de Vasconcellos (1969) existe um ciclo inteiro dedicado aos mouros, que abrange setenta e três narrativas com esta temática. As lendas portuguesas celebram as vitórias dos reis cristãos, descrevem batalhas gloriosas em que o inimigo é vencido, e descrevem os seus rivais como pessoas que mereciam ser expulsas do país. Nestas lutas muitas vezes menciona-se a ajuda de Deus, da Virgem Maria ou algum santo cristão, para se salientar a verdade da fé cristã em relação à muçulmana. Algumas destas lendas são *A expulsão dos Moiros, São Martinho* etc.

Por outro lado, para se mostrar que a imagem do *Outro* no caso dos Mouros nem sempre é apenas negativa, podemos utilizar os exemplos *Os dois Moirinhos*, que trata de um caso de dois jovens, eternos namorados, que aparecem nas noites de lua cheia nos seus trajés tradicionais. Até o sufixo -inhos na designação dos protagonistas sugere uma atitude quase carinhosa do narrador popular com os dois jovens amantes. Existem também muitas lendas dos mouros e mouras encantados, presos nos seus castelos, apaixonados por cristãos a sofrerem pelos amores impossíveis. Tendo analisado uma série de contos com estes protagonistas podemos ver que eles também intrigam a imaginação dos leitores, atribuem-se-lhes características misteriosas, por vezes uma extraordinária beleza física, por vezes poderes mágicos, que por um lado provocam medo e por outro interesse e tentação.

No que se refere aos representantes da raça negra, eles na maioria dos casos são tratados por *preto*, para se aludir à cor da sua pele e a sua visão é sempre longe das virtudes e comportamentos desejáveis na sociedade: são feios, relacionados com a

magia negra, pessoas capazes de enganar os outros sem remorsos. No mito sobre o surgimento desta raça, *Por que há pretos e brancos*⁴² fala-se quase da condenação dos pretos por Cristo. Aqueles que o seguiram e nadaram detrás dele no rio, perderam a sua cor primitiva, e os outros, que ficaram na margem, foram qualificados como menos corajosos. Aqui a cor negra identifica-se com o pecado. De forma nenhuma pensamos que aqui haja declarações explícitas de racismo, porque consideramos que todas as culturas têm a sua forma de ver o mundo e de dar os seus padrões do bem e do mal. Também devemos recordar que os portugueses eram colonizadores de grandes territórios e para justificarem as suas conquistas do Além-Mar deviam-se apresentar como superiores em relação aos conquistados. Foram os portugueses que divulgaram a sua língua, cultura e fé Católica Romana pelo espaço cultural dos negros, alfabetizaram-nos, e utilizando o discurso das pessoas importantes da época da Expansão Portuguesa, “civilizaram-nos” e eis o motivo para um certo orgulho e atitude superior em relação aos subordinados. Uma das possíveis razões para tal atitude dos brancos em comparação com os negros é a de todos os preconceitos e ideias petrificadas provêm de falta de informação e genuíno interesse pelo *Outro* por parte das maiorias não alfabetizadas, que ouviam os contos tradicionais. É de conhecimento geral que o desconhecido pode assustar as pessoas, criar neles um sentimento de confusão ou desconforto, o que na nossa opinião é exactamente o caso com as pessoas negras nos contos tradicionais portugueses. A maioria das pessoas de cor vieram a Portugal da África, sendo escravos e trazendo consigo os seus costumes e crenças, que no meio cultural europeu pode causar estranheza, ideias superficiais e juízos de valor precipitados. Outro grupo numeroso e importante na história de Portugal, sem dúvida alguma são os judeus, e durante esta investigação interessava-nos muito qual seria a posição dos narradores dos contos populares em relação a eles. Sempre se lhes dirige como a “pretos” e nunca como a negros. Este termo hoje em dia provoca muitas polémicas e que parece ser politicamente incorrecto, era o único na altura em que os contos populares sobre a raça negra surgiram. Para a nossa surpresa, nas cinco antologias usadas para a constituição do *corpus* para esta dissertação⁴³ não nos foi possível encontrar um único conto cujos protagonistas fossem da origem judaica. As razões para esta atitude podem ser diversas: a comunidade judaica foi sempre isolada da sociedade e por isso se calhar era difícil

⁴² *In*: Leite de Vasconcellos (1965).

⁴³ As antologias são de Adolfo Coelho, Consiglieri Pedroso, José Leite de Vasconcellos, Carlos de Oliveira e José Gomes Ferreira e Alda da Silva Soromenho.

criarem-se pontos de vista sobre eles na sociedade portuguesa. Por outro lado, sendo eles intérpretes, tradutores, comerciantes e pessoas ligadas ao mundo financeiro, ou em outras palavras, pessoas úteis para o progresso económico de Portugal, não convinha ter-se uma imagem extremamente negativa deles na mente das pessoas. A última hipótese que aqui expomos para a falta da visão dos judeus no imaginário popular é a de eles não imporem a sua religião, língua ou modo de viver a ninguém e não representarem um elemento “perigoso” para a maioria cristã.

2.3. A posição do homem na família sérvia e portuguesa e as suas manifestações nas narrativas populares

Embora a frase que a família é a célula básica da sociedade seja tão conhecida e usada que já se tornou um cliché, a instituição familiar persiste ao longo dos séculos em todas as culturas e por isso merece uma atenção especial nesta dissertação. No entanto, começámos a nossa observação da posição do homem na sociedade, desejando analisar primeiro as hierarquias maiores para depois vermos qual é o seu papel numa organização menor, mas não menos importante. Tendo comparado os papéis e a função do homem nas estruturas sociais, vimo-lo dentro da esfera do público, e neste capítulo concentrar-nos-emos mais no domínio privado, embora por veze seja complicado distinguir completamente estes dois níveis. No plano familiar é também inevitável abordar o tema do patriarcado, que foi mencionado acima. Neste contexto analisaremos a situação na família sérvia e portuguesa para chegarmos à conclusão sobre como esta componente da realidade se manifesta na literatura popular.

Abordaremos também a questão da idade, que está interligada com a maturidade, respeito e dignidade das pessoas. Neste capítulo ver-se-á que a autoridade paterna é muito importante, mas que nos contos que têm por tema o mau comportamento da madrasta com os enteados, a figura do pai é quase invisível, fraca, e capaz de fazer todas as vontades à esposa e não se importa muito com o sofrimento dos filhos, deixando-os por vezes sós num bosque a passarem fome e frio. Nas narrativas curtas de ambas as tradições analisaremos as relações entre irmãos, tios e sobrinhos, porque, por exemplo, nos contos sérvios é frequente que o tio tenha muita inveja do filho do seu irmão.

E, embora não façam parte da família, um lugar destacável nesta parte da investigação ocupá-lo-ão os compadres e os vizinhos, que indirectamente guardam alguma relação com um casal e os seus descendentes. Antes disso, devemos dar algumas das possíveis definições do conceito da família e analisar as suas funções na sociedade e na educação das novas gerações para podermos deduzir qual é o modelo da família que se propaga nas narrativas tradicionais. Ruth Nanda Anshen (1970) vê a família como uma sustancialidade imediata na mente humana, um vínculo sagrado, instituição na qual se manifestam a essência da ética e da moral. Depois duma visão tão sublime da família e das suas funções, concluímos que a sua importância é fundamental para o desenvolvimento correcto das pessoas. Na opinião de Mary Douglas (1964) a formação da família está na sua natureza biológica e social. Quando se fala no carácter biológico da família, deve-se salientar uma característica incontornável para uma comunidade seja considerada como tal: a consanguineidade, isto é, entre os seus membros é preciso existir o vínculo de sangue. Para continuar nesta linha de pensamento, no processo da criação da família não podemos escapar a falar sobre o casamento, que todas as culturas e religiões propagam e apoiam, como base de uma família normal, saudável e garantia da segurança emocional dos seus membros. Na opinião de muitos investigadores o matrimónio surgiu da necessidade de se regular e sancionar o comportamento sexual libertino e de se apoiar a castidade até ao início da vida marital.

Entre os teóricos da família (Arribas 2002; Benedict 1989; Augé 1975) usa-se a seguinte terminologia para se determinarem os dois tipos mais frequentes desta instituição: a família nuclear (em sérvio *inokosna porodica*), que abrange apenas o pai, a mãe e os filhos, e família ampliada ou extensa. Vlahović (1999) para a família extensa utiliza o termo *família no sentido mais lato*. Os membros deste tipo de família são os avós, os tios e tias etc. Além da consanguineidade, outro factor importante para ser um dos denominadores comuns da família como tal é o facto de os seus membros viverem no mesmo espaço e sob o mesmo tecto. Por isso, não é de estranhar que os etnógrafos conhecidos sérvios frequentemente empregavam o termo *casa (kuća)* para se referirem a uma família. Na Sérvia e em Portugal antigos era muito comum várias gerações viverem juntas, sobretudo no ambiente rural, o que facilitava em grande medida a divisão dos trabalhos e tarefas domésticas, uma vez que o agrupamento familiar tinha por trás também o factor económico. O papel das figuras masculinas era notável no processo de desenvolvimento e manutenção da família, porque o homem

devia proporcionar os bens necessários para a sua esposa e filhos viverem dignamente e sem passarem dificuldades. No entanto, para ajudarem a prosperidade da família, as mulheres e crianças tinham as suas tarefas e deveres e todos eram integrados desde cedo na comunidade.

Nas famílias sérvias que abrangiam várias gerações de pessoas na mesma casa, escolhia-se um “chefe” (*starešina*), que não necessariamente era o homem mais velho na família. Se o factor da idade não era decisivo para a sua autoridade em casa, o que se tomava em consideração eram a sua inteligência, experiência de vida, reputação etc. As características que, de acordo com Petar Vlahović (1999), deveria possuir um bom pai da família eram a religiosidade, capacidade de fazer trabalhos úteis para a comunidade, a sua hospitalidade e desejo de proteger a família e os seus convidados. Marjanović e Popović (2004) acrescentam que um “chefe” da comunidade familiar numerosa deveria ter uma grande independência económica. A vida privada do indivíduo numa comunidade assim era em grande medida dependente de vários factores, controlada pelos membros mais velhos e mais experientes, os irmãos mais velhos tinham a obrigação de ajudar os mais novos na integração na família e na educação, as decisões importantes para o bem-estar de todos foram tomadas em conjunto, sabia-se um ordem e hierarquia que se espalhava por todos os segmentos da vida privada. Os homens dirigiam a saudação e as mulheres respondiam, os mais novos falavam apenas quando tinham a autorização dos seus superiores pela idade. Os mais novos tinham a obrigação de cumprimentar primeiros aos mais velhos, de se levantarem quando alguém superior a eles entrava em casa etc. Pelo que vemos, numa família tradicional predominava o sentimento da pertença a um colectivo, enquanto a individualidade foi bastante suprimida.

No entanto, isto não quer dizer que o indivíduo não dispunha de direitos e liberdades nenhuma. Eles existiam e manifestavam-se, só que deviam enquadrar-se bem dentro dos padrões e normas pré-estabelecidas. Este modelo da família não era dominante apenas na Sérvia, mas também em Portugal. Robert Rowland⁴⁴ pensa que a família portuguesa se constitui à volta de dois polos opostos: a tradicionalidade onde os pais tinham mais autoridade sobre os filhos, podendo escolher os seus parceiros ideais para casamento, e a modernidade, na qual os filhos têm cada vez mais autonomia e liberdade e cada vez menos deveres e responsabilidades. Desta forma de definir a

⁴⁴ In: Letria (1999).

dicotomia que surgiu na evolução da família, podemos chegar à ideia de que um dos papéis principais da literatura tradicional é efectivamente o de traçar modelos de comportamento desejáveis e aceitáveis na sociedade: a obediência e submissão dos mais novos, a supressão de qualquer tipo de rebeldia ou falta de respeito pelos pais, a noção de que qualquer membro da família ocupa um lugar na hierarquia etc.

Segundo Vladimirov (2005), o fundamento do amor filial é o de recordar e respeitar sempre os pais. O mesmo autor, no entanto, também defende a ideia de que não há pior desgraça que a família onde os filhos não conseguem tirar nenhum exemplo ou ensinamento da vida dos pais. Isto é, embora estas duas afirmações possam parecer opostas, o que no fundo se deseja salientar é que os filhos não são escravos e não devem seguir cegamente o modelo de comportamento dos pais se nele não encontram alguma virtude ou característica positiva. Focalizemo-nos agora nos exemplos concretos do âmbito familiar representado nas narrativas curtas da tradição oral sérvia e portuguesa. Os avôs, se são mencionados, são símbolos de sabedoria, experiência e os seus conselhos e ensinamentos são sempre úteis para os mais novos. Concretamente, no conto popular sérvio *O avô e os netos (deda i unuci)* a figura do avô é importante para ajudar os netos a obterem a resposta correcta sobre a relação entre o saber e a modéstia, através do exemplo do trigo na ceifa. Na literatura tradicional portuguesa não se presta muita atenção à personagem do avô dentro da família, o que não significa que a literatura oral portuguesa desvalorize os idosos. Quando aparece um ancião num dos contos portugueses, ele é símbolo das mesmas virtudes com as quais se caracterizam os mais velhos na cultura popular sérvia. Por vezes, os idosos assomem a figura do sábio, do mago ou de um dos santos populares e por isso vemos que o período da velhice ocupa um lugar importante nas duas tradições aqui analisadas. No entanto, pelo número de vezes em que ela aparece nos contos populares das culturas sérvia e portuguesa, vemos que se dá mais importância à figura do pai. Sobre este assunto já foi falado anteriormente no contexto do patriarcado, e neste momento é conveniente abordar esta questão com mais pormenor.

Nas duas tradições o pai é uma personagem imponente, cujas decisões não se discutem, mas que apesar do seu rigor, é piadoso, sabe perdoar e compreender os defeitos dos filhos, quando eles se arrependem e pedem perdão. O curioso é que no modelo dos contos onde a protagonista é a má madrasta, o pai já começa a perder estas características positivas, para desta forma se salientarem ainda mais as malfeitorias da sua esposa. Para ilustrarmos a visão da figura paterna nas duas culturas em questão,

daremos apenas alguns exemplos, onde se mostra bem a sua importância dentro da família. Já mencionámos a supremacia do pai sobre o filho no seu encontro com São Sava e para a confirmarmos outra vez, utilizaremos o conto popular sérvio *O imploro do pai (Očina zakletva)*,⁴⁵ onde o pai, na hora da sua morte pede para os filhos jurarem que dariam a sua irmã em casamento ao primeiro pretendente que vier pedi-la. Quando o noivo da irmã era um ancião, os seus primeiros dois filhos não quiseram cumprir a palavra e o filho mais novo deu-lhe logo a sua irmã por esposa, e por ter respeitado a última vontade do pai, no fim do conto fica feliz e os seus irmãos, por falta de obediência, acabaram mal. A tradição sérvia oferece inúmeros exemplos destes na sua literatura popular para ensinar os mais jovens que a falta de respeito pelo pai é um pecado muito grave. No conto *Não se pode agradar ao mundo (Svijetu se ne može ugoditi)*, mesmo quando o pai se deixa levar pelos conselhos das outras pessoas sobre quem é que deve montar o burro e quem deve ir a pé, tem uma autoridade indiscutível. Mesmo nesta situação cômica, faz-se sempre o que ele diz, e o filho obedece sem protestar.

Nos contos portugueses, a autoridade paterna é também bastante visível porque o pai é quem autoriza as viagens dos filhos, quer para aprenderem um ofício, quer para salvarem a irmã, quer para conhecerem outras terras. Não cumprir um desejo seu significa ser castigado no fim do conto. Na narrativa popular portuguesa *Os quarenta amigos*,⁴⁶ o pai antes de morrer deixa ao filho mais velho toda a sua riqueza material e ao mais novo os seus quarenta amigos, mostrando assim a sua justeza, porque sabia que o primeiro filho era materialista e o segundo saberia aproveitar bem o tesouro que é a amizade. Os pais em todos os contos populares, seja sérvios, seja portugueses estimam o/a filho/a mais novo/a, reconhecendo nele /a todas as qualidades que uma pessoa boa deve ter. Nas duas culturas o pai é por vezes uma figura ausente, por motivos de guerra, viagens, comércio etc. Mesmo assim, antes de partir, dá conselhos à família, esperando encontrar tudo em ordem quando regressar. No conto *A Menina Fina*⁴⁷ o pai recomenda às três filhas para lhe devolverem o ramo de flores fresco, isto é para cuidarem da sua virgindade e zanga-se com as duas filhas mais velhas por não o terem obedecido, ficando contente por a sua filha preferida ter mantido a sua finura. Esta preferência que o pai tem por um dos seus filhos nos contos e frequentemente o motivo da inveja entre

⁴⁵ In: *idem*

⁴⁶ In: Oliveira e Ferreira (1975).

⁴⁷ In: *idem*

os filhos, não é escondida pelo pai, tentando-se demonstrar quais são as características desejáveis no comportamento dos filhos.

Como conseguimos ver, os pais nas duas tradições populares têm as mesmas virtudes, tendências e características e são criticados pelos mesmos pecados, (nomeadamente tentativa de incesto) como é o caso do pai que deseja casar com a própria filha no conto sérvio *A filha do czar ovelha* (*Careva kći ovca*) e na narrativa portuguesa *A filha que não queria casar com o pai*. Daqui podemos confirmar a conclusão de Vladimir Propp (1983), que as funções das personagens não dependem do contexto cultural. Prosseguindo, vemos que ambas as tradições populares salientam a grande importância da personalidade paterna no funcionamento normal da família. De acordo com Celeste Malpique (1990), a presença do pai na vida dos filhos é fundamental por causa da identificação dos filhos-homens com ele, para a dinâmica familiar, para o ensinamento de valores morais etc. E os pais, nos contos populares são pilares das famílias correctamente desenvolvidas. Terminando de falar dos pais, passamos a analisar os filhos e irmãos representados nas narrativas tradicionais sérvias e portuguesas. Decidimos relacionar os filhos e os irmãos por várias razões: para comprovarmos se o seu número na família influencia ou não o seu comportamento em relação aos pais e outros irmãos, se o género dos filhos é ou não importante para a relação entre eles. De acordo com Propp (1983), a tradição popular distingue dois modelos existentes na família: um onde o número de filhos é dois e o outro, que corresponde a um número ímpar, geralmente três. Este facto é importante porque no caso de dois filhos ou irmãos se manifesta uma polaridade muito visível, isto é, o primeiro é sempre mau, invejoso, preguiçoso, não obedece a vontade do pai, não cumpre com as tarefas que lhe são dadas e o mais novo é o polo oposto e no seu carácter notam-se todas as virtudes e características positivas. Utilizando a terminologia da psicologia junguiana, podemos pensar que no caso de gémeos ou irmãos completamente diferente se trata da polaridade entre o *Ego* e a *Sombra*, isto é entre a personalidade humana e o seu lado negativo, que se manifesta em maior ou menor medida em cada um de nós. Segundo Samardžija (2005), as personagens do conto dividem-se em positivas e negativas, activas e passivas e as negativas são aquelas que não cumprem a palavra dada, não respeitam Deus, os santos, os pais, que desejam revoltar-se contra a moral patriarcal. Esta última característica é muito evidente no conto sérvio *O Fado* (*Usud*⁴⁸),

⁴⁸ In: Karadžić (2007).

onde o irmão trabalhador quer a sua parte da herança porque não consegue suportar e sustentar o irmão preguiçoso. Apesar de o trabalho se considerar uma característica positiva, e a preguiça um vício, o primeiro irmão tem de sofrer muito, enquanto o segundo, que é preguiçoso, mas que diz que os dois estão bem na mesma casa no fim do conto fica feliz com a sua sobrinha Milica. Embora possa parecer que o vício ficou premiado, o que se deseja salientar é que ninguém, por indivíduo forte que seja, tem direito de perturbar a ordem pré-estabelecida de uma família antiga e bem-hierarquizada, onde cada membro, mesmo com os seus defeitos tem o seu lugar. Enquanto que nos contos portugueses analisados para esta dissertação esta estrutura bipolar é seguida sempre, nos contos sérvios existem, como vimos, algumas pequenas exceções.

O segundo conto que chamou a nossa atenção é o dos *Irmãos gratos* (*Blagorodna braća*), em que o irmão mais novo pede a sua parte da herança, gasta-a com más mulheres e companheiros duvidosos e no fim do conto é perdoado pelo seu irmão mais velho. Pela estrutura, temática e motivos, esta história lembra-nos do *Filho Pródigo* da *Bíblia Sagrada*, só que na nossa versão quem perdoa não é o pai, mas sim o irmão prejudicado, que de forma simples e cheia de ternura ensina que não obstante a grandeza do pecado, o amor fraternal deve sobrepor-se e oferecer o perdão. Numa narrativa portuguesa, também é violada esta regra da dualidade e oposição entre irmãos: *Os dois mentirosos*,⁴⁹ na qual ambos os irmãos têm o mesmo vício: a tendência de mentir e complementam-se e trabalham em conjunto, indo de aldeia a aldeia, um a dizer “profecias” e o outro a confirmar os acontecimentos. E no fim ficam ricos, graças à sua esperteza.

Nos contos em que o número dos protagonistas é três, o primeiro serve para introduzir a acção e descrever a que tinha de passar, o filho ou irmão no meio geralmente repete o mesmo erro do seu irmão mais velho e o mais novo, que é o verdadeiro herói da história, está para demonstrar que com a virtude e inteligência é possível cumprir todas as tarefas difíceis, e a seguir da primeira prova realizada com sucesso, consegue ultrapassar mais duas dificuldades, cada vez maiores, e como recompensa ganha algum prémio (fica rico, torna-se rei ou seu genro). A personagem do filho ou irmão no meio não tem grande interesse para o leitor ou ouvinte do conto e, na nossa opinião, a sua existência na estrutura da história é importante apenas para

⁴⁹ In: Oliveira e Ferreira (1975).

captar a atenção do público e para o obrigar a ler ou ouvir até ao fim, onde o espera a grande vitória do herói principal. Samardžija (2005), destaca que os primeiros dois filhos ou irmãos são sempre desobedientes, impotentes e maus, enquanto que o terceiro é o verdadeiro portador da acção que fica salvo do fim trágico e desfruta da felicidade. Quando numa família existem filhos e filhas, os rapazes são defensores das irmãs, cuidam delas, e nenhum dos irmãos mostra inveja ou má atitude em relação a elas, se bem que o salvador da honra da irmã ou aquele que ela mais ama é sempre o mais novo.

A personagem do sogro aparece apenas em dois contos da tradição popular sérvia, enquanto que nos contos portugueses este membro da família não tem importância para ser mencionado. Na nossa cultura é importante salientar a dificuldade de a nora se integrar na nova família, que é o tema que será abordado com mais pormenor no capítulo dedicado à mulher. No conto *O sogro e a nora (Svekar i snaha)*⁵⁰ destaca-se a capacidade de a nora responder sempre bem às provocações do sogro, que por um lado pode ser interpretado como sua falta de respeito em relação ao membro da família superior a ela, e por outro a sua grande perspicácia e capacidade de se defender, apontando assim para a sua dignidade e impossibilidade de ser manipulada por ninguém na família.

Um outro protagonista prototípico das narrativas tradicionais é o genro e nestes contos mostra-se a sua dificuldade de se integrar na família, sempre através da hostilidade com a sogra. No entanto, nas duas culturas populares essa relação é interpretada como uma brincadeira, mais do que uma verdadeira rivalidade, enquanto que, tratando-se da sogra e da nora podemos encontrar insultos e maus tratos físicos por parte da sogra, do que se falará mais no capítulo reservado para as mulheres.

O estatuto do viúvo é explorado de várias maneiras, sobretudo nos casos em que se introduz a personagem da madrasta, o que também será melhor analisado quando falarmos da posição da mulher nos contos populares. O que é parecido nas duas culturas é que o homem viúvo não lamenta muito a morte da sua esposa e depois de pouco tempo volta a casar-se, e a sua atitude é aprovada pelas pessoas que o rodeiam. Quando se casa de novo, fá-lo por razões práticas, geralmente para ter alguém que cuidasse dos seus filhos do primeiro casamento, enquanto que em momento nenhum se menciona amor, paixão ou qualquer outro sentimento em relação à nova esposa. Outra razão pela qual o viúvo se decide a um novo casamento é o de ter uma companheira que tratasse

⁵⁰ In: Tomić (1999).

dele e das suas necessidades do dia-a-dia. No conto cómico sérvio *O viúvo ingenioso (Dosjetljivi udovac)*⁵¹ o pai viúvo deseja-se casar de novo, o que é mal recebido pelos filhos, que chamam a atenção para o facto da sua idade, pensando tal vez que o casamento não seria o acto mais conveniente e que podia provocar uma reacção negativa das outras pessoas que o rodeiam. O sogro pede às suas três noras para tomarem conta dele. Na presença dos maridos elas fingem que tratam bem do senhor, quando na realidade nem sequer entram no seu quarto. O engenho do viúvo nota-se quando inventa que lhe desapareceram trezentos ducados de ouro, para revelar aos filhos que as noras não são boas para se preocuparem com ele. A verdade é que nenhuma delas roubou o dinheiro porque nem sequer entrou ver o sogro durante um determinado número de dias, e finalmente é-lhe permitido o novo casamento. Os viúvos nos contos tradicionais portugueses estão mais ligados ao contexto da introdução da madrasta na família e muitas vezes não se casam por vontade própria, mas sendo incentivados pela filha que gosta muito da mestra viúva que lhe dá bolinhos de mel.

Finalmente, para concluirmos esta unidade sobre a posição dos homens na família, teremos de abordar mais duas categorias, que não pertencem ao meio familiar, mas sim estão relacionados com os seus membros: os padrinhos e os amigos. De acordo com as regras da Igreja Ortodoxa um padrinho não pode ter nenhum laço sanguíneo com o seu afilhado, considerando-se esta relação um tipo de parentesco espiritual. Na Igreja Católica Romana é possível encontrarem-se casos de parentesco entre padrinhos e afilhados, e como justificação para este facto cita-se frequentemente a proximidade entre São João Baptista e Cristo, cujas mães eram parentes. Tendo em conta estes factores, veremos que nas duas culturas em questão o padrinho ocupa um lugar importante e desfruta de um grande respeito. Por isso na tradição sérvia existem provérbios que dizem "Deus no Céu - padrinho na Terra" e "O padrinho não é botão". Para Vlahović (1999), a maldição por parte do padrinho é pior que a dos próprios pais. A nossa cultura propaga a ideia que enganar o padrinho é um pecado grave, o que se vê bem no mito *Como surgiu a tartaruga (Kako je postala kornjača)*⁵² no qual um compadre esconde um pão redondo e uma galinha assada e tapa-as com um recipiente de metal para o outro compadre não comer, e quando o hóspede saiu, o recipiente tornou-se em tartaruga, e deste modo nem o compadre mau conseguiu almoçar. Um outro exemplo que demonstra que roubar, e sobretudo do padrinho é um pecado difícil de

⁵¹ In: *idem*

⁵² In: Tomić (1999).

se perdoar é *O vitelo do padrinho (Kumovo tele)*, em que o afilhado decide roubar um vitelo do seu padrinho e prepará-lo para o almoço. Apesar das advertências do pai que a ideia não é boa, que é grave ofender o padrinho de semelhante forma, o filho continuou a teimar. Em secreto o pai foi a casa do padrinho e pagou-lhe o valor do vitelo. Ao almoço, o filho não conseguia estar quieto nem comer bem, tendo remorsos e assustando-se por cada som, enquanto que o pai comeu tranquilamente, tendo as contas claras com o padrinho. Nos contos originários das duas tradições populares a relação padrinho-afilhado é representada como ambivalente, isto é, que varia entre o sagrado e o banal. Nas narrativas portuguesas, quando um homem tem tantos filhos que ninguém na freguesia se oferece para baptizar o último recém-nascido, é frequente pedir-se ajuda de um santo popular, geralmente Santo António ou São Pedro. Estes dois santos não foram escolhidos por acaso, uma vez que Santo António é importante para a criação da identidade nacional de Portugal e São Pedro está relacionado com Roma, a sede da Igreja Católica. Estes dois padrinhos são responsáveis, símbolos da verdadeira fé cristã, sempre disponíveis para vaelrem os afilhados na desgraça. Curiosamente, a língua portuguesa tem duas palavras para designar a relação do compadrio: *padrinho* e *compadre*. Quando se usa o vocábulo padrinho, remete-se para uma relação sagrada e digna de respeito, e quando se trata de compadre, esconde-se detrás uma relação um pouco mesquinha, com inveja, desejo de enganar o outro e de usufruir de algum seu bem. A tradição portuguesa fornece-nos um exemplo na história *O compadre rico e o compadre pobre*, onde o primeiro é avarento, não se importa com a miséria do seu próximo e trata-o de forma rude, enquanto o segundo usa toda a sua esperteza para o enganar e roubar-lhe a comida. Na língua sérvia o termo que abrange os compadres e padrinhos é *kum*, o que por vezes nos dificultava a compreensão do contexto e a tradução correcta do termo para português.

Por último optamos por uma análise contrastiva dos amigos nas duas tradições orais. Embora não tenham nada a ver com a família no sentido restricto da palavra, os amigos merecem a devida atenção nesta dissertação porque em ambas as literaturas populares que observamos o lugar do amigo é igual ao do irmão. Para darmos um exemplo, na narrativa sérvia *Vlatko e os mortos (Vlatko i mrtvi*⁵³), o protagonista parte uma maçã exactamente à metade e dá uma parte ao seu companheiro de viagem, que se torna seu amigo incondicional, aconselha-o, salva-o das desgraças etc.

⁵³ In: Milošević-Đorđević (2004).

Em Portugal temos o exemplo de *Os dois Pedrinhos*,⁵⁴ o caso de um príncipe e filho de um sapateiro, que nasceram na mesma noite e que foram criados juntos e nas mesmas condições, para se comprovar que o destino ilustrado na mesma hora de nascimento e a origem diferente não podem influenciar radicalmente na vida das pessoas e impedir que os dois rapazes se amem como irmãos.

Embora tenham o mesmo nome, o sufixo -inho em Pedrinho, quando se trata do filho do sapateiro, sugere tal vez a sua posição mais baixa devida ao seu nascimento numa família humilde. Outra hipótese de interpretar o seu nome é a forma carinhosa em que o jovem príncipe trata ao seu amigo. Pedrinho é capaz de salvar o irmão de todas as desgraças que se põem no seu caminho e de tornar-se pedra para impedir a morte do filho do rei e este, como sinal de gratidão não hesita em sacrificar os próprios filhos para com o seu sangue ressuscitar o seu amigo incondicional e irmão do coração. Pelo que conseguimos concluir, as culturas sérvia e portuguesa valorizam muito a amizade e igualam-na a um laço consanguíneo, o que tem um significado educativo sobre o carácter e a natureza da verdadeira amizade na qual não deve haver qualquer tipo de falsidade ou interesses ruins.

2.4 O homem no Cristianismo: as virtudes propagadas nos contos tradicionais, a visão de Cristo e dos santos populares nas tradições sérvia e portuguesa

Este pequeno capítulo terá por finalidade dar uma breve comparação da ideia do homem no cristianismo nas suas duas vertentes mais importantes (o Católico Romano e o Ortodoxo). Ver-se-á até que ponto a imagem das virtudes humanas coincide nas culturas portuguesa e sérvia e em que medida diferem os nossos dois imaginários populares. Estas diferenças salientam-se sobretudo nas características que os povos atribuem a Cristo e aos santos populares. Também, através dos contos discutir-se-á a importância de Santo António em Portugal e São Sava na Sérvia e os seus contributos para a identidade nacional, do que já foi falado em breve nas primeiras partes da nossa análise. Observar-se-á a supremacia do género masculino propagada pelo cristianismo e tentar-se-á tomar uma posição sobre este assunto. Quem olhar superficialmente para a

⁵⁴ In: Coelho (1985). Foram consultadas também as variantes deste conto *Pedro e Pedrinho* e *Pedro e o príncipe*, que se diferenciam deste conto apenas em pormenores.

Bíblia, poderá pensar que no Cristianismo o homem é extremamente dominante e que a mulher é desvalorizada, por ser culpada para o pecado original. Também, poder-se-ia pensar que a posição do homem é propositadamente superior à da mulher. No entanto, no livro Génesis menciona-se que não é bom o homem estar só e que é preciso fazer-se-lhe uma auxiliar que lhe seja semelhante. Em momento nenhum são usadas as palavras "escrava", ou "criada" para se referirem a ela e por tanto, nesta primeira parte não há desvalorização propositada da mulher nem glorificação do homem. Pelo contrário, se ela foi feita da costela do homem, se é "o osso dos seus ossos e carne da sua carne" significa que o homem deve amar e respeitar a mulher como parte do seu próprio corpo, porque ninguém é capaz de magoar propositadamente a sua carne. Em relação à culpa do pecado original, nas palavras do padre ortodoxo Serafim Rouz,⁵⁵ ela é tanto de Eva como de Adão, uma vez que não responderam correctamente aos convites indirectos de Deus para se arrependerem. Adão não assumiu a sua parte da responsabilidade e culpou a mulher que Deus lhe deu, e Eva recriminou a serpente. Como nenhum dos dois aceitou que foi o próprio desejo que os levou a infringirem a única regra no paraíso: a de não comerem do fruto proibido, a culpa é de ambos. Por falta de arrependimento, os dois foram expulsos do Céu, sendo a maldição de Eva a de parir com dores e a de Adão de ganhar o seu pão de cada dia com o suor do seu rosto. Se também foi dito que a vontade da mulher ficaria sob a do marido, aqui podemos divisar alguns traços da mentalidade patriarcal sobre a qual já se falou acima. Neste sistema de valores uma figura masculina é vista como pai de família, guia do povo, tanto no sentido laico, como no religioso, e nos vemos estas ideias como positivas e pensamos que a presença do homem é fundamental em determinados segmentos da vida.

Não podemos observar o princípio masculino como algo completa e radicalmente oposto ao princípio feminino, e preferimos optar por eles como duas componentes importantes do mundo que foram feitas diferentes para se complementarem. No Antigo Testamento a posição da mulher é um pouco mais difícil, porque aos reis é permitido terem concubinas, a lei de Moisés permitia divórcio etc, e seria possível ter a ideia da supremacia do género masculino. No Novo Testamento, o ideal do homem é o próprio Cristo e o da mulher e a sua mãe Virgem Maria. Por isso, tanto o homem, como a mulher devem praticar a virtude, tentar aproximar-se na maior medida possível a Deus,

⁵⁵ www.esnips.com/.../Serafim-Rouz---ČOVJEKOV-PAD O texto do padre Serafim Rouz, traduzido para português, chama-se *A queda do homem*. Foi consultado por última vez no dia 19 de Junho de 2009, às 19:32

sacrificando-se para os outros e aperfeiçoando cada vez mais a sua vida. No Cristianismo, nas suas duas variantes mais importantes existem numerosos exemplos de homens e mulheres santos, missionários ou mártires que demonstram que para Deus os dois géneros são igual de importantes. Olhando apenas para os aspectos formais da religião cristã, alguém se poderia perguntar por que não há mulheres Apóstolos, sem saber que as línguas eslavas possuem também uma forma feminina para se referir a mulheres que espalharam a palavra de Cristo pelo mundo. Trata-se do adjectivo *ravnoapostolna*, que literalmente significa igual aos Apóstolos. Embora este capítulo devesse dedicar-se apenas ao papel do homem dentro do Cristianismo, na sua elaboração encontramos com dificuldades de separar o masculino do feminino, porque tentamos demonstrar que não existe Mesmo na famosa frase bíblica que diz que o homem é a cabeça da mulher, não encontramos traços de machismo, porque as pessoas que interpretam mal esta ideia frequentemente esquecem a segunda parte da frase "como Cristo é a cabeça da Igreja". Tal como Cristo era capaz de sacrificar a sua vida pela sua Igreja, o homem deve amar a sua mulher até se sacrificar por ela. Nos casos em que o papel do homem se poderia interpretar como superior devemos saber o contexto em que essa imagem foi criada e consultar as interpretações oficiais dos santos padres de ambas as versões do cristianismo que neste momento nos interessam, a Católica Romana e a Ortodoxa.

Para Maria Julieta Mendes Dias (2003), nos primeiros tempos da existência da Igreja cristã, o papel do homem não era tão visível como o da mulher, sendo as mulheres as únicas testemunhas da morte e enterro de Cristo e as primeiras em saberem da sua Resurreição. No entanto, esta imagem favorável da mulher nas primeiras gerações após a morte de Cristo não resistiu aos padrões sociais e culturais que foram acumulados ao longo dos séculos e que privilegiavam o homem. Os homens não desejavam perder os privilégios que tinham e por isso decidiram manter a sua supremacia na sociedade e na família. Por isso, a literatura popular, como reflexo da comunidade em que surgiu, dá ao homem um lugar geralmente honrado, enquanto que para a mulher muitas vezes se reserva um papel passivo ou negativo. Se a intenção da religião cristã fosse depreciar tendenciosamente a mulher, nem Deus criava uma auxiliar feminina para Adão, nem lhe permitia a honra de se chamar Mãe de Deus e de ser, de acordo com a doutrina ortodoxa, mais honrada que os querubins e mais gloriosa que os serafins. É um facto que Cristo se considera mais importante que a sua mãe, mas na nossa opinião isso não tem nada a ver com a sua pertença ao género masculino, antes

esta relacionado com a sua importância na Bíblia (como Filho de Deus) e na História da humanidade como uma personagem singular e extraordinária. Concentrando-nos nos *corpora* dos contos que escolhemos, tentaremos observar de que forma a realidade cristã é reflectida nas literaturas populares que aqui estamos a comparar. Na parte em que analisámos os comportamentos dos reis, monges e personagens positivas em geral, vimos que as duas tradições privilegiam o homem honesto, religioso, que tem respeito pelas autoridades, que apoia a união da família e aqui, tratando-se das personagens prototípicas, podemos chegar à conclusão de que não se podem encontrar diferenças fundamentais nas visões católica e ortodoxa do homem e os seus comportamentos. As situações em que eventualmente se podem vislumbrar algumas disparidades maiores são propriamente as representações de Cristo e dos santos populares nos ideários e nas tradições de Portugal e da Sérvia. A tradição popular portuguesa oferece-nos um grande número de histórias cujo protagonista é Cristo. Apenas em Leite de Vasconcellos (1964), é possível encontrar vários ciclos com temática religiosa dedicados a Cristo e São Pedro, aos pecados mortais, à Nossa Senhora e aos santos populares. Neste momento, concentrar-nos-emos só na personagem de Jesus e dos seus santos. Nos contos sobre Cristo, Ele é geralmente acompanhado por um discípulo seu, na maioria dos casos São Pedro, e eles os dois dialogam, sendo Cristo sempre a dar a resposta certa ou a actuar correctamente. Com isto não se deseja mostrar a ignorância do Apóstolo, porque no dia de Pentecostes o Espírito Santo desceu sobre os discípulos de Cristo e falando pela boca deles em várias línguas, ajudou-os a espalharem pelo mundo a doutrina do Senhor. Pelo contrário, tenta-se observar a sabedoria de Cristo e traçar na mente dos ouvintes e leitores dos contos a ideia da virtude. Cristo, sendo "Mestre dos Mestres", como é chamado numa das narrativas populares portuguesas está presente nos contos para ensinar, explicar, corrigir, castigar ou dar a recompensa merecida. O papel do santo que O acompanha nas viagens pela Terra não é passivo, ele coloca questões, deseja saber o porquê de algumas decisões de Deus. Isto não quer dizer que se duvide das doutrinas religiosas nem da autoridade de Cristo, apenas se ajuda o público para perceber que Deus é sempre justo, embora pelas circunstâncias visíveis por vezes pareça o contrário. O exemplo que melhor ilustra o facto de o homem não dever julgar as coisas rápido e pelas aparências é a narrativa portuguesa *São Pedro e as raparigas na fonte*⁵⁶ em que Cristo prepara riqueza e um casamento sem filhos para a menina que não

⁵⁶ In: Leite de Vasconcellos (1965).

lhe deu água e pobreza e uma família numerosa para a que o serviu com boa vontade. Para esclarecer a dúvida de São Pedro, Jesus responde que a primeira vai ser rica neste mundo e pobre no outro e ao contrário, apontando para a transitoriedade desta vida e a pouca importância das riquezas materiais em comparação com os dons espirituais.

Da tradição popular sérvia salientamos o conto *O senhor rico não deu a ceia a Cristo (Gazda ne dade Hristu večere)*⁵⁷ no qual, no tempo em que Cristo ainda andou pela Terra encontrou no seu caminho um senhor rico e prestigioso na sua aldeia e disse-lhe para ficar à espera Dele e preparar-lhe a ceia, porque naquela noite ia visitar a sua casa. O senhor ficou satisfeito e começou a limpar a casa e preparar tudo para o glorioso hóspede. No entanto, em vez de Cristo, à porta da casa apareceram muitas pessoas pobres, sujas e com algum defeito físico, as quais foram mandadas para a rua para não sujarem a casa. No dia seguinte, o senhor rico encontrou Cristo e pediu-lhe uma explicação pela falta do dia anterior e Ele respondeu que aquelas pessoas foram mandadas propositadamente para se testar a sua caridade. Se tivesse dado de comer a elas, seria o mesmo como se tivesse recebido Cristo em pessoa no seu lar, e como não o fez, o pecado é o mesmo que ofender o próprio Filho de Deus.

Nas narrativas portuguesas, de Cristo fala-se como do “Nosso Senhor“, “Deus“ ou se menciona o seu nome próprio, enquanto que nos contos sérvios, quando se menciona Cristo, fala-se do Filho de Deus, e quando se usa o termo “Deus“, pensa-se mais no Deus Pai, e são mitos sobre a criação do mundo e o aparecimento de determinados fenómenos inexplicáveis facilmente à mente humana. Aqui podemos chamar a atenção para um pormenor que nos pode ser um grande indicador para percebermos melhor as duas culturas: no catolicismo é mais frequente encontrarem-se as denominações de "Jesus" ou "Nosso Senhor", que é para se criar uma relação de proximidade entre o Filho de Deus e os seus crentes. Desta forma, o povo mostra que O ama e que não deve representá-lo como um ser afastado que lhe inspira medo. A ortodoxia opta pela denominação de Cristo, porque *Christos* é a tradução grega do vocábulo "messias", com o qual se pretende enfatizar o seu papel no mundo, o de salvador, transmissor da mensagem divina. Sendo a Sua importância tão grande e o respeito por Ele inspira a ideia do carácter insignificante dos homens em comparação com Deus, para a lógica ortodoxa, não convém tratá-lo pelo primeiro nome. No entanto, tal como se vê no conto analisado, o homem rico que está à espera de Cristo para a ceia,

⁵⁷ In: Tomić (1999).

trata-o por tu, o que por sua vez também indica a proximidade com Deus. Nos contos populares portugueses podem-se encontrar motivos da infância de Jesus, porque este período, sobre o qual a Bíblia sagrada não diz nada, intrigou sempre a imaginação popular. Em alguns deles vê-se que o Menino Jesus, já em bebé não chorava, portava-se sempre bem e até era capaz de fazer milagres. Com estas histórias provavelmente quer-se chamar a atenção das crianças para os comportamentos desejáveis e correctos que elas deveriam imitar. Tendo em conta um fim educativo destas breves narrativas, a invenção de alguns acontecimentos relacionados com os primeiros anos de vida de Jesus não é nada digno de crítica e não é heresia que vai afastar os mais novos dos dogmas cristãos. Representando cenas da infância de Cristo, provavelmente se deseja dizer que o Filho de Deus também era criança, que tinha que passar pelas mesmas fases de desenvolvimento que todos, que não é um Deus abstracto de quem se deve ter medo, é que é uma figura com a qual é possível identificar-se facilmente.

Ao contrário da tradição popular portuguesa, na nossa literatura oral analisada para esta dissertação não existem casos que falem do período dos primeiros anos de Cristo, porque na Bíblia se escreve detalhadamente sobre o seu nascimento e depois não se menciona nada até aos seus doze anos, quando foi levado ao Templo de Jerusalém. O prefixo grego *orto-* em ortodoxia ou *pravo-* em *pravoslavlje* (tradução eslava da ortodoxia) sugere aos leitores uma determinada atitude correcta, certa ou literalmente direita ou recta. Por isso, sendo o Cristianismo Ortodoxo por muitos padres e teólogos considerado o mais próximo do primitivo cristianismo, descrever e imaginar algo que não existe na Bíblia, seria um desvio do caminho certo. Cristo adulto representado nas narrativas populares portuguesas é um Cristo sábio, sempre justo, que tem a resposta certa em qualquer momento, um Cristo "lógico." Uma visão assim do Filho de Deus no imaginário português talvez se deva à uma longa presença da Escolástica na Igreja Católica, que pretendia sistematizar e organizar os dogmas cristãos, explicá-los e esclarecê-los mediante a filosofia aristotélica e aproximá-los da razão humana.

Nos contos sérvios conseguimos ver um Cristo histórico (e por isso é frequente a seguinte forma de começar a narrativa: "No tempo em que o Nosso Senhor ainda andava pela Terra") e ao mesmo tempo um Cristo misterioso, que nem sempre aparece directamente, como na história previamente analisada. Uma visão assim corresponde mais à grande tradição mística ortodoxa que data da Idade Média e que ainda persiste nos nossos mosteiros do Monte Sacro, Atos na Grécia e nos lugares solitários na Rússia.

Outra das explicações possíveis é um estereótipo cultural conhecido em todas as nações eslavas. Trata-se da chamada "alma eslava",⁵⁸ capaz de procurar o místico, de perdoar e suportar a desgraça durante muito tempo e seguir o seu caminho com a ajuda de Deus e dos seus santos. A nossa intenção não é dar juízos de valor sobre a visão mais "correcta" de Cristo nem dizer que uma ou outra vertente do Cristianismo seja a "certa". Na nossa opinião, os dois imaginários populares deram-nos uma imagem positiva de Jesus, só que o pintaram de forma em que é mais próximo da cultura em que os contos surgiram e foram transmitidos. Pensando nos santos apresentados nos contos populares, não podemos deixar de analisar as personagens de Santo António e São Pedro, muito frequentes nas narrativas portuguesas. A presença de precisamente estes dois santos no imaginário popular português foi superficialmente explicada anteriormente, mas para recordarmos, Santo António nasceu em Lisboa e São Pedro divulgou o cristianismo em Roma, cidade importante para a Igreja Católica. Os dois aparecem nas versões do mesmo conto em que têm uma afilhaada na Terra com o seu nome, a qual ajudam e salvam das desgraças, do que já foi falado na parte que tratava do papel dos padrinhos na família. Santo António é conhecido em Portugal como casamenteiro e por isso é popular entre os jovens. Acredita-se que especialmente ajuda as meninas para encontrarem o marido apropriado para elas. Como exemplo citaremos a *Lenda do Manto de Santo António*⁵⁹, em que uma jovem, agradecida por o santo lhe ter feito o milagre, lhe oferece um manto azul bordado e feito por ela. O facto de um santo ter nascido em um determinado lugar faz com que neste território específico se desenvolvam cultos e lendas dedicados a ele, e não é de extranhar que os Portugueses sintam muito orgulho do seu santo e que construam uma parte da sua identidade cultural na sua vida, milagres, lendas e contos populares.

No caso da Sérvia, muitos santos populares nasceram no seu território (nomeadamente toda a dinastia Nemanjić, família em que nasceu São Sava), mas o povo mostra um respeito especial por este santo em particular, porque ele conseguiu a independência da igreja Ortodoxa Sérvia, sem alterar os dogmas cristãos, participou na construção de vários mosteiros e igrejas, transmitiu vários conhecimentos práticos ao povo, acabou o grande trabalho missionário dos santos Cirilo e Metódio na

⁵⁸ Este termo surgiu no século XIX, em que nos países do mundo eslavo surgiu a ideia do paneslavismo ou eslavofilia, tendência de todos os povos eslavos se unirem, devido aos factores da mesma origem das suas línguas, alguns traços semelhantes da mentalidade colectiva e características psicológicas. Os adeptos desta teoria eram Berdiaev, Soloviov e Dostoiévski.

⁵⁹ Encontrada no site [www.infopedia.pt/\\$lenda-do-manto-de-santo-antonio](http://www.infopedia.pt/$lenda-do-manto-de-santo-antonio) O Site foi consultado por última vez no dia 29 de Junho de 2009 às 19:40

evangelização e maior alfabetização dos povos eslavos, nomeadamente o sérvio, lutou contra uma heresia muito presente na Sérvia na sua época e considera-se fundador da identidade nacional sérvia. Nos ícones é sempre pintado com um livro na mão, que pode ser interpretado como a Bíblia ou um outro livro qualquer. Se é a Bíblia, destaca-se o seu papel de defensor da palavra de Deus no espaço cultural sérvio. Se é algum outro livro, salienta-se a importância do seu trabalho missionário, educador e padroeiro de todas as escolas e instituições ligadas ao ensino. Por isso em numerosas narrativas populares, ele é apresentado como mestre, que ensina o povo, corrige os maus hábitos, transmite-lhe os seus conhecimentos de todos os domínios, desde os práticos (sobre os trabalhos de campo, tarefas domésticas e outros) morais (como respeitar os pais, como valorizar o trabalho e aquilo que se tem), até aos dogmáticos (como e por quê jejuar na quarta e sexta-feira)⁶⁰. Ele está presente na nossa literatura popular e também erudita para aconselhar, ensinar, educar, por vezes castigar, defender a fé cristã etc. No imaginário popular é um fiel colaborador de Deus, às vezes enviado à Terra para resolver algum problema entre os sérvios. Em certas situações é capaz de enganar o diabo com a sua sabedoria e experiência de vida. O ideário sérvio dá-lhe várias profissões: médico, mestre, navegante, monge. Se na visão de Cristo a ortodoxia não permite desvios, na representação dos santos populares podem-se misturar elementos da herança pré-cristã com os factos históricos sobre estas personagens. No caso de São Sava, ele é capaz de salvar o seu pai do poder do dragão, o que vemos no conto intitulado como *São Sava e o Dragão (Sveti Sava i hala)*,⁶¹ de comunicar com os mortos e com o bebé no ventre da mãe etc. Por vezes se lhe atribuem vários milagres. Quando ao lado de São Sava aparecem outros santos (São Tomé, São Paulo ou São Nicolau), ele é representado sempre como um pouco superior a eles, e desta forma deseja-se salientar que ele é um santo muito nosso, que no povo sérvio podem nascer pessoas com tantas virtudes e inteligência, sem a mínima tendência de desvalorizar os outros. Alguns dos títulos dos contos que por protagonista têm São Sava são os seguintes: *São Sava constrói as janelas (Sveti Sava gradi prozore)*, *São Sava e o Diabo (Sveti Sava i Đavo)*,

⁶⁰ A Igreja Ortodoxa comemora a quarta e sexta-feira como dias tristes, dado que na quarta-feira Cristo foi traído e na sexta foi crucificado. Nestes dias faz-se jejum, isto é: não é permitido comer carne, ovos nem lacticínios. Além destes jejuns, fazem-se os jejuns de um dia, nos dias de Santa Cruz (18 de Janeiro) e na Decapitação de São João Baptista (11 de Setembro). A Igreja Ortodoxa também tem quatro jejuns longos, que duram várias semanas, o do Natal, o da Páscoa que também se chama Quaresma, o dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo e o da Assunção da Virgem Maria.

⁶¹ Todas estas lendas foram encontradas na página web: www.rastko.org.yu/knjizevnost/usmena/index_c.html#zbirke O site foi consultado por última vez no dia 29 de Junho de 2009, às 19:41

São Sava e os alunos (Sveti Sava i đaci), São Sava ensina que se faça jejum na quarta e sexta-feira (Sveti Sava uči da se poste sreda i petak). Por estes títulos vemos quais são as funções que o povo sérvio atribui a este santo. Raras vezes ele não é reconhecido pelas pessoas que o encontram no conto logo como tal porque nas suas viagens pela Terra se veste de monge ou de mendigo, e sabemos que de facto se trata dele, ou pelo título ou pela frase introdutória ou final do conto (“e ele era São Sava”).

Embora muitos especialistas na mitologia eslava, nomeadamente Louis Leger digam que na realidade detrás das personagens dos santos cristãos se escondem os primitivos deuses eslavos como Dajbog e outros, neste assunto correremos o risco de tomar uma posição muito subjectiva, afirmando que preferimos acreditar que o povo sérvio aprendeu tudo o que sabe graças ao seu grande mestre, a admitir que numa fase do seu desenvolvimento o paganismo era também extremamente importante na nossa cultura. Além de São sava, no nosso imaginário popular aparecem muitas vezes também São Pedro e São Nicolau.

Em quanto que em Portugal a presença do primeiro santo se relaciona com o catolicismo, na Sérvia ele está presente como um dos doze Apóstolos, que são comuns para ambas as vertentes do cristianismo e como um dos discípulos preferidos de Jesus. No que diz respeito a São Nicolau, é preciso dizer que o povo sérvio tem um costume específico, a *slava*, dia em que cada família festeja o seu santo padroeiro. Sendo São Nicolau festejado pelo maior número de sérvios, a sua presença no nosso imaginário popular é lógica e justificada. É representado como navegante, acompanhante de São Sava etc. Todos os santos populares têm uma imagem positiva no nosso povo, embora prevaleça a personagem do nosso santo nacional, por razões previamente explicadas.

Como vimos, a imaginação popular atribui aos seus santos algumas características que antes pertenciam à visão politeísta do mundo, e outras que os fazem mais simples, mais humanos e próximos das pessoas, que é uma das formas de o povo dizer quanto ama e respeita as figuras dos santos, sem deste modo os desvalorizar e diminuir a sua santidade.

2.4. Os estereótipos e preconceitos sobre o homem nas duas culturas analisadas

Após termos mencionado algumas das características que se atribuem ao género masculino, julgamos que este seria o momento mais indicado para abordarmos o

assunto dos estereótipos e preconceitos arraigados na cultura através da língua. Antes disso consideramos indispensável definir os termos *preconceito* e *estereótipo*, uma vez que hoje em dia na maioria dos casos estas duas palavras têm uma conotação extremamente negativa. Veremos que esta conotação foi adquirida ao longo da evolução e utilização de ambos os termos e que primeiramente o seu significado era bastante neutro. Para confirmarmos a nossa hipótese, procuraremos as definições destes conceitos num dos dicionários mais importantes de língua portuguesa. Malaca Casteleiro (2001:1574) para esta entrada lexical dá a seguinte determinação: "ideia, opinião... preconcebida e comum, aceite por um grupo, mas que se impõe aos restantes membros de uma comunidade, colectividade" e como significados aproximados citam-se "chavão" e "cliché". Desta determinação podemos concluir que se trata apenas de uma ideia, mas que se torna estereotipada quando é aprovada por um grupo de pessoas e imposta a outros grupos. Para o preconceito o mesmo autor (2001:2935) tem esta definição: "ideia ou conceito previamente formado que interfere no comportamento do indivíduo". Agora chegámos à conclusão de que no primeiro momento da formação da palavra não houve elementos negativos no seu sentido e que se trata de um "pré-conceito" isto é uma imagem primitiva de um fenómeno, pessoa ou objecto, que pode ter uma carga positiva ou negativa. O que nos chama a atenção na posição do Professor Malaca Casteleiro é a segunda parte da sua definição, que se refere à importância e o peso dos preconceitos na vida quotidiana das pessoas. Podem remeter para o género, cultura, idade, estatuto social e muitas outras categorias em que é possível enquadrar o ser humano. Estas ideias petrificadas criam muitas generalizações na mente humana e querem salientar a ideia de que *todos* os homens/mulheres/representantes de alguma etnia, religião, profissão etc. possuem a característica que se lhes atribui. Vejamos agora de que modo os estereótipos sobre o género masculino se manifestam nos casos concretos das narrativas curtas populares sérvias e portuguesas:

Após uma leitura pormenorizada dos *corpora* escolhidos, podemos concluir que os estereótipos, quer positivos, quer negativos nas narrativas tradicionais sobre o homem nas literaturas populares sérvia e portuguesa, em certa medida são iguais, referindo-se tanto às virtudes, como aos defeitos que propagam ou condenam. Assim acontece, porque existem valores e ideias que são universais em todo o mundo. Mais concretamente, ambas as tradições no homem glorificam a coragem, enquanto que a cobardia, e sobretudo o medo da mulher é vista como muito negativa. Também, não é

recomendável vangloriar-se do heroísmo que não se tem.⁶² Ao homem atribui-se-lhe também o papel de defensor das suas filhas ou irmãs e para tal efeito muitas vezes deve ter uma enorme força física. O protagonista de alguns contos é capaz de arrancar árvores, lutar contra os dragões etc, mas esta força deve ser sublimada e cultivada no fim dos contos e nunca deve ser usada para fins violentos contra os outros, e especialmente contra a mulher.

Um homem "de verdade", como o apresentam as narrativas tradicionais, é símbolo da justiça, da constância e persistência para atingir o seu objectivo com meios honestos e ajuda de Deus. Deve possuir capacidades intelectuais superiores às dos seus rivais, saber a resposta certa para as adivinhas difíceis, usar a esperteza quando é preciso e deve saber e dominar varias artes e destrezas úteis e práticas, aplicáveis na vida quotidiana. Ao contrário dos protagonistas positivos, criticam-se as "malas-artes" do Pedro, que o qualificam como tolo, incapaz de lidar com os problemas do dia-a-dia, como também a falta de inteligência e personalidade.

Um verdadeiro herói, modelo de comportamento para as gerações mais jovens é obrigado a ter também todas as qualidades morais: a religiosidade, o respeito pelos pais, a capacidade de cumprir a palavra dada, de nunca se dar por vencido, embora perante as piores dificuldades. Estas características não pretendem dar uma visão desumana, um "super-homem", na nossa opinião, tenciona-se ensinar aos rapazes que devem encontrar uma força interior para enfrentarem seja qual for a situação na vida real, que, embora sofram por um momento, serão recompensados de alguma forma se escolherem o caminho difícil, que fortalecerá o seu carácter, pondo-os numa série de provas difíceis. Por isso, a mentira, a inveja, a soberba ou qualquer tipo de vileza são sempre vistas como reprováveis.

Já dissemos que a língua é muito clara e simples em designar as características negativas como tais, sem eufemismos nem diminutivos, o que se verá também mais tarde na análise da mulher. Mesmo que haja sempre uma ideia preconceituosa sobre a mulher como má, também o pode ser o homem, o que se nota muito bem na narrativa tradicional sérvia *As dádivas do irmão espiritual*⁶³ (Pobratimski

⁶² A falta de coragem e o facto de se vangloriar a literatura sérvia ilustra-os mediante o exemplo: *Em cima do herói também há heróis I nad junakom ima junaka*) e a literatura portuguesa serve-se da história sobre *Dom Caio*. Embora no conto o alfaiate medroso se case com a princesa e fique com a fama do defunto general Dom Caio, toda a narrativa tem um tom cómico e irónico, começando pela sua forma de gabar-se que mata sete de uma vez, tratando-se na realidade de sete moscas, até a descrição do fato e do cavalo do verdadeiro herói, que não servem para o alfaiate, (in: Viana, 1985).

⁶³ In: Karadžić (2007).

darovi), em que o homem é caracterizado como pessoa que abusa da força (*silan*), *malvado* (*opak*), alguém que faz sofrer a cidade toda, para fazer ainda mais mal aos outros, quer-se casar com uma dragoa e chega a ser irmão espiritual do próprio Diabo. Em Portugal semelhante maldade é descrita na narrativa curta *O bolo refochado*⁶⁴ em que para o homem se reservam palavras como: „muito ruim“, e acções como "bater" "berrar", "ralhar" e "dar pancada" à mulher por qualquer motivo. Também, pedindo-lhe o bolo que ele próprio ignora o que é, mostra-se como caprichoso e ao longo do conto vemos que é teimoso, violento e cobarde.

Ainda que exista o estereótipo de que as lágrimas masculinas são inadmissíveis, não é raro ver-se em ambas as culturas, que o protagonista, encontrando-se numa situação que parece sem saída, deste a chorar até aparecer o seu ajudante. Nestes casos o pranto não é considerado fraqueza ou falta de coragem, pelo contrário, quer-se salientar que os seres humanos têm os seus momentos difíceis e que de vez em quando precisam de desabafar. Esta série de ideias aqui expostas, contribuiu para reflectirmos e tentarmos "descompor" até certo ponto a eterna polaridade entre o masculino e o feminino, e de vemos estes dois fenómenos de uma forma se calhar também estereotipada, mas desta vez de uma perspectiva um pouco diferente.

2.6 O aspecto físico masculino na cultura popular portuguesa e sérvia

Dentro das imagens pertificadas que se acumulam no imaginário popular, um ponto indispensável que devemos abordar é a relação que se estabelece entre a personagem e o seu aspecto físico. Já apontamos várias vezes que a formosura do corpo condiz melhor com as personagens positivas, enquanto que o aspecto feio é subentendido nos vilões. No que diz respeito aos padrões de beleza masculina, nos contos sérvios a calvície e a falta de barba e bigode são consideradas como menos valorizadas, potenciando-se assim uma visão balcânica do homem, em quem a barba ou bigode são símbolos da honra, dignidade e masculinidade.⁶⁵ Também não é muito

⁶⁴ In: Oliveira e Ferreira (1975).

⁶⁵ No conto *Uma mentira para a aposta* (*Laž za opkladu* In: Karadžič, 2007) um pai aconselha ao filho para não moer a farinha no moinho onde encontrasse o *Čoso*, um homem sem barba e bigode, sem lhe dizer a razão, mas ao longo do conto descobrimos que o moleiro sem barba e bigode é desonesto, mentiroso e mau, mas que no fim a criação mostra a sua espetreira e consegue vencê-lo. Na narrativa intitulada como *O calvo* (*Čela* in: *idem*), o czar não permite que a sua filha se case com o jardineiro calvo, desvalorizando o seu estatuto social e mais ainda considerando-o feio. Apesar do seu gosto pelas flores, que se considera uma característica quase absolutamente feminina, a sua masculinidade é

apreciado não se ser alto, o que se nota melhor no conto intitulado como *O grão de Pimenta (Biberče)*⁶⁶ em que o protagonista nasce pequeno, do tamanho de um grão de pimenta, e embora a sua estatura lhe tenha sido útil em várias situações, no fim da narrativa merece crescer. Nas histórias tradicionais portuguesas acontece o mesmo com o *Grão de Milho*.⁶⁷ Nos restantes contos, os narradores não se detêm muito nas características exteriores do protagonista, por vezes mencionam que é belo, ou que não há ninhuém no mundo tão belo como ele, deixando que a imaginação do público complete a visão da beleza.

Nos contos portugueses, pelo que nos pareceu, não se presta demasiada atenção à descrição pormenorizada do aspecto físico do herói central da história. Por vezes o contador de histórias se limita a descrever o protagonista como "belo" ou "formoso" e, outras vezes menciona os seus "cabelos doirados." No caso dos príncipes, isso poder-se-ia interpretar como sinal da sua nobreza, porque o ser-se loiro em Portugal é bastante raro e a um príncipe convém distinguir-se do povo, mesmo pelos traços físicos. No entanto, como não se mencionam os dados que possam indicar um verdadeiro príncipe português nos contos, podemos pensar que ao cabelos loiros são um estereótipo universal, padrão de beleza reconhecido em diversos imaginários populares da Europa.

A forma de os protagonistas se vestirem é também inseparável das noções da beleza e nos homens é importante, para se reconhecer o estatuto social ao qual o herói da história pertence, e, como é natural, na indumentária que usam os príncipes e reis, aparecerão mais os materiais valiosos como ouro e prata, e a roupa dos camponeses, se se menciona, é uma roupa muito mais apropriada para o ambiente rural e para os trabalhos que se fazem nas aldeias no dia-a-dia. Analisando a informação obtida para este capítulo, chegámos à conclusão de que quase não há diferença entre os estereótipos positivos e negativos sobre o homem nas duas literaturas tradicionais aqui em questão, o que este poderia ser um ponto de partida para a aproximação destas duas culturas.

3.0 A mulher no imaginário popular português e sérvio

Nesta parte da investigação dedicar-nos-emos à análise da imagem da mulher e do feminino na cultura popular portuguesa e sérvia. A nossa intenção é procurarmos

comprovada pelo comportamento na batalha, na qual matou muitos adversários do seu sogro. No fim do conto, o único genro do czar que tem coragem a defender o império dos inimigos é justamente o Calvo, que na realidade é um rapaz formoso, que no fim da história herda o império.

⁶⁶ In: Kosijer (2007).

⁶⁷ In: Leite de Vasconcellos (1965).

demonstrar que, ao contrário do que se pensa, a tradição popular atribui à mulher o lugar e as características que ela merece. Como no capítulo anterior já observámos alguns factores que influenciaram o domínio masculino na sociedade, neste capítulo não serão repetidas as ideias sobre o patriarcado e o espaço reduzido destinado à mulher. Escrevendo sobre o homem no Cristianismo, por vezes era-nos impossível delimitar e separar o masculino do feminino e por isso, neste capítulo serão acrescentados apenas alguns pormenores de uma outra perspectiva. Quando abordarmos o assunto da posição social da mulher, veremos que para ela não se pode encontrar uma grande diversidade de profissões como para o homem, o que, na nossa opinião, não é um sinal da sua discriminação e desvalorização propositada, mas é resultado de um conjunto de circunstâncias culturais, sociais e religiosas em vigor na época em que as narrativas populares aqui analisadas surgiram. Descobrir-se-á quais são os traços da identidade feminina que a cultura popular, baseada nas padrões patriarcais propaga e em que medida eles correspondem ou não à ideia sobre a mulher hoje em dia.

Começaremos a nossa análise da mulher por algumas definições encontradas nos dicionários, mais ou menos especializados, para daí derivarmos alguns parâmetros que a identificam e que a distinguem de outros seres humanos. Chevalier e Gherbrant (1982), relacionam o feminino com o "desejo sublimado", força vital universal", a fertilidade, mas também com a Igreja, capacidade de sofrer, de perdoar e de suportar. Aqui já vemos uma ambiguidade, uma dualidade e uma divisão permanente do ser feminino. Ainda que vários autores insistam nesta duplicidade, como veremos a seguir, na nossa opinião as características enumeradas não devem sempre estar contrapostas. Pelo contrário, tanto os atributos positivos como os negativos da mulher entrelaçam-se e unem-se para lhe darem uma identidade específica e única, diferente de todas as outras criações de Deus ou da Natureza.

A definição do conceito "mulher" encontrada em Malaca Casteleiro (2001:2546), limita-se a qualificá-la como "pessoa de sexo feminino" ou "pessoa de sexo feminino em idade adulta", o que não sugere ao leitor nada sobre o seu estatuto social, maternidade estado civil, papel na família, lugar que pode ou deve ocupar fora de casa. Dando uma definição da mulher num sentido que por sua vez pode ser tanto restricto ao seu género e idade, como pode ser abrangente. Isto é, a primeira associação que nos surge quando pronunciamos a palavra "mulher" são as características exteriores que a diferenciam do homem. Ao ler esta entrada lexical no dicionário, ninguém deveria ficar ofendido e pensar que o ser feminino aqui é reduzido apenas ao seu carácter sexual,

porque dentro do conceito da mulher cada leitor pode pôr mais elementos importantes para se construir uma possível identidade feminina: as suas pertenças culturais, étnicas, religiosas, os traços da sua personalidade, profissão etc. Justamente por esta complexidade e multiplicidade de possibilidades de interpretar a identidade feminina, surgiu o movimento feminista, cujo objectivo principal era defender alguns direitos e liberdades da mulher.

Na opinião de Beryl Madoc-Jones e Jennifer Coates (1996), a teoria feminista serve para dar sentido à vida da mulher. Embora consideremos este sintagma tal vez demasiado forte, devemos dizer que sem dúvida alguma, o feminismo contribuiu para a descoberta de alguns aspectos novos na vida da mulher em que ela deve participar como membra activa da sociedade. Neste sentido, considerámos indispensável abordar a questão da educação da mulher, que ao longo da história humana, foi sempre diferente da do homem, para preparar melhor as meninas e os meninos para os seus papéis sociais quando chegarem à idade adulta. Com esta educação pretende-se reconhecer quais são os comportamentos adequados e, por outro lado, inapropriados, para cada género, de acordo com o sistema de valores que domina numa determinada sociedade. Sendo a literatura popular um instrumento forte da transição das ideias, crenças e imagens às gerações mais novas, veremos quais são os modelos de comportamento que deve seguir uma "boa" e "verdadeira" mulher e também qual é o final reservado para as protagonistas cujas personagens não concordam com os apdrões culturais das comunidades em que os *corpora* da nossa dissertação surgiram.

Para Maria Lamas (1948), o ser mulher oscila "entre o estigma e o privilégio" e Ana Maria Díaz Ferrero (2000), tem uma opinião parecida, afirmando que no ideário popular português (e não só) a visão da mulher varia entre Eva e Maria, símbolo do pecado, por um lado e por outro, encarnação da virtude. Para explicarmos melhor estas ideias, teremos de recordar que muito antes do aparecimento das religiões monoteístas, a mulher foi considerada como um ser inferior em relação ao homem.

Quando se pensa na mulher na Bíblia, qualquer leitor lembra-se logo de Eva e da sua participação no pecado original, esquecendo-se muitas vezes que justamente Adão e Eva foram os primeiros a serem salvos por Cristo, quando, no Sábado da Glória, Ele desceu ao hades para libertar todos os justos que morreram antes do seu nascimento. Por outro lado, na imagem de Maria são importantes dois aspectos: a sua virgindade e maternidade, duas características que tratam a mulher como sublime e digna, que de maneira nenhuma a pretendem desvalorizar ou atribuir-lhe um papael apenas passivo.

Alguns teóricos pensam que no imaginário popular as mulheres são boas apenas nos casos quando a sua sexualidade não é tomada em consideração, isto é, como mães, avós, irmãs etc., mas mais tarde veremos alguns detalhes que não concordam com esta ideia. António Antunes de Abreu⁶⁸ insiste no conceito da dinâmica das personagens femininas, que, quer que sejam boas, quer más têm uma personalidade forte, que por vezes predomina nos contos sobre as figuras dos príncipes, que são vistos como belos, bons cavaleiros e caçadores. Nas duas culturas populares existe a ideia estereotipada de que todas as mulheres são iguais no sentido de dar o prazer sexual ao homem, o que se vê no conto português *Favas*⁶⁹ e na narrativa sérvia *Mulher é mulher (Žena je žena)*⁷⁰ em que um escravo deseja passar uma noite com a senhora rainha para ver como seria essa experiência e em troca, recebe, num conto vários pratos de favas e no outro ovos da galinha preta e da branca, para chegar à conclusão de que todas as mulheres são iguais. De maneira nenhuma pensamos que nestas narrativas populares a mulher é reduzida apenas a um mero objecto sexual sem mais traços de identidade. O carácter moralizador destas histórias pretende salientar o valor e a importância da fidelidade no casamento e que não é bom um homem casado trair a sua esposa, nem sequer com a própria rainha.

Quando são boas, as personagens femininas são comparáveis aos anjos, abundantes em paciência, amor pelo próximo, religiosidade, sabedoria para dar conselhos apropriados nas situações difíceis, impecáveis como noivas, mães ou esposas. Quando são más, a sua maldade é um sentimento genuíno, intenso e muito claramente expresso, sem eufemismos e hipocrisia. Quando inventam intrigas contra a nora, a enteada ou irmã mais nova, fazem-no utilizando toda a sua inteligência e capacidades mentais, os seus planos maldosos são muito bem pensados e não se descobrem no primeiro momento. Em muitos contos tradicionais portugueses em que aparece a figura da má madrasta, ela primeiro seduz a futura enteada com belas palavras e promessas de bolinhos de mel, para, só depois de entrar em casa do seu pai, começar a mostrar a sua verdadeira cara.

Para Antunes de Abreu, o ideal da mulher que a tradição popular propaga corresponde à figura da Menina Fina do conto homónimo da herança oral portuguesa. Isto é, ela é e deve ser “esperta, ciosa da sua virgindade, amiga das irmãs, desembaraçada, forte de personalidade“. Mesmo que aparentemente à mulher se lhe

⁶⁸ In: Nascimento, Teixeira (1998).

⁶⁹ In: Oliveira e Ferreira (1975).

⁷⁰ In: Tomić (1999).

atribua um papel secundário na vida e na sociedade, ela não é representada como ignorante. Muito pelo contrário, para ser educadora dos filhos, ela precisa de ter uma sabedoria natural, uma lógica desenvolvida para encarar as situações sérias da vida. A sua virgindade e pureza são sempre contrapostas à falta de prudência e à facilidade com a qual as suas rivais (irmãs mais velhas, outras princesas etc.) se entregam a um homem desconhecido e se deixam desflorar. As duas culturas populares que analisamos para os efeitos desta dissertação insistem na virgindade da protagonista, porque desta forma, indirectamente se querem prevenir as meninas para os perigos da gravidez não desejada, doenças venéreas, que sempre existiam, ainda que não se falasse delas, o nascimento dos filhos ilegítimos, rejeição social. Para Chevalier e Gherbrant (1982), a virgindade é “um estado não revelado”, o que dá à mulhre um carácter misterioso, quase sagrado e que intriga e atrai os homens ainda mais.

Não pensamos que os modelos que promovem a imagem pura, inocente e angelical das donzelas nos contos tradicionais pretendam negar o direito da mulher de sentir o prazer sexual. Ainda que nas narrativas populares não seja possível falar-se directa e abertamente sobre este assunto, o leitor adulto dos contos maravilhosos tradicionais é capaz de intuir que nas histórias cujo protagonista é um príncipe encantado em serpente há elementos implícitos que revelam a sua sexualidade. Ele, que de dia é feio, de noite torna-se belo e atractivo para a sua esposa, e ela nunca revelaria esse segredo, se não fosse pelos sinais exteriores da gravidez e pela insistência da sogra. Nos primeiros momentos, tanto nos contos populares sérvios como nos portugueses, a jovem grávida recusa-se a dizer como engravidou, atribuindo esse facto à misericórdia divina. É natural que uma noiva honesta tenha vergonha de falar logo da sua intimidade em frente de uma pessoa mais velha e superior a ela na família e por isso ela não dá a saber logo que o seu esposo é o rapaz mais formoso no mundo. Este prazer da noiva é justificado apenas quando o resultado da intimidade é um filho.

Um caso parecido acontece nos contos populares sérvios, em que o dragão captura a irmã mais bela e mais nova dos três protagonistas. Ela vive no palácio do dragão, sem se sentir forçada a isso, sem protestar nem tentar fugir, e se no fim do conto é salva pelo irmão, este motivo serve mais para glorificar a coragem do irmão que consegue lutar contra um ser muito superior a si e vencê-lo, do que propriamente para salientar a indignação da irmã por viver infeliz e capturada. Por vezes o dragão põe a sua cabeça ao colo da esposa e ela afaga-o, o que são manifestações claras de carinho entre o casal. A verdade é também, que a princesa nunca tem filhos com o dragão, e que depois do seu

salvamento, não se volta a casar. Em primeiro lugar, a falta de filhos destas uniões é justificada na imaginação popular, para não nascerem seres sobrenaturais com poderes extraordinários, que possam ser abusados para se fazer mal.

Além disso, como afirma Vladimiro Soloviev (1985) todas as grandes paixões ficam sem frutos, que neste caso seriam filhos. Por último, a irmã salva das mãos do dragão não se volta a casar porque o seu casamento foi consumado e ela já não seria recomendável para uma boa esposa e mãe da família. Na opinião de Chevalier e Gherbrant (1982) o dragão relaciona-se com a germinação, princípio criador e fertilidade, o que são sinais do poder masculino. Os mesmos autores na serpente veem os princípios ligados à vida, ao líbido e à energia sublimada, por tanto, a sua função nos contos populares é parecida. Na mitologia eslava a serpente e o dragão eram figuras importantes, sempre relacionadas com um erotismo implícito. Por isso, não é de extranhar que nas línguas eslavas, e entre elas a sérvia, apareçam palavras parecidas para designar estes seres, isto é para dragão usa-se o termo *zmaj* e para serpente *zmija*.

Quando se trata da amizade que a protagonista tem pelos seus irmãos e irmãs, deseja-se salientar a importância dos vínculos de sangue, a união e a força da família. Também o que uma protagonista positiva dos contos populares deve possuir é uma personalidade marcada, com a qual se opõe aos ladrões, defende a sua honra, resulta mais inteligente que o czar ou engana o próprio Diabo.⁷¹

No momento em que nos debruçarmos sobre a situação das rainhas e princesas nos contos populares portugueses e sérvios, veremos que elas interessam mais o narrador como mães, esposas ou filhas do rei ou príncipe, do que propriamente como figuras públicas. Tudo isto mais uma vez pode confirmar o ditado popular português "O homem na praça e a mulher em casa". No entanto, sendo a casa o espaço onde predomina a mulher, analisaremos-la mais dos aspectos familiares: no seu papel de noiva, esposa,

⁷¹ Na narrativa sérvia *A mulher que enganou o Diabo*, cujo título nos pode sugerir uma ideia sobre a maldade da mulher, na realidade se trata da sua grande prudência e sabedoria na tentativa de demonstrar a sua integridade. Ela é uma esposa exemplar, mas mesmo assim não se consegue defender das constantes suspeitas da infidelidade. O marido ciumento, para confirmar as suas dúvidas faz um acordo com o Diabo, que entra numa garrafa e muda de cores para chamar a atenção da mulher. A garrafa aberta devia significar a infidelidade da esposa. Por curiosidade, a mulher que estava a cumprir com as suas tarefas diárias, abre a garrafa e aparece-lhe um rapaz extraordinariamente belo, mas o que causa o interesse da protagonista não é a sua beleza, mas o facto de ele tão grande conseguir entrar numa garrafa. Utilizando as suas artes e destrezas, começa a provocá-lo e irritá-lo e a vaidade do Diabo não podia permitir tanta insistência da mulher e ele volta a entrar na garrafa, onde fica encerrado para sempre. A partir desse momento o seu marido arrepende-se e eles começam a viver em harmonia. Neste caso, a curiosidade pode representar apenas uma tentação, mas o facto de ela não ficar impressionada com a beleza do rapaz indica claramente que nela não houve pensamentos sobre a infidelidade ao marido. Pelo contrário, pensamos que ela se apercebeu logo da ideia que o marido tinha dela e utilizou a sua inteligência para o obrigar a mudar de atitude.

mãe, irmã, avó, mas também como conselheira, ajudante, companheira, amiga, e essas são algumas das funções que, na nossa opinião dignificam a mulher e não a reduzem ao nível superficial de fêmea. Na nossa investigação será incontornável chamar a atenção para as figuras da madrasta, da sogra e da nora, sendo a madrasta e a nora novas membras da família e, o que a literatura popular deseja sublinhar é a sua dificuldade de se integrar no novo lar. Por outro lado, veremos também que mesmo nessas imagens estereotipadas e preconceituosas, existem ligeiras diferenças que julgamos que vale a pena destacar.

Aqui não nos deteremos na comparação das mulheres de diversas pertenças culturais, uma vez que no capítulo anterior as diversas etnias e religiões foram abordadas no sentido genérico, aplicando-se ao homem as mesmas características que à mulher.

Consideramos indispensável abordar também a questão da diferente educação dos homens e das mulheres, que mais tarde nos conduzirá para a divisão dos trabalhos em tipicamente masculinos e femininos, assunto que já foi discutido um pouco no capítulo dedicado ao género masculino. Este será um bom ponto de partida para a posição que a literatura tradicional atribui às mulheres e qual é o final que merecem aquelas protagonistas que não correspondem aos padrões que uma ou outra cultura pretendem estabelecer e enraizar nas comunidades em que surgiram as narrativas que analisamos.

Prestar-se-á a devida atenção à mulher no cristianismo, e por isso devemos sublinhar que o conto popular português *A criação da mulher*⁷², em que se narra da criação de Eva do rabo do cão, não foi propositadamente incluído no corpus desta dissertação. Embora se mencionem os nomes Adão e Eva, que correspondem aos verdadeiros protagonistas da Bíblia, a versão popular não concorda com a visão cristã da mulher. Da mesma maneira, decidimos excluir o conto sérvio *A mulher má (Zla žena)*⁷³ em que a mulher é representada como tão má, que até o próprio Diabo foge dela, porque nesta narrativa são visíveis muitos elementos da herança pagã (o Diabo não é visto como Satanás, mas como uma personagem que ajuda o homem, alguém quase digno de compaixão e de pena, enquanto que em nenhum livro cristão se tem uma opinião tão indigna e feia da mulher).

O nosso interesse ocuparão as visões da Virgem Maria nas duas culturas, uma vez que é de conhecimento geral que o seu culto em Portugal está muito bem

⁷² In: Leite de Vasconcellos (1965).

⁷³ In: Karadžić (1853).

desenvolvido. Devemos destacar que na Sérvia, e nos países que respeitam o rito ortodoxo, ela é venerada, mas de outra forma.

Mais uma vez, observaremos a questão linguística, tendo em conta as características estereotipadas que a cultura, através da língua, usa para caracterizar a mulher. Poderemos comparar os resultados relacionados ao masculino e ao feminino, mas não com o objectivo de demonstrarmos que haja mais ou menos preconceitos ligados a um ou outro género, apenas tentaremos dizer que no fundo são as mesmas características que se utilizam para as personagens positivas ou negativas. Para explicarmos melhor diremos que, a inveja e o ódio dos próximos (irmão ou irmã mais novos) é considerada um pecado e um traço feio de carácter, seja no caso dos protagonistas homens, seja nas mulheres. Para os efeitos deste capítulo por vezes analisaremos os mesmos contos que nos serviram de base na fase anterior da investigação, e por vezes utilizaremos outras narrativas, cujos títulos nos sugerem o tema ou as protagonistas do conto.

3.1 A mulher na sociedade vista através das narrativas populares portuguesas e sérvias

No capítulo anterior foram abordadas algumas vantagens e desvantagens das hierarquias sociais e foi explicada de forma concisa a posição da mulher dentro delas, os seus direitos, obrigações e delimitações e por isso não nos deteremos mais na descrição da sociedade e da sua projecção na literatura popular. Enquanto que na defragmentação da pirâmide social da perspectiva masculina podíamos falar da existência de três camadas: a nobreza, o clero e o povo, no caso feminino evitamos a segunda categoria, porque, como é conhecido, nem no catolicismo, nem na ortodoxia é permitido que as mulheres exijam o cargo de sacerdotisas. Ainda que possam ser freiras, a literatura popular não nos oferece a personagem de uma freira como protagonista dos contos populares. Desconhecendo a razão certa para isso, podemos apenas supor que as freiras, passando muito tempo nos conventos, viviam afastadas dos espaços públicos, não se misturavam muito com o povo, e daí a falta da imagem delas no ideário popular.

A diversidade das profissões é, sem dúvida alguma, maior no caso dos homens, devido ao facto de eles se exporem mais ao público e de participarem mais na vida da

sua comunidade. Quando analisámos as profissões masculinas, vimos que se mencionam explicitamente os estudantes e representantes de alguns ofícios (sapateiro, carvoeiro, pescador), e se em alguns casos aparece a forma feminina, não se refere à mulher que se dedica a este trabalho, mas apenas à esposa. Por outro lado, mesmo que não tenham um grau de escolarização formal, na literatura popular as mulheres não são vistas como não inteligentes. Pelo contrário, a tradição sérvia oferece-nos uma *Menina que resultou mais esperta que o czar*, e na cultura portuguesa são inúmeros os exemplos de princesas que inventam uma adivinha tão difícil que muitos príncipes perdem a vida por não conseguirem resolver. Isso também é um indicador de que as princesas, ou mulheres em geral não são acessíveis para todos, que o que as deseja conquistar deve fazer um grande esforço e mostrar que tem muitas capacidades intelectuais para poder satisfazer altos critérios e merecer a mão da sua futura esposa.

As rainhas e imperatrizes podem ser representadas de várias formas: desde as bondosas e virtuosas, até as invejosas e más. Quando não conseguem ter filhos durante muito tempo, ficam muito aflitas e tristes, pelo que se vê que a esterilidade é muito mal vista em todas as camadas sociais e que a situação das rainhas sem poderem dar um filho herdeiro ao rei é muito difícil, que até o marido bate nela, como no conto português *O príncipe Diabo*. Por outro lado, quando sofrem por falta de nascimento de um filho, as rainhas parecem-nos mais humanas, mais próximas do povo, e não tão distantes, idealizadas e rodeadas de luxo nos seus palácios ricos. Quando o seu desespero atinge o máximo, as rainhas e imperatrizes rezam para terem um filho, mesmo que seja um animal ou tenha algum defeito físico. Por um lado, a tradição sérvia dá-nos os exemplos de *Outra vez o noivo serpente (Opet zmija mladoženja)*⁷⁴ e na cultura portuguesa encontramos *O príncipe sapo* e numerosos outros exemplos que ilustram o caso da rainha infeliz, que por misericórdia de Deus consegue conceber o filho. Essas mulheres ao mesmo tempo se sentem felizes, por finalmente realizarem o sonho de ser mães e tristes por terem um filho encantado, e muitas vezes elas próprias, querendo quebrar o encanto ao filho, participam numa acção que lho dobra. Nestes contos a religiosidade das rainhas é muito destacada e considera-se uma característica

⁷⁴ Na antologia de Karadžić (1853) a primeira versão do conto *O noivo serpente* descreve a situação de uma mulher do povo, que é estéril, e a intriga é um pouco diferente. Na versão que aqui mencionamos, a estéril é uma esposa do czar. Por causa do mesmo motivo do protagonista encantado em serpente, estes dois contos estão sempre juntos nas antologias e daí a necessidade de no título aparecer o termo "outra vez".

positiva, porque, sendo elas as esposas do soberano, devem ser modelos de comportamento para as mulheres do povo.

Como mães, estas rainhas às quais lhes é concedido um filho por intervenção divina, são muito abnegadas, sacrificam-se, amamentam-no e dão-lhe banho elas próprias, sem ajuda das amas. Na literatura popular a ideia que se deseja transmitir é que a maternidade é um estado desejável para a mulher, um estado do qual ela deve desfrutar, porque através do papel da mãe a mulher se deve realizar e confirmar a sua identidade.

As características não acatáveis no comportamento das rainhas são a vaidade, porque muitas delas desejam ser as mais belas no mundo e odeiam geralmente uma rapariga humilde que é mais formosa que elas, a maldade em relação à nora que promete dar ao príncipe um filho com uma estrela na testa ou de braços dourados. Num dos contos da tradição popular sérvia o narrador salienta o facto de a má imperatriz ser ateia. Nos tempos antigos, em que o peso da religião na sociedade era muito grande, o mais natural era considerar que a pessoa que não conhecesse Deus ou não acreditasse Nele era má. As personagens das princesas podem variar desde extremamente passivas, doentes ou cativas, que esperam no seu castelo pelo seu salvador ou defensor, até as decididas e lutadoras, que em alguns contos tradicionais até se vestem de homem e vão para a guerra.

A maneira em que elas passam o tempo é nas duas culturas também estereotipada: ou desfrutam dos passeios pelos bonitos jardins, ou apanham flores para adornar o seu cabelo, ou fazem bordados e divertem-se com os trabalhos manuais. Para todas elas o grande desejo é encontrarem o marido apropriado e por isso por vezes organizam competições, exigindo que o seu pretendente cumpra objectivos quase inatingíveis. As princesas também podem mostrar-se como vaidosas e a imaginação popular oferece ao público várias formas de esse defeito ser corrigido. Na narrativa popular portuguesa *O conde de Paris*, a princesa mimada é castigada por ter recusado o conde de Paris por um pequeno defeito, tendo de beber água dum charco, passar pobreza e dificuldades, até compreender que o seu conde na verdade tem muitas qualidades. O conto tradicional sérvio *Os vestidos bonitos são capazes de fazer muito* (*Lijepe haljine mnogo koješta učine*) apresenta-nos uma princesa vaidosa, por cuja culpa muitos dos seus pretendentes se tornaram em bezerras ou ficaram decapitados, acaba por se casar com um pobre, que descobriu o sinal que ela tinha no corpo, prometendo-lhe vestidos feitos dos raios de sol e outros detalhes de moda quase impossíveis de se encontrarem no mundo. Na literatura

popular existem duas formas de uma menina se tornar princesa: pelo seu nascimento na família real, ou pelos méritos: sabendo as adivinhas, passando por uma série de três provas complexas, ou como recompensa pelo seu sofrimento. Se nasceu no seio da família real, o seu papel geralmente resume-se a ser dada por esposa a um herói que mostrou que é digno da semelhante honra. Se nasceram numa casa humilde, o seu maior sucesso será começarem a fazer parte da família do rei, mediante o casamento com o jovem e belo príncipe herdeiro.

A sua honra é muito importante, igual que a das outras protagonistas, e por isso, não é de extranhar que nos contos populares o pai não-as deixa saírem do palácio, por vezes as guarda encerradas numa jaula ou numa torre inacessível até chegar o dragão ou um ser superior a sequestrá-las e aí começa a dinamizar-se a história.

Quanto às outras profissões que a cultura popular atribui à mulher, devemos mencionar que nas narrativas portuguesas é frequente a estalajadeira, e a sua visão é geralmente bastante negativa, porque elas recebem em sua casa todo tipo de pessoas, e por isso são caracterizadas como mulheres da moral um pouco duvidosa. Para as camponesas reserva-se um papel de muito trabalhadoras, simples, inocentes, boas donas de casa e capazes de realizar todas as tarefas difíceis para se sacrificarem pelo marido e filhos.

Elas, mesmo que passem a maior parte do tempo em casa, sabem ser boas conselheiras, tanto nos momentos em que elas aparecem para ajudar o protagonista a realizar as suas tarefas impossíveis, como para corrigirem um comportamento errado do marido ou dos filhos. Para ilustrarmos esta ideia sobre a mulher, diremos que em ambas as culturas são frequentes as personagens de mulheres idosas da origem humilde, muito sábias que encaminham os protagonistas para o sítio que procuram, dão-lhes algum objecto mágico para resolverem algum dos problemas. No conto português *Pedro de Malas-Artes* a mãe conselheira tenta ensinar o filho desajeitado como enfrentar a vida e cumprir com algumas tarefas, e a narrativa sérvia *São Sava e um camponês pobre (Sveti Sava i siromah seljak)* mostra a sabedoria da mulher que está consciente de que os desejos desmedidos do marido podem causar a ruína da família e tenta adverti-lo para isso. Apesar da existência de poucas profissões e categorias sociais segundo as quais é possível qualificar a mulher, o seu estatuto social via-se muito bem através do seu estado civil. Isto é, como solteira, a mulher confirmava-se através do caminho religioso ou preparando-se para casar, sendo o casamento um passo decisivo na sua vida, porque

representava um acto importante a vários níveis: pessoal, familiar e social. O casamento é um dos chamados rituais de transição, em que uma rapariga deixa de ser menina e torna-se mulher, para poder legitimamente assumir o papel da amante, companheira, conselheira, mãe e educadora dos filhos. Em algumas sociedades a mulher atingia a maioria de idade após o casamento, independentemente da sua idade biológica. Naturalmente, com a entrada na nova família, o seu estatuto mudava e isso via-se até na forma de se vestir, de ser cumprimentada, de lhe serem permitidas algumas actividades que na juventude não podia fazer.

Por outro lado, os seus deveres e responsabilidades também aumentam, porque ela deve mostrar à nova família e à comunidade que a sua educação prévia tem sido impecável, que possui todas as virtudes e destrezas necessárias para exercer correctamente o papel que dela se espera. Para estar bem integrada no novo lar deve respeitar os sogros, ser obediente, nunca se queixar das dificuldades e do excesso do trabalho, suportar algumas injustiças com calma e paciência, estar sempre disponível para os familiares do marido, educar os filhos de acordo com as regras da sociedade em que vive. Estas tarefas não são nada fáceis e por isso o comportamento da recém casada é muito controlado, a sua movimentação limitada, o que não implica que a sua individualidade seja absolutamente apagada. A questão da virgindade era fundamental, porque disso dependia a sua honra e a imagem da sua família de origem aos olhos dos outros.

No caso da ausência da castidade da noiva, ela devia enfrentar-se com graves problemas desde o início da sua vida matrimonial, começando pelos comentários irónicos, desprezo por parte da sogra e outros familiares do marido, rejeição pela comunidade e constantes suspeitas da infidelidade. Obviamente que com o nascimento do primeiro filho, e sobretudo do género masculino, ela atingia alguns privilégios e foi melhor tratada do que uma mulher com problemas de esterilidade, o que discutimos previamente no caso das rainhas estéreis que concebem milagrosamente e têm um filho encantado. A esterilidade feminina, embora de verdade mais frequente que a masculina, era um dos estigmas com os quais era preciso encarar a vida na família. Mesmo que nem sempre fosse comprovada a "falha" da mulher, essa era uma razão suficiente para ela ser desvalorizada ou tratada mal, pelo qual a mulher muitas vezes tinha de carregar o peso da culpa.

O divórcio e a viuvez são outras duas corcunståncias que dificultavam em grande medida a posição da mulher na comunidade e a sua situação dentro da família. A

mulher divorciada era frequentemente considerada adúltera, menos valiosa e culpada do fim do casamento. Se tinha filhos, atribuíam-se-lhe os epítetos da má mãe e um exemplo negativo para eles. Na realidade histórica tanto portuguesa como sérvia, as viúvas por vezes podiam trabalhar para sustentarem os filhos, por vezes viviam na miséria e não ajudá-las era considerado um pecado muito grave. Na perspectiva literária das duas tradições orais que aqui analisamos ver-se-á esta situação de vários aspectos.

A literatura popular portuguesa nem sequer toma em consideração a posição das mulheres divorciadas, enquanto que na cultura sérvia encontramos apenas um exemplo que aborda este tema, mas consideramo-lo valioso para se perceberem melhor alguns aspectos culturais de um meio patriarcal em que a narrativa surgiu. Trata-se do conto *a donzela, a viúva e a divorciada (Đevojka, udovica i puštenica)*⁷⁵ O protagonista é um jovem que se deseja casar e pede ao sapientíssimo rei Salomão para lhe responder se é melhor tomar por esposa uma donzela, uma viúva ou uma divorciada e recebe a seguinte resposta: “Se te casares com uma donzela, tu é que sabes, se com uma viúva, ela é que sabe e se te casares com uma divorciada, cuida-te do meu cavalo“. A explicação para isto é que a donzela (inexperiente e virgem) vai pensar que o marido sabe tudo melhor que ela e vai obedecê-lo e portar-se correctamente, a viúva, que uma vez já ara casada, pensará que tem direitos sobre o marido e vai mandar nele, e a terceira parte parece menos clara, porque Salomão ao pronunciar isso, bate nas pernas do rapaz com um bastão, o que significa que a divorciada vai-lhe bater como bateu no primeiro marido. A inexistência do divórcio como motivo na literatura popular portuguesa significa que esse tema pode representar um determinado tabú social, sobre o qual nem se deveria falar, enquanto que na literatura popular sérvia a divorciada é vista como a peor escolha e como culpada do fracasso do primeiro casamento.

Na realidade histórica da Sérvia medieval, e de acordo com Danica Popović e Smilja Marjanović-Dušanić (2000), o divórcio era proibido tanto para os homens como para as mulheres, e o casamento podia dissolver-se se o marido era incapaz de o consumir, no caso do adultério ou abandono do esposo/a sem razão. Se um homem decidia expulsar de casa a sua mulher e casar-se com outra, devia procurar a primeira esposa, reconciliar-se com ela e deixar a outra. Na prática e no imaginário popular essas regras não se respeitavam muito e, devido aos rigorosos padrões culturais e uma moral patriarcal fortemente enraizada na sociedade e na mente das pessoas, a imagem da

⁷⁵ Este conto intitulado assim encontra-se na antologia de Karadžić (1853) e na colectânea de Tomić (1999) existe uma versão que se chama *O ancião aconselha o rapaz (Starac savetuje momka)*.

mulher nestas situações ficava bastante mal. Com isto a literatura popular pretendia prevenir de uma forma bastante drástica as mulheres das dificuldades com as quais se enfrentariam no caso de se efectuar um divórcio: a má opinião sobre ela na comunidade, o sentimento de culpa, a rejeição por parte da própria família e da do possível segundo marido. A visão da divorciada como negativa é reforçada com a palavra antiga usada no título: *puštenica*, que vem do verbo *pustiti*, que significa deixar. Aquela que é deixada, recusada, abandonada. Neste aspecto formal não se tem piedade por ela, pelo contrário, este vocábulo tem um teor depreciativo (a que foi deixada porque não vale o suficiente, porque não é boa etc.) Claro está que aqui a sua personagem é caricaturizada até ao máximo, para dizer às jovens que o divórcio não é desejável, que pode trazer uma série de problemas e que é melhor não se divorciarem para não serem identificadas com a protagonista do conto. Um casamento, por mau que seja, na lógica do povo, pode oferecer à mulher segurança, protecção e alguns direitos que se podem perder com a sua dissolução.

No que diz respeito à viuvez, a ideia que se tem sobre ela em ambas as tradições populares é ambivalente: por um lado a sua situação é bastante difícil, o que vemos nos casos das viúvas pobres e boas com muitos filhos, cujo filho mais novo no fim do conto consegue trazer alguma riqueza para a casa e sustentar a mãe. Na tradição portuguesa nota-se bem esta imagem dupla da viúva: triste e alegre ao mesmo tempo, que é ilustrada no exemplo da *Alegria da viúva*⁷⁶ em que dois compadres combinam improvisar a morte do marido, para se testar a fidelidade da mulher, e um deles, chamado Valentim finge estar apaixonado pela suposta viúva recente, para se revelarem os sentimentos secretos e o desejo da mulher de casar de novo. Por causa desta descoberta o marido acabou por deixar a mulher e não saber mais dela.

Na realidade histórica de ambos os países cujas culturas aqui comparamos, era considerado um grande pecado não ajudar a viúva, deixá-la na pobreza ou enganá-la de qualquer forma. Por outro lado, como é o caso do conto sérvio previamente analisado, ela é vista como pessoa que antepõe a sua vontade à do marido, uma pessoa que não respeita os outros é que por vezes é egoísta. Nas histórias cuja protagonista é a má madrasta, ela é viúva, insatisfeita com a sua vida e transfere a sua amargura para a enteada, maltratando-a e "dando-lhe sopinhas de fel". Neste tipo de contos, o pai que se volta a casar opta por uma viúva que já tem uma filha, porque ela tem experiência com

⁷⁶ In: Oliveira e Ferreira (1975).

as crianças e porque pensa que ela vai ser uma boa dona de casa e que vão ser um bom substituto da mãe para a sua filha. Sobre o papel da mulher como madrasta falar-se-á com mais pormenor no capítulo a seguir, em que se observará e analisará a mulher dentro da família. O que não era bem visto é que uma mulher ficasse solteira até ao fim do conto, por isso, a protagonista mais nova, mais bela e mais virtuosa merece casar-se, enquanto que as suas irmãs más e invejosas ficam muitas vezes expulsas de casa e sós. Daqui vemos que o matrimónio não é apenas uma forma de se adquirirem algumas vantagens sociais, mas também é uma recompensa, uma maneira de se começar uma nova fase na vida da mulher, em que lhe são prometidas a segurança e a felicidade. Este resumo sobre a posição social da mulher, por sua vez estereotipado e preconceituoso, quer no sentido positivo, quer no negativo, foi-nos útil para vermos de que modo as sociedades em que os contos tradicionais surgiram moldam e formulam os modelos de comportamento mais ou menos aceitáveis.

3.2 As mulheres vistas pelo prisma da família e as suas representações nas narrativas populares portuguesas e sérvias

Um antigo provérbio sérvio diz que a casa não se apoia na terra, mas sim na mulher⁷⁷, que à primeira vista pode parecer como um acto de discriminação da mulher por parte do homem e que o seu lugar deve reduzir-se ao espaço da casa e da família, sem lhe serem concedidos outros direitos. Na realidade, o que a sabedoria popular sérvia deseja salientar com esta expressão gnómica é a sua extraordinária importância na educação dos filhos, na economia familiar, nas tarefas difíceis dentro do lar, no campo, com o gado, com os membros da família do marido e diversas outras para dar uma boa imagem de si e da sua casa aos olhos dos outros. Esses trabalhos exigem um grande esforço, sacrifício, dedicação aos demais, paciência e inúmeras capacidades que apenas uma boa mulher pode ter, desenvolver e demonstrar de tal forma para agradar a todos. Por isso, consideramos necessário abordar neste capítulo a mulher como mãe, irmã, avó, noiva, esposa, sogra, nora e por último madrasta, que é efectivamente a personagem feminina mais negativa nos contos tradicionais, depois da bruxa. Começaremos a nossa análise contrastiva da mulher dentro da família pelos papéis de

⁷⁷ O provérbio na língua original é o seguinte: *Ne stoji kuća na zemlji, nego na ženi.*

noiva e mais tarde de esposa, que são as primeiras fases em que uma menina se torna verdadeiramente mulher.

O noivado, como uma preparação para o casamento da rapariga, é um de muitos rituais de iniciação na vida de uma mulher. Antigamente, as meninas casavam-se relativamente jovens, no período hoje em dia conhecido como adolescência e a idade mais apropriada para o casamento variava de cultura para cultura, dependendo das características biológicas do seu organismo. Sobre a importância do noivado e a cerimónia do casamento na vida de uma menina, testemunham o número e variedade de rituais relacionados com a noiva, que em muitas sociedades ultrapassam os costumes que se referem ao noivo. A razão para isto acontecer é muito óbvia: a noiva entra no novo lar, deve submeter-se a novas regras, tem de ser integrada numa família desconhecida, mostrar as suas virtudes e educação que leva consigo da sua família original, é mais vigiada, controlada, comentada que o noivo. Como ela foi criada em outra casa, logicamente que nela se vai desconfiar mais, que, mesmo sem culpa, pode ficar suspeita da potencial infidelidade ao marido. Não era raro os noivados e casamentos serem combinados pelos pais dos noivos, muitas vezes sem eles sequer serem consultados. O que contava nestas uniões eram os interesses dos pais, que por sua experiência de vida e autoridade que tinham sobre os filhos, consideravam que podiam saber qual é a pessoa mais apropriada para o seu futuro genro ou nora. Henry Mendras (1978:194), opina que a intervenção dos pais nos casamentos dos filhos tem por objectivo principal proteger os interesses da família, porque "quando um homem se casa, cria um novo grupo doméstico, cujos interesses necessariamente entrarão em conflito com o de seus pais, *idem* para a mulher". Por isso, é preciso ter em conta todos os pormenores económicos que contribuirão para a prosperidade da união conjugal. Frequentemente os pais desta maneira desejavam prevenir os filhos de um grande sofrimento, desilusão amorosa, escolha errada, ou, no caso das meninas, da perda da honra e dignidade. As maneiras de os pais conseguirem realizar os seus planos, por vezes não eram as mais suaves, causando assim grandes danos na vida emocional e no desenvolvimento correcto dos filhos.

Isto de modo nenhum significa que nos tempos antigos não houvesse amor e livre vontade no momento de dois jovens contraírem matrimónio. Muitos dos casamentos foram feitos precisamente tendo-se em conta a escolha pessoal dos filhos e para tal efeito foi dada a autorização ou bênção dos pais. A literatura popular ensina-nos precisamente isso: o direito de ter a liberdade de amar e escolher o esposo ou esposa.

Numerosos são os exemplos de narrativas populares em que o príncipe se apaixona pela princesa, mas tem de a merecer e por isso o rei propõe ao pretendente da sua filha uma série de provas que parecem impossíveis, supostamente não concordando com a vontade do rapaz, e depois faz-se um grande casamento com a aprovação do rei. Mesmo quando o jovem príncipe pede aos pais para lhe encontrarem uma noiva, ela deve satisfazer alguns critérios estabelecidos por ele (corresponder à visão da sua esposa ideal dum sonho, a um retrato visto numa feira, ou à ideia da mulher perfeita e virtuosa que ele próprio imaginou). A princesa, se é a protagonista, também tem o privilégio de escolher o seu esposo e fá-lo nos casos em que o seu futuro marido tem de saber a resposta certa para uma adivinha, descobrir as marcas que ela tem no corpo, passar por três provas difíceis, trazer-lhe a melhor prenda. A princesa apaixonada vê-se melhor quando ela tem de quebrar o encanto ao seu amado. Nas situações de escolher o marido adequado, a princesa não faz questão de conhecer a origem, o estatuto social ou aspecto físico do seu pretendente. O importante é ele cumprir correctamente as tarefas que lhe são impostas. Quando a competição acaba, resulta que o rapaz com mais sucesso é aquele de quem a princesa se apaixona.

Em algumas culturas respeitava-se rigorosamente a ordem pela qual se casavam as filhas, sendo a mais velha a primeira que se considerava pronta para abandonar a casa paterna e entrar na casa do marido. Nos casos da literatura popular, esta regra é infringida quando o filho do rei escolhe a princesa mais nova. Este seu comportamento causa inveja, ódio e ressentimento por parte das primeiras duas irmãs que não mereceram a honra de serem privilegiadas pelo príncipe. Como noivas, as mulheres nos contos populares são fieis e constantes e como esposas, as protagonistas positivas das narrativas tradicionais são exemplares em todos os sentidos da palavra: amam o marido, sentem-se felizes quando esperam um filho seu, religiosas, respeituosas com os pais do esposo, dispostas de se sacrificar e ir até ao outro mundo a falar com a mãe do Sol, Lua e vento com tal de quebrar o encanto do seu querido.

Algumas vezes são espertas, sábias, leais, conselheiras e os seus conselhos são resultados de uma grande experiência de vida. Um conto sérvio, com o título traiçoeiro *Quem obedece a mulher, é pior que a mulher (Ko sluša ženu, gori je od žene)*⁷⁸, que aparentemente mostra uma tendência discriminatória, trata-se na realidade de glorificar a esperteza da mulher. Neste conto narra-se que era preciso levarem-se prendas ricas ao

⁷⁸ Este conto pode-se encontrar também sob o título *Por vezes é bom obedecer também a mulher (Ponekad valja i ženu poslušati.)*

agá turco. Da primeira vez, o marido traz uma prenda e pede desculpa ao senhor turco por não trazer mais, uma vez que a sua mulher não achou necessário levar-se tanto ao dono da propriedade em que eles trabalham. Recebe a resposta que é o título do conto. Da segunda vez, seguindo o conselho da mulher sábia, leva ao rei turco uma prenda de valor insignificante e diz que desta vez, para não ser poir que a mulher não obedeceu a sua esposa que desejava mandar-lhe algo muito melhor. A segunda resposta do agá era que de vez em quando é bom fazer caso aos conselhos da mulher. Nesta situação é compreensível que um feudalista turco, sendo opressor e personagem negativa, tenha uma opinião desvalorizadora da mulher, que começa a variar de acordo com as circunstâncias. O que se critica nesta narrativa é a inconstância e falta de princípios do opressor muçulmano, enquanto que a mulher é apresentada como mais inteligente que o marido. No conto português *O saco das nozes*, um marido, que supostamente maltrata a mulher, obedece-a quando traz ao padre um saco pequeno para recolher as nozes que lhe correspondem e nisso a mulher mostra a sua inteligência: não deixa que a aldeia toda saiba que o seu marido é um suposto tirano, e por sua vez, de forma indirecta dá a saber que ela é quem tem o verdadeiro poder em casa do Gonçalo "onde mais canta a galinha que o galo".

Quando são más, as esposas nos contos são preguiçosas, não tratam bem da casa nem sabem fazer as tarefas domésticas, teimosas e sempre querem impor a sua vontade ao esposo, mimadas, malvadas e fazem a vida negra a todos à sua volta. Todos estes defeitos devem ser corrigidos pelo marido seja como for, com mais ou menos rigor e ambas as tradições propõem várias soluções: desde as palavras, até ao abandono da má mulher. Por vezes quer-se sugerir que até o pior casamento vale mais que a solidão e por isso o marido tem de aguentar a mulher até ao fim do conto e viver resignado com o seu destino. Uma atitude assim baseia-se na divisão dos trabalhos e, como o homem não pode fazer tudo só, não tem companhia, mesmo para as brigas diárias, e por isso prefere suportar os defeitos da mulher, uma vez que é incapaz de os corrigir.

A situação das irmãs nas narrativas populares foi mencionada várias vezes ao longo da nossa investigação e ela baseia-se no número das protagonistas. Se são três, em ambas as culturas que aqui analisamos, segue-se a mesma estrutura que vale também para os três irmãos, sendo a mais velha a pior de todas, a do meio também tem os seus defeitos e a menor é a que tem mais virtudes e capacidades. Enquanto que a primeira serve para introduzir a acção e começar com as aventuras, a do meio existe para manter a atenção do público, a verdadeira personagem central é a última, que com o seu

comportamento mostra como se deve actuar correctamente em determinadas situações. Ela é a que merece um final feliz, enquanto que as outras duas são expulsas de casa, ficam envergonhadas, castigadas ou mortas no fim. A única excepção vê-se no conto maravilhoso sérvio *Stojša e Mladen (Stojša e Mladen)* em que não se nota esta rivalidade entre as irmãs, que foram muito cuidadas pelo pai e sequestradas no mesmo dia pelo dragão, para serem salvas pelo seu irmão mais novo.

Se as irmãs são duas, existe sempre uma relação de polaridade, sendo a mais velha a negativa e a mais nova tudo o contrário. Esta dualidade entre o bem e o mal pode-se interpretar de muitas formas, mas os psicólogos da vertente jungiana preferem a explicação que se baseia nos princípios opostos do Yin e Yang, que na realidade são dois polos de uma mesma pessoa que existem para se fazer um equilíbrio entre estas forças constructivas e destrutivas no ser humano. Um possível argumento para isso seria que entre as duas protagonistas existe um laço de consanguineidade e o facto de elas como irmãs terem crescido na mesma casa e terem sido educadas da mesma maneira. No caso feminino preferimos optar por esta hipótese que não foi considerada nos contos com dois irmãos. No caso masculino a maldade do primeiro irmão se calhar se podia entender melhor tendo em conta a história bíblica de Caim e Abel, na qual a inveja foi a causa da morte do irmão mais novo. Para explicar os fenómenos da inveja e da gratidão nas pessoas, Melanie Klein (1984), introduz os termos de boa e má mama e relaciona-as com as primeiras experiências da criança e a sua mãe. Transpondo estas ideias para o mundo da literatura popular, vemos que esta teoria pode fazer sentido, e em vez de as características da inveja e da gratidão aparecerem misturadas dentro de uma personagem, é preciso introduzirem-se duas, polarizadas e claramente diferentes, em que predomina a influência de uma ou de outra mama.

Quando a irmã na literatura popular tem um ou vários irmãos, entre eles nunca aparecem sentimentos de rivalidade, porque não há necessidade da competição. Nessas situações, o que as narrativas tradicionais mostram é o exemplo de lealdade e o ideal do amor fraternal.

3.2.1. *Mulher é mulher e mãe é mãe*⁷⁹: a maternidade observada da perspectiva das tradições populares portuguesa e sérvia

Nesta altura da nossa investigação, prestaremos mais atenção ao papel da maternidade na realidade histórica e literária portuguesa e sérvia. Quando se falou sobre a família e sobre as rainhas que depois de muito tempo de esterilidade finalmente conseguem ter um filho, embora encantado, superficialmente foi abordado este assunto, para se observar a importância e o significado de trazer uma pessoa ao mundo, à comunidade e à família. Em ambas as tradições orais, a maternidade é vista não apenas como algo desejável, mas também sagrado, um acto em que a mulher afirma a sua identidade e utilidade, o momento em que ela se torna colaboradora de Deus, a situação em que o seu corpo se purifica e a sua sexualidade fica sublimada. A visão da mãe nas narrativas populares é sempre boa, ela é a que ama incondicionalmente os filhos, ela é a que se sacrifica por eles, educa-os com amor, paciência e boa vontade, seja ela rainha, camponesa ou de qualquer outro estatuto social.

Em *Pedro das Malas-Artes*, embora a mãe seja uma personagem secundária, vemo-la como uma pessoa preocupada pelo bem do seu filho, que utiliza todos os seus conselhos e bondade para o prevenir das tolices que faz e para o corrigir. Muitas das mulheres nas histórias tradicionais estão impacientes por serem mães e por isso prometem dar ao príncipe um ou mais filhos com alguma qualidade extraordinária: de cabelos ou braços dourados, com uma estrela na testa, uma filha que deita pérolas ou rosas pela boca fora e tendo-o conseguido, são alvos de inveja da sogra ou má irmã. Para Chevalier e Gherbrant (1982:431) a mãe é "a segurança do abrigo, do calor, de ternura e da alimentação". Todos estes atributos da mãe são positivos, com o que se deseja salientar que não há amor comparável com o materno, que a mulher-mãe é um ser sublime, digno de respeito e admiração, e a maternidade fá-la inigualável às outras. A mãe é sempre bonita e para o próprio filho a mais bela no mundo, o que se mostra bem na narrativa curta sérvia intitulada como *A mãe bonita (Lijepa majka)*⁸⁰ em que uma criança perdeu a mãe de vista e, desatando a chorar, procura a sua mãe bonita. As pessoas à sua volta mostram-lhe mulheres jovens e formosas e perguntam-lhe qual delas é a sua mãe, para no fim do conto, o menino reconhecer a sua mãe numa

⁷⁹ Provérbio popular sérvio que na língua original se diz: *Žena je žena, a majka je majka*.

⁸⁰ In: Tomić (1999).

camponesa de pele endurecida pelo trabalho e em roupa humilde e identificá-la com alegria como a sua "mãe bonita".

As eventuais características negativas de uma mãe nas narrativas tradicionais geralmente se transpõem para a personagem da madrasta, sogra, avó ou irmã mais velha, ou até bruxa. Na narrativa portuguesa *A filha da bruxa*⁸¹ vemos uma mãe bastante má, que se opõe à felicidade da filha Guiomar e fá-la sofrer de muitas maneiras. Por isso, ela não pode ser apresentada ao público como sua mãe de carne e osso, mas sim como um ser sobrenatural, com poderes demoníacos. Aproximando-nos da personagem da mãe na tradição popular, vimos o estatuto que a sociedade dá à meternidade e os conselhos que as literaturas transmitidas oralmente dão às mulheres jovens sobre as características que as futuras mães devem e não devem possuir com tal de exercerem bem o sério e complexo dever da mãe, educadora e conselheira.

3.2.2 *Madrasta - o nome lhe basta*: a complexa personagem negativa das culturas tradicionais e a sua situação na literatura popular portuguesa e sérvia

A problemática da madrasta, embora já fosse tratada na parte sobre a posição das viúvas, neste capítulo será aprofundada e analisada de vários aspectos. Qualquer leitor que tenha lido alguns contos tradicionais, é capaz de se lembrar das imponentes figuras de más madrastas que maltratam os enteados por inveja, por maldade ou simplesmente por não poderem suportar a sua presença em casa. Estas são as razões que a obrigam a bater neles, não lhes dar a comida e a roupa, convencer o pai a expulsá-los de casa e deixá-los morrer num bosque.

O comportamento da madrasta não varia de acordo com o sexo do(s) enteado(s), ela é sempre má, apenas as razões dos maus tratos são diferentes. Se se trata da enteada, a questão que salta à vista é a inveja, porque a sua própria filha é feia, preguiçosa e mal-educada, enquanto que a filha do marido é comparável a um anjo, bela, obediente, virtuosa e pura. Nestas situações o leitor reconhece os motivos da base internacional conhecidos da história sobre a *Gata Borralheira*. São inúmeros os exemplos tanto na cultura portuguesa como na sérvia que ilustram esta situação, mas com particularidades

⁸¹ In: Oliveira e Ferreira (1975).

do folclore local, e esses pormenores são efectivamente o que faz esses contos tão únicos e diferentes.

Se o seu marido do primeiro casamento tem um filho, ele é uma espécie de testemunha que a primeira esposa foi útil, dando à luz um filho herdeiro ao homem. Nos contos em que o protagonista é o enteado maltratado, a madrasta nunca tem outro filho, que podia competir com o irmão postiço. A madrasta não é capaz de ter um filho varão, por isso sente-se ameaçada na presença do filho de alguma outra mulher e não descansa até o ver na miséria e fora do lar paterno.

Nas narrativas tradicionais em que a primeira esposa deixou ao seu marido dois filhos, gémeos ou não de sexos diferentes, cada leitor pode facilmente identificá-los com *Hansel e Grettel*, desta vez também aportuguesados ou representados com traços de alguma “serviedade”. Esta variante de contos sobre a má madrasta implica a sua impotência de suportar a eterna presença da primeira mulher, que deu ao marido a dupla alegria encarnada geralmente nas personagens de um menino e uma menina. Uma vez expulsos da casa paterna, os meninos sofrem, passam fome e frio até se encontrarem com a bruxa, que os quer comer. Na bruxa outra vez encontramos a mulher como encarnação da maldade, o que para alguns teóricos pode significar todas as características da má mãe. Como já vimos anteriormente, o papel da mãe é sacralizado e mitificado e em público não se pode dizer que a mãe possa ter algum defeito e por isso ela deve ser transformada em bruxa, que por pura maldade faz sofrer as crianças.

Voltando ao provérbio do título, devemos chamar a atenção para um pormenor: o termo *madrasta* em português e *maćeha* em sérvio para qualquer falante nativo destas línguas soa de facto mais feio que as palavras *mãe* e *majka*. Uma das possíveis explicações para estes casos seria que a madrasta, como uma familiar “artificial” e por vezes não desejada, deve ser chamada com um nome que não implique afectividade ou proximidade. O mesmo acontece com a palavra *padrasto* (*očuh*).

Na perspectiva de Propp (1983), as aventuras do protagonista do conto começam quando ele se afasta de casa, e nas narrativas em que aparece a má madrasta, ela é apenas uma espécie de impulso motor que obriga as crianças a começarem o seu ritual de iniciação, o afastamento da infância e a ida em direcção da vida adulta. Para demitificarmos mais a personagem da madrasta, devemos dizer que ela é uma desacralização da mãe. Um exemplo que mostra melhor esta visão da madrasta é um breve e pouco conhecido conto sérvio, que na antologia de Tomić (1999), aparece intitulado como *A Madrasta (Maćeha)*, e nas variantes orais pode-se ouvir como *A mãe*

mentirosa (Lažljiva majka). Trata-se de um viajante que encontra no caminho uma criança muito bela, mas vestida de roupa suja e rota e quer saber por quê anda assim e se tem mãe. O menino responde que a sua mãe tinha morto e que o pai lhe trouxe para a casa uma mãe nova. A criança triste diz que a sua mãe defunta costumava mentir muito, o que causa estranheza no seu interlocutor e vontade de o repreender. Para fundamentar melhor a sua opinião, a criança explica que a sua mãe que morreu apenas dizia que o ia castigar com um pau e nunca o fazia, enquanto que a outra não ameaça mas o menino todos os dias leva pancadas e insultos. Neste caso vemos uma clara crítica dos métodos disciplinares antigos que por vezes implicavam o uso da violência, e como o imaginário popular não permite que a imagem da mãe seja denegrida de qualquer forma, as características negativas (a falta de paciência, o nervosismo, a raiva) devem ser atribuídas à madrasta. Sendo ela um substituto, a segunda mulher, não amada, não desejada, com a qual o seu marido não tem maiores contactos, é lógico que se sinta incapaz de amar, de criar afectos nos outros, de estabelecer proximidade. Do novo casamento, entre o pai e a madrasta nunca nasce nenhum filho, o que é um bom indicador de que ela não foi tomada por esposa por amor, mas sim por razões práticas: para ser educadora dos primeiros filhos do homem.

Quando a madrasta tem filhas próprias, o narrador da história menciona que ela as trata bem e dá-lhes tudo. Mesmo assim, as filhas da madrasta são mal-educadas, ingratas, preguiçosas e desobedientes. Este facto é possível analisá-lo como um excesso de atenção que não é pedagógico porque torna as filhas muito mimadas, irresponsáveis e sobreprotegidas. Como as narrativas populares sempre possuem um carácter moralizador, os contadores dessas histórias desejam salientar que na educação dos filhos não é bom recorrer aos extremos, nem em castigos, nem em atenções, porque os dois comportamentos influenciam mal o seu carácter. A personagem da madrasta é toda exagerada: não realizada, infeliz, pessoa que falha em todos os planos e por isso por vezes um leitor adulto poderia até sentir pena dela, se não fosse representada como tão má. Ninguém toma em consideração os sentimentos dela e os enteados estão assustados porque ela não é nem nunca será a verdadeira mãe, e eles próprios se calhar a afastam ainda mais de si. Neste momento seria interessante imaginar a situação de a madrasta em algum conto tradicional ter um filho com o seu novo marido e como seria a educação da tal criança. Podemos permitir-nos várias suposições, mas a que nos parece mais lógica é que com o nascimento desse filho, a madrasta se sentiria mais realizada e se calhar nele se veria a educação correcta: seria repreendido por ser irmão dos enteados

da madrasta e mimado por ser irmão dos filhos dela e desta forma na sua educação os castigos e prémios seriam equilibrados.

Segundo Samardžija (2006), a madrasta pode triunfar sobre o enteado no conto cómico, mas nunca na história sobre o enteado perseguido e maltratado. A imagem da madrasta nos ideários populares das duas culturas aqui observadas pode servir como uma advertência às raparigas jovens de não se casarem com viúvos com filhos, porque criar os filhos alheios é difícil, representa uma grande responsabilidade e dá pouco prazer e possibilidades de a mulher se afirmar como mãe.

Para a visão da madrasta não ficar completamente retorcida e exagerada, existem poucos casos na literatura tradicional portuguesa e sérvia em que a sua figura pode parecer até simpática. No caso de Portugal, na narrativa *O Embarcadiço*, a madrasta é boa e ajuda a enteada escondida a realizar os seus desejos. Para cumprir com a profecia, dá-lhe de beber, colabora com ela no furto e encontra-lhe um homem nobre para a sua iniciação sexual. Depois finge o parto para a menina não ficar envergonhada em frente do pai. Ela, quando encontra a menina, tem pena dela, e se lhe faz estas três vontades, temos a impressão de que não deseja levá-la pelos maus caminhos, mas pelo contrário ajudá-la a salvar-se da maldição, para depois da sina cumprida, poder continuar a vida feliz. No conto sérvio *Ao Milutin metade (Milutinu polutinu)*, a madrasta tem um filho seu, chamado Milutin e três enteados e dá a cada um dos meninos um bolo menos ao seu filho. Depois pede aos enteados para cada um dar metade do seu bolo ao Milutin, e desta forma o seu próprio filho fica com três metades dos bolos dos irmãos postiços, e eles comem apenas metade do bolo dado. Nesta situação o narrador popular sugere a esperteza da madrasta e a sua maneira sofisticada de salientar que privilegia o seu filho. Os enteados nesta história não são maltratados, pelo contrário, aparentemente são tratados por igual, com carinho e atenção, o que não corresponde ao clássico estereótipo da relação entre a madrasta e os filhos do primeiro casamento do seu marido. No entanto, é um pouco mais visível o amor maternal pelo Milutin. Isto nota-se pelo facto de o ouvinte ou leitor da história ficar a saber o nome do filho da madrasta, que na raiz leva o adjectivo *mio*, que significa querido, enquanto que os nomes dos enteados nem sequer se mencionam. Em ambas as tradições orais aqui comparadas, embora sejam raros, existem casos em que a má madrasta se arrepende no fim do conto se arrepende e recebe com alegria o enteado que volta ao lar paterno depois de muitas aventuras. Na cultura popular sérvia as narrativas que mencionam a metamorfose da madrasta são *Sal*

e pão (*So i hleb*⁸²) e *Kravarić Marko*, que se poderia traduzir como Marcos da Vaca, sendo o protagonista alimentado por uma vaquinha que a mãe lhe deixou, quando a madrasta o torturava com fome. Na cultura portuguesa podemos presenciar o arrependimento da madrasta nos contos *A Vaquinha* e *A Enjeitada*⁸³, em que a má madrasta, depois de ver a sua própria filha a deitar imundície pela boca fora, começa a tratar bem da enteada.

Não se fala detalhadamente sobre os factores que influenciaram a mudança do comportamento da madrasta, apenas se menciona o facto de ela se ter arrependido e nisto podemos notar uma forte influência da religião cristã, que salienta a importância da redenção dos pecados e dá a oportunidade a todos de chegarem ao momento da transformação interior.

Neste capítulo tentámos analisar algumas dimensões da personagem da madrasta para justificarmos alguns dos seus comportamentos e para a apresentarmos em uma perspectiva um pouco diferente da habitual, vendo nela um ser humano com todos os defeitos e algumas virtudes.

3.2.2. *Esqueceu-se a sogra que já foi nora*: a relação ambivalente entre a sogra e a nora na cultura popular portuguesa e sérvia⁸⁴

Como anteriormente foi mencionado nesta dissertação, as relações entre a sogra e o genro e a sogra e a nora na literatura popular sempre indicam uma determinada tensão e dificuldade de o novo membro, estranho à família se integrar no seu seio. Enquanto que as histórias da rivalidade entre a sogra e o genro (em que a sogra sempre resulta mais esperta e leva a vantagem) são compreendidas como uma brincadeira e uma competição leve e inócua, nas duas culturas populares que estamos a comparar, inúmeros são os exemplos que mostram os maus tratos que a nora tem de suportar na nova família. As explicações para este facto podem ser diversas, mas para começarmos a aprofundar a nossa análise, servir-nos-emos de um provérbio popular português que diz: “Os filhos da minha filha meus netos são, os filhos da minha nora meus serão ou

⁸² *In*: Ivanović (2007).

⁸³ *In*: Leite de Vasconcellos (1969).

⁸⁴ Na língua sérvia existe exactamente o mesmo provérbio que se diz: *Svekrva je zaboravila da je i ona snaha bila*. Os dois provérbios até têm uma estrutura semelhante e rima, que em português recai sobre os substantivos e em sérvio sobre os verbos. Estas parecenças tanto na forma como no sentido indicam uma visão igual desta problemática nos dois imaginários populares.

não”. Neste exemplo é óbvia uma suspeita latente da possibilidade de a nora ser infiel ao filho da sogra, porque cada mãe reconhece os sinais da gravidez da própria filha, enquanto que pela gravidez da nora não se pode chegar à conclusão sobre a paternidade do filho que está para nascer.

Uma outra explicação para os sentimentos negativos da sogra em relação à nora pode ser que na posição da nora na família a sogra reconhece todas as dificuldades pelas que ela própria tinha de passar na juventude e, em vez de ter compaixão, utiliza a sua actual superioridade para se vingar e nisso sente um grande prazer. A sogra, apercebendo-se de que está a envelhecer, perder a beleza, as forças e alguns privilégios que tinha na juventude, pode sentir-se insegura, e desejando continuar a dominar, utiliza a sua autoridade para fazer a vida negra à nova membra da família. A terceira razão para tal comportamento da sogra pode-se encontrar no facto de a sogra amar tanto o filho que é incapaz de considerar nenhuma nora digna dele. A sogra por vezes não se sente disposta de partilhar o amor do seu filho com ninguém, o que é claramente indicado no conto português *A má sogra*⁸⁵, tendo a seguinte citação como prova do tal comportamento: “começou a rainha a embirrar com este amor, porque se supunha colocada em segundo lugar pelo próprio filho.” Por este motivo bate na nora, insulta-a, expulsa-a de casa. Na tradição oral sérvia são muito mais frequentes os motivos e as histórias da má sogra, que é capaz de mandar matar o seu neto, que possui alguma qualidade extraordinária, de se dedicar à magia negra para encantar a nora, de a agredir de várias formas. Este fenómeno é difícil de explicar de forma simples. Será que a mãe (e sobretudo no contexto cultural balcânico) sente ciúmes porque está a perder a supremacia numa família muito bem hierarquizada, será que aqui a psicanálise freudiana poderia dar alguma resposta satisfatória? Este assunto é muito profundo e complexo e se calhar se poderia aproveitar melhor em algum outro trabalho científico.

No fim do conto, a má sogra é sempre castigada ou morta, o filho prefere a esposa à mãe e nenhum leitor ou ouvinte da história o recrimina por isso. As explicações para este facto são inúmeras e muito mais profundas do que a simples maldade da sogra e bondade da nora: um leitor cristão lembrar-se-á do que está escrito sobre o casamento na Bíblia Sagrada, que o homem deixará o pai e a mãe e juntar-se-á à sua mulher e serão dois uma só carne. Quem se interessa pela psicologia, poderá adoptar um outro ponto de vista, que o protagonista do conto cresceu, amadureceu e já, no fim da sua individuação

⁸⁵ *In*: Oliveira e Ferreira (1956).

não precisa da mãe. Outros, no facto de a sogra ser vencida no fim do conto, poderão ver o desejo dos jovens de abandonar as formas e regras antigas de vida, impostas pelos pais e a ideia de procurar a própria autonomia. Todas estas interpretações são legítimas, uma vez que um conto, como obra artística oferece um número quase infinito de planos, leituras e significados.

Por vezes este comportamento das sogras é justificado, porque as noras são preguiçosas, mal-educadas, não mostram respeito pela nova família e os seus defeitos devem ser corrigidos. A nora pode ser o exemplo das virtudes que ajuda a que se salve a alma da sogra no outro mundo, como é ilustrado numa narrativa da tradição oral sérvia *A nora piadosa e a sogra ímpia* (*Milostiva snaha i nemilostiva svekrva*) aborda a situação da maldade da sogra e a genuína virtude cristã da nora. A sogra não deseja descansar nem após a morte e aparece na Terra para impedir que a nora dê esmola aos pobres. Em vez de continuar com as suas maldades, é condenada a comer a comida dos porcos. A nora tem piedade dela e oferece-lhe as três mesas de ouro com ricos manjares, rosas e nardos que Deus tinha preparado para ela, dizendo que todo o bem que tinha feito até agora é para a sogra e que deve continuar a lutar para merecer algo para si própria. Este belo exemplo tem por trás uma grande filosofia cristã representada em fazer bem ao próximo, mesmo que seja o nosso inimigo e que nunca é tarde para o acto do arrependimento.

Nos contos em que o protagonista é um príncipe encantado em sapo, serpente, pombo, cabeça de cavalo etc, a sogra não é má, pelo contrário, trata a nora por filha, deseja cortar-lhe o sofrimento ao lado de um ser encantado, colabora com ela e muitas vezes dobra o encanto do filho. Este último tratamento entre a sogra e a nora poder-se-ia explicar usando o conceito *dual mother* (dupla mãe) de Carl Gustav Jung (1974). Para este autor cada nascimento tem o seu lado real ou biológico e o simbólico. Transmitindo esta terminologia para o caso da sogra que ajuda a nora, podemos chegar à conclusão de que a sogra se sente culpada por ter um filho encantado e por a sua nora jovem e bela ter de conviver com ele, e tendo, falhado como mãe biológica, dirige todos os sentimentos maternos à uma outra "filha", sua nora. Alvanita Almeida Santos nas personagens da madrasta, má irmã, sogra e bruxa vê "a mulher que não se deve ser", apontando para as visões polarizadas entre as personagens positivas e negativas nas narrativas populares. Nesta parte da investigação procurámos observar alguns níveis de interpretação e compreensão destas duas personagens complexas dentro da família: a sogra e a nora, tentando mostrar que além das suas visões unilaterais e estereotipadas existem vários

factores que influenciam a sua existência nos contos e que tanto uma como a outra podem ter o seu lado bom e o seu lado mau.

3.3 A mulher e a santidade: personagem da Virgem Maria nas narrativas populares portuguesas e sérvias

Embora ao longo da nossa dissertação tenhamos mencionado algumas virtudes que são aceitáveis e desejáveis nas culturas cristãs, tanto para os homens, como para as mulheres, e tenhamos discutido um pouco a posição da mulher no Cristianismo, neste momento analisaremos com mais atenção uma figura histórica e lendária, extremamente importantíssima do ponto de vista religioso, como do folclórico: a Virgem Maria. Tendo em conta de que ela é considerada santa padroeira de Portugal, é lógico que neste espaço cultural haja mais histórias, lendas, crenças e mitos cuja protagonista é justamente ela. Neste trabalho procuraremos verificar se a tradição católica romana por um lado e ortodoxa por outro influenciaram uma visão diferente da Mãe de Deus e observaremos qual é a importância que as duas culturas dão à sua personagem através das narrativas curtas tradicionais.

Segundo a *Bíblia Sagrada*, a mãe de Jesus Cristo era uma pessoa concreta, de nome Maria, filha de Joaquim e Ana, escolhida por Deus para ser mãe do Salvador da humanidade. Ela menciona-se sempre em relação a Cristo. A sua submissão à vontade de Deus vê-se melhor no dia da Anunciação, quando recebe a notícia do Anjo Gabriel, que a avisava que teria um filho. Ela, não sendo casada, primeiro pergunta como é que isso acontecerá sem que ela tenha marido e recebe a resposta de que será mãe por intervenção do Espírito Santo, e ela voluntariamente aceita que se faça a vontade de Deus. Para Stefano di Fiores (2004) ela é um instrumento nas mãos de Deus que participa na salvação do mundo. Alguns santos Católicos Romanos e Ortodoxos chamam-na de “nova Eva“, considerando que Maria em grande medida corrigiu a atitude de Eva. Duas características importantes na personagem da mãe de Deus são justamente a sua virgindade e a maternidade. Nos ícones da Igreja Ortodoxa ela é representada com uma estrela em cada ombro e uma na testa, justamente para se indicar a sua virgindade antes, durante e depois do parto.

A igreja Católica tem várias representações da mãe de Jesus, e uma delas é, como em Portugal, com uma coroa de ouro na cabeça. Esta coroa pode ter um duplo

significado: religioso, porque ela é a Rainha dos Céus, e histórico, porque um dos reis portugueses colocou a coroa portuguesa sobre a cabeça de uma estátua da Virgem Maria. A partir de Março de 1646, durante o reinado de D. João IV, proclama-a Nossa Senhora da Conceição padroeira de Portugal e promete-lhe um tributo anual em ouro. No Brasil, a tradição mariana também é muitocultivada, considerando-se a Nossa Senhora Aparecida a sua padroeira. Por todos estes factores aqui enumerados, não é de estranhar que em Portugal existam muitas narrativas populares cuja protagonista é justamente a Nossa Senhora, que por vezes pode ter sobrenomes (da Encarnação, da Piedade, dos Remédios). Estes nomes de modo nenhum indicam a existência de várias Virgens Marias, mas salientam algumas das suas "funções" no imaginário popular (a de ajudante, a que cura das doenças, a que tem compaixão pelas pessoas) e alguns aspectos da sua personalidade complexa. Por vezes, depois do seu nome aparece algum topónimo (Nossa Senhora dos Açores, Senhora da Penha de França), o que indica o sítio da sua aparição, a cidade protegida por Ela ou um lugar da sua presença particular. Apenas em Leite de Vasconcellos (1964), é possível encontrar vinte e duas histórias dentro do nono ciclo da divisão desta antologia, que por personagem central têm a Virgem Maria, e dentro da parte intitulada como "Lendas religiosas", este número é muito maior ainda. Quer nos contos inventados pelo povo, quer nas lendas, que implicam uma maior verisimilitude, a figura da Virgem Maria é a encarnação das virtudes e da bondade. No entanto, existe uma ligeira diferença entre os contos e as lendas de carácter religioso sobre a Nossa Senhora: nas narrativas curtas populares, ela é muito humana: Tem fome, sede, gosta de figos e de tâmaras, sofre, abençoa a figueira e amaldiçoa a mula e o pedreiro. Por tanto, ela é capaz de sentir e compreender as fraquezas humanas, sendo ela própria que por vezes se zanga e castiga os outros. Nas lendas religiosas, a sua imagem corresponde mais à ideia bíblica sobre ela: virtuosa, piadosa, justa. Em *A Senhora das Neves*⁸⁶, a Virgem ajuda uma pobre para comer, guarda-lhe as ovelhas e manda que a mãe da jovem construa uma capela em seu nome. Salva uma criança do incêndio, cura os doentes, protege a todos e está sempre presente na vida dos que Nela acreditam, próxima de todos, cheia de graça Divina. Por isso, identificando-se com Ela, glorificando-a e amando-a, o povo português criou a sua visão muito particular desta santa e transmite as lendas e contos tradicionais sobre Ela para legar às gerações mais novas um grande tesouro cultural. Desde a Idade Média, em que Maria, dentro de uma

⁸⁶ *In:* (Leite de Vasconcellos, 1964),

estrutura feudal muito bem hierarquizada, era representada como protectora dos pobres, doentes e desprotegidos, começa a desenvolver-se um forte culto mariano, sobretudo nos países que têm por base cultural a variante Católica Romana do Cristianismo. Na literatura medieval, sobretudo espanhola e portuguesa, contam-se numerosos milagres de Maria, sobre os quais não existem indicações nenhuma na Bíblia, e também é muito frequente ela ser tratada como Nossa Senhora. Esta forma de tratamento deve-se a uma maneira de o povo desejar aproximar a santa de si, torná-la mais humana, mais "terrestre", sem em momento algum se querer diminuir o seu mistério e o seu carácter celestial. Por um lado, ela é "nossa", de todos nós, modelo de comportamento para todos, conselheira, ajudante, uma santa à qual todas as pessoas podem rezar à vontade. Por outro lado, é "Senhora", digna de todo respeito e admiração.

Com esta forma de tratamento surge uma dicotomia entre ela e o "Nosso Senhor" Jesus Cristo, que é denominado assim, pelas mesmas razões que a Sua Mãe. Na época da Contra-Reforma este culto fortalece-se ainda mais, para defender a imagem de Maria perante os ataques dos protestantes que até negavam a sua virgindade depois do nascimento de Jesus. No mundo Católico Romano existe o dogma da Imaculada Conceição, introduzido pelo papa Pio IX em 1854 e outro sobre a sua Assunção em corpo e alma, que é da autoria do papa Pio XII. Com as aparições em Lourdes e Fátima, o culto mariano chamou muita atenção do mundo Católico romano e levantou questões entre os crentes de outras confissões e agnósticos. Stefano di Fiores (2004) considera que o terceiro milénio será o milénio em que se atribuirá mais importância à Virgem Maria. Enquanto que o catolicismo e as variantes ocidentais falam mais em Maria, a ortodoxia prefere usar os termos de Mãe de Deus. Nas línguas eslavas para Mãe de Deus utiliza-se o vocábulo *Bogorodica*, que provém do substantivo *Bog*, (Deus) e o verbo *roditi*, que significa dar à luz. Por tanto, a tradução literal deste nome seria "a que deu à luz Deus". Com o seu nome são empregados os seguintes adjectivos: *Presveta* (Santíssima), *Prečista* (Puríssima), *Preblagoslovena*⁸⁷. A tradição Ortodoxa reserva para a Mãe de Deus um lugar muito alto na hierarquia celestial, sendo ela "mais honrada que os querubins" e "mais gloriosa que os serafins". Por este motivo, mesmo na Terra existe um lugar, em que a sua presença é permanente e particularmente visível. Trata-se do monte Sacro, Atos, no território da Grécia, mas separado dela, que tem um estatuto

⁸⁷ Na tradução da Liturgia de São João Crisóstomo, que se usa na Igreja Ortodoxa Russa de Todos os Santos em Lisboa este adjectivo é Bem-aventurada, enquanto que a sua tradução literal seria: muito abençoada.

especial: é um estado dos monges, mas que diferentemente do Vaticano, não tem exército, nem embaixadas. Ali, sendo este "o jardim da Mãe de Deus", é vedada a presença das outras mulheres, facto no qual muitas pessoas vêem um acto da discriminação da mulher na ortodoxia. No entanto, como mulher, crente e praticante da religião ortodoxa, consideramos estas qualificações exageradas, e pensamos que, pelo contrário, esta atitude dignifica a Mãe de Deus. Sendo as outras mulheres todas mais ou menos pecadoras, elas não podem estar na presença de um ser tão digno, glorioso e perfeito como Maria, que merece um lugar especial, só para Ela, apartado de todos. Em segundo lugar, tratando-se do estado dos monges, que fizeram os votos para conservarem-se em celibato, a presença de qualquer mulher não faz sentido, porque eventualmente alguma delas poderia representar uma tentação para os monges que se sacrificam e esforçam em nome de Deus. Por estas razões, a Mãe de Deus nos contos populares sérvios, não é uma personagem frequente. Se aparece, ajuda, aconselha, e depois desaparece, conservando o seu carácter sagrado e digno das alturas do Céu. Isto não indica distanciamento ou afastamento da nossa visão desta santa, ou a sua indiferença pelos seres humanos. Consideramos que cada cultura se adapta à maneira de ser dos povos e que uma visão assim de Maria está mais de acordo com os princípios da ortodoxia, na qual é mais importante sentir e intuir a ajuda e a presença de Deus e dos santos, do que propriamente ter uma noção física e concreta deles. Na lenda sobre o surgimento de Atos como monte Sacro e local da presença perpétua de Maria, Mãe de Deus, menciona-se uma viagem sua a Chipre, após a Ressurreição de Cristo. Por causa de uma tormenta, não chegou ao seu destino e deteve-se em Atos, em que estava um grande santuário a Apolo. Então recebe uma mensagem de Deus que Ela deve anunciar o Evangelho naquele monte, uma vez que ele será "a sua parte da Terra, o seu jardim e o lugar em que os que estão à espera da salvação poderão encontrá-la." No sítio do antigo santuário pagão agora está situado um templo da Mãe de Deus.

No imaginário popular sérvio, a sua personagem está mais presente na poesia lírica do que na prosa, uma vez que a poesia se considera mais sublime que a prosa e que tantas virtudes merecem ser elogiadas no canto e nos poemas, e não apenas com palavras simples que a prosa popular usa. Mesmo assim, nos nossos contos ela cura da esterilidade, protege, cuida, aconselha, sendo a Mãe de Deus e de todas as pessoas que se dirigem a ela com oração. Nos poemas populares, além de ser santíssima e gloriosa, ela pode ser representada a bordar, como muitas mulheres sérvias, a recolher as plantas medicinais, o que a aproxima das mulheres das épocas antigas. Quer apareça na prosa,

quer na poesia popular, Ela nunca castiga os pecadores, porque este é o dever de Deus. Ela é uma auxiliar rápida, tem piedade e compaixão e mesmo que desapareça logo, é próxima do mundo íntimo do ser humano. No apócrifos apócrifos e na literatura erudita anónima ela é tratada por Puríssima (*Prečista*), Virgem Santíssima (*Presveta Deva*), elogio dos cristãos (*pohvala hrišćana*). É um exemplo da piedade e compaixão com todos e as suas lágrimas e orações no Céu suavizam o coração de Deus Pai e Ele perdoa os pecadores. Nas narrativas populares aparece mais Cristo que a sua Mãe, mas neste contexto isso não tem a ver com o género e a supremacia do masculino em relação ao feminino, mas sim com o facto de na ortodoxia estar mais desenvolvido o culto cristão que o mariano.

Outras santas que aparecem nas lendas e contos tradicionais são a Rainha Santa Isabel em Portugal e Santa Petka na sérvia, e elas sim são capazes de receber um carácter "de carne e osso", dando a cada cultura um teor mais local e mais específico. Seja como for, com todas as diferenças aqui apontadas, as duas literaturas populares que analisamos dão aos seus leitores ou ouvintes uma visão positiva, boa e diferente da mulher dentro da Igreja, mostrando que ela não é indigna, humilhada e desvalorizada e que pode atingir o grau da santidade devido aos seus méritos e virtudes.

3.4 Os padrões de beleza feminina no imaginário popular português e sérvio

Nesta parte da nossa dissertação concentrar-nos-emos na beleza feminina e na sua ausência, pretendendo ver se um fenómeno abstracto como a beleza difere de cultura para cultura ou nos contos populares existem modelos de beleza que correspondem a um carácter mais universal. Observaremos também com que elementos da natureza se identifica e compara uma mulher bela nas duas tradições e em que medida a beleza física está ou não relacionada com os traços de personalidade e virtudes que a protagonista de um conto possui. Desta forma tocaremos no assunto dos estereótipos, que vai ser tratado com mais atenção no capítulo a seguir, e comentaremos então quais são os estereótipos da beleza das princesas e das mulheres comuns. A nossa primeira impressão depois de termos lido uma série de contos de ambas as tradições, é que os narradores populares não se detêm com demasiados pormenores na descrição do aspecto físico das protagonistas destas narrativas.

No que diz respeito ao aspecto físico, os adjectivos que se usam nos contos portugueses são: "bela", "bonita", "linda" ou "formosa", por vezes aumentados mediante

o quantificador "muito". Quando se trata da irmã ou filha mais nova, salienta-se que ela é a mais bela de todas. Em determinadas narrativas, ela é comparada com o sol, ou então é tão bonita que não se pode sequer imaginar ou descrever. De vez em quando, as características físicas são sugeridas pelo nome da dama (Branca-Flor, Bela-Menina, Cara-Gentil). Algumas das personagens, geralmente princesas, têm os cabelos "doirados", que é significativo, porque se pode interpretar de várias maneiras: como uma questão de moda, preferência pessoal do narrador e os seus critérios sobre a beleza feminina, símbolo de nobreza etc. Sendo o ouro um metal muito valioso, em vez de se dizer simplesmente "cabelos louros" dá-se mais valor não apenas ao cabelo, como um elemento "decorativo", mas também quer-se salientar que a pessoa com estas características físicas é também valiosa. Para José Gabriel Pereira Bastos (1998), os cabelos de ouro simbolizam o cordão umbilical, e isso é uma alusão mais do que clara à fertilidade e à possibilidade de constituir uma família numerosa, que nas sociedades antigas se considerava uma grande honra e privilégio.

O que também nos pareceu interessante é o detalhe de as princesas prestarem muita atenção à forma de se vestirem, de adornarem o seu cabelo com flores ou fitas e de pentarem-no muito, o que indica que a parte visual e exterior não se deve esquecer completamente, embora a virtude se ponha no primeiro plano. Esporadicamente, uma personagem boa é marcada de uma forma especial: tem uma estrela ou rosa na testa, deita pérolas, flores ou pedacinhos de ouro pela boca fora e com isto indirectamente deseja-se salientar a sua singularidade entre as outras pessoas.

Os sítios em que aparecem estas marcas únicas são também importantes: a testa, que se relaciona com a inteligência, e a boca, que significa que o valor das suas palavras é muito grande. Daqui podemos concluir que a beleza física está estreitamente ligada à virtude e que uma protagonista positiva deve representar o modelo da beleza e o exemplo do bom comportamento. Nos casos das rainhas ou madrastas vaidosas, que desejam saber se no mundo existe uma cara mais bela que a sua, o seu aspecto físico está posto no segundo plano, porque apenas a beleza em si, sem nada por dentro, que revelava o carácter da pessoa e o complementava, na lógica dos narradores populares, não vale nada.

Quando as personagens são mulheres feias, esta característica relaciona-se muitas vezes com a velhice, com a viuvez, com as bruxas. Outro exemplo em que é obrigatório ser-se feia, é ser filha da madrasta. Num conto português, a madrasta tem três filhas e cada uma tem um grande defeito físico: ou é cega, ou coxa, ou torta, com o

qual se vê claramente a posição imparcial do narrador em relação às personagens positivas e negativas do conto. Feias (e más também) podem ser as irmãs mais velhas da protagonista, o que já foi discutido anteriormente.

As pretas nas narrativas tradicionais são qualificadas de formas bastante depreciativas: "cachorra", "torta", "gorda" ou simplesmente "feia", e a razão disto pode estar não tanto no racismo e intolerância com o *Outro*, quanto no facto de as personagens negras se dedicarem à bruxaria e fazerem mal aos outros, e os narradores, pretendendo destacar que essas acções são feias, devem mostrar que quem as pratica deve também ser feio.

As mouras podem ter algo de misterioso no seu aspecto físico, o que chama a atenção dos príncipes cristãos. Um dos motivos para isso é o facto de na cultura islâmica a mulher se veste de forma a não mostrar-se muito, e tudo o que não está demasiado à vista, intriga as pessoas e faz com que no não revelado se encontre alguma beleza. Pelo que vimos, nos contos tradicionais portugueses não se pode falar muito na ideia de um prototipo da beleza da mulher portuguesa, porque os narradores expõem uma visão mais universal, mais abrangente e mais simbólica das características físicas femininas.

Na literatura popular sérvia, podemos chegar à conclusão de que existem algumas ideias que coincidem com as narrativas portuguesas (nomeadamente o estereótipo dos cabelos doirados), enquanto que também se podem encontrar alguns traços de carácter local. Os adjectivos que se usam para caracterizar a beleza feminina são: bela (*lepa*), krasna (*formosa*), ou no seu superlativo formosíssima (*prekrasna*), ou maravilhosa (*divna*). Não é raro em vez do sintagma bela menina (*lepa devojka*), encontrar-se *lepota devojka*, que literalmente traduzido significaria: beleza-menina e isto pode interpretar-se de duas formas: do ponto de vista gramatical, quando dois substantivos estão juntos, um deles tem a função adjectival, e também que a menina que é igual ao ideal da beleza. Também, uma protagonista do conto pode ser qualificada como tão bela que não há outra igual a ela em todo o reino, ou em todo o mundo.

Por vezes o povo sérvio relaciona a beleza e a saúde e por isso a menina do conto deve ser bela e saudável (*lepa i krupna*) ou corpulenta, bela e saudável (*krupna, lepa i zdrava*) e aqui já vemos um padrão de beleza tipicamente balcânico, em que uma mulher tem de ser corpulenta, sobretudo se é do campo, para poder suportar e fazer os trabalhos duros que fazem parte do dia-a-dia do ambiente rural. Nesta situação não se pensa na mulher apenas como na mão-de-obra, porque ela tem as qualidades de beleza,

saúde e muitas virtudes, que em conjunto complementam o seu aspecto físico. O facto de uma rapariga ser alta e magra (*visoka i tanka*) também revela o gosto e as preferências do povo da época em que as narrativas tradicionais surgiram. Na tradição sérvia, o que se valoriza muito é combinarem-se a brancura e o rubor no rosto, sendo o branco símbolo de pureza, elegância e origem nobre, enquanto que o rubor, por um lado é indicador da boa saúde, como por outro simboliza pudor. Nalgumas narrativas populares a sua brancura compara-se com a neve e o seu rubor ou com o sangue, ou com a rosa, sendo o sangue símbolo da vida e a rosa da beleza e da juventude. No entanto, a descrição mais detalhada da beleza feminina encontra-se no conto tradicional sérvio *A rapariga mais rápida que o cavalo (Djevojka brža od konja)*⁸⁸ é a seguinte:

"Bila je nekaka đevojka koja nije rođena od oca i majke, nego je načinile vile od snijega izvačena iz jame bezdanje prema suncu ilijnskome, vjetar je oživio, rosa je podojila, a gora lišćem obukla i livada cvijećem nakitila i naresila. Ona je bila bjelja od snijega, rumenija od ružice, sjajnija od sunca, da se take na svijetu rađalo nije niti će se rađati."⁸⁹

Mesmo que à primeira vista se trate de um ser sobrenatural, feito pelas fadas, este parágrafo, e o conto no total, são um verdadeiro elogio da mulher e de todas as suas qualidades, tanto físicas como espirituais. Esta menina não é só mais rápida que o cavalo, mas é mais esperta que todos os seus pretendentes, incluindo o príncipe e, enquanto o leitor espera que ela se case com o filho do czar, ela foge no fim e fica sózinha. Nesta narrativa enumera-se uma série de elementos naturais que participaram na criação da sua beleza, que por sua vez sugerem o seu carácter indomável e o seu impulso pela liberdade. A sua beleza e a sua independência são superiores a tudo, incluindo às regras da sociedade que viam o casamento com um filho do czar como a maior das honras. Indirectamente aqui também é sugerido que uma mulher, e sobretudo se é bela, tem direito de escolher não apenas o marido, mas também se vai casar ou não. Outros sinais de beleza podem ser algumas marcas específicas, que uma princesa tem no corpo: uma estrela, a lua ou o sol.

⁸⁸ *In:* Karadžić (1852).

⁸⁹ (sér) Era uma vez uma rapariga que não nasceu do pai e da mãe, mas foi feita pelas fadas da neve extracta duma fossa sem fundo, virada para o sol de Santo Helias, o vento deu-lhe a vida, o rossio amamentou-a, e a floresta vestiu-a de folhas e o prado adornou-a e fez-lhe fitas de flores. Ela era mais branca que a neve, mais rubra que uma rosinha, mais brilhante que o sol, que uma assim nem nasceu, nem nascerá. (tradução livre)

Quando estão encantadas, as mulheres belas podem aparecer em forma de pássaros, (cisne, pavo, pomba), que no seu simbolismo escondem a pureza, a elegância, a fidelidade e outras virtudes.

Na forma de as protagonistas dos contos se vestirem, adornarem o cabelo ou pentear-se nota-se bem qual é a importância do aspecto físico e da impressão que o seu aparecimento deixa nos presentes no baile, na igreja ou num acontecimento público.

Tal como nos contos portugueses, feias são as personagens negativas: velhas, bruxas, filhas da madrasta, más irmãs, mas também as enteadas maltratadas que se poderiam identificar com a Gata Borralheira. O temporário aspecto feio destas meninas serve mais para se salientar a maldade das protagonistas que a rodeiam, do que propriamente para a caracterizar. Para caracterizar uma personagem feia, o narrador não presta muita atenção nos pormenores, apenas se limita a chamar-lhe de feia, ou muito mais feia que uma personagem positiva.

Esta pequena análise contrastiva serviu-nos para reflectirmos sobre a beleza e a sua falta nas duas literaturas populares aqui analisadas e ajudou-nos a perceber que estes fenómenos são tanto universais como locais, tanto mutáveis, como fixos, que as ideias que os imaginários populares nos oferecem sobre eles contribuem para um melhor conhecimento da nossa própria cultura e da cultura do *Outro*.

3.5 Os estereótipos sobre a mulher transmitidos através das literaturas populares

Como já vimos na secção destinada aos homens, os estereótipos podem ser utilizados com a conotação positiva ou negativa. Embora a opinião geral das pessoas seja que há mais preconceitos negativos sobre a mulher do que sobre o homem, tentaremos demonstrar que estas ideias petrificadas são distribuídas por igual e que o que se critica não é o género, mas sim um determinado defeito. Žarko Trebješanin (2006),⁹⁰ numa revista electrónica, cujo nome se poderia traduzir como “barulho” indica que a imagem que a cultura patriarcal sérvia reserva para a mulher é extremamente negativa: depreciativa, agressiva e possessiva. As qualificações, que segundo este autor

⁹⁰ O texto *Stereotip o ženi u srpskoj kulturi (O estereótipo sobre a Mulher na cultura sérvia)* foi encontrado na página web: <http://www.6yka.com/do/da/282> e é de 16 de fevereiro de 2006. O nome do site está escrito em caracteres cirílicos e a palavra *buka* em sérvio significa barulho. O site foi consultado por última vez no dia 29 de Junho de 2009, às 22:02.

sse aplicam à mulher são: faladeira (*brbljiva*), infiel (*neverna*), caprichosa (*ćudljiva*), má (*zla*), malvada (*pakosna*), vingativa (*osvetoljubiva*), estúpida (*glupa*) e depois cita uma série de provérbios e poemas populares para justificar a sua opinião, embora extraídos do contexto original. Obviamente não concordamos com esta ideia, e para tentarmos comprovar que cada imagem na literatura popular tem a sua razão de ser, continuaremos com a nossa análise, dando a nossa visão do assunto. É verdade que nos contos populares à mulher se lhe atribuem a teimosia, a maldade, a língua comprida e a curiosidade, mas disso também os homens não estão dispensados: a tradição portuguesa oferece-nos tanto o caso da *Mulher teimosa*⁹¹, como dos *Rei e rainha teimosos*⁹², por tanto, o que a tradição popular critica é a teimosia, independentemente do género, mostrando que nem o próprio rei pode escapar a este defeito. Quanto à maldade, nomeadamente da madrasta ou sogra, o que interessa mais aos leitores é a sua posição na família e a sua relação com a enteada /nora, do que o seu sexo feminino. Se a figura do mau padrasto não aparece, é porque por um conjunto de factores, as mulheres reais numa sociedade patriarcal raras vezes se voltavam a casar. A vontade de falar muito e de não conseguir guardar o segredo está associada à mulher, mas também nos contos tradicionais de ambas as culturas, em que algum descendente do sangue real tem algum problema com as orelhas, é o rapaz que revela o segredo ao buraco e as flautas o espalham pelo mundo. A curiosidade levou a mulher abrir a garrafa na qual estava encerrado o Diabo, mas por outro lado, muitos rapazes em ambas as literaturas populares abriram as portas do quarto proibido, justamente pela mesma razão.

Vingativos podem ser tanto o homem, como a mulher, porque se há rainhas que por vingança cortam as mãos ou língua a uma rapariga mais bela, inúmeros são os reis na tradição popular que expulsam a filha da casa por não os querer bem (*O Sabor dos Sabores* e outros contos desse ciclo), que mandam encerrar os filhos numa torre alta e afastada, para não os derrubarem do trono. Se a mulher é frágil, por vezes passiva e espera pelo seu defensor, pode também ser corajosa, persistente e não se preocupar com romper as botas de ferro até encontrar o seu amado, para o salvar do efeito do encanto. Se uma princesa está doente e está passivamente à espera dos figos verdes ou água benta para se curar, um príncipe também pode adoecer de amor e ficar a aguardar o beijo mágico da sua querida ou uma acção “milagrosa” feita por ela.

⁹¹ In: Viana (1985).

⁹² In: Oliveira e Ferreira (1975).

Quando são boas, podem ser comparadas com os anjos, enquanto que, nem o príncipe mais generoso mereceu esta forma de tratamento. Quando se lhes atribui a maldade, as mulheres são capazes de mandar cortar as mãos à enteada, mas quem faz a acção de cortar é um homem, por medo da sua patroa, e aqui a cobardia não serve como contra-partida para a maldade, porque, enquanto que o medo nas mulheres é considerado natural, nos homens é fraqueza.

Ao longo desta análise, em ambas as culturas fomos mais do que uma vez testemunhas da esperteza, sabedoria ou inteligência da mulher, que, quer seja usada para bem, quer para mal, é uma característica admirável. Nestas situações usam-se adjectivos como “sábua” (*mudra*), avisada etc. Para as personagens masculinas com pouca inteligência podem-se encontrar as qualificações como “parvo” ou “tolo”, e mesmo que possam existir formas femininas, são quase impossíveis de se ver nos contos tradicionais. A mulher é vaidosa e deseja saber se há cara mais linda do que a sua, o homem também o pode ser, sendo rei, organiza grandes competições entre cavaleiros, ricos jantares para os seus convidados, exige prendas de luxo dos seus filhos e só casa aquele que lhe agrada mais com a sua encomenda. Por tanto, a rainha (mulher) envaidece-se por coisas abstractas como a beleza, e o homem por coisas materiais (a grandeza dos seus palácios, a sua riqueza e poder.)

Uma mulher “de verdade” deve ser religiosa, ter uma incrível capacidade de sofrer e suportar as injustiças com calma e paciência, para sair dessa situação mais forte e sábua. Ela respeita os pais e os irmãos, é leal e constante ao seu amado, não fala mal dos outros, não interfere nas vidas das pessoas à sua volta, ajuda todos, mas quando é má, digamos uma “anti-mulher”, é capaz de intrigas, de maldades, de acções muito baixas, e por isso merece ser castigada no fim do conto. É considerado mau que uma mulher seja muito mimada, mas devemos ter em conta as histórias em que depois de um longo período da esterilidade dos pais chega ao mundo e é rodeado de todas as atenções. Indirectamente, para não se corromper o seu carácter, o narrador esconde o príncipe detrás de uma pele feia. Por isso ele fica encantado para os pais e revela-se completamente à sua esposa que o trata como adulto e não como criança. Destas comparações que fizemos, podemos ver que um mesmo defeito é criticado tanto nos homens, como nas mulheres, embora de modos diferentes, o que já foi explicado na parte sobre as hierarquias, autoridades e sistema patriarcal.

Observando os dois polos opostos, o “branco” e o “negro” do complexo e profundo ser feminino visto pelo prisma dos preconceitos e estereótipos, chegámos à

conclusão do seu carácter universal, dos vícios e virtudes permanentes na natureza humana, independentes dos espaços culturais em que as narrativas populares surgiram. Esta nossa tentativa de demonstrar que a língua e a cultura não são discriminatórias em relação à mulher, ou pelo menos não tanto como é o costume de se acreditar, representa uma pequena homenagem à mulher: às suas características dignas de louvor, e aos seus vícios, que os narradores populares tencionam corrigir de diversas formas, nem sempre as mais suaves, mas que nos fazem pensar sobre as culturas e formas de ser que existem à nossa volta.

4.0 A criança na literatura infanto-juvenil

Para começarmos a nossa análise das crianças como personagens dos contos populares, devemos primeiro introduzir alguns conceitos que nos possam ser úteis: neste momento devemos fazer uma distinção entre a literatura *sobre* crianças, isto é, cujos protagonistas são as crianças e a literatura *para* crianças, ou seja, a literatura destinada ao público infantil. Por vezes é difícil saber exactamente o limite entre um e outro termo e o caso dos contos de fadas mostra esta situação. Embora raramente os protagonistas destes contos sejam crianças, este tipo de narrativas de alguma forma diz respeito a elas: depois de muita angústia do rei e da rainha por não terem filhos, o bebé desejado finalmente nasce, as criaturas fantásticas existem para estimular a imaginação dos leitores ou ouvintes mais novos, a mensagem final da história tem um objectivo educativo: por isso, os contos maravilhosos são ao mesmo tempo sobre e para crianças.

O grau da dificuldade de explicar esta terminologia aumenta com a noção de que a compreensão dos termos “criança” e “infância” depende de cultura para cultura e abrange muitos factores sociais, psicológicos, linguísticos. Entre tanto, neste capítulo, dedicar-nos-emos mais à descrição das personagens que, pela sua idade são crianças e não pelo grau da maturidade, uma vez que as crianças nos contos populares, ou crescem muito rapidamente, ou são símbolos de esperteza e um espírito aguçado, que por vezes até resultam mais sábias que os adultos.

Para aprofundarmos mais a questão terminológica, deveremos mencionar que Sónia Salomão Khéde (1986) escreve sobre a literatura infanto-juvenil, enquanto que na *Enciclopédia Biblos das Lliteraturas da Língua Portuguesa (1999)* as autoras desta designação separam o seu nome em Literatura infantil e Juvenil, desejando desta forma

salientar os dois tipos de público aos que se destina esta categoria da literatura. Nesta enciclopédia procura-se dizer que o termo que estamos a tentar definir se relaciona com uma série de factores: o conceito da criança durante várias épocas, a organização económica e familiar, da qual depende a posição e o papel da criança na comunidade, com o desenvolvimento dos estudos sociológicos, psicológicos e antropológicos. Não nos devemos esquecer que a literatura sobre crianças e destinada a elas tem sempre um carácter educativo, por isso os contos tradicionais que analisamos para os fins desta dissertação, possuem sempre uma vertente moralizadora. Claro está, que quando se fala no grande desenvolvimento deste género literário, vai-se pensar nos irmãos Grimm, ou de alguns autores do Iluminismo, mas também não devemos diminuir o significado das fábulas gregas, nem dos textos religiosos e pedagógicos dos séculos XV e XVI.

No que se refere aos contos provenientes da tradição oral, em Portugal é incontornável mencionar os nomes de Adolfo Coelho, Consiglieri Pedroso e José Leite de Vasconcellos, e na Sérvia de Vuk Stefanović Karadžić, Vuk Vrčević e outros, que coligiram uma série de contos populares, destinados principalmente ao público infantil, mas lidos e transmitidos de geração em geração também pelos adultos. Embora os ouvintes e leitores destas narrativas sejam em primeiro lugar os mais novos, o seu valor é tão grande justamente porque os mais crescidos também os lêem e encontram nelas outros aspectos e perspectivas em que não pensaram no período da infância.

Enquanto que o leitor-criança nos contos populares se identifica com os heróis, espera o triunfo do bem sobre o mal, e está ansioso por saber o final feliz, na idade adulta o público concentra-se mais em analisar a mensagem transmitida, o sistema de valores numa determinada cultura, consegue penetrar nas características psicológicas das personagens, pensar nos factores antropológicos e etnológicos que se acumularam no “inconsciente colectivo“ dos povos em que determinadas narrativas surgiram. Alguns adultos recorrem à reutilização dos contos maravilhosos, lendas e outras narrativas populares apenas para se lembrarem da sua infância, outros por motivos pedagógicos, alguns “brincam a sério“, criando contos próprios a partir dos que já leram, outros estudam-nos para fins científicos, pretendendo salientar alguns aspectos destes contos, que consideram importantes para as suas áreas.

Seja como for, consideramos útil a existência e a leitura dos contos sobre e para crianças, quer tradicionais, quer cultos, porque desenvolvem a imaginação, enriquecem o vocabulário, fortalecem um sistema de valores, transmitem uma mensagem positiva e fazem os seus receptores pensar.

4.1 Definição do termo *criança* e alguns factores que contribuíram para tal ideia nas duas culturas que analisamos

Na introdução desta dissertação, quando abordámos o assunto do género, vimos que na cultura portuguesa, a palavra “criança“ é feminina e a palavra “filho“ masculina. Com o primeiro vocábulo salienta-se a natureza frágil e terna do ser humano muito novo e com estas características, esta criatura aproxima-se da ideia petrificada sobre a mulher e o feminino.

Na língua e cultura sérvia, o termo *dete*, designando ao mesmo tempo criança e filho (membro da família independente do sexo biológico) está “entre“ o masculino e o feminino, não possuindo ainda as características sexuais visivelmente marcadas como ainda lhe faltam as características que esta cultura atribui claramente a um ou outro género. Se do ponto de vista linguístico e gramatical este conceito já pode ter várias interpretações, variando da cultura para cultura, nas outras ciências a pluralidade dos seus significados seria ainda maior.

Recorrendo ao uso de um dicionário referente de Língua Portuguesa, (Malaca Casteleiro, 2001:1023) encontraremos as seguintes determinações para a entrada lexical *criança*: "1. ser humano no período da infância que ainda não chegou à adolescência ou à puberdade. 2. que se comporta com pouco juízo, de um modo ingénuo, infantil ou que é pouco responsável"

As duas definições são significativas para podermos prosseguir a nossa análise das crianças e aplicar algumas noções sobre elas à literatura popular portuguesa e sérvia. Nas duas literaturas tradicionais que analisamos, o período de “adolescência“ ou “puberdade“ não se mencionam e transformam-se em “idade de casar“ Estes primeiros dois termos eram desconhecidos na altura em que surgiam as narrativas populares e ainda por cima são demasiado específicos e científicos para serem utilizados na literatura destinada principalmente ao público infantil. A “idade de casar“ depende da comunidade para comunidade e também indica que nas culturas patriarcais não houve muito espaço para a adolescência ser tratada como um período importante e separado na vida dos jovens. Com as mudanças fisiológicas e psicológicas nos rapazes e raparigas começavam antigamente as suas primeiras grandes responsabilidades e a sua preparação para o casamento, a iniciação sexual e a entrada no mundo dos adultos. As

comunidades com uma moral rígida e um sistema autoritário consideravam que a melhor forma de as "loucuras" da juventude se corrigirem ou "curarem" era através do casamento, tendo em conta a seriedade e a maturidade que a vida a dois subentende. A segunda definição deste autor revela-nos a parte psicológica da criança que implica a falta de maturidade, a credulidade e um determinado grau de inocência por um lado, e a ausência da responsabilidade, que é um elemento incontornável da vida adulta. Uma visão assim das crianças não corresponde apenas à cultura portuguesa.

Na cultura sérvia também, de acordo com Trebješanin (1991), a criança por um lado representa um ser jovem, frágil, indefeso, dependente dos outros, que merece ser protegido e, por outro um ser ainda inacabado, que, podendo ser influenciado de várias maneiras, deve ser disciplinado correctamente, para não se corromper o seu carácter. Nas famílias patriarcais, tanto portuguesas, como sérvias, como de qualquer outra cultura europeia e não só, a criança é vista como um ser sem grande individualidade, cuja nascença implica alegria e preocupação, que está muito bem incluída nas hierarquias familiares e sociais, ocupando dentro delas um lugar baixo, que na nossa opinião não significa discriminação, mas apenas falta de estatuto, devido à sua pouca idade e ao caminho que lhe falta por percorrer para chegar à fase de adulto. Neste caso poder-se-ia mencionar a posição dos meninos em relação às meninas e poder-se-ia pensar nos privilégios dos primeiros e certas desvantagens das últimas, no entanto, o nosso objectivo é mostrar que a família com filhos ou filhas é considerada mais feliz do que um casamento sem frutos.

A psicologia do desenvolvimento com Jean Piaget contribuiu em grande medida para uma melhor compreensão da posição da criança na família e na comunidade e para a sua importância. Na perspectiva deste cientista a criança é vista como uma entidade que mediante várias etapas se prepara para se tornar adulto. Na sua obra *A Linguagem e o Pensamento da Criança (1977)*, este autor concentra-se nas fases de desenvolvimento da lógica e da linguagem da criança, nas suas necessidades que pretende satisfazer mediante o uso da língua e como é que chega à etapa próxima da idade adulta. Primeiramente a criança aprende uma língua imitando os sons que ouve, repete e constrói palavras de sílabas semelhantes, utiliza a linguagem para satisfazer as suas necessidades imediatas, para com o tempo chegar a utilizar as palavras que identifiquem objectos e pessoas do seu arredor e também conseguir exprimir as ideias abstractas ou complexas.

Um dos resultados das observações do comportamento infantil é que: "Comummente a criança fala por meio de frases curtas, encortadas por silêncios

prolongados ou palavras de outras crianças"⁹³. Este facto será utilizado na nossa análise posterior, quando nos concentrarmos mais nas particularidades das crianças como personagens da literatura popular. Melanie Klein (1984:XIV), vê na criança um ser complexo, com uma vida interior muito profunda, cujos problemas não devem ser desvalorizados, e que pode manifestar importantes traços de personalidade nos primeiros anos de vida. Por isso esta autora chama a atenção para: “emotional life of young infants” e “our understanding of whole development of a child”⁹⁴.

Na religião cristã, nas suas duas vertentes mais importantes (a católica romana e a ortodoxa) a existência das crianças na família é vista como um dom de Deus, que implica uma grande alegria e ao mesmo tempo um grande sacrifício por parte dos pais. Para Vladimirov (2005) a criança é importante, mas não o membro mais importante da família e o seu centro, e por isso, para não se tornar mimada e mal-criada, desde pequena tem de desenvolver os hábitos de trabalho, respeitar os pais e ser o seu ajudante. Na opinião deste autor já podemos intuir algumas ideias sobre a criança como um ser que deve ser correctamente educado e preparado para se integrar na sociedade.

Na etnologia a criança é um ser imperfeito, incompleto e quase impuro, que mediante vários rituais de iniciação, costumes e acções que começam desde a sua nascença e variam da cultura para cultura, deve ser aperfeiçoado, purificado e marcado como membro de uma determinada comunidade. Daqui concluímos que o nascimento de um novo membro da família não se reduz apenas a um acto pessoal, é importante de vários aspectos: social, cultural, religioso, demográfico, político, nacional etc. No caso de determinadas culturas podemos observar o nascimento e educação de um filho como criação de boas pessoas, de acordo com o sistema de valores dominante numa comunidade, mas também como criação de “bons” e “típicos” portugueses, sérvios ou outros. Neste comportamento não vemos nacionalismo, apenas respeito pela própria etnia em que um indivíduo nasce. Ir e conhecer melhor a diversidade cultural e as particularidades do *Outro*. Como já salientámos várias vezes ao longo desta dissertação, julgamos imprescindível conhecer, respeitar e amar primeiro a sua identidade e cultura, para podermos sentir e compreender a particularidade do *Outro*. Por vezes a criança se relaciona com a felicidade do casal, o cumprimento dum dos objectivos do casamento,

⁹³ *Idem*, 27

⁹⁴ (ing.) a vida emocional de uma criança jovem, a nossa compreensão do completo desenvolvimento da criança.

a “coroa” ou “fruto” do amor mútuo do marido e mulher, e para esta visão da família e da posição das crianças dentro dela, Soloviev (1985) tem a seguinte resposta: não são os filhos que existem para realizar a felicidade dos pais, os pais devem viver para a realização da felicidade dos filhos.

De todas formas e em todas as ciências e áreas aqui mencionadas a criança não tem muito espaço para si própria nem uma individualidade destacada, supõe-se que deve ser apoiada, ajudada e preparada de várias formas para uma etapa mais importante - a vida adulta, na qual ela deve assumir responsabilidades maiores e cumprir tarefas dignas e posições da sua idade, estatuto e posição na sociedade.

4.2. Crianças como personagens da literatura popular portuguesa e sérvia

Devido à posição da criança na sociedade e nas culturas, e sobretudo patriarcais, vemos que elas raramente são personagens centrais das narrativas que analisamos. São importantes como filhos, irmãos, netos, afilhados ou enteados, embora por vezes lhes seja dado um espaço maior. Seguindo as aventuras das crianças nos contos, o leitor ou ouvinte identifica-se com elas, por vezes as critica, por vezes concorda com os seus comportamentos, aprende a mensagem final da história, mas, na nossa opinião, nunca fica completamente indiferente à presença dos meninos e meninas nos contos, lendas ou mitos. Esta emoção que os pequenos actores da história causam em nós pode significar a vontade de regressarmos por um momento ao período da infância, em que as preocupações eram menores e as atenções da família e das pessoas à nossa volta se dirigiam mais a nós. Uma outra razão possível para não ficarmos frios e desinteressados perante as crianças nos contos pode ser o desejo de compreendermos melhor as suas necessidades, para as educarmos, protegermos ou demonstrarmos qual é o modelo de comportamento que as crianças actuais poderiam seguir. Mais tarde veremos que até as crianças podem dividir-se em personagens positivas e negativas dos contos e que a imagem que se tem delas nem sempre é uniforme, isto é, nem em todas as situações elas correspondem ao estereótipo da pureza, inocência ou fragilidade quase angelical.

Concentremo-nos agora nas personagens concretas das crianças na literatura tradicional, para vermos se existem prototipos e ideias petrificadas e conhecidas universalmente, e até que ponto as tradições portuguesa e sérvia conseguiram dar um teor específico e local a elas. Mesmo que ocupem um espaço reduzido nas narrativas, as

crianças e os seus problemas estão presentes na consciência popular, sendo elas as que triunfam no fim do conto.

Um dos problemas para os que a literatura tradicional portuguesa chama a atenção é a timidez ou, melhor dito, a introversão das meninas em relação ao namoro. Em *O Passarinho Verde*⁹⁵ o leitor conhece uma menina ou adolescente “que nunca quis namorar” e que “não tinha distração nenhuma”. Embora nos tempos antigos o casamento era uma parte inevitável da vida de cada menina, os pais parecem neutros no início do conto, respeitando o facto que ela “não quis namorar”, o que significa que lhe dão a liberdade de decidir quando e com quem vai namorar, sem lhe imporem critérios que o seu futuro namorado deve cumprir, nem lhe sugerirem alguma pessoa “apropriada” para ela.

No entanto, descobrindo que a menina está triste (ou deprimida, mesmo que não se use este termo), o rei toma uma posição mais activa, desejando descobrir qual é o problema da filha que a fez não sorrir mais e traz pessoas de todos lados para-lhe contarem situações engraçadas e para tentarem devolver-lhe o sorriso. Nesta situação a sabedoria popular propõe é que os pais não sobreprotejam os filhos, que lhes deixem o suficiente espaço e autonomia para decidirem por si próprios sobre alguns aspectos importantes da sua vida, mas o papel da família deve ser compreender os problemas dos seus membros mais novos, intervindo no momento oportuno e de forma correcta.

A função educativa dos contos populares é evidente, e ainda mais quando as personagens são as crianças. A tradição sérvia, embora destaque claramente o lugar da criança na hierarquia familiar, também dá muita importância ao papel dos pais na vida dos filhos. Na lenda intitulada como *São Sava, o pai, a mãe com uma criança pequena (Sveti Sava, otac i mati sa malim detetom)*⁹⁶ um casal leva o seu filho para São Sava oabençoar e dar-lhe a felicidade e o santo responde que pode dar a bênção à criança, mas que a sua felicidade está no esforço dos pais em ensinarem-no a não mentir, não roubar, a trabalhar e ser poupável, obediente, religioso e a respeitar os mais velhos. Por vezes, o pai ou o avô consultam as crianças, pedem a sua opinião, como no caso de *As maçãs podres (Trule jabuke)*⁹⁷ em que o pai quer saber a razão pela qual as maçãs boas do seu filho Dragoslav apodreceram e ouve com atenção a sua resposta certa.

⁹⁵ In: Viana (1985).

⁹⁶ In: Milanović (1995).

⁹⁷ In: (Tomić,1999).

Sendo o mundo um lugar inseguro, o papel dos pais também é prevenirem os filhos dos perigos e aconselharem-lhes a não ultrapassarem as suas forças. Por isso, os pais por vezes encerram os filhos numa torre alta para evitarem que lhes aconteça alguma desgraça. Se têm algum defeito físico ou são demasiado pequenos, os pais não os deixam sair de casa sem uma razão muito importante. Desta forma o *João Pequenito*⁹⁸ português vai levar o almoço ao pai apenas quando a mãe não o consegue fazer, e o *Filho do Urso (Mededović)*⁹⁹ sérvio obtém a permissão de ir ao mundo apenas quando arranca a árvore em frente da casa, isto é quando atinge a suficiente força física e maturidade para enfrentar o mundo em que “*ima zlijeh zverova koji se zovu ljudi pak će ga ubiti*”¹⁰⁰ Uma criança, sendo por vezes inocente, ingénua e frágil não é capaz de lutar contra a maldade dos adultos, que neste caso se comparam com as feras.

Por vezes, às crianças são lhes dados alguns conselhos sobre o comportamento, para não se corromper o seu carácter: que se devem rodear apenas de boas companhias, como já analisámos no conto sérvio *As maçãs podres*, que não deve ouvir *As bocas do mundo*¹⁰¹ etc.

A ideia da inocência e da pureza das crianças será mais tarde abordada com mais pormenor na parte sobre os preconceitos e estereótipos sobre a população infantil em ambas as culturas. As crianças devem, sem dúvida alguma educadas, com conselhos, exemplos e outras medidas disciplinares que, por vezes não são nada suaves e recomendáveis hoje em dia, mas que são um reflexo dos tempos antigos em que era aconselhável resolver os problemas levantando a voz, impondo a autoridade ou até batendo nos filhos. Nas duas tradições vemos que quando um menino sonha que se tornou rei, é castigado, e com isto os pais, embora de forma dura, pretendem dizer ao filho que é perigoso deixar-se levar por imaginação desmedida, e que pela grandeza das ambições na vida real pode chegar a sofrer muito.

Enquanto que Sónia Salomão Khéde (1986) considera o aparecimento da criança como personagem da literatura infanto-juvenil um facto esporádico, relacionado com a imagem de fragilidade e inocência em conjunto com os rituais de iniciação, existem também outras teorias, que dão mais importância a esta categoria de participantes nas histórias tradicionais. Andreia Cardoso Reis (2005) ressalta três tipos de crianças como

⁹⁸ In: Oliveira e Ferreira (1975).

⁹⁹ In: Karadžić (1821).

¹⁰⁰ (sér) há feras más que se chamam gente e o vão matar (tradução livre). A citação é de Karadžić (1821:9).

¹⁰¹ In: Oliveira e Ferreira (1975).

personagens da literatura popular: *a criança abandonada*, *a criança que sofre maus-tratos* e *a criança que subverte*. Classificando-as desta forma, esta autora chegou à conclusão de que a literatura popular tenta denunciar determinados problemas existentes na sociedade em que os contos surgiram, e também algumas injustiças universalmente conhecidas como por exemplo as crianças que passam fome e são obrigadas a trabalhar desde muito cedo para ganharem a vida.

No entanto, embora não directa e abertamente, a literatura tradicional encontra maneiras de expor ao público os problemas que existem na realidade em que os leitores ou ouvintes destes contos vivem. Quando uma criança é abandonada no conto popular, quem a expulsa de casa geralmente é a madrasta e não a mãe, uma vez que na mente das pessoas é inadmissível atribuir-se à mãe a crueldade ou falta de preocupação com os filhos. No conto português *Maria Silva*¹⁰² o narrador popular expõe o caso de uma criança abandonada pela mãe e que nunca mais foi procurada por ninguém e sugere-nos a situação de uma filha ilegítima que não tem mais familiares. Embora este exemplo seja da tradição portuguesa, devemos dizer que o problema dos filhos ilegítimos abandonados logo depois da nascença é universal e que acontece também na Sérvia e em todos os lados do mundo. Tendo lido o caso do Filho do Urso, abandonado pela mãe, nenhum leitor recrimina a mulher, pelo contrário, o seu comportamento considera-se compreensível, porque não é natural uma jovem viver com um urso. No entanto, quem encontra o filho rejeitado e cria-o como seu, na imaginação popular é muito respeitado, quase é igualável aos pais biológicos, porque salvou a criança da morte, das desgraças, da fome, acolheu-a, deu-lhe nome e educação, que são tarefas muito difíceis, mas muito valorizadas. Os pastores, os pescadores ou pessoas humildes que aceitam o novo membro da sua família são muito agradecidas a Deus, e depois no fim do conto são também premiados e o filho adoptado por eles nunca os esquece. O abandono das crianças acontece por várias razões: a pobreza dos pais, sobretudo quando numa família já existe o número excessivo dos filhos. Nestes casos a criança é dada a um viajante desconhecido que ouviu a profecia das fadas para o recém-nascido e que compra a criança dos pais querendo impedir a realização do destino. Justamente essa criança vendida depois chega a ser rica e poderosa e, desta forma é recompensada pelo sofrimento na infância. A fome e a pobreza dos pais podem chegar a ser o motivo de desespero pelo qual o pai em um momento deseja matar os filhos e é impedido de o

¹⁰² In: Oliveira e Ferreira (1975).

fazer por um anjo ou outro ser sobrenatural que lhe aparece no sonho. Às vezes a razão do abandono pode ser uma sina, um defeito físico ou uma característica que faz com que essa determinada criança se diferencie notavelmente de todas as outras (braços de ouro, rosa na testa, estrela na cabeça). Nestas situações quem abandona os meninos e meninas é a sua avó, ou as tias, por inveja que sentem pela sua mãe. Na realidade, o que se considera “normal” numa sociedade é o que corresponde aos critérios da maioria, isto é, nada se pode salientar nem pelos defeitos, nem por alguma característica extraordinária. A comunidade raramente aceita e aprova aquilo que é muito superior à imagem dominante e por isso as crianças nascidas com uma marca especial, mesmo que seja de ouro, têm de ser rejeitadas no início do conto e substituídas por seres inferiores a eles, geralmente cachorros. No entanto, ao longo da história, essas crianças-prodígio, após muito sofrimento e muita luta, conseguem ter um lugar digno na família.

Tratando-se de defeitos (estatura igual ao grão de pimenta ou de milho, cabeça de cavalo, filho sapo ou serpente) pareceu-nos que eles são mais toleráveis na mente das pessoas que a existência de um dom extraordinário. Nos contos populares o defeito físico é fruto de um encanto, que se deve quebrar e desaparecer no fim da história, com o qual o que se calhar se pretende transmitir ao público que é mais importante ser virtuoso e bom, apesar do aspecto físico. Por outro lado, mesmo que o defeito físico produza sofrimento, os rapazes-sapos ou serpentes casam-se e procuram a sua felicidade, o que indirectamente significa que é importante tomar consciência sobre o seu corpo, aceitá-lo tal como é, cuidar da saúde e não se preocupar com os comentários maliciosos das pessoas que rodeiam o protagonista doente ou imperfeito. Quando a criança não satisfaz determinados critérios morais que lhe foram ensinados, o pai considera que o seu direito é abandoná-la, como é o caso com *A Princesa abandonada*¹⁰³, uma jovem que engravidou antes de ser casada, o que causou raiva no rei. Neste conto salienta-se que para todas as pessoas, independentemente do estatuto social ou origem deverão valer as mesmas regras e os mesmos modelos de comportamento. Este tipo de abandono dos filhos pode representar uma tentativa de denúncia que a literatura popular faz contra algumas regras rígidas e difíceis de mudar no mundo. Como prova disso serve o final da história em que a filha do rei se consegue casar, ter muitos outros filhos e ser feliz.

¹⁰³ In: Coelho (1985)

Dentro da categoria das “crianças que sofrem maus-tratos” cabem todos aqueles enteados, sobrinhos e netos que foram alvos da inveja e por isso sujeitos a vários tipos de humilhações: violência, fome, falta de roupa e finalmente a expulsão da casa paterna. A tradição popular não pode “fechar os olhos” perante a existência destes graves problemas na sociedade, mas nunca os atribui aos parentes mais próximos: o pai e a mãe, sugerindo deste modo que a família deve representar um pequeno núcleo de segurança, aceitação, e todas as condições favoráveis para um correcto desenvolvimento emocional e psicológico dos filhos.

Alguns dos motivos para a entrada da madrasta como novo elemento na família são a grande mortalidade das mulheres no parto, devido à falta de condições adequadas para o parto se efectuar, a pressão social sobre o pai para encontrar alguém que lhe criasse os filhos etc. As razões para o comportamento mau e frio da madrasta em relação aos enteados foram observadas anteriormente, como também foi apontada a falta da autoridade do pai, através da qual a imaginação popular deseja denunciar a existência de determinados problemas no funcionamento da família.

A ausência do pai do seio familiar, durante a qual acontecem os maus-tratos pode ser também condicionada de diversas formas: a guerra, a luta por sustentar a família em condições precárias, as viagens e instabilidade económica, que são todas pequenos reflexos da realidade objectiva, transpostos de forma simbólica para a realidade fictícia das narrativas tradicionais. Inúmeros são os exemplos das personagens dos contos populares que imitam o modelo da *Gata Borralheira* ou *Hansel e Gretel*, em que uma ou duas crianças são expostas ao ódio, inveja, trabalho forçado, falta de afectos na família e outros distúrbios, pelos quais são obrigados a afastar-se da casa em que nasceram. Por um lado, este caminho cheio de sofrimento causa nos leitores ou ouvintes das narrativas tradicionais compaixão e ternura em relação ao próximo, e por outro, esta dolorosa saída de casa tem um significado simbólico: o do abandono da infância e o começo de crescimento em direcção à vida adulta. Ao longo do processo da formação da sua personalidade, estes meninos e meninas devem passar pelas florestas densas, sentir fome, cansaço e outras perturbações físicas, tal como medo, solidão e sofrimentos de carácter emocional. Não julgamos que o abandono das crianças na floresta seja uma coincidência, muito pelo contrário, na nossa perspectiva tem um simbolismo profundo: representa um sítio perigoso, mas também existe uma saída que os protagonistas sempre encontram, que nos sugere indirectamente que por grandes que sejam os nossos problemas, existe sempre uma esperança. Na opinião de Chevalier e Gherbrant

(1982:331) trata-se do “mistério ambivalente da floresta” que “é ao mesmo tempo geradora de angústia e de serenidade, de opressão e simpatia, como todas as poderosas manifestações da vida”.

Sendo a infância geralmente considerada como um período sem preocupações, cheio de segurança e felicidade para a criança e a adolescência um tempo perturbador, em que a pessoa jovem já não quer ser tratada como criança, deseja a sua autonomia e procura a sua independência dos pais, deve encontrar o seu próprio lugar na vida, aprendendo a lidar com numerosas provas e mostrando a sua inteligência, coragem, valores morais e força. Este tipo de contos serve para dar a ideia de que há experiências na vida que são de tal maneira únicas que um indivíduo deve passar por elas só.

No caso de dois irmãos abandonados (um irmão e uma irmã), no seu caminho combinam-se a força física masculina e a esperteza feminina. Se lemos estes contos procurando apenas o sentido literal, aprendemos que é melhor ter alguém próximo para nos ajudar e apoiar nos momentos difíceis, para partilhar os nossos medos, tristezas e dúvidas, para duplicar as nossas alegrias ou simplesmente estar connosco. Se pretendemos encontrar um significado mais profundo nas narrativas das crianças afastadas de casa, podemos ver que em todos nós existem características típicas “masculinas” e “femininas”, que servem para se complementarem e completarem a nossa personalidade. Nestes casos devemos saber que o medo, a insegurança, e também o desejo de sobrepor-se às dificuldades são inerentes no ser humano, que por vezes todos nós temos as nossas fraquezas, e também os momentos brilhantes, que os defeitos servem para valorizarmos mais as virtudes.

Em determinadas situações a criança que sofre ou é mal-tratada é protegida por um santo popular que foi seu padrinho do baptismo (Santo António ou São Pedro em Portugal ou Santo Elias na Sérvia) e com isto se deseja salienter a importância da religiosidade e da fé nas provas mais difíceis ao longo da vida, que deve começar a existir e desenvolver-se nos primeiros anos de vida, para traçar um caminho correcto das pessoas. Com a frase muitas vezes repetida: “Valha-me aqui o meu padrinho”, o narrador popular demonstra a forte ligação entre os padrinhos e afilhados e o papel dos primeiros como educadores, ajudantes e acompanhantes das fases de desenvolvimento e todos os momentos cruciais na vida dos seus filhos espirituais.

Na situação em que a criança mal-tratada volta para a casa do pai, no fim do conto ela é mais forte, mais madura e mais segura de si própria e regressa apenas para demonstrar que já é capaz de valer-se por si mesma, e para o pai ver os seus resultados.

Se não volta, casa-se e é feliz com a sua pessoa amada e não menciona mais os maus-tratos feitos pela madrasta, o que também pode ter um duplo significado: o de perdão e gratidão pelas experiências vividas, que fortaleceram o seu carácter e, por outro lado, pode indicar uma ruptura definitiva com o passado, a vontade de esquecer os acontecimentos traumáticos e também salientar que os que fizeram tanto mal na vida das personagens dos contos não merecem nem sequer ser mencionados mais.

A interpretação desta atitude depende de leitor para leitor, e por isso entre outros motivos, a literatura tradicional é tão rica em conteúdos, símbolos, significados e perspectivas de análise. Andreia Cardoso Reis (2005:8) caracteriza as crianças que sofrem maus-tratos como passivas, enquanto que valoriza muito “as crianças que subvertem”, encontrando nelas um princípio activo, que não se pode igualar à ideia da fragilidade. Esta autora é de opinião que “a criança que subverte é aquela que vira o jogo da vida cotidiana, que possui o trunfo capaz de mudar os rumos da história.” Como exemplo das tais crianças cita o João e a Maria, nomes populares atribuídos às versões de *Hansel e Grettel* adaptadas nos países de língua portuguesa. Tanto na tradição portuguesa como na sérvia existem casos de um irmão e uma irmã, expulsos da casa paterna que no seu caminho se encontram com a bruxa ou uma mulher velha que os quer comer. Em Portugal, apenas para ilustrarmos, encontramos *Os dois pequenos e a bruxa*¹⁰⁴ e na Sérvia no conto *Outra vez a madrasta e a enteada (Opet maćeha i pastorka)*¹⁰⁵, que embora no título mostra apenas a presença da enteada (sendo ela mais inteligente e mais forte que o seu irmão) trata do destino de dois irmãos que “subvertem” e a sua “subversão” consiste em matar a bruxa ou velha, deitando-a no mesmo forno em que ela os ia assar. Este conto não tem por objectivo salientar que matar seja algo desejável ou positivo, sobretudo quando os assassinos são duas crianças, pelo contrário: a mensagem deste tipo de contos é que nem todas as injustiças se hão-de suportar, que as crianças se devem revoltar por vezes e clamar pela justiça. Segundo a investigadora brasileira Cardoso Reis (2005) nestas narrativas expõem-se casos “de crianças que buscam, a partir de suas próprias experiências, dentro de sua própria história, o material que possa devolver-lhes a liberdade.”

Na nossa investigação chegámos à conclusão de que além das crianças maltratadas que “subvertem”, podem existir ainda mais diversos modos de “subverter” e de salientar a importância das crianças no mundo. Em ambas as culturas populares que analisámos,

¹⁰⁴ In: Consiglieri Pedroso (1985).

¹⁰⁵ In: Karadžić (1853).

encontrámos casos em que os mais novos usam a sua inteligência e esperteza para atingirem um objectivo.

Mesmo que sejam poucos os contos em que as crianças são personagens centrais, precisamente estas narrativas servem para salientar algumas capacidades únicas que as crianças possuem e que as diferenciam dos adultos. Para exemplificarmos este ponto de vista, a tradição sérvia oferece-nos o exemplo de *Uma mentira para a aposta (Laž za opkladu)*¹⁰⁶ em que um menino consegue inventar uma mentira muito grande e vencer o moleiro desonesto e ficar com o pão só para ela. A cultura popular portuguesa dá-nos a conhecer uma história parecida sobre *A mentira do tamanho do Padre-Nosso*¹⁰⁷ em que o tolo mente o seu padrinho para ajudar a família e ficar com a herdade. Nestas situações a tradição não deseja defender a mentira nem dizer que com meios desonestos se devem atingir os alvos pretendidos. O que se salienta é a imaginação das crianças, que se deve desenvolver e a sua maneira inteligente de lutar contra alguma injustiça. A inteligência infantil nas duas tradições populares é valorizada e desenvolvida até tal ponto que os rapazinhos muito novos são capazes de enganar o próprio Diabo ou algum mago velho, utilizando as artes que aprenderam deles. Com estes contos glorifica-se a capacidade de aplicar o aprendido na realidade prática com o objectivo de ajudar os pais de não passar as dificuldades ou para se livrar do mal. As narrativas que ilustram estas situações são *O aprendiz do mago*¹⁰⁸ em Portugal e *O Diabo e o seu aprendiz (Đavo i njegov šegrt)*¹⁰⁹ na Sérvia. Quando é preciso vencer o Diabo ou mago, duas personagens obscuras, relacionadas com a magia negra e as forças do mal, qualquer pessoa é apropriada, e uma criança ainda mais, porque por um lado, as crianças são consideradas boas quase por natureza, e graças à sua pureza e bondade conseguem vencer o mal sem dificuldades. Por outro lado, elogiam-se a sua esperteza e o intelecto aguçado. Depois de ter vencido o Diabo, não voltam a recorrer ao uso de artimanhas nem utilizam as suas habilidades para prejudicar ninguém. Por esta razão, as crianças servem como exemplo de que a aprendizagem bem direccionada sempre pode ser útil.

No que diz respeito à aprendizagem e a educação infantil, em muitas das situações narradas nos contos, vemos que a criança aprende imitando as acções que praticam os adultos que o rodeiam, sendo os pais, e depois os mestres ou outras pessoas à sua volta o exemplo com o qual se identificam. Este tipo de aprendizagem na

¹⁰⁶ In: Karadžić (1853).

¹⁰⁷ In: Consiglieri Pedroso (1985).

¹⁰⁸ In: Oliveira e Ferreira (1975).

¹⁰⁹ In: Samardžija (2006).

psicologia é conhecido sob o nome de aprendizagem segundo o modelo. O modelo importante na vida dos meninos é o pai e para as meninas é mais fácil identificarem-se com a mãe, o que confirmam numerosos exemplos dos filhos do rei, que seguem o exemplo do pai nas virtudes. Quando se trata das mulheres, a filha do primeiro casamento é boa como a sua mãe e a filha da madrasta imita os comportamentos da sua. Alguns dos contos que ilustram a aprendizagem segundo o modelo são *A filha da bruxa*¹¹⁰ em que Guiomar repete as artes da mãe e *Faz o comedouro dos porcos ao pai (Gradi ocu korito)*¹¹¹ em que um homem casado faz um recipiente do qual comem os porcos para dar ao seu pai de comer dali, porque o próprio pai lhe causa nojo, e só não realiza a sua intenção quando vê que o seu filho pequeno está a fazer um recipiente igual para dar a ele.

Na cultura popular sérvia há vários exemplos súteis de o narrador, pela boca de uma criança, levantar a voz contra alguma regra injusta, contra as hierarquias rígidas ou apenas para defender a posição da criança. Tais são os exemplos de *Para mim uma e para ti o resto (Meni jedan a tebi ostalo)*¹¹² em que um pequeno aluno é mais inteligente que o sultão turco, e indo para o seu palácio, resulta mais esperto que um guarda do sultão, que vai deixar entrar apenas depois de dividirem o prémio, sendo o “prémio” que o menino pediu nem mais nem menos que cem pancadas com o bastão nos pés, ficando o menino com uma e o resto mercidamente foi dado ao guarda turco. Neste exemplo a sabedoria popular eleva ao nível mais sofisticado a rivalidade nacional sérvia e turca, pretendendo mostrar mais uma vez o poder injusto do opressor, que deve ser vencido com inteligência, uma vez que a criança não tem força física suficiente para se opor ao inimigo com armas.

Ao nível familiar, as crianças sérvias deviam conhecer muito bem o seu lugar dentro de uma família com notáveis e fortes hierarquias baseadas nas normas partiarcais, mas os narradores levantam-se de forma suave, em defesa dos seus direitos. Assim são os contos *Quem pede, receberá (Ko ište – dobiće)*¹¹³ em que o pai critica o filho por falar quando os maiores não lhe dão a permissão e por pedir a carne sem que ela é dada aos outros primeiro. Ao próximo almoço a criança, obedecendo a vontade do pai, fica quase com fome, uma vez que ninguém dos mais velhos lhe presta atenção. Tendo a permissão para falar, o menino pede sal, para salgar aquela carne que os outros

¹¹⁰ In: Consiglieri Pedroso (1985).

¹¹¹ In: Tomić (1999).

¹¹² In: Milošević-Đorđević (2004).

¹¹³ In: Tomić (1999)

se esqueceram de lhe dar e a partir daí é lhe autorizado pedir e lutar pelo que lhe corresponde. Mais um exemplo de crianças "subversivas" provém outra vez do meio cultural sérvio e fala em defesa da perspicácia e sabedoria natural dos mais pequenos, com os quais se pode aprender também. O conto chama-se *O pai e o filhote (Otac i sinčič)*¹¹⁴ em que o pai, tendo o filho ao colo, compara-o a um jumentinho. A, talvez inesperada, resposta é: “Por acaso você engendrou ele também?”, em que não se deseja contrariar à autoridade paterna, uma vez que vemos que o menino se dirige ao pai com respeito, mas é uma prova de que os filhos, por vezes na sua inocência, são capazes de dar respostas que podem confundir. Mesmo numa família patriarcal, o menino não mereceu nenhum castigo por ter-se oposto ao pai. Pelo contrário, o pai, ao ficar calado, mostrou que o seu filho pequeno lhe ensinou que com assuntos sérios como a família não se pode brincar. Tendo citado mais contos da tradição oral sérvia de forma nenhuma desejamos louvar a nossa cultura e desvalorizar a cultura do *Outro*, apenas explicar algumas particularidades históricas que contribuíram para um maior número e visibilidade de narrativas sobre crianças neste meio cultural.

A literatura popular dá-nos a saber que as crianças, sejam elas activas ou passivas nos contos, quer que sofram, quer que subvertam, são um grande exemplo com o qual vale a pena aprender, porque por vezes o seu raciocínio é muito simples e lógico e ajuda que os mais maduros percebam grandes verdades de forma acessível. Quando sofrem e são maltratadas, as crianças dos contos populares são sinónimo de paciência cristã, quando são boas, igualam-se aos anjos, merecem ser ajudadas e protegidas pelos santos populares, quando são inteligentes, são tão brilhantes que as suas respostas admiram até os muito mais velhos.

No entanto, o imaginário popular apresenta-nos também crianças más, geralmente filhas do primeiro casamento de uma viúva, que mais tarde chegará a ser a madrasta da protagonista. Além de serem más, obrigatoriamente têm alguma desvantagem no aspecto físico, mesmo que o contador da história tradicional as qualifique apenas como “feias” e não se detenha mais em pormenores. A sua “maldade” deve-se ao excesso de atenções e protecção por parte da própria mãe, o que as leva à vaidade, preguiça, falta de respeito pelos outros e uma série de pecados ou comportamentos errados, pelos quais devem ser castigadas no final da história.

¹¹⁴ In: *idem*

Além disso não devemos esquecer que as filhas da madrasta não vivem com o seu verdadeiro pai, e que, embora sempre se diga que o padrasto as trata igual que os seus filhos, nunca se tem a impressão de uma relação de proximidade e carinho. Em segundo lugar, a figura masculina está a maior parte do tempo ausente da vida da filha e da enteada, e por isso, não tendo um verdadeiro modelo de autoridade, as enteadas criam uma imagem torta sobre a importância da família e dos valores tradicionais e tornam-se más. Uma outra possibilidade de o imaginário popular tentar explicar a maldade nas crianças é por elas serem engendradas por intervenção diabólica e por causa do desespero da mãe que durante muito tempo era estéril. A *Princesa-Diabo* portuguesa é um exemplo de menina má, que desde muito nova mata os passarinhos com as mãos e manifesta o prazer nisso. Como a sabedoria popular não tinha conhecimentos dos quais hoje em dia dispõe a ciência, não se podia falar do instinto destrutivo, nos traços de sadismo que se manifestam em algumas crianças, mas podia atribuir esses comportamentos negativos à influência da maldade paterna, sendo o Diabo quem procriou a criança.

A mortalidade infantil e juvenil, na época em que os contos populares surgiam e se transmitiam era uma realidade muito presente. Para as famílias poderem encarar mais facilmente a ideia da morte dos seus filhos e dar uma razão à morte das suas crianças queridas, as duas tradições populares dão exemplos baseados na ideologia cristã. Desta forma, nas duas culturas, as crianças com uma marca específica no corpo que foram mortas por inveja da avó ou tia, reaparecem ou ressuscitam. Os filhos gémeos que o Pedro sacrificou para salvar a vida do seu amigo leal conseguem ter vida novamente. Está também presente a história do rapaz muito jovem que foi ao Céu, enquanto que a resposta séria a este assunto complexo e difícil é que Deus dá e Deus toma, pronunciada pelo São Sava à uma mãe que pede que o santo lhe ressuscite o filho recém-morto.¹¹⁵ Neste caso não se põe em questão a capacidade do santo de ressuscitar o bebé, mas salienta-se que a morte é um processo inseparável da vida e ele só daria a vida novamente ao menino se a sua mãe fosse capaz de encontrar uma família na qual nunca houvesse mortos. Agora pode surgir um outro problema: como explicar a morte das crianças e jovens aos pais agnósticos ou atéus de hoje em dia? Para a literatura tradicional que surgiu numa época em que a vida sem Deus era inadmissível tal vez seja impossível dar uma resposta satisfatória a esses pais. Pelo que observamos até agora, a

¹¹⁵ O conto chama-se São Sava e mãe (*Sveti Sava i majka*) in: Ćorović (1995).

cultura popular tenta dar sentido a tudo e até à morte das crianças e jovens, facto que por vezes parece injusto e inexplicável para a maioria das pessoas.

Mesmo que por vezes não o faça de forma mais suave, a sabedoria popular pretende dizer que nada acontece sem razão, que tudo tem a sua causa e consequência e que às crianças também são aplicadas essas mesmas regras, uma vez que elas fazem parte do mundo e da vida humana.

4.3 Crianças vistas através da língua nas duas culturas populares analisadas: estereótipos e ideias sobre a população infantil: formas de tratamento, diminutivos e outras marcas da infância nos contos tradicionais portugueses e sérvios

Esta parte da nossa dissertação começará por enumerar alguns factos científicos relacionados com a linguagem infantil para podermos verificar até que ponto esta realidade é transmitida ou não nos contos tradicionais. Com o aparecimento da psicologia, e sobretudo do ramo da psicologia do desenvolvimento, presta-se cada vez mais atenção à aprendizagem e/ou aquisição da língua por parte das crianças, escrevem-se muitas teorias e chega-se a vários resultados. Estas descobertas científicas puseram no primeiro plano algumas das características da linguagem que se manifestam mais numa determinada etapa do desenvolvimento infantil, tal como as dificuldades e perturbações ao nível da fala e do uso da língua. Enquanto que Jean Piaget (1977), salienta as fases da linguagem pelas quais passa cada criança (a fase egocéntrica, o monólogo colectivo, colaboração no pensamento não abstracto e abstracto e outras), há estudiosos que as denominem de outra forma, ou que discordem, mas para todos a linguagem é inseparável do pensamento. Herriot (1971), menciona também que a linguagem das crianças se aproxima cada vez mais da dos adultos, de acordo com o seu crescimento, tal como se desenvolve a sua maneira de pensar. Para não ultrapassarmos os propósitos e as ideias básicas deste trabalho, não nos deteremos com mais pormenor nestes assuntos e observaremos como é que a literatura popular encara a realidade linguística das crianças.

Como já vimos, nos *corpora* da nossa dissertação as crianças aparecem muitas vezes como personagens, quer secundárias quer centrais. No entanto, reparámos que nos contos tradicionais não existe a tendência de imitar a forma de os mais novos falarem.

De facto, as crianças apresentadas nas narrativas curtas populares não dão erros, não repetem o que os adultos dizem, não aprendem primeiro as formas regulares e depois as exceções, como acontece na realidade. Uma das razões para este facto é que pela boca das crianças os narradores tradicionais desejam exprimir algumas ideias, conselhos e mensagens dirigidas às crianças e para estas palavras terem mais seriedade e autoridade para elas, devem ser ditas como ideias dos adultos. Um outro motivo possível para as crianças terem pouca idade, mas pensarem e falarem como adultos é porque se deseja salientar a sua inteligência e o desenvolvimento rápido. Por último, o narrador, sendo adulto, conta a história da sua perspectiva, transmitindo os traços da sua linguagem às personagens mais novas.

Uma característica importante da linguagem das crianças reais é começarem a fazer as perguntas mais diversificadas começadas geralmente por por quê a partir de aproximadamente seis anos. Desta forma querem conhecer melhor o mundo que as rodeia, estabelecer e descobrir as relações de causa e efeito ou simplesmente chamar a atenção dos pais. Nas narrativas tradicionais, um comportamento assim é frequente nas crianças que logo depois da nascença foram encerradas numa torre alta para não se cumprir uma má profecia. Sendo a aia a única pessoa que comunica com elas e o único vínculo entre elas e o mundo real, muitas vezes ouvirá perguntas que a confundem, nomeadamente se no mundo há mais pessoas como elas ou por quê a criança está ali fechada. Este traço da linguagem infantil pode ser um reflexo da curiosidade natural dos meninos e meninas, como também se pode interpretar como um impulso irresistível para os protagonistas mais novos procurarem uma saída para o mundo desconhecido do exterior e um primeiro passo na sua individuação.

Se a literatura tradicional não imita a linguagem das crianças, por vezes na sua fala, tal como na fala dos adultos, é possível encontrar elementos dialectais, provérbios ou humor popular, o que indica que a língua é inseparável da cultura em que uma narrativa surgiu. Neste momento convém concentrarmo-nos nas formas em que a língua aborda as crianças, começando pelas formas de tratamento, diminutivos como manifestação de carinho e finalmente nos preconceitos e estereótipos que as duas culturas em questão criaram sobre a população infantil. Sendo as crianças os membros mais novos de uma comunidade, é natural que a forma de tratamento que se usa para um adulto se dirigir a elas seja a segunda pessoa do singular (tu em português ou *ti* em sérvio), o que não significa falta de respeito ou desvalorização. Sobre o valor das crianças dentro da família já foi falado na parte sobre a esterilidade das mulheres e o seu

desejo de terem um filho, mesmo que nasça encantado ou com um defeito físico. Uma outra maneira de um adulto se referir a uma criança é salientando a sua estatura, isto é tratando-a por pequeno/a (*mali/a*) e nomes derivados deste adjectivo. Na língua sérvia podem ser tratadas por *dete* (criança) e na portuguesa por rapazinho. Os sufixos -inho ou -ito na tradição portuguesa podem-se encontrar nos nomes próprios, tal como *Pedro e Pedrinho*¹¹⁶ ou *Os dois Pedrinhos*¹¹⁷.

Na literatura popular sérvia não é tão frequente encontrarem-se diminutivos nos nomes, mas sim, nas formas de se dirigirem aos mais pequenos, seja pelo estatuto na família (filhote- *sinčić*), seja pela idade (rapazinho - *momče*, ou *momčić*) ou então pela sua ocupação: pastorinho (*čobanče*) ou guardadorzinho de porcos (*svinjarče*). Estas formas diminutivas podem em ambas as línguas conter uma nuance carinhosa, o que indica que, por patriarcais que sejam, as duas culturas conheciam as manifestações de carinho, mas guardavam-nas para a esfera privada, porque em público não era bem-visto as crianças serem muito mimadas, uma vez que os mimos excessivos contribuem para a corrupção do carácter infantil. O conto sérvio já mencionado em que o pai tem o filho pequeno ao colo e compara-o com a cria do burro deve ter-se tornado parte da nossa herança popular aproximadamente no século XVIII, porque segundo Fotić (2005), este era o século em que se propagava a unidade da família, foram pintados os retratos familiares e deixou de ser visto como estranho de os pais mostrarem carinho aos filhos, mesmo num espaço público, mas só se os filhos se comportam bem e merecem semelhante tratamento. Indirectamente já foi falado sobre algumas ideias fixas sobre as crianças nas duas culturas comparadas aqui, e agora deter-nos-emos mais na questão dos preconceitos e estereótipos que o imaginário popular reserva para a população infantil, começando por enumerar alguns dos estereótipos negativos.

Os filhos que dependem demais da atenção dos pais, que não seguem os seus conselhos, não se comportam com as regras da sociedade e “nunca fazem nada acertado”¹¹⁸ são considerados “tolos“, “atolados“, “parvos“ e pelas suas “malas-artes“ merecem sofrer até ao fim do conto “levando pancadas por este mundo“.

A tradição sérvia utiliza os adjectivos *glup*, *benast* ou parecidos para qualificar negativamente os filhos tolos que aparecem na história. O narrador popular desejava provavelmente salientar que a infância é um período importante durante o qual a criança

¹¹⁶ In: Leite de Vasconcellos (1964)

¹¹⁷ In: *Idem*

¹¹⁸ Esta parte da frase, como também a seguinte foram encontradas no conto português *Pedro de Malas-Artes* in: Viana (1985).

se deve preparar para a vida e no qual deve aproveitar o máximo para aprender tudo o que lhe será útil para poder sobreviver e lidar com as tarefas cada vez mais difíceis. Tal como para rapazes não é bom serem tolos, porque deles se exige uma maior actividade e capacidade para gerirem a sua futura família, para as meninas nas duas culturas não é muito aconselhável serem mimadas ou desmazeladas, porque essa é uma característica que as pode impedir a serem boas donas de casa que deveriam manter a ordem na casa do marido. A cultura popular atribui às crianças pouca força física e por isso nem o Filho do Urso na tradição sérvia consegue arrancar a árvore logo da primeira vez, nem o Grão de Milho leva sempre a panela pesada com o almoço para o pai. No entanto, apesar da fraqueza física, as crianças possuem uma grande esperteza, que por vezes pode ser usada para enganar os outros, ou para fins positivos e educativos (aprender a ultrapassar os problemas e dificuldades).

Fazendo uma pequena descrição dos preconceitos sobre aquilo que é prejudicial para a imagem da criança, passaremos agora a enumerar as ideias que a tradição popular pregoa como recomendáveis tentando assim construir o estereótipo das crianças boas. Uma criança "boa" nas duas tradições populares não pede que o pai lhe traga prendas nenhuma da sua viagem, o que significa que as prendas devem ser merecidas pelo bom comportamento, e que a criança desde pequena deve aprender a conformar-se com o que tem, sobretudo se a situação económica na família não é muito favorável. Geralmente os que pedem prendas são os primeiros dois filhos ou filhas e o pai não se recusa a dar-lhes, com o qual as culturas tradicionais mostram a necessidade de os filhos por vezes exprimirem os seus direitos, gostos e de pedirem prendas que lhes fazem falta. Sendo o terceiro filho ou filha o preferido do pai e não muito virado para o material, o pai não se importará em passar por numerosas aventuras para satisfazer o desejo finalmente expresso pelo príncipe ou princesa mais novos.

As duas tradições populares vêem a criança como um ser terno, frágil, inocente e ingénuo, que merece ser protegido e cujos comportamentos devem ser vigiados e corrigidos. Às crianças, devido à sua pouca idade e experiência, em alguns casos não se lhes acredita logo ou até são gozadas pelos adultos, para, no fim do conto se verificar que elas estavam a dizer a verdade. Esta falta de confiança por parte dos adultos, deve-se à capacidade da imaginação, que é muito bem desenvolvida e notável nos mais novos.

Tal como por vezes as crianças são frágeis, outras vezes podem caracterizar-se pelo crescimento rápido ou força física, e com estas características negam o estereótipo

das crianças indefesas e desprotegidas. Os casos que exemplificam as crianças robustas reflectem-se nos nomes do Filho do Urso (*Međedović*), na tradição sérvia, que embora possa sentar-se na pá e meter-se na mala com as sementes, também é capaz de utilizar o maço de ferro e matar o ferreiro mentiroso, e o Mama-na-Burra na literatura portuguesa. Nos dois protagonistas, a língua encontrou uma solução ilustrativa para a origem da sua força: na primeira situação trata-se da relação sanguínea entre o urso e o rapaz, e a segunda oferece-nos um vínculo através do leite, que na cultura popular por vezes tem a mesma importância que o sangue.

Segundo Žarko Trebješanin (1991), em cada cultura existem regras implícitas e subentendidas que influenciam o ponto de vista que a sociedade cria sobre cada um dos seus elementos, incluindo as crianças, e isso reflecte-se na língua também. Por isso não é de estranhar que a tradição sérvia qualifique as crianças com os seguintes adjectivos: "*bezazlen*" inócuo, inocente, "*prostodušan*", que literalmente se poderia traduzir como "de alma simples". Esta última palavra é um bom exemplo para observarmos um estereótipo cultural que tenta confirmar que a alma das crianças ainda não está corrupta com os pecados e defeitos dos adultos. Por outro lado, a tradição portuguesa também encontra diversas formas para pintar a inocência infantil, como nomeadamente a metáfora do carneirinho branco usada para um príncipe encantado no homónimo conto português. Enquanto que as duas culturas populares valorizam muito a inocência das crianças, nenhuma delas defende a ingenuidade, porque a pessoa ingénuo pode facilmente ser enganada e nas duas línguas e culturas a excessiva ingenuidade é igualável à tolice.

Sobre a esperteza e inteligência das crianças como personagens dos contos tradicionais já foi falado anteriormente em várias situações, e agora deter-nos-emos mais nas formas em que as línguas abordam a questão da inteligência na literatura popular: algumas vezes as crianças são dignos interlocutores dos adultos, são perguntadas para darem alguma resposta importante, conseguem resolver uma adivinha difícil, por vezes na última frase do conto descobrimos que nas palavras e acções da criança se esconde uma grande inteligência. Nos contos portugueses as tais crianças são conhecidas como "filhos avisados", enquanto que na Sérvia elas são qualificadas com um dos seguintes adjectivos *pametna* (inteligente) ou *bistar*, que literalmente significaria "cristalino", mas que no sentido figurado tem o significado de "brilhante".

Por último, no imaginário popular a criança boa deve ser obediente, religiosa e respeitosa com os pais, o que também se manifesta na língua de várias formas:

ocasionalmente se menciona o verbo obedecer (em sérvio *poslušati*) ou as variantes menos directas desta palavra como “fazer o que o pai diz”. Nas duas tradições populares mediante a propagação da obediência nas crianças deseja-se salientar a impotência da educação correcta e do respeito das hierarquias, com o objectivo de os membros mais novos da família não se tornarem egoístas, vaidosos e ingratos.

Sobre a prática da religião pelas crianças pode-se pensar desde diversas perspectivas, uma das quais, sem dúvida, é o carácter educativo que têm as narrativas tradicionais, que faz com que os seus leitores e ouvintes conheçam melhor a sua própria cultura e valores morais. Outro aspecto da importância da religião nos contos populares é ensinar as gerações mais jovens que a ajuda de Deus é importante nos momentos difíceis da vida, tal como é recomendável agradecer-lhe pelo bem que faz às pessoas, e essas noções devem ser reconhecidas e incentivadas desde a infância. No que se refere ao respeito do pai e da mãe é quase escusado explicar que uma criança é inferior a eles na hierarquia familiar, que deve aos seus pais a vida, a educação e deve sentir-se agradecida pelo sacrifício que os pais fizeram por ela. Na linguagem usada pelos protagonistas dos contos, nota-se por vezes o uso das formas respeituosas para o filho se dirigir aos pais, nomeadamente a segunda pessoa do plural (*vi*) na Sérvia e a terceira pessoa do singular em Portugal. Mesmo que a forma de tratamento seja mais familiar e menos formal, o respeito é expresso nas bênçãos e autorizações que a criança pede dos pais. Analisando a posição da criança e da infância na língua de vários pontos de vista, chegámos à conclusão de que a população infantil nas culturas tradicionais não é desvalorizada nem discriminada, mas que de facto se tenta enquadrar as crianças dentro das hierarquias existentes, com o objectivo de se tornarem membros fortes, saudáveis e úteis da comunidade à qual pertencem. Observando as formas carinhosas e os estereótipos positivos sobre as personagens mais novas dos contos populares, apercebemo-nos do valor e significado que cada sociedade atribui às crianças e exprime-os através da língua, um elemento inseparável da transmissão de valores culturais.

4.4 Os padrões de beleza aplicados às crianças nas narrativas tradicionais portuguesas e sérvias

Nos capítulos especificamente dedicados aos homens e mulheres verificámos a existência de padrões de beleza de carácter universal ou local, e nesta altura da nossa investigação será conveniente tentarmos chegar à conclusão de se esses mesmos critérios são ou não aplicáveis às crianças nos contos. Como ponto de partida servir-nos-á o dado de que nem a língua portuguesa, nem a sérvia são muito exaustivas na descrição das personagens das narrativas analisadas. Esta escassez dos pormenores pode-se dever ao facto de, de acordo com Samardžija (2005), as personagens nos contos serem tipificadas, que se dividem em positivas e negativas e classificam-se segundo o seu estatuto social, profissão, idade ou nacionalidade. Por tanto, no que diz respeito ao aspecto físico, o que mais interessa ao público-alvo é se os protagonistas dos contos são belos ou feios, do que deter-se em pormenores específicos. Como já vimos, nas duas culturas há exceções, tanto na noção da beleza, como na sua ausência. No entanto, tratando-se de crianças, muitas vezes acontece que a princesa prometa dar ao marido um filho especial, com uma marca singular no corpo: menina com a rosa na testa, dois filhos gémeos com a estrela de ouro na testa, braços ou cabelos dourados etc. As partes do corpo em que aparece o sinal não foram escolhidas por acaso, porque a testa se relaciona com a inteligência, as mãos e braços com o trabalho e as pernas sugerem a ideia de a criança andar pelos bons caminhos. Repararemos que a rosa na testa é mais apropriada para uma menina, enquanto que o ouro pode ser aplicável para as crianças dos dois géneros, com o qual por um lado se destacam a formosura e ternura da flor e do género feminino, e por outro deseja-se dizer que a beleza em conjunto com a virtude é uma característica desejável tanto para os meninos, como para as meninas. O desejo dos pais de terem um filho frequentemente é mais forte que a previsão do seu encanto, que neste caso seria um defeito. No entanto, mesmo que nasça um sapo, uma serpente ou um príncipe de cabeça de cavalo, nem o rei, nem a rainha qualificarão o seu filho de feio. Nesta situação salienta-se que o amor paternal está por cima dos defeitos físicos ou critérios de beleza geralmente aceites. O aspecto físico feio no imaginário popular é reservado para as personagens negativas, e no caso das crianças, trata-se sempre das filhas que a madrasta trouxe consigo para a casa do segundo marido. A sabedoria popular com estas caracterizações desejava fazer uma distinção clara entre o bem e o mal, o belo e o feio, aumentando cada vez mais as diferenças entre eles e com a finalidade de educar o público-alvo e ensiná-lo a seguir determinados valores, ideias e padrões sociais e culturais. Mediante as ideias sobre a beleza das crianças tentámos demonstrar que as culturas populares portuguesa e sérvia valorizam muito a existência

da população infantil na sociedade e que o nascimento dos filhos é um acto pessoal, familiar e cultural de extrema importância, que provoca uma grande alegria que cada filho é especial, único e por isso deve ter alguma característica que o diferencia de todos os outros seres humanos no mundo. Esta marca por vezes é sina e por vezes bênção de Deus, e de todas formas os pais devem aceitá-la como um sinal que especifica o seu filho e diferencia-o de todas as outras crianças.

5.0 Conclusões

Esta dissertação, tentando não ser nem superficial, nem demasiado exaustiva, teve por finalidade abordar alguns aspectos da literatura popular em geral, concentrando-se com mais pormenor em duas realidades concretas: a literatura tradicional de expressão oral portuguesa e sérvia. Depois de termos definido os critérios para escolher o *corpus* incluído nos anexos desta dissertação, estabecemos a metodologia, as estratégias e os objectivos deste estudo. Mediante esta análise contrastiva de dois *corpora* de narrativas curtas, o nosso objectivo era salientar algumas características semelhantes no modo de ser, pensar e agir dos Portugueses e dos Sérvios, povos que ao longo da história nunca tiveram contactos directos históricos, geográficos ou sociais. Desta forma a nossa intenção era descobrir alguns dos valores universais, aplicáveis para toda a humanidade, independentemente do espaço cultural em que determinadas narrativas surgiram e foram transmitidas oralmente de geração para geração. Apontando também para as diferenças existentes entre as culturas portuguesa e sérvia, desejámos destacar as particularidades de cada um dos dois povos e das suas tradições, para deste modo podermos começar um diálogo inter-cultural e com o objectivo de conhecermos melhor nós próprios, tal como a perspectiva e o ponto de vista do *Outro*.

Para a nossa investigação foram escolhidos três grupos de personagens: homens, mulheres e crianças, de forma a realizarmos um estudo inter-disciplinar sobre a posição destes três elementos na sociedade e no imaginário popular.

Antes de nos concentrarmos directamente no tema da nossa dissertação, era necessário fazer um enquadramento teórico, que nos serviu para explicarmos algumas noções da teoria literária, como também para introduzirmos algumas diferenças terminológicas existentes nas suas línguas e literaturas, nomeadamente *género literário*,

que na língua sérvia pode significar um conceito mais abrangente (prosa, poesia e teatro), enquanto que na língua portuguesa se aplica também a categorias específicas e menores como por exemplo mito, lenda e conto. Como já foi anteriormente referido, a teoria literária sérvia dispõe de outra palavra para designar, entre outras coisas, as narrativas que constituíram os *corpora* para esta dissertação. Este conceito denomina-se como espécies literárias (*književne vrste*).

Também um dos pontos importantes que mencionámos na introdução do nosso trabalho eram as classificações das narrativas curtas, sendo a do filólogo e etnógrafo sérvio Vuk Karadžić muito interessante para o nosso estudo, porque este investigador divide os contos populares em masculinos e femininos. Esta classificação, embora hoje em dia seja ultrapassada e substituída por outras, mais adequadas, é importante porque de forma ilustrativa determina o papel dos homens e das mulheres na criação e transmissão destas histórias. A insistência nestes pormenores teóricos foi-nos útil para percebermos melhor algumas das ideias mencionadas e elaboradas na nossa investigação. Considerámos fundamental observar também a autoria, vias de transmissão e o público-alvo da literatura popular, nomeadamente das narrativas curtas e estes conceitos serviram-nos para aprofundarmos os conhecimentos sobre a literatura da tradição oral, e estabelecermos uma base forte para uma investigação posterior. Compete-nos também referir que, ao longo da elaboração deste estudo recorreremos às obras de eminentes especialistas em diversas áreas de ambos os países, entre os quais os nomes de José Leite de Vasconcellos, Ruth benedict, Vladimir Propp, Tzvetan Todorov, Vuk Karadžić e outros são incontornáveis. Este estudo não se pretendia limitar apenas a uma análise contrastiva linguística ou literária e por isso era necessário aprofundar a investigação em direcções mais diversificadas, começando pela sociologia, antropologia, etnografia, religião, estudos do género e áreas aproximadas.

A temática do género era inevitável neste trabalho, tanto do ponto de vista gramatical, para explicarmos algumas particularidades do género masculino e feminino em português e a existência e usos dos géneros masculino, feminino e neutro na língua sérvia. Esta problemática foi abordada com a finalidade de se comprovar em que medida a língua, como um veículo importante na transmissão de valores e elementos da cultura, é ou não discriminatória em relação ao *Outro*, do ponto de vista das características do sexo biológico ao qual a personagem pertence.

Um dos aspectos da nossa análise contrastiva das duas literaturas sobre as quais trabalhámos era o uso da tradição popular para fins políticos. Para esse efeito

observámos a relação entre o regime do Estado Novo (1933-1974) e a tradição literária de expressão oral portuguesa e a situação equivalente na Jugoslávia durante o governo de Josip Broz Tito. (1943-1980). Esta comparação demonstrou que em Portugal a literatura tradicional foi utilizada com a intenção de incentivar uma maior consciência nacional e que nesta época foram publicadas várias colectâneas de contos populares. A divulgação da literatura popular contribuiu para uma visão diferente da situação da sociedade portuguesa, o que se vê pelos padrões estabelecidos sobre o comportamento dos homens, mulheres e crianças no ambiente rural em que as narrativas populares surgiram. Como o regime do Estado Novo favorecia a dominação do homem e a submissão da mulher, era lógico apoiar também a ideia que sobre estes assuntos propagava a literatura tradicional. Por outro lado, verificámos que a ideologia de Tito se baseava mais na criação de um conceito jugoslavo, com os fundamentos nas ideias da fraternidade e igualdade. Enquanto que Salazar insistia na noção da portugalidade e salientava as particularidades do povo português e a sua supremacia em determinados aspectos sobre todos os outros povos, a política de Tito à primeira vista lutava contra qualquer tipo de nacionalismos, colocando de lado uma grande parte da identidade nacional, e em particular a sérvia. Durante a existência da Jugoslávia, os traços da tradição popular reduziram-se em grande medida aos trajes e música folklóricos, enquanto que a sabedoria popular acumulada na literatura, nos planos e programas escolares foi explorada pouco. Desta forma, os dois regimes autoritários recorriam ou não à literatura tradicional com a finalidade de fazer com que o povo pensse de uma determinada forma para se aplicarem as suas ideias políticas nas duas realidades sociais e culturais concretas.

Focalizámo-nos também em alguns dos aspectos formais das narrativas populares (nomeadamente as formas de começar e acabar o conto, os títulos das histórias, nomes dos protagonistas e número dos participantes na intriga, tencionando deste modo explicar alguns dos significados destes elementos e demistificar algumas ideias petrificadas sobre a literatura popular. A ideia conhecida é que quando o número dos protagonistas é ímpar (geralmente três), os primeiros dois são negativos, em quanto que o último é o símbolo e encarnação de todas as virtudes, o que não se pode aplicar ao caso de numa família existirem filhos de distintos géneros. Nas tais situações os irmãos são defensores e apoiantes das irmãs e ao contrário.

Quando as personagens centrais são duas, outra vez verificámos que nem sempre existe a dualidade e polaridade entre elas, como foi confirmado no conto português *Os*

dois mentirosos, em que ambos os irmãos possuem o mesmo defeito. Onde esta rivalidade entre irmãos é verificada, tentámos esclarecê-la recorrendo à terminologia de Jung e Melanie Klein que se baseia nos conceitos de que o bem e o mal, a luz e a sombra são existentes dentro de uma mesma pessoa, e que por vezes predomina o lado luminoso e por vezes o escuro em cada uma das pessoas. A polaridade no comportamento de um protagonista bom e o outro mau é exagerada, para se salientarem melhor as diferenças entre a virtude e o pecado, com o fim de educar, ensinar e moralizar. Desta maneira ajuda-se o público para perceber melhor que na vida existem dois caminhos e que cada pessoa deve escolher por qual deles optará, tendo de assumir as consequências das suas decisões. Mais uma vez, nas histórias em que os protagonistas são um irmão e uma irmã, não se nota a rivalidade, pelo contrário, salienta-se a ideia de complementaridade, solidariedade, carinho e apoio mútuo. Servindo-nos novamente dos conhecimentos da psicologia junguiana, chegámos à conclusão de que o “inconsciente colectivo” dos povos soube intuir a teoria de que em cada um de nós existe um princípio masculino e outro feminino, que se completam, entrelaçam e substituem para formar um todo, uma entidade íntegra.

Tentámos também abordar um assunto estreitamente relacionado com a questão do género, que é o conceito do sistema patriarcal na sociedade, que é inseparável de numerosos tipos de hierarquias, que se reflectem tanto na comunidade em que uma pessoa vive, como no plano familiar. Estudando a problemática das hierarquias e autoridades, a nossa intenção era demonstrar que, embora à primeira vista pareça que o género masculino é dominante e privilegiado, nem sempre é assim, porque em determinados contos a mulher resulta mais inteligente e melhor que o homem, mesmo que ele ocupe um cargo importante na sociedade.

Também nos focalizámos nos domínios do público e do privado, por vezes difíceis de se separarem, dos quais também em grande medida depende a visão e a posição dos homens, mulheres e crianças na comunidade e na literatura popular. Por isso, optámos por dividir a nossa dissertação em capítulos, sendo o primeiro dedicado às questões de carácter teórico, para mais tarde nos concentrarmos nos temas do nosso interesse particular.

O segundo capítulo explora a visão dos homens nas duas culturas populares em questão, e devido às circunstâncias históricas, culturais, religiosas e sociais existentes tanto em Portugal como na Sérvia, é o mais extenso. Aqui trabalhámos muito sobre as ideias de estereótipos e preconceitos, com o objectivo de demonstrarmos que nem

sempre o significado destes dois termos deve ser interpretado de forma negativa, tendo em conta que tanto um como outro no seu sentido básico possuem o significado de ideias fixas, conceitos prévios e difíceis de mudar, o que não necessariamente implica a conotação de aversão e antipatia em relação a algum fenómeno.

Na primeira parte específica da nossa dissertação tivemos de nos dedicar em primeiro lugar à definição da identidade masculina, que foi ligada à existência das autoridades e hierarquias. A posição do homem foi observada primeiramente através do lugar que ocupava na sociedade e a nossa análise tinha uma vertente vertical de cima para baixo da escala social. Por isso, começámos a comparar a visão que as duas culturas populares ofereciam ao público sobre os reis, czares e imperadores, para verificarmos em que medida estão presentes as coincidências.

Como no período em que as narrativas tradicionais foram criadas e transmitidas, o único sistema político conhecido era a monarquia, era lógico que as personagens centrais da maioria dos contos fossem reis, sultões, príncipes, condes e pessoas com outros títulos relacionados com este tipo de regime. Algumas das semelhanças notáveis verificaram-se nomeadamente na ideia do rei como sinónimo de justiça, honestidade e respeito das leis e dos códigos morais da sociedade. Confirmámos também que as duas tradições orais vêem o rei como bom pai da família, embora nem sequer ele é poupado da angústia e da tristeza por não poder ter um filho durante muito tempo. No caso dos soberanos, esta preocupação é compreensível, porque um dos deveres do rei é precisamente assegurar o trono através de um herdeiro de sexo masculino. Tanto a cultura portuguesa como a sérvia fizeram uma tentativa de aproximar os monarcas do povo, e fizeram-no de diversas formas: por um lado, os súbditos muitas vezes tratavam o rei por tu, com o qual se deseja salientar que a figura real, o não é inacessível e afastada das pessoas, que inspira a ideia de proximidade e confiança. Por outro lado, o rei ouve com atenção todas as pessoas que têm algum problema grave, resolve-o de forma justa castigando ou premiando de acordo com a culpa ou mérito de cada um dos seus súbditos. Algumas vezes as características humanas do monarca tornam-se mais visíveis através da enumeração dos seus defeitos (gula, teimosia, vaidade, tendência ao jogo). Como um rei deveria representar exemplo e modelo para o povo, desta maneira a cultura popular deseja destacar que alguns pecados ou falhas no comportamento são menos aceitáveis e recomendáveis, tal como são universais em toda a humanidade, e que nem sequer o rei pode escapar a algumas regras.

Analisando com mais profundidade a camada social da nobreza, vimos que os dois imaginários populares têm uma visão ambivalente dos condes e outros nobres, porque por um lado, sendo pessoas de confiança do monarca, são também virtuosos e exemplares, e por outro, sendo subordinados ao seu soberano, podem manifestar inveja, deslealdade ou desonestidade com o seu superior.

Outra classe social de grande importância nas sociedades em que a religião cristã é dominante são os sacerdotes, e o povo outra vez oferece uma imagem ao mesmo tempo digna de respeito e de crítica.

Enquanto que a Igreja Católica Romana menciona os monges e frades e tem mais tendência a criticar os seus clérigos, a Igreja Ortodoxa diferencia os monges, que vivem em celibato e que são modelos e exemplos da genuína fé, esforço, sacrifício e amor cristãos, e os padres casados, que tendo que sustentar a família, por vezes são excessivamente agarrados aos valores materiais. Esta comparação está dentro do capítulo “masculino” e não existe na parte dedicada à mulher na sociedade, uma vez que dentro do cristianismo, quer católico romano, quer ortodoxo, não é permitido que o sacerdócio seja exercido pela mulher.

Depois de termos comparado os papéis sociais da nobreza e do clero, prosseguimos a nossa investigação em direcção às camadas sociais mais baixas e nesta parte foram mencionados os representantes de diversas profissões (soldados, pescadores, sapateiros, pastores, lavradores), e desta forma demos a conhecer quais eram as profissões mais frequentes, e também, quais delas tinham maior ou menor prestígio dentro das comunidades portuguesas e sérvias.

Um dos aspectos relevantes para a nossa investigação era observarmos o homem da perspectiva das suas pertenças culturais (religião, etnia, raça), para confirmarmos que as opiniões que se têm sobre o *Outro* podem variar desde as mais positivas até as extremamente negativas. Nesta parte era incontornável dedicar-se à explicação de algumas circunstâncias históricas (a ocupação muçulmana das Penínsulas Ibérica e Balcânica que duraram vários séculos) que contribuíram para a rivalidade entre os povos português e árabe por um lado e sérvio e turco por outro. O *Outro* é visto como opressor e por isso os representantes dos povos autóctones são sempre intelectual e moralmente superiores. Nestes casos seria exagerado falar-se em nacionalismo, uma vez que nos contos tradicionais estão presentes apenas aquelas etnias com as quais os povos português e sérvio tiveram algum contacto directo, nestes casos com consequências muito dolorosas para os povos cristãos. A rivalidade a nível nacional ou religioso

apresentada nos contos não tem por finalidade desenvolver a vaidade por se pertencer a uma determinada etnia, mas ajuda a perceberem-se melhor os factos históricos e valorizarem-se mais alguns aspectos da identidade portuguesa e sérvia.

Verificámos também que nem todas as etnias diferentes das nossas são negativas, uma vez que, por exemplo os ciganos, nos contos sérvios são vistos como espertos e por vezes simpáticos, tal e como a literatura popular portuguesa se compadece das histórias de amor entre dois jovens mouros e trata-os por “moirinhos”. Em terceiro lugar foi abordada a instituição familiar e concluímos que em ambas as tradições literárias populares se propaga um modelo da família forte e unida com uma significativa figura masculina no seu centro, que serve para garantir a integridade, a segurança e a boa imagem dos seus membros na comunidade em que se vive. Por isso observámos os homens como pais, avôs, sogros, irmãos, filhos, compadres e amigos. As últimas duas categorias estão mais indirecta que directamente relacionadas com o meio familiar, mas a sua importância é tal que não podemos deixar de os analisar. Os compadres ou padrinhos (em sérvio *kumovi*) guardam uma relação espiritual com os outros compadres e afilhados, sendo eles testemunhas do casamento ou baptismo. Em ambas as culturas a relação entre os compadres é ambivalente e varia entre o sagrado e o profano, enquanto que os padrinhos são mais respeitados e até podem ser escolhidos entre os santos populares.

A amizade, quando é verdadeira e sincera, verificada e confirmada em muitas provas difíceis é muito valorizada tanto em Portugal, como na Sérvia, e é igualável à relação entre irmãos, pela qual vale a pena sacrificar até os próprios filhos.

O facto mencionado anteriormente sobre o homem e a profissão de padre poderia sugerir uma ideia errada e incompleta sobre a posição do homem e da mulher no Cristianismo e por isso, o seguinte passo na elaboração da nossa dissertação era determinar e explicar qual é a atitude que a religião cristã (Católica Romana e Ortodoxa) tomam em relação ao género masculino. Depois de uma leitura superficial poderia parecer mais do que óbvio que o cristianismo favorece o homem e discrimina a mulher. No entanto, nós tentámos demonstrar que nem sempre é assim, partindo das virtudes que esta religião pregoa, algumas das quais são perfeitamente aplicáveis a ambos os géneros (nomeadamente o temor de Deus, o respeito pelos pais, a lealdade aos amigos, a pureza na vida matrimonial). A religião cristã nas suas duas modalidades mais importantes condena também os mesmos defeitos nos homens e nas mulheres, como por exemplo a vaidade, a teimosia, a inveja e a maldade. Embora a opinião geral seja que a

maldade é mais atribuída ao género feminino, vimos que nas narrativas portuguesas os homens podem também ser ruins, e nas histórias provenientes da Sérvia, podem ser tão malvados, que até se querem casar com uma dragoa.

Através da comparação entre as figuras de Cristo e dos santos populares, chegámos à conclusão de que a tradição religiosa é muito profunda e significativa tanto em Portugal como na Sérvia e que a religiosidade popular por vezes mistura os elementos da herança pagã com os aspectos do Cristianismo, tentando desta forma aproximar as figuras santas de todas as camadas do povo.

Também descobrimos que o catolicismo usa mais as denominações de Jesus e de Nosso Senhor, enquanto que a ortodoxia opta mais por Cristo e Filho de Deus. Embora ambas as formas de designar a mesma personagem histórica e lendária ao mesmo tempo estejam correctas, revelam-nos muito sobre um aspecto cultural. Jesus, sendo um nome próprio, serve para diminuir a distância entre o Filho de Deus e as pessoas, enquanto que Cristo, que significa “messias” indica que Ele foi o escolhido, o enviado para salvar a humanidade e para difundir a palavra de Deus. “Nosso Senhor” é ao mesmo tempo carinhoso e respeitoso, porque “nosso” indica uma relação de proximidade e “Senhor” dá uma certa dignidade a esta personagem dos contos. Por outro lado, Filho de Deus tem a mesma função: ele é filho, o que significa uma relação familiar de consanguineidade, e provém de Deus, que lhe dá uma carga emocional forte que em nós provoca admiração e respeito. Analizou-se também o papel dos santos populares, Santo António em Portugal e São Sava na Sérvia, para se verificar por que razão eles influenciaram tanto a criação de uma maior consciência da identidade nacional portuguesa e sérvia.

A última parte relacionada com os representantes da população masculina nos contos populares dedica-se ao estudo dos estereótipos e preconceitos enraizados na língua que caracterizam os homens. Nesse parágrafo tentámos demistificar a absoluta superioridade do género masculino em relação ao feminino, salientando alguns defeitos que os homens também possuem e que na sociedade são mal-vistas (por exemplo a cobardia e o desejo de se gabar da sua coragem).

O imaginário popular estabeleceu os critérios e padrões de beleza masculina, dos quais alguns são de carácter universal (concretamente os cabelos dourados), e outros são mais específicos do espaço cultural em que os contos surgiram (na Sérvia o uso de bigode é considerado símbolo da virilidade, maturidade e honra) enquanto que nenhuma das duas culturas privilegia a estatura baixa.

No que diz respeito à análise das mulheres na literatura tradicional, o nosso objectivo era demonstrarmos que a mulher não é propositadamente desvalorizada, mas que a sua posição na sociedade e na família se deve a uma série de factores complexos e bem enraizados nas culturas em que se criaram as narrativas curtas tradicionais integradas nos *corpora* da nossa dissertação. A estrutura do capítulo dedicado ao género feminino é a mesma que a parte que analisa os homens nas literaturas tradicionais portuguesa e sérvia, começando pela visão da mulher no meio social, através da sua situação na família, religião e na língua. Quando se mencionavam as rainhas e nobres, é um facto que elas eram mais vistas como esposas dos reis, condes etc., do que como pessoas com um cargo político. Dentro desta categoria cabem as rainhas virtuosas e boas, igualáveis aos anjos ou santas, que são um verdadeiro modelo de comportamento para as mulheres do povo, e as vaidosas, teimosas, invejosas e más, que no fim do conto merecem ser castigadas com a morte ou expulsão do palácio. Como já foi referido, o clero reserva-se apenas para a população masculina, e na nossa dissertação tentámos dar alguns argumentos que justificam semelhante posição do Cristianismo e o nosso objectivo era explicar que esta religião não discrimina a mulher.

Sendo a casa e a família os espaços em que a mulher é mais visível, dedicámos alguns parágrafos à descrição das ideias que os narradores populares de ambas as culturas têm sobre a mulher, abordando também alguns assuntos estreitamente ligados à sua imagem: a honra, o pudor, a virgindade, a esterilidade, a maternidade etc.

Nenhuma das duas tradições orais em questão valoriza muito a mulher estéril, sendo este problema muitas vezes a causa da angústia, até para as próprias rainhas, que depois de rezarem muito, têm a sorte ou azar de terem um filho encantado em sapo, serpente, carneiro ou outro animal.

Na imaginação popular o conceito da mulher varia entre o pecado e a virtude, e por isso as mães, as irmãs, as avós e as mulheres que não põem a sua sexualidade no primeiro plano são igualáveis a santas e são dignas de respeito e admiração. Naturalmente, a moralidade patriarcal privilegia a virgindade, mas não deixa de dar à mulher o direito ao prazer sexual, o que se confirma nas histórias em que uma jovem é casada com o príncipe encantado em serpente.

As mal-vistas são as madrastas, uma vez que foram introduzidas na família por razões pragmáticas (para criarem os filhos do primeiro casamento do marido), e não sendo amadas, nem sequer desejadas pelo homem, ficam angustiadas e frustradas, e aliviam a sua amargura tratando mal os enteados, que foram fruto de um grande amor

prévio. Por outro lado, algumas características negativas, que a tradição não pode e não deve atribuir à mãe, aplicam-se à madrasta, sendo ela uma forma de se desacralizar o mito da mãe como perfeita e intocável. Essas características são a falta de paciência e os maus tratos das crianças. Para demistificarmos o estereótipo extremamente negativo das madrastas, encontramos alguns contos em que ela é simpática e até merece algum afecto do público. Tentámos salientar o mérito que a figura da madrasta tem na individuação e o processo de os seus enteados amadurecerem e tornarem-se independentes.

A posição sobre as viúvas nas narrativas tradicionais portuguesas e sérvias é ambivalente, porque existe a tendência de se descrever a sua situação económica difícil após a morte do marido, que provoca compaixão nas pessoas que ouvem a história e, ao mesmo tempo desconfia-se delas, destacando-se o seu desejo de se casarem novamente, como um símbolo de deslealdade ao primeiro esposo.

Através da situação da mulher na religião cristã e dentro da Igreja, tivemos a ideia de comprovar que as culturas baseadas nos princípios cristãos valorizam altamente a mulher. A personagem da Virgem Maria, que na ortodoxia é tratada por Mãe de Deus foi-nos útil para observarmos a carga cultural que a língua tem, tal como para percebermos algumas diferenças fundamentais entre a ortodoxia e o catolicismo. Nas duas tradições a Nossa Senhora é uma figura digna de admiração, abundante em todas as virtudes, ajudante e compreensiva. No entanto, o número de contos portugueses cuja protagonista é a Virgem Maria é muito superior aos contos da mesma temática provenientes da tradição sérvia, o que também nos revela um pormenor cultural: Portugal tem uma longa tradição mariana, enquanto que a Sérvia a venera de outra forma, colocando Cristo em primeiro plano. Este modo de veneração não está relacionado com o facto de Cristo ser homem e a Virgem Maria mulher, como tentámos esclarecer anteriormente. As diferentes formas de tratamento dirigidas a esta santa em Portugal e na Sérvia podem basicamente resumir-se às ideias expressas sobre Jesus e Cristo, e por isso agora não nos detemos muito na sua exploração.

Os estereótipos sobre a mulher e os padrões da beleza feminina foram também abordados, uma vez que desejávamos desmentir algumas ideias da opinião geral sobre a mulher como um ser inferior ao homem.

Por último, o quarto capítulo da nossa dissertação começou por definir os conceitos da literatura sobre crianças e a literatura destinada ao público infantil, para confirmarmos que os contos dos nossos *corpora* estão “no meio” dos dois termos, porque se destinam aos mais novos com o fim de as educarem e ensinarem, recorrendo por vezes às crianças

como personagens centrais. Como os conceitos da infância e da criança variam de cultura para cultura, abordámo-los de várias perspectivas: a linguística, a antropológica, a psicológica e a religiosa, para chegarmos à conclusão da imagem ambivalente que o imaginário popular tem sobre a população infantil: Por um lado, a criança é frágil, pequena, imadura, indefesa, impura, e por isso deve ser purificada mediante o baptismo e outros rituais de iniciação, protegida, defendida e disciplinada. Ela também é vista como inocente, sincera e boa quase por natureza, mas os pais devem prestar muita atenção para a sua educação correcte para evitarem a que o seu carácter se corrompa. Por isso são usadas diversas medidas disciplinares, desde os conselhos, até aos mais violentos, e são justificados porque a criança precisa de saber muito bem quais são os seus direitos e limitações, para poder fazer parte das hierarquias da comunidade à qual pertence. Verificámos também a existência de algumas características negativas nas crianças (a maldade e a tendência de mentir) e tentámos esclarecê-las recorrendo aos conhecimentos da psicologia e outras ciências. Sendo a língua inseparável da cultura, observámos as formas de tratamento, diminutivos e alguns adjectivos que se empregam para as crianças serem qualificadas, respondendo desta forma também à questão dos estereótipos e padrões de beleza que se atribuem a esta categoria de pessoas e verificámos algumas semelhanças e traços de carácter universal, como também alguns pormenores específicos e locais.

A elaboração desta dissertação na nossa opinião contribuiu para um melhor diálogo inter-cultural entre Portugal e a Sérvia, uma vez que a literatura popular destes dois países é pouco conhecida em ambos os meios culturais. O grau surpreendente de coincidências entre as narrativas anónimas, que surgiram na época medieval obrigou-nos a pensar tanto nas mesmas bases e valores em que as culturas portuguesa e sérvia se fundamentam (o Cristianismo, o espaço cultural europeu, a herança indo-europeia), como para deduzir que algumas características humanas são iguais em todo o mundo, dando ao nosso estudo um carácter local e universal ao mesmo tempo.

Os conhecimentos adquiridos ao longo desta investigação, sobre a literatura popular em geral, como também sobre duas realidades literárias concretas servir-nos-ão para o aprofundamento e alargamento das noções que poderemos aplicar nos trabalhos científicos posteriores, uma vez que na mesma linha de investigação, apenas em um outro campo, tencionamos desenvolver a nossa dissertação de Doutoramento, que terá por tema *Os Motivos da Beleza e do Amor no Cancioneiro Popular Português e Sérvio*.

Bibliografija:

a) Antologias de contos portugueses e sérvios:

- BOJOVIĆ, Zlata, (2005) *Srpska književnost, izbor*, Čigoja štampa, Beograd
- COELHO, Adolfo (1985) *Contos Populares Portugueses*, Prefácio de Ernesto Veiga de Oliveira, Publicações Dom Quixote, Lisboa
- ĆOROVIĆ, Vladimir (2000) *Pedeset legendi o Svetom Savi*, Janus, Beograd
- DIMITRIJEVIĆ, Vladimir (2006) *Antologija srpske hrišćanske priče*, Prolog, Duhovni centar Sv. Vladike Nikolaja, Plato, Beograd
- IVANOVIĆ, Slavko (2007) *Srpske bajke*, Neven, Beograd
- KOSIJER, Vladislava (priredjivač) (2007) *Srpske narodne priče i bajke*, Kairos, Sremski Karlovci, Budućnost, Novi Sad
- MILOJKOVIĆ Slavoljub (priredjivač) (2005) *Srpske narodne bajke*, Imprimé, Niš
- MILOŠEVIĆ-ĐORĐEVIĆ, Nada, (Priredjivač), (2004) *Narodna književnost*, Ćuk, Beograd
- NASCIMENTO, Zacarias (coordenador) (2003) *Contos portugueses, De Autor, da Tradução Popular, da Literatura de Cordel* Plátano Editora, Lisboa
- OLIVEIRA, Carlos de, FERREIRA, José Gomes (organizadores) (1975) Prefácio de José Gomes Ferreira *Contos Tradicionais Portugueses*, vols.I-IV Iniciativas Editoriais, Lisboa
- PEDROSO, Consiglieri (1985) *Contos Populares Portugueses*, Veja, Lisboa
- SAMARDŽIJA, Snežana (priredjivač) (2006), *Narodne pripovetke*, Draganić, Beograd
- (2005), *Antologija narodnih bajki*, Politika – Narodna knjiga Beograd
- STEFANOVIĆ- KARADŽIĆ, Vuk (2007) *Srpske narodne pripovetke*, Evro Giunti, Beograd
- (1870) Štamparija jermenskoga manastira, Beč
- (1853) *Srpske narodne pripovijetke*, Štamparija jermenskoga manastira, Beč
- (1821) *Narodne srpske pripovijetke*, Štamparija jermenskoga manastira, Beč
- SOROMENHO, Alda da Silva, SOROMENHO, Paulo Caratão (coord.) (1984) *Contos Populares Portugueses*, vol. 1 Centro de Estudos Geográfico, instituto Nacional de investigação Científica, Lisboa
- TOMIĆ Dejan (priredjivač) (1999), *Srpske narodne pripovete i poslovice*, Prometej, Novi Sad
- VASCONCELLOS, José Leite de (1963) (compilador) *Contos Populares e Lendas*, Coordenação de: Alda da silva Soromenho e Paulo Caratão Soromenho, vol.I, II, *Atlântida, Coimbra*
- VIANA, António Manuel Couto (1985) *Tesouros da Literatura Popular Portuguesa*, Verbo, Lisboa, pp.5-7, 305-385

b) Dicionários, gramática e enciclopédias:

- BIROU, A, (1966) *Dicionário das Ciências Sociais*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, pp. 43, 100, 191-192
- BROOKER, Peter (2003) *A Glossary of Cultural Theory*, Arnold, London, pp.110-112, 130-132, 183-184
- BULAT, Petar, ČAJKANović, Veselin (2007) *Mitološki rečnik*, Srpska Književna Zadruga. Beograd, pp. 34-35, 83,89-94, 122-124
- CASTELEIRO, João Malaca (coord.) (2001) *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa (vol. I)* Editorial Verbo, Lisboa
- CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain (1982) *Dicionário dos Símbolos Mitos, sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números*, Editorial Teorema, Lisboa, pp. 323-324
- CUROTTO, Ernesto (1958) *Dizionario della Mitologia Universale*, Società Editrice Internazionale, Torino
- FIORES, Stefano di, „Maria“ in: CHRISTOS, *Enciclopédia do Cristianismo*, (2004),Editorial Verbo, Lisboa, pp. 575-577
- FUNK, Gabriela, FUNK, Mattias (2008) *Dicionário Prático de Provérbios Portugueses*, Ediciones Cosmos, Chamusca
- HOUAISS, Antônio et. Al. (2003) *Dicionário Houaiss de Língua portuguesa*, Temas e debates, Lisboa
- HUNT, Peter (1998) *Encyclopedia of Children's Literature*, Routledge, London and New York
- JOHNSON, Allan G, (2000) *The Blackwell Dictionary of Sociology a User's Guide to Sociological Language*, Blackwell Publishing. Oxford, pp. , 118-119, 143-144, 223
- MACHADO, Álvaro Manuel (1996) *Dicionário da Literatura Portuguesa*, Editorial Presença, Lisboa
- MOISÉS, Massaud (1978) *Dicionário de Termos Literários*, Editora Cultrix São Paulo,pp. 98-104
- MOREIRA dos SANTOS, Maria Alice (org.) (1999) *Dicionário de Provérbios, Adágios, Máximas, Aforismos e Frases Feitas*, Porto Editora, Porto
- PANOFF, Michel. PERRIN, Michel (1973) *Dicionário de Etnologia*, Edições 70, Lisboa, pp.129-130,134-135, 137
- POPOVIĆ,Tanja (2007) *Rečnik književnih termina*, Logos Art, Beograd, pp 72-73, 224-225, 395, 440-441,459-462, 576-577, 579-580
- PRADO COELHO, Jacinto (dir.) (2003) *Dicionário da Literatura Portuguesa Brasileira Galega Africana, Estilística literária, vol. 2*, Livraria Figueirinhas, Lisboa
- REIS, Carlos, LOPES, Ana Cristina M. (1987) *Dicionário de Narratologia*, Livraria Almedina, Coimbra, pp.75-79
- STANOJČIĆ, Živojin, POPOVIĆ, Ljubomir, (2000), *Gramatika srpskoga jezika*, Zavod za udžbenike i nastavna sredstva, Beograd
- TAVARES, Jorge Campos (1990) *Dicionário de Santos*, Lello & Irmão Editores, Porto

c) Bibliografia teórica:

- ABRANCHES, Henrique (1980) *Reflexões sobre a Cultura Nacional*. Edições 70, Lisboa

- ADÃO, Áurea do Carmo, “A Escola em Meio Rural no Portugal do Estado Novo A Formação dos seus Professores no(s) Discurso(s) do Poder Político(1933-1956)” in: *Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Percursos e desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação. 17 a 20 de Abril de 2006*, Uberlândia: EDUFU, pp. 77-89.
- ALMEIDA PAVÃO Jr José de, (1980) *Popular e popularizante*, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, pp.2-12
- ALSHOP, Rachel (2007) *Theorizing Gender*, Polity Press, Malden USA
- ANSHEN, Ruth Nanda (coord.) (1970) *A Família: A sua Função e Destino*, Editora Meridiano, Lisboa
- AMADO, Jorge Reis (revisor) (1996) *II Jornadas sobre a Cultura saloia, Comunicações*, Câmara Municipal de Loures, Loures
- ARENDT, Hannah (2001) *A Condição Humana*, Relógio d’Águia, Lisboa
- ARRIBAS, Luis (2002) *Argumento Familiar e Socialización*, Tórculo Edicións, Santiago de Compostela
- AUGÉ Marc (dir.) (1975) *Os Domínios de Parentesco*, Edições 70, Lisboa
- BAL,Mieke (1987) *Teoría de la Narrativa (Una Introducción a la Narratología)*, Cátedra, Madrid
- BABIĆ, Dušan (2004) *Narodna religija Srba u 100 pojmovu*, Nolit, Beograd
- BARKER, Chris (2000) *Cultural Studies, Theory and Practice*, Sage Publications, London
- BARRENO, Maria Isabel (2000) *Um Imaginário Europeu*, Caminho, Lisboa
- BASTOS, José Gabriel Pereira (1988) *A Mulher, o Leite e a Cobra*, Edições Rolim, Lisboa
- BENEDICT, Ruth (1989) *Patterns of Culture*, Houghton Mifflin Company, Boston
- BERND, Zilá, UTÉZA, Francis (organizadores) (1997) *Produção Literária e Identidades Culturais*, Sagra Luzzatto, Porto Alegre, pp.7-11,11-28, 51-66
- Bíblia Sagrada* (1993) Paulus Editora, São Paulo
- BROWNE, Ray B, FISHWICK, Marshall W. (1988) *Popular Culture and Other Fields*, Bowling Green State Popular University Bowling Green, Ohio,
- CABRAL, João de Pina, Antónia Pedroso de Lima (editors) (2000) *Elites, Choice, Leadership and Succession*, Oxford, New York
- CAILLOIS, Roger, (1980) *O Mito e o Homem*, Edições 70, Lisboa
- CANÇO, Dina, SOUSA, Maria Reynolds de (coord.) (1989) *Portugal, a Situação das Mulheres*, Comissão da Condição Feminina, Lisboa
- CARTER, Erica *et.al.(ed.)*(1993) *Space & Place, theories of identity and location*, Lawrence & Wishart, London,pp. VII-XV, 1-31
- CHADWICK, H.M, CHADWICK, Nora (1968) *The Growth of Literature Vol. I, The Ancient Literatures of Europe*, Cambridge University Press, New York
- COELHO, Adolfo (1993) *Festas, Costumes e Outros Materiais para uma Etnografia de Portugal*, organização e prefácio de João Leal, Publicações Dom Quixote, Lisboa, pp.1-250
- CONNELL, R. W. *Gender and Power*, Stanford University Press, Stanford
- COUPE Lawrnce (1997) *Myth, The New Critical Idiom*, Routledge, New York
- CRANNY FRANCIS, Anne *et.al.* (2003) *Gender Studies, Terms and Debates*, Palgrave, Macmillan, New York
- COVA, Anne (dir.) (2008) *História Comparada das Mulheres Novas abordagens*, Livros Horizonte, Lisboa
- CRESPI, Franco (1997) *Manual de Sociologia da Cultura*, Editorial Estampa. Lisboa

- DERETIĆ, Jovan (2007) *Kratka istorija srpske književnosti*, Adresa, Novi Sad, pp. 11-83
- DIAS, Maria Julieta Mendes (2003) *A Mulher na Igreja*, centro de Estudos em Teologia/Ciências de Religião, Lisboa
- DOUGLAS, Mary (editor) (1964) *Doubleday Pictorial Library of Man in Society Patterns of Human Organization*, Doubleday & Company Inc., Garden City, New York
- DUNDES, Alan (editor) (1999) *International Folkloristics Classic Contributions by the Founders of Folklore*, Rowman and Littlefield Publishers, London
- ELIADE, Mircea (1963) *Aspectos do Mito*, Edições 70, Lisboa
- _____ (1957) *Mitos, Sonhos e Mstérios*, Edições 70, Lisboa
- EROR Gvozden, (2007) *Književne studije i domen komparatistike*, Institut za književnost i umetnost Mali Nemo, Beograd, Pančevo
- ESPÍRITO SANTO, Moisés (1989) *Fontes Remotas da Cultura Portuguesa*, Assírio & Alvim, Lisboa, pp.189-203
- EVDOKIMOV, Pavle (2001) *Žena i spasenje sveta, O blagodatnim darovima muškarca i žene*, Svetigora, Cetinje
- FERRERO, Ana María Díaz (2004) *La Mujer en el Refranero Portugués*, Agencia Luso-española de Ediciones, Salamanca
- FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro (org.) (2003) *As Teias que as Mulheres Tecem*, Edições Colibri, Lisboa
- GARDINER, Judith Kegan (2002) *Masculinity Studies & Feminist Theory, New Directions*, Columbia University Press, New York
- FOTIĆ, Aleksandar (priredivač) (2005) *Privatni život u srpskim zemljama u osvit modernog doba*, Clío, Beograd, pp. 5-27,57-61,302-302-305,332-336,559-561,694-700,716-719, 759-806
- FUNK, Gabriela (*organização e coordenação*) (1999) *Actas do 1º Encontro sobre a Cultura Popular*, Universidade dos Açores, Ponta Delgada
- GILES, Judy, MIDDLETON, Tim (2001) *Studying Culture, A Practical Introduction*, Blackwell Publishers, Oxford
- GOUVEIA, Sónia Catarina Santos (2006) *O Humor nos Contos Tradicionais Portugueses*, Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior, Universidade da Beira Interior, Covilhã, pp.40-54
- GRUJIĆ, Tamara (2006) *Narodna književnost u vidjenju Svetislava Stevanovića*, Narodna biblioteka Jovan Popović, Kikinda
- GUYON, Françoise Van Rossum, *Categoria da Narrativa*, Vega, Lisboa
- HADŽI TANČIĆ Saša, (2007), *Iz dubine književnog dela*, Niški književni centar, Niš, pp.7-29
- HERRIOT, Peter (1971) *Language & Teaching, A Psychological View*, Methuen & Co, Norfolk
- HILDUM, Donald C. (editor) (1967) *Language and Thought*, D. Van Nostrand Company, Princeton
- HOBSBAWM, Eric, RANGER, Terence (editors) (1996) *The Invention of Tradition*, Canto Editions, Cambridge University Press, Cambridge, pp.1-14
- ISAACS, Ann Katherine (editor) *Political Systems and Definitions of Gender Roles*, Edizioni Plus, Università di Pisa
- IVIĆ, Pavle (Editor) (1999) *The history of Serbian Culture*, Porthill Publishers, Edgware pp.137-165
- JEROTIC Vladeta (2007) "Vuk Karadžić, Vuk i Ana, Srbi i Evropa" in: *Darovi naših rođaka* Vol. III, Ars Libri, Neven, Beograd, str.47-71

- JOAQUIM, Teresa (1997) *Menina e Moça, A Construção Social da Feminilidade*, Fim do Século, Lisboa
- JOLLES, André (1976) *Formas Simples*, Cultrix, São Paulo
- JORGE, Vítor Oliveira *et. Al.* (coordenadores) (2002) *Identidade Identidades*, ADECAP, Porto
- JUNG, Carl Gustav *et.al.* (1979), *El Hombre y sus Símbolos*, Aguilar, Madrid
- _____ (1974) *Symbols of Transformation*, Bollingen Foundation, New York
- _____ (1962) *O Homem à Descoberta da sua Alma*, Livraria Tavares Martins, Porton
- KHÉDE, Sonia Salomão (1986) *Personagens da literatura infanto-juvenil*. Editora Ática, São Paulo
- KLEIN, Melanie (1984) *The Psycho-Analysis of Children*, the Free Press, New York
- _____ (1984) *Envy and Gratitude and Other Works, volume III*, The Free Press, New York
- KOMADINIĆ Grozdana (2003) *Varovnice iz narodne kulture čačanskog kraja*, Vukova zadužbina, Čačak
- LAMAS, Maria (1948) *As Mulheres do Meu País*, Caminho, Lisboa
- LESSA, Almerindo (coordenador) (1998) *A Leitura do Homem*, Editora Internacional. Lisboa
- LETRIA, José Jorge (ed.) (1999) *A Família*, Actas dos V Cursos Internacionais de Verão em Cascais, Câmara Municipal de Cascais
- LUCAS Maria Clara de Almeida (1984) *A Hagiografia Medieval Portuguesa*, Instituto de Cultura e Língua portuguesa, Lisboa.
- MACEDO, Ana Gabriela (org.) (2002) *Género, identidade e desejo, Antologia Crítica do feminismo Contemporâneo*, Livros Cotovia, Lisboa
- MACEDO, Ana Gabriela (org.) (2002) *Género, identidade e desejo, Antologia Crítica do feminismo Contemporâneo*, Livros Cotovia, Lisboa
- MACDONALD, Myra (1995) *Representing Women Myths of Feminity in the Popular Media*, Edward Arnold, New York,
- MADOC-JONES, Beryl, COATES, Jennifer (1996) *An Introduction to Women's Studies*, Blackwell Publishers, Oxford UK& Cambridge USA
- MACDONALD, Myra (1995) *Representing Women Myths of Feminity in the Popular Media*, Edward Arnold, New York
- MALPIQUE, Celeste (1990) *A Ausência do Pai*, Edições Afrontamento, Porto, pp.13-120
- MARJANOVIĆ-DUŠANIĆ, Smilja, POPOVIĆ, Danica (pripredjivači) (2004) *Privatni život u srpskim zemljama srednjeg veka*, Clio, Beograd str. 5-24, 300-314, 324-390
- MARKOVIĆ Slobodan Ž.(2003) *Zapisi o književnosti za decu III*, Beogradska knjiga, Beograd, pp.7-18, 81-96
- MARTINS, Mário (1979) *A Bíblia na Literatura Medieval Portuguesa*, Instituto de Cultura Portuguesa, Lisboa, pp. 9-13, 24-36
- MATTOSO, José, *O essencial sobre os Provérbios Medievais portugueses*, (1987) Imprensa Nacional. Casa da Moeda, Lisboa,
- MAY, Charles E. (2006) *The Short Story, The Reality of Artifice*, Routledge, London, New York, pp.1-5
- MENDRAS, Henry (1978) *As Sociedades Camponesas*, Zahar Editores, Rio de Janeiro

- MICHAELIS DE VASCONCELOS, Carolina, (1986) *Mil Provérbios Portugueses*, Separata da Revista Lusitana Nova Série Nº 7, Lisboa
- MOREIRA, Thiers Martins (1964) *Literatura Popular em Verso, Antologia, Volume 1*, Ministério de Educação e Cultura, Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, pp.1-17
- NASCIMENTO, Bráulio, DANTAS TEIXEIRA, Martha (1998) *III Jornada Sergipana de Estudos Medievais, O Conto Popular*, Secretaria de Estado da Cultura, Aracaju, pp.13-43
- NÚÑEZ, Eloy Martos, TRINIDADE, Víctor M. De Sousa (1997) *La Casa Encantada, Estudios sobre Cuentos, Mitos y Leyendas de España y Portugal*, Editora Regional de Extremadura, Mérida
- PERALTA, Elsa, ANICO, Marta (organizadoras) (2006) *Patrimónios e Identidades*, Celta Editora. Oeiras
- PEREIRA, Carlos Santos (1999) *da Jugoslávia à Jugoslávia, a Nova Ordem Europeia e Os Balcãs*, Cotovia Editores, Lisboa
- PEŠIKAN-LJUŠTANOVIĆ, Ljiljana (2007) *Stanaja selo zapali, Ogledi iz usmene književnosti, Dnevnik-Novine i časopisi*, Novi Sad
- PIAGET, Jean (1977) *A Linguagem e o Pensamento da Criança*, Moraes Editores São Paulo
- PIRES, Maria da Natividade Carvalho (2005) *Pontes e Fronteiras, Da Literatura Tradicional à Literatura Contemporânea*, Caminho, Lisboa
- PRADO COELHO, Jacinto (1977) *A originalidade da Literatura Portuguesa*, Instituto de Cultura Portuguesa, Lisboa
- PROPP, Vladimir (1984) *Theory and History of Folklore*, University of Minnesota, Minneapolis
- _____ (1983) *Morfologia do Conto*, Veiga, Lisboa
- REIS, Andreia Cardoso, “Imagens históricas da infância reflectidas nos contos populares“ *in: Teias*, Rio de Janeiro, ano 6, nº 11-12, jan/dez 2005
- REIS, Carlos (1995) *O conhecimento da Literatura, Introdução aos Estudos Literários*, Livraria Almedina, Coimbra, pp. 341-375
- SARAIVA, José Hermano (1979) *História Concisa de Portugal*, Publicações Europa-América, Lisboa pp.57-61
- SCHOLES, Robert, KELLOGG, Robert (1966) *The Nature of Narrative*, Oxford University Press, New York
- SEGAL, Robert A. (2004) *Myth, A Very Short Introduction*, Oxford University Press, New York
- SERÃO, Joaquim Veríssimo (1979) *História de Portugal I Estado, Pátria e Nação*, Editorial Verbo, Lisboa, pp.151-193
- SILVA, Cristina Santos (1998) *A Complexidade Familiar: Processos de Formação, Estratégias e Solidariedade dos Grupos Domésticos em Alfama*, tese de Mestrado, Universidade de Lisboa
- STEFANOVIĆ KARADŽIĆ, Vuk (2005) *Život i običaji naroda srpskoga*, Politika-Narodna knjiga, Beograd, str.259-292
- _____, (1998), *Izbor iz dela*, Draganić, Beograd), str.183-243
- STOLIĆ, Ana, MAKULJEVIĆ, Nenad (priređivači) (2006) *Privatni život kod Srba u devetnaestom veku; Od kraja osamnaestog veka do početka Prvog svetskog rata*, Clio, Beograd, str.. 5-12, 89-105, 112-133
- SOLOVIEV, Vladimiro (1985) *A Verdade do Amor*, Guimarães Editora, Lisboa
- THOMPSON, Stith (1951) *The Folktale*, The Dryden Press, New York
- TODOROV, Tzvetan (1970) *Introdução à Literatura Fantástica*, Morais Editores, Lisboa

TREBJEŠANIN, Žarko (1991) *Predstava o detetu u srpskoj kulturi*, Srpska Književna Zadruga, Beograd

TYLOR, Edward Burnett (1976) *Cultura Primitiva*, editorial Ayuso, Madrid pp.262-387

Ustav Socijalističke Federativne Republike Jugoslavije (1974), Službeni list SFRJ, godina XXX, br. 9, Beograd

VASCONCELLOS, José Leite (1967) *Teatro Popular Português vol. I*, Universidade de Coimbra

_____, (1986) *Tradições Populares de Portugal*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa

VEIGAS GUERREIRO, Manuel, (1978) *Piara a História da Literatura Popular Portuguesa*, Instituto de Cultura Portuguesa, Lisboa, pp.9-35

VIANA, Luis Díaz G., MONTES, Matilde Fernández (coordinadores) (1997) *Entre la Palabra y el Texto, Problemas de Interpretación de Fuentes Orales y Escritas*, Sendoa Editorial, Madrid

VILARINHO, Manuel Eduardo Leal (2000) *Coledtânea de Provérbios Portugueses, Franceses, Ingleses, Alemães e Espanhóis*, Edições culturais da Marinha, Lisboa

VLADIMIROV, Artemije (2005), *Udžbenik života*, Čigoja Štampa, Beograd

VLAHOVIĆ, Petar, (1999), *Srbija, zemlja, narod, život, običaji*, Etnografski muzej, Vukova zadužbina, Beograd, str. 188-377

WOODWARD, Kathryn (2001) *Identity and Difference*, The Open University, London, pp. 1-7,239-299

ZIPES, Jack (2006) *Why Fairy Tales Stick, The Evolution and Relevance of a Genre*, Routledge, London, New York

d) Páginas web:

[www.infopedia.pt/\\$lenda-do-manto-de-santo-antonio](http://www.infopedia.pt/$lenda-do-manto-de-santo-antonio)

www.rastko.org.yu/knjizevnost/usmena/index_c.html#zbirke

PERIĆ, Vladimir, (2005) *Srbistika i srednjoškolski udžbenici istorije književnosti in:* http://www.kovceg.tripod/peric_srbistika_i_udzbenici.htm

ROUZ, Serafim (2000) *Čovjekov pad in:* www.esnips.com/.../Serafim-Rouz---ČOVJEKOV-PAD

SANTOS, Alvanita Almeida (2001) *O Outro Lado da História: A Mulher que não se Deve Ser*

in: <http://www.uesc.br/seminariomulher/anaisPDF/alvanira%20almeida%20santospdf>

SOTIROVIĆ, Vladislav B. (2007) *Ustavna i zakonska regulativa srpskohrvatskog jezika u SFRJ (1974-1991) in:* <http://ovsiste.webs.com/articlesinserbiancyrillic.htm>

http://sh.wikipedia.org/wiki/sveta_gora

TREBJEŠANIN, Žarko (2006) *Stereotip o ženi u srpskoj kulturi in:* <http://www.6yka.com/da.do28>

Anexo 1:

Corpus das narrativas curtas da tradição popular sérvia traduzidas para português que foram utilizadas na elaboração desta Dissertação. Neste anexo encontram-se os contos da que foram analisados em pormenor, enquanto que aqueles que apenas foram mencionados por várias razões não têm o seu lugar aqui. O conto *O Filho do Urso*, (*Međedović*) não está traduzido na íntegra, apenas as partes que dizem directamente respeito ao tema que elaborámos.

As referências bibliográficas para cada um destes contos são dadas nas páginas da Dissertação.

O rei e o pastor (Kralj i čobanin)

Um rei tinha uma filha que era muito bela. Da sua beleza ouviu-se falar por todo o mundo. Os reis e czares iam pedi-la em casamento ou apenas vê-la e admirá-la.

Mas o pai dela não a queria dar a outro homem salvo àquele que fosse mais sábio que ele e o conseguisse enganar dalguma forma. Ouvia isso um homem rico de longe, e partiu duma terra longuíqua, e tendo passado muchas cidades e países deu uma noite com a casa de um homem rico. Quando perguntou se podia pernoitar, o anfitrião recebeu-o com muito gosto e respondeu-lhe que sim, com certeza. Por causa do hóspede, o anfitrião mandou matar um carneiro e quando o serviram para o jantar e a cabeça dele, deixaram-na ao pastor, que estava na montanha a guardar gado. No dia seguinte, quando amanheceu, o viajante prosseguiu com o seu caminho para pedir a filha do rei em casamento.

Indo pela montanha, encontrou o pastor daquela casa na quel tinha pernoitado e cumprimentando-o com “deus ajuda” disse: “Pastas bem”. E ele respondeu-lhe. “Pasto para elas pastarem bem.” O viajante tornou a dizer: “Eu ontem à noite pernoitei na vossa casa.” E o pastor respondeu-lhe: “Pois, ainda bem, o caminho trouxe-te.” E o viajante outra vez: “Quando cheguei a vossa casa, mandaram matar um carneiro.” E o pastor: “Quando vêm pessoas boas, mata-se o carneiro para elas.” E o viajante: “Para ti deixámos a cabeça”. E o pastor: “A cabeça convém para a cabeça.” O viajante outra vez: “As pessoas da casa colocaram a cabeça no estante e veio a cadela e comeu a cabeça,” E o pastor: “Para ela era”. O viajante tornou-lhe a dizer: “ O teu pai veio e matou aquela cadela.” E o pastor: “Se a mataram, mereceu-o” E o viajante outra vez: “Depois de a terem morto, deitaram-na para a estrumeira. “ E o pastor: “Se a deitaram para a estrumeira, ali estava deitada também em vida.“. O viajante, ao ver que ele responde assim a cada frase, ficou muito admirado e pensou para si próprio que ele seria bom para pedir a filha do rei em casamento e disse-lhe: “ Pela tua fé, chega-te aqui para conversarmos um pouco mais.” E o pastor respondeu-lhe: “Espera até eu devolver as ovelhas.” E o pastor foi a correr a devolver as ovelhas e aproximou-se daquele homem, e o homem disse-lhe. “Estou a ir ter com tal e tal rei para pedir em casamento a filha dele, mas ele não dá a sua filha a ninguém salvo àquele que fosse mais sábio que ele e o conseguisse enganar dalguma forma. E eu vejo que tu és rápido a pensar e que sabes falar sabiamente, então, querias ir comigo falar com esse rei a ver se pedes a menina em casamento para mim?” E o pastor disse. “Eu irei.”

E dali juntos foram à cidade onde vivia aquele rei. Ao chegarem ao palácio do rei, os guardas detiveram-nos e perguntaram: “Para onde vão?” E eles disseram aos guardas: “Nós vamos pedir em casamento a filha do rei.” Es os guardas responderam: “A entrada é livre para qualquer um que vai pedir em casamento a menina.” E deixaram-nos entrarem. Quando se apresentaram em frente do rei, aquele homem rico falou: “Deus ajuda, nosso rei iluminado!” E o rei respondeu-lhe: “Que Deus vos ajude, filhos!” E depois disse àquele homem rico:” a que veio aquele camponês de roupa dura?” E o pastor nãoi deixou o homem responder, mas ele próprio interrompeu e disse: “Se eu sou camponês de roupa dura, tenho mais tesouro que aqueles de roupa bonita, e mais, tenho três mil ovelhas. E numa planície munjo, noutra faço queijo e na terceira acumulo as natas.

E o rei disse-lhe: “Isso é bom quando tu tens tanto tesouro! E o pastor replicou:” Não é bom, é mau!” E o rei disse-lhe: “Como pode ser mau quando tens tanto tesouro?” E o pastor respondeu. “Todas as natas estragaram-se e fez-se pus.” Então o rei disse:

“Valha-me Deus! Quanto estrago! E o pastor respondeu: “Para mim isto não é estrago, é proveito.” E o rei disse: “Como, pois?” E o pastor respondeu: “Peguei no arado e nos bois e arei trezentos dias e semeei trigo.” E o rei disse-lhe: “ Isso é bom teres semeado tanto trigo.” E o pastor replicou: “Pois, não é bom, é mau!” E o rei: “Por quê, desgraçado?” Então o pastor disse: “ Estragou-se me todo aquele trigo e nasceram tudo faias e pinheiros.” Então o rei disse: “Oh, houve ali muito estrago.” E o pastor repôs: “Para mim, ali não há estrago, mas proveito.” E o rei disse-lhe: “Como pode haver proveito algum se tanto trigo se te estragou?” O pastor respondeu: “Porque chegou a voar um enxame de abelhas e encheu aquelas faias e pinheiros que não se via nem um ramo, nem a raíz. Então o rei disse: “É bom terem chegado tantas abelhas.” E o pastor replicou: “Pois, não é bom, é mau.” E o rei outra vez: “Por quê, pois?” E o pastor respondeu: “Começou a queimar um sol forte de Santo Elias¹¹⁹, e derreteu-se aquela mel e espalhou-se toda pela planície.” E o rei disse: “Pois, ali houve muito mal.” E o pastor respondeu: “Pois, não houve mal, houve bem.” E o rei voltou a perguntar: “Como, pois?” Eu apanhei uma pulga, matei-a e tirei-lhe a pele e fiz dela um fole e enchi trezentos sacos.” E o rei disse: “ De verdade, isso é mesmo mentira, falar assim!” E o pastor respondeu: “Se eu falei mentiras, tu acreditaste que era verdade, mas, dá cá a menina, eu mereci-a” e o rei, sem ter outra alternativa, deu a menina ao pastor e o pastor deu-a ao homem rico e o homem rico deu ao pastor riquezas que não se podiam contar.

Três anéis (Tri prstena)

Um rei em lugar do seu filho pediu em casamento a filha dum outro rei e enviou-lhe uma carta a pedir a menina e também um anél para a menina em conjunto com a carta. Quando o rei recebeu a carta e viu o que estava escrito, disse ao mensageiro: “Amigo, eu não te posso responder nada até perguntar á menina.” Depois disso, indo falar com a sua filha, disse-lhe que tal e tal rei a pede em casamento com o filho dele e que tinha enviado o anél de noivado, “mas”, diz ele “o que lhe vou responder?” E ela disse ao pai: “Responde-lhe: se não me trouxer três anéis, um das estrelas, outro da lua e o terceiro do Sol, eu não o quero.”

O rei disse isto ao mensageiro e acrescentou:” manda cumprimentos ao teu rei e agradece-lhe da minha parte por ter perguntado e pede-lhe para não ter pena da resposta da minha filha caprichosa, porque não lhe posso fazer nada. O mensageiro voltou e disse ao seu rei como são as coisas e o rei ficou irritado e pôs-se a pensar como poderia conseguir estes três anéis e finalmente anunciou pelo mundo inteiro: Quem lhe conseguir estes três anéis, dar-lhe-á metade do reino e riquezas incontáveis. Mas tudo em vão. Finalmente, o filho do rei caiu numa grande tristeza e já se queria matar de tanta mágoa, mas uma vez, vagueando assim sem rumo, deu com uma montanha e encontrou uma velha sentada ao pé do caminho. Cumprimentou-a com “Deus ajuda” e ela respondeu-lhe: “Deus te ajude, filho infeliz, depois feliz e no fim muito feliz!”

O filho do rei, ao ouvir isso, ficou admirado e perguntou-lhe o que significavam estas palavras, e ela respondeu: “Tu tinhas sido perdido, mas encontraste a pessoa que te vai curar, se Deus quiser, dessa desgraça.” Então ele começou a contar-lhe o que tinha, mas ela não lhe deixou terminar e exclamou: “Chega, chega! Eu sei o que se passa contigo, no entanto, toma esta erva que tenho ao peito e coloca-a ao teu e penteia os meus cabelos e deixa metade cair para frente e a outra que me caia pelas costas abaixo,

¹¹⁹ Para os cristãos ortodoxos o dia de Santo Elias é a dois de Agosto. Depois desse dia, o povo acredita que o sol e o calor deixam de ser tão fortes e que as temperaturas se tornam cada vez mais agradáveis. Dai o ditado popular *posle svetog Ilije, sunce je sve milije* , isto é: Depois de Santo Elias, o sol apetece cada vez mais.

e fica aqui comigo até à noite. Ele obedeceu-a: tomou a erva do peito dela e colocou-a ao seu, penteou-lhe os cabelos, que caíram para baixo, completamente pretos que nem carvão, só com um que outro cabelo branco.

Quando a noite estava a meio, disse a velha ao filho do rei: “Ao veres a primeira estrela, toma essa erva do peito e diz: “Deus, dá-me o anel!” Ele assim fez e mal acabou de dizer isso, uma estrela agitou-se e um anel caiu em frente dele com uma estrela dentro.

Depois disso, a velha disse-lhe, que fizesse o mesmo quando a Lua se assomasse detrás da montanha. E ele assim fez e caiu-lhe um anel com a Lua dentro.

E de manhã, quando o Sol ainda não tinha nascido, a velha disse-lhe: “Cuida bem, quando o Sol se avistar, olha bem para ele através dos meus cabelos, até nascer por completo, e diz três vezes: “Deus, faz-me destes cabelos um anel como o Sol!” E ele assim fez e mal exclamou pela terceira vez, aqueles cabelos tornaram-se num anel tão brilhante como o Sol.

Depois de o filho do rei ter conseguido os três anéis, perguntou á velha: “O que te devo?” E ela respondeu-lhe: “Nada mais que rezares para a minha alma enquanto estiveres vivo porque eu vou morrer dentro de poucos dias e que não digas a ninguém.” Depois, o filho do rei agradeceu-lhe e beijou-lha a mão e despediu-se dela, e ao chegar para casa, contou tudo ao seu pai, e ele com aqueles anéis mandou buscar a menina e ela casou com o filho do rei como a lei manda.

O imperador Trojan tem orelhas de cabra (U cara Trojana kozije uši)

Era uma vez um imperador chamado Trojan que tinha as orelhas de cabra e convidava todos os barbeiros para lhe fazerem a barba, mas mal viesse um deles não voltava porque, quando lhe acabava de fazer a barba, perguntava-lhe o imperador se tinha visto qualquer coisa de estranho nele e ele dizia que tinha visto as orelhas de cabra e o imperador mandava-o matar nesse instante. Assim, chegou a vez de um barbeiro-mestre, mas este fingiu-se doente e mandou o seu aprendiz.

Quando o czar lhe perguntou por quê é que não veio o mestre, ele disse que estava doente. Então o imperador sentou-se para o aprendiz lhe fazer a barba. Quando começou, o aprendiz viu que ele tinha as orelhas de cabra, mas não disse nada. Quando o imperador lhe perguntou se tinha visto alguma coisa, este respondeu que não viu nada. Então o imperador lhe deu doze ducados e disse que daí em diante viesse sempre ele a fazer-lhe a barba.

Quando o aprendiz foi para casa, o mestre perguntou-lhe como era na casa do imperador e ele disse que era bom e que o imperador tinha ordenado que viesse sempre ele a fazer-lhe a barba e mostrou-lhe os doze ducados que tinha recebido do imperador, mas não lhe disse que o imperador tinha as orelhas de cabra. Daquele tempo o aprendiz continuou a ir e fazer a barba do Trojan, e para cada vez recebia doze ducados e não dizia a ninguém que ele tinha as orelhas de cabra.

Mas, finalmente, começou a torturá-lo o facto de não poder contar a ninguém e começou a ficar distraído e a sofrer. O mestre viu isso e perguntou-lhe o que se passava, mas depois de muitas perguntas, acabou por lhe dizer que tinha um segredo que não podia revelar. “Quem me dera“, disse, “dizer a alguém, logo me sentia mais aliviado.“

Então o mestre disse-lhe: “Conta-me a mim, e eu não vou dizer a ninguém, se tens medo de me dizeres a mim, diz ao padre confessor, se não quiseres sequer dizer a ele, sai da cidade e abre um buraco na terra e mete a cabeça dentro e diz três vezes à terra o que sabes e volta a tapar o buraco.“ O aprendiz escolheu a terceira opção e saiu

da cidade e abriu um buraco no campo e três vezes disse: "O imperador Trojan tem orelhas de cabra." E tapou o buraco e acalmou-se e foi para casa.

Passado algum tempo, daquele buraco cresceram três canas direitinhas que nem flechas. Os pastorinhos, ao encontrarem a cana, cortaram uma e fizeram uma gaita e começaram a tocar, mas da gaita saía a voz: "O imperador Trojan tem orelhas de cabra".

Isso espalhou-se logo pela cidade toda e finalmente o próprio imperador Trojan ouviu que as crianças tocavam: "O imperador Trojan tem orelhas de cabra." E mandou logo chamar aquele aprendiz do barbeiro e perguntou-lhe: "Que coisa andaste a espalhar pelo povo de mim?" E o pobre começou a desculpar-se que não tinha dito nada a ninguém, mas que tinha visto o que ele tinha.

O imperador pegou no sabre para o matar, mas ele contou-lhe tudo, que se tinha confessado à terra e que daquele buraco „cresceu uma cana que produz aquela voz.“ Então o czar sentou-se com ele na carroça e foram para ali para ver se é verdade, mas eis mais uma cana. E o imperador Trojan mandou fazer-se uma gaita daquela cana para ver como é que vai tocar. Quando fizeram a gaita e começaram a tocar, da gaita ouviu-se a voz: "O imperador Trojan tem orelhas de cabra."

Nesse momento o imperador ficou convencido que nada na terra se pode esconder e perdoou a vida àquele aprendiz e permitiu depois que qualquer um podia vir fazer-lhe a barba.

Czar Dukljan (Car Dukljan)

Era uma vez um czar chamado Dukljan. Um dia, caçando pelas florestas escuras e arbustos espessos viu um lago e chegou ali sigilosamente para caçar qualquer coisa. Inclinando-se um pouco em cima do lago, viu um cavalo com asas e nele um homem alado de cabelos dourados que lhe chegavam até aos calcanhares a sair do lago. Ao vê-lo o czar escondeu-se e começou a espreitar o que ia fazer este homem. Mal saiu para a terra, apeou-se do cavalo e pegou numa gaita longa e torta e de várias cores, como a maior das cobras e começou a tocá-la que não se podia ouvir mais nem pelo amor de Deus querido, e ao ouvir esta voz, todas as pedras e árvores começaram a estremecer-se. O czar assustou-se e apontou a flecha para aquele homem e feriu-o entre ambas as asas. O homem caiu do cavalo e gemeu de dor e tristeza que se ouviu até ao céu e exclamou: "Agradece a Deus que me tenhas visto a mi antes de eu te ver a ti."

Ao ver o czar que tinha ferido o homem, foi até onde estava ele com o sabre e ele, zas! Para o lago, assim ferido; então o czar apanhou aquele cavalo, montou-o e fugiu com ele para casa. Mas, mal o tenha montado, ao czar também cresceram-lhe as asas e o czar assustou-se e desceu dele e indo um pouco, desapareceram-lhe as asas e assim veio para casa. Ao voltar para casa, contou tudo o que se tinha passado e levaram o cavalo para a cavaliária entre os demais cavalos.

O filho do czar, ao ouvir falar desse lago, uma manhã partiu, às escondidas do pai, e segundo aquilo que o pai lhe contou, deu com o lago, mas não veio silenciosamente, e sim com a flecha apontada, mas antes de vir até ao lago, viu uma mulher de meia-idade sentada de cabelos soltos a chorar e a olhar para ele, e ele desmaiou e ficou naquele sítio que nem morto. No momento em que ele caiu ali, aquele cavalo na cavaliária do czar começou a relinchar e bater as asas que de tanto ruído e estrondo estremeceu todo o palácio do czar. O czar deu um salto para ver o que se passava com ele, e o cavalo disse ao czar: "Se desejas ver o teu filho vivo, devolve-me ao sítio do qual me trouxeste. O czar assustou-se e montou no cavalo sem o ensilar, e mal o cavalo pôs as patas no campo, desatou a voar que nem um relâmpago em direcção do lago. Mas, ali, viu o czar o filho deitado morto e aquela mulher a chorar e a extrair-

lhe os olhos com um fio do cabelo. O czar desatou a lamentar-se por causa do filho e o cavalo a relinchar por aquela mulher, até que o cavalo exclamou: “Agora, perdoo-lho.”

Então aquela mulher devolveu os olhos ao filho do czar e soprou-lhe o hálito, e quando reviveu, deu-o ao czar e ele deu o cavalo a ela. (então, pensa-se que o cavalo era filho daquela mulher e o homem que o czar tinha ferido o seu pai.)

A mãe amaldiçoou Salomão (Solomuna proklela mati).

Salomão o Sapiientíssimo uma vez na conversa disse na presença da mãe que é possível enganar todas as mulheres. A mãe ralhou-lhe muito por isso dizendo-lhe que isso não é verdade. Depois disso, salomão de alguma forma demonstrou à sua mãe que ela é igual a todas as outras mulheres. A sua mãe por isso ficou muito irritada e amaldiçoou-o para não morrer até ver as profundidades do mar e as alturas do céu.

Quando Salomão já ficou velho e já ficou aborrecido de viver neste mundo, começou a preocupar-se com como se ia livrar da maldição da mãe, para poder morrer. Primeiro malhou uma arca de ferro, tão grande que ele poderia estar sentado dentro dele; na tampa desta arca amarrou uma ponta dum cadeado de ferro que eram tão compridas quanto aproximadamente pensava que era a profundidade do mar.

Depois, entrando na arca, ordenou à mulher que a fechasse e deitasse ao mar, e que ela segurasse na outra ponta do cadeado, e depois de a arca cair para o fundo do mar, ela havia de o tirar fora para a ribeira, A mulher fechou a arca e deitou-a para o mar; mas enquanto ainda segurava a ponta do cadeado e não conseguia tirar a arca para fora, veio alguém e enganou-a que os peixes já há muito tempo tinham comido o Sapiientíssimo juntamente com a sua arca e que já nunca mais o pode tirar para a ribeira e que solte a ponta do cadeado e que vá para casa. Então ela soltou o cadeado, e tudo, com o seu grande peso caiu sobre Salomão na sua arca no fundo do mar.

Depois disso, os diabos encontraram a mulete de São João e o seu gorro e manto, e discutiram entre eles não sabendo como dividir isso, e no fim disseram: “Vamos ter com o Sapiientíssimo para ele nos satisfazer.” E assim, tendo sabido onde estava o Sapiientíssimo, foram ao fundo do mar falar com ele, e tendo chamado por ele, disseram-lhe a que tinham vindo., e ele respondeu-lhes da arca. “Como é que eu vos vou satisfazer da arca, quando nem sequer vejo vocês, nem aquilo por causa do que estão a discutir? No entanto, levem-me à ribeira, e depois vos vou satisfazer.” Os diabos, então pegaram na arca com o Sapiientíssimo e tiraram-no fora para a ribeira. Ao sair da arca, o Sapiientíssimo agarrou nas coisas por causa das quais estiveram a discutir, supostamente para ver quanto valia cada uma delas, e fez o sinal da cruz com a muleta, e os diabos fugiram logo e ele ficou com tudo. Assim, o Sapiientíssimo viu as profundidades do mar e pôs-se a pensar em como aína veria as alturas do céu.

Por isso, apanhou dois avestruzes e durante alguns dias não lhes deu nada para comerem, até terem ficado com fome, e depois, amarrou-lhes um cesto grande às patas e entrou no cesto segurando nas mãos encima dele e dos avestruzes, um cordeiro assado num espeto comprido. Os avestruzes, desejando alcançar o assado, voaram alto e voaram assim até que o Sapiientíssimo bateu com o espeto contra o céu e virou o espeto para baixo até que os avestruzes o fizeram decser para a terra. Assim viu as alturas do céu e assim morreu.

O ofício por cima de tudo (Sve, sve, ali zanat)

Um czar com a sua mulher e filha foi passear de barco pelo mar. Ao afastar-se um pouco da costa, soprou um vento e atirou-o até uma terra longínqua em que do seu

império sequer se ouviu falar (tal como ele jamais ouviu falar deste). Tendo saído para a terra, ele não se atrevia sequer de dizer que era czar, e não tinham dinheiro nenhum com eles, e ele, não sabendo ofício nenhum, não se podiam sustentar de outra forma, e ele entrou no serviço a guardar o gado da aldeia.

Tendo vivido ali alguns anos, o filho do czar daquele país viu a sua filha, que era muito bela e já chegou à idade de casar, e disse ao seu pai e à sua mãe que não se queria casar com outra menina, a não ser com a filha do guardador de gado de tal e tal aldeia! O pai, a mãe e os outros cortesãos começaram a dissuadi-lo, para se deixar dessa vergonha: como é que ele, filho do czar iria tomar por esposa a filha dum guardador de gado com tantas filhas dos reis e czares etc.

Mas tudo em vão! Ele diz: “Ou ela ou nenhuma!” Já que viram que não podia ser de outra forma, então o czar mandou um visir seu para avisar o guardador de gado que o czar pede a sua filha em casamento em lugar do seu filho. Quando o visir foi e disse isso ao guardador de gado, o guardador perguntou-lhe; “Que ofício sabe o filho do czar?” O visir ficou admirado: “Deus contigo, homem! Como é que o filho do czar ia saber algum ofício? Para quê é que serve um ofício ao filho do czar? As pessoas aprendem ofícios para se sustentarem com eles e o filho do czar tem terra e cidades!”

O guardador de gado tornou a dizer: “Pois, se não sabe nenhum ofício, eu não lhe dou a minha filha! O visir voltou e contou tudo ao rei o que lhe tinha dito o guardador de gado. Agora a estranheza ficou ainda maior! Eles pensaram que para o guardador de gado seria a maior das graças e honras que o filho do czar se case com a filha dele, e ele pergunta que ofício sabe o filho do czar! O czar mandou um outro visir, mas o guardador de gado continua sempre com a mesma resposta: “Até o filho do czar (diz ele) não aprender algum ofício e não me trazer um objecto feito pelas suas mãos, nada do casamento!”

Quando este visir também voltou e disse que o guardador de gado não dá a menina até o filho do czar não aprender um ofício, qualquer que seja (desde que seja um ofício); então o filho do czar começou a andar pela rua principal da cidade para ver que ofício é mais fácil aprender. Andando de uma loja a outra e olhando como trabalhavam diversos mestres, veio até a loja na qual se entrelaçavam as canas e pareceu-lhe que esse seria o ofício mais fácil, e começou a aprendê-lo e aprendeu-o dentro de alguns dias, e depois ele próprio fez um cesto, e levaram-no ao guardador de gado, e disseram-lhe que o filho do czar tinha aprendido o ofício e que esta é a obra feita por ele.

O guardador de gado pegou no cesto e pôs-se a olhar para ele de todos lados e perguntou: “Quanto é que isto vale?” E eles disseram-lhe: “Quatro moedas.” “Pois! (diz ele) Ora bem! Hoje quatro moedas, amanhã quatro, dá oito, depois de manhã quatro dá doze etc. Se eu tivesse sabido esse ofício, hoje não guardava o gado da aldeia.” E então disse-lhes quem era e como tinha chegado aí; e eles alegraram-se ainda mais (por tomarem a filha do czar e não do guardador do gado) e com a maior alegria casaram o rapaz e a rapariga e passaram a festa do casamento; e depois deram a este czar um navio e soldados e ele atravessou o mar e encontrou o seu país.

Não precisamos mais do czar (Ne treba nam više cara)

Numa cidade capital um aprendiz ia a correr pela rua principal e não parava de gritar com toda força:

- Não precisamos mais do czar! Não precisamos mais do czar!

Por causa da sua gritaria, os polícias agitaram-se, agarrou a aprendiz pelo casaco e lavaram-no ao calabço. Acusaram-no de ter exclamado contra o czar e lavaram-no ao tribunal.

- Desgraçado! – começaram os juízes- como te atreveste a gritar contra o czar? Quem te incentivou a isso?
- Ninguém me incentivou- replicou o aprendiz- eu sózinho cheguei a tal conclusão sábia- E em frente deste tribunal torno a dizer: Não precisamos mais do czar!
- E por quê e como é que tu pensas que não precisamos mais do czar?
- Porque já temos um e não precisamos de mais!- respondeu o aprendiz e eles ficaram humilhados.

O czar e o seu ministro (Car i njegov ministar)

Um camponês veio falar com o ministro e pediu-lhe para o ouvir por causa de uma acusação. O ministro recusou-o sem dó nem piedade, e o czar que estava a ver isso pela janela, convidou o ministro para o almoço, mas ordenou aos criados, quando o almoço for servido, para não colocarem pão em frente do ministro.

O ministro teve o prazer de ter sido digno de tal honra na casa do czar, mas quando se achou admirado, começou a piscar o olho aos criados a ver se lhe traziam pão. Então, disse o czar ao ministro:

- O quê? Não lhe agrada o meu almoço?
- Agrada-me, Vossa Majestade, - disse o ministro – mas não tem sabor sem pão.
- Vê que não se pode sem pão- replicou o czar – e continua a recusar os camponeses e sabe que eles com um esforço tremendo atiram o pão da terra e dão-nos de comer.

A menina que resultou mais esperta que o czar (Djevojka cara nadmudrila)

Um pobre vivia numa caverna e não tinha nada mais que uma filha, que era muito sábia e ia por todos lados pedir esmola e ensinava o seu pai como mendigar e falar de forma inteligente. Uma vez veio o pobre ao palácio do czar para este lhe dar alguma coisa, o czar perguntou-lhe de onde era e quem o ensinou a falar de forma tão inteligente. Ele respondeu-lhe que foi a sua filha que o ensinou. “ E a tua filha, com quem aprendeu?” perguntou o czar, e o pobre respondeu: “Foi Deus que lhe ensinou e esta nossa pobreza miserável.”

Então o czar deu-lhe trinta ovos e disse-lhe: “Leva isto à tua filha que destes ovos me faça nascerem pintos, se o fizer, premiá-la-ei bem, se não o fizer, vou mandá-la ser torturada.” O pobre foi para a caverna a chorar e disse tudo à filha.

Ela reconheceu que os ovos eram cozidos e disse ao pai para se ir deitar e que ela se encarregaria de tudo. O pai obedeceu-a e foi se deitar e ela pegou numa panela, encheu-a de água e favas e pôs ao fogo, e quando cozeu as favas, de manhã chamou ao pai e disse-lhe para levar o arado e os bois e para ir arar junto da estrada pela qual passaria o czar e disse-lhe: “Quando vires o czar, toma as favas e começa a exclamar: “Ai, bois! Deus ajuda, que nasçam as favas cozidas.” E quando o czar te perguntar como podem nascer as favas cozidas, diz: “Tal como podem nascer pintos dos ovos cozidos”. O pobre obedeceu a filha e ao ver o czar vir, ele pôs-se a gritar: “Ai, bois! Deus ajuda que nasçam as favas cozidas!” O czar, ao ouvir estas palavras, parou no caminho e disse ao pobre: “Pobre, como vão nascer as favas cozidas?” E ele respondeu-lhe: “ czar honrado, tal como dos ovos cozidos podem nascer frangos!”

Lembrou-se o czar logo que foi a filha que o tinha ensinado e ordenou aos criados para o apanharem e trazerem na sua frente e deu-lhe uma bolinha de linho e deu-lha e disse. “Toma isso e disso hás-de fazer as velas e tudo o que é preciso para um barco, se não o fizeres, perderás a vida”. O pobre, com grande medo pegou na bolinha e

foi para casa a chorar e contou tudo à filha. A filha mandou-o dormir e disse que ela se encarregaria de tudo. No dia seguinte pegou num pedacinho de madeira e acordou o pai e disse-lhe: “Toma esta madeira e leva-a ao czar e diz-lhe que me faça lã e fuso e roca e tudo o que é preciso para mim, e eu far-lhe-ei tudo o que ordena.”

O pobre obedeceu e contou ao czar tudo como a filha lhe tinha ensinado.

O czar, ao ouvir isso, ficou admirado e pôs-se a pensar no que havia de fazer, e depois pegou num copinho pequeno e disse-lhe: “Toma este copinho e diz à tua filha que com ele me seque o mar, para ficar o campo.” O pobre obedeceu e levou o copinho à filha a chorar e contou-lhe tudo o que o czar tinha dito. A filha disse-lhe para deixar isso para amanhã e que ela o ia fazer. E no dia seguinte, chamou ao pai, deu-lhe um litro de argamassa e disse-lhe: “Leva isto ao czar, que com isto me tape todos os mananciais e lagos e eu vou secar o mar.” O pobre foi e disse assim ao czar.

O czar, ao ver que a menina é muito mais sábia que ele, ordenou para a trazer na sua frente, e quando a trouxe, os dois fizeram-lhe uma reverência, e então o czar perguntou-lhe: “Adivinha, menina o que se pode ouvir mais longe.” A menina respondeu: “Czar honrado, mais longe podem-se ouvir o trovão e a mentira.” Então o czar agarrou a sua barba e, dirigindo-se aos senhores todos, perguntou-lhes: “Adivinhem quanto vale a minha barba”. Uns diziam isto, outros aquilo, e a menina disse-lhes a todos que não adivinharam e disse: “a barba do czar vale como três chuvas de Verão.” O czar ficou admirado e disse: “Foi a menina que melhor adivinhou!”

E depois perguntou-lhe se queria ser sua mulher e que não podia ser de outra forma, senão assim. A menina fez uma reverência e disse: “Czar honrado! Que seja como tu quiseres, só te peço para me escreveres uma carta com a tua própria mão que, se alguma vez te zangares comigo e me expulsares do teu palácio, tenho direito de levar da tua casa o que mais me agrada.” O czar aceitou isto e assinou.

Passado algum tempo, o czar zangou-se com ela e disse-lhe: “Não te quero mais por mulher, mas vai-te embora do meu palácio seja para onde for!” A czarina respondeu-lhe: “Czar iluminado, vou-te obedecer, só deixa-me pernoitar e amanhã partirei. O czar deixou-a pernoitar e ela misturou-lhe no vinho aguardente e umas ervas aromáticas e começou a oferecer-lhe de beber, dizendo: “Bebe, czar, bebe com alegria, que amanhã estarei ainda mais feliz do que quando me juntei contigo.” O czar embraçou-se e adormeceu e a czarina preparou a carroça e levou o czar à caverna de pedra.

Quando o czar acordou na caverna de pedra, exclamou: “Quem me trouxe para aqui?” e a czarina respondeu-lhe: “Fui eu que te trouxe.” E o czar perguntou-lhe: “Porquê fizeste isso de mim? Por acaso não te disse que já não és minha mulher?” E a czarina respondeu-lhe: “É verdade, rei honrado, que me disseste isso, mas olha o que me escreveste nesta carta: “Para levar do teu palácio o que mais me agrada, quando me for embora da tua casa.” O czar, ao ver isso, deu-lhe um beijo e voltaram de novo para o palácio do czar.

A filha do czar ovelha (Careva kći ovca)

Um czar tinha uma mulher que amava excessivamente. Não tinham outra família a não ser uma filha única, que já tinha chegado à idade de casar. Esta czarina adoeceu e ao ver que não ia sobreviver, chamou ao czar seu marido e a chorar com toda força, disse-lhe: “Está se a aproximar a última hora da minha cálice e eu morrerei antes de os terceiros galos cantarem e eu sei que tu não podes deixar de te casar e desejo-te felicidade! Que Deus te perdoe e eu pecadora! Mas, jura por este mundo e pelo outro, faz-me caso disto que te vou dizer: “Aqui tens um anel e não te cases com nenhuma

rapariga que encontrases e pedires em casamento, se este anel não lhe ficar bem no primeiro dedo da mão direita¹²⁰, e imploro-te três vezes pelo céu e pela terra, que te cases com aquela rapariga á qual este anel lhe ficar melhor na mão, e se não me obedeceres, tudo o que fizeres e tudo pelo que rezares a Deus te vá em vão e mal e que de ti não fique nem rasto.” O czar prometeu-lhe que não se casaria com rapariga nenhuma se aquele anel não lhe ficar bem, e se não a encontrar, não se vai casar sequer. A czarina respondeu-lhe: “Vais encontrá-la, só não infrinjas o juramento, para não te picar a cobra!”¹²¹ E em acabando de dizer isto, expirou.

Após a morte da czarina, enviou os criados pela cidade a experimentarem o anel nas raparigas todas para veres se vai ficar bem a alguma delas, mas quando não encontraram na cidade, enviou-os por este mundo fora para procurarem, a ver se felizmente se achava alguma, mas tudo em vão. Passado imenso tempo, os criados voltaram e disseram ao czar que no mundo todo não encontraram a rapariga á qual este anel ficasse quer grande quer estreito demais. O czar ficou admirado com o que fazer. Queria casar-se, mas não há rapariga, queria infringir o juramento, mas não se atreve por medo de a maldição o alcançar, e torturado assim, atirou aquele anel, e onde foi parar? Ressaltou do chão e caiu ao colo da sua própria filha, e ela, ao ver um bonito anel de ouro, tomou-o e pô-lo no primeiro dedo da mão direita e estendendo a mão em direcção do seu pai, disse-lhe: “Olha pai o bem que me fica.”

Ao ver isso, o czar desmaiou da admiração, e não conseguia recuperar a consciência metade do dia, até que e a sua filha se levantou e como se o quisesse apoiar e abraçar com as mãos, rompeu a chorar de tristeza, e num momento, ele acordou e disse à filha. “Tu és minha mulher, assim por acaso Deus determinou, e tu vais ser czarina em vez da tua defunta mãe.” A filha começou a estranhar-se do que ele estava a dizer e começou a considerá-lo um homem sem consciência e louco, mas depois de discutirem muito, viu que não tinha outra opção e ela, sem mais nem menos, para o pai não se casar com ela e que um cão não a apresentar a outro cão como um fantasma, tencionou matar-se, e assim fez: tomou a navalha do pai e cravou-a no meio do coração.

O pai, vendo isso, mandou vir uma curandeira e ela disse-lhe: “Aqui tens uma gaita, e tocaem cima da cabeça dela de sol a sol e reviverá.” O czar assim fez e pôs-se a tocar á volta da filha morta, ela sentou-se e o pai deu-lhe um abraço e ordenou logo para no dia seguinte se preparar tudo o que é preciso para o casamento.

A filha, quando ouviu isto, tomou o sabre do pai e cortou o seu braço esquerdo e o direito, deixou-o arder no fogo. No dia seguinte os criados estavam a preparar o casamento, e um deles disse ao czar que viu a sua filha sem braços. O pai foi a correr até onde ela estava e ao vê-la mandou rápido vir uma curandeira, e ela deu-lhe algumas ervas e ele untou-lhe os restos dos braços e cresceram-lhe os braços tal como eram. O czar mandou a filha ser vigiada, para não voltar a fazer qualquer coisa á sua vida, e ela já não podendo fazer mais nada, passeando-se por aqui e por ali pelo quarto, viu num canto uma bengala toda de puroo ouro no qual estava escrito com letras de sangue: “Não me toques.”

Ela ficou admirada do que podia ser isso, tomou a bengala e mal começou a dar-lhe voltas no dedo, naquele instante ela fez-se ovelha e começou a balir pela casa. Os criados, ao verem isso, assustaram-se e desataram a fugir, contando ao czar, até ele

¹²⁰ Nos países ortodoxos, quer que o casamento seja feito pela Igreja, quer apenas na conservatória, as alianças colocam-se na mão direita. O mesmo acontece com as alianças de noivado. Só neste conto o anel aparece no primeiro dedo, enquanto que na realidade os anéis de algum significado simbólico colocam-se no dedo ao lado do mindinho.

¹²¹ Esta expressão idiomática significa: “de maneira nenhuma, senão estarás em graves problemas.”

próprio ver, mandou outra vez vir a cutradeira e ela respondeu-lhe que não conhecia nenhum remédio e que procurasse outra curandeira.

O czar ia buscar muitas curandeiras, mas cada uma delas respondia-lhe que desconhecia o remédio, e assim, sem conseguir recuperar a sua filha, não se casou mais. Depois disso, a ovelha saltitava e baliava por todas partes ao lado do czar e ele alimentava-a e cuidava dela como da sua filha, e quando morreu o czar, no mesmo dia morreu também a ovelha.

O monge e os quatro pecadores (Kaludjer i četiri grješnika)

Era uma vez um monge que agradava a Deus, de barba e cabelos brancos, que sempre rezava a Deus. Viajando uma vez de noite, o caminho levou-o ao pé duma igreja, onde se enterravam os cristãos. Ao passar junto da porta do pátio da igreja, viu três cavalos, um encarnado como o sangue, o outro preto como o carvão e o terceiro amarelo como o açafraão, a ndarem por aqui e por ali á volta dos túmulos e á volta da igreja.

Mas, quando viram o monge, desapareceram sem deixar rasto, como se a terra os tivesse tragado. O monge, ao ver isso, escondeu-se um pouco detrás duma árvore, mas eis outra vez aqueles três cavalos, viaram até um túmulo e começaram a bater com as patas em cima dele e a relinchar com toda força, até que saiu do túmulo um homem de meia-idade mas corpulento de estatura, com as pernas e braços cruzados, assim como quando morreu e o colocaram no túmulo. Os cavalos continuavam a dar pulos e a relinchar à sua volta, mas não tocavam nele, nem ele lhes respondia alguma coisa, mas sempre chorava.

O monge, tendo medo que os cavalos fizessem alguma coisa ao homem, veio a correr subitamente até onde eles estiveram e implorou-os pelo céu e pela terra para ficarem cada um no seu sítio e os cavalos detiveram-se. Então o monge tocou com a bengala primeiro o homem e depois todos os cavalos. Mal tocou nalgum deles, o morto reviveu e os cavalos tornaram-se em pessoas; e perguntou-lhes. “Quem são vocês?” Um a um confessem-se a mim, em segredo ou em frente de todos, se vos puder ajudar.”

Então aquele homem disse: “Padre espiritual! Eles eram os meus filhos desgraçados, e eu uma noite, enquanto estavam a dormir, degolei-os com a minha própria mão, e escondia isso e não disse nunca a ninguém, nem sequer ao padre na confissão, e pensei confessá-lo antes de morrer, mas a morte tinha-me levado antes de o padre ter chegado.” “E convosco, o que se passa?”- perguntou o monge áqueles três filhos. “Nós não queríamos obedecer os nossos pais e fazíamos tudo de forma diferente e contra a sua vontade e não nos arrependemos.”

Então, o monge tirou da sua mala a estola e o breviário, e disse primeiro áqueles três: “Peçam perdão ao seu pai”, e ao pai: “Agora tu arrepende-te dos teus pecados;” e assim fizeram e juntou-os os quatro debaixo da estola e leu-lhes a oração da absolvição. Depois disso eles beijaram a mão ao monge e deram-se abraços e beijos uns aos outros e chorando foram cada um para o seu túmulo, e o monge continuou com o seu caminho, dizendo ao povo para se arrepender para ninguém ir para o outro mundo sem a confissão.

São Sava, pai e filho (Sveti Sava, otac i sin)

Quando o Santo viajava assim pelo povo, ensinando-o e dando-lhe força, apresentaram-se na sua frente um pai e um filho. O pai lamentava-se que o filho não o obedecia e não

o respeitava. E o filho queixava-se do pai por não aplicar os seus conselhos e por não lhe querer entregar a casa.

São sava esteve a ouvir o pai e o filho, e no fim disse ao filho:

- Faz o sinal da cruz!

E ele assim fez.

- Em nome do Pai e do Filho...

- Quem mencionaste primeiro?- perguntou São Sava.

- O pai.

- Onde puseste os dedos primeiro?

- Na testa.

- Quem mencionaste depois?

- O Filho.

- Onde puseste os dedos agora?

- Na barriga.

- Então deves saber que como a cabeça é mais alta que a barriga, assim o pai é primeiro que o filho. Desde este momento o filho arrependeu-se e sempre obedecia o pai.

O padre e os paroquianos (Pop i parohijani)

Um ano houve uma seca muito forte, e por isso os camponeses juntaram-se em frente da igreja, após a liturgia para repreenderem o padre por as suas orações não agradarem a Deus, e tantas vezes que tinha rezado em vão pela chuva. O padre armou-se em esperto e disse-lhes: “Saibam, irmãos que ontem me mandaram um recado de cima, do céu para combinar convosco em que dia e quanta chuva querem que vos seja mandada. Agora respondam-me.”

O primeiro homem na aldeia disse: “Por exemplo amanhã, na segunda-feira.” E o padre respondeu: “amanhã não porque contratei pessoas para cavarem o meu milho.” “Então na terça.”- disse o primeiro homem, e um outro homem respondeu: “ Por acaso não viste que espalhei tanto trigo pelo piso para secar?” “ Vamos então na quarta”- disse o primeiro, e o terceiro homem respondeu: “Quarta não, é o meu santo da família, e se os meus convidados se molhassem, o que vou fazer?” “Então, vamos na quinta” disse o primeiro, e o o quarto homem respondeu: “Como na quinta,? Por acaso eu não caso o meu filho nesse dia?” “ Vamos então na sexta” disse o primeiro, e o quinto homem por sua vez interrompeu: “Não na sexta! As pessoas dizem que às sextas-feiras nada é próspero.” “Pois, irmãos, vamos no Sábado”. “Pois, eu não quero”, respondeu o sexto, “um sócio meu vai-me trazer dois bois, como tínhamos combinado, e é preciso experimentá-los.”

Então disse o padre: “Então, minha gente, combinem neste outro Domingo e respondam-me.” E os camponeses não conseguiram chegar a um acordo nem no próximo Domingo, nem até hoje.

Afogou-se o padre por não ter dado a mão (Utopio se pop što nije ruku dao)

Embarcaram num bote seis pessoas do povo e um padre para atravessarem um rio cheio de lama, até que num momento soprou um vento forte e o bote virou-se para baixo e caíram todos para a lama. Felizmente, todos sabiam nadar menos o próprio padre, e quando começaram a afogar-se, cada um deles agarrou-se no bote e chegaram a nado à outra margem.

Em voltando para casa disseram à esposa do padre tudo tal como se tinha passado, e que o padre se afogou de forma estúpida e sem necessidade. A esposa do

padre desatou a chorar com toda força como quem é desgraçado, e perguntou-lhes: “Como foi que se afogou?” E eles responderam: “Quando o bote se virou para baixo e nós todos caímos para dentro da água, todos unisonamente exclamámos: “Padre, dá a mão! Padre, dá a mão!” e ele facilmente podia dar, só se quisesse, mas não a deu e assim foi que se afogou.”

“Desgraçada de mim! Eu sei” disse a esposa do padre “que é assim, mas se lhe tivessem exclamado: “Padre, toma a mão! Padre, toma a mão!, queria a agarrar, porque sempre (Ai de mim!) tinha o costume de tomar e não de dar.

La comprando óculos para saber ler (Kupovao naočare da zna čitati)

Um camponês mandou o filho à cidade estudar, e quando já começou a estudar saiu da escola passear alguns dias por aquela cidade. Olhava para muitas pessoas velhas e jovens a usarem óculos e perguntou ao seu amigo:

- Por quê as pessoas usam óculos?

E ele disse-lhe:

- Para lerem e escreverem melhor e estas são todas pessoas letradas e inteligentes.

Ao ouvir isto, o rapazinho disse para si próprio: “Por quê é que eu continuaria a estudar e torturar a minha vida e o pobre pai iria gastar, mas vou comprar uns óculos para assim eu também ser uma pessoa letrada.” No dia seguinte foi a uma loja, em que havia óculos e trouxeram-lhe alguns para escolher. Pôs uns e pediu para lhe darem algum livro. Deram-lho. Ao ver que não percebia nada do livro e que não reconhecia uma única letra, pensou que eles não eram bons. Experimentava uns a uns, mas tudo em vão, dizendo ao vendedor que ele queria óculos que usam as pessoas inteligentes.

O vendedor viu que se passava alguma coisa e inclinou a cabeça sobre o livro que aquele rapazinho tinha na mão, e ao ver que o tinha virado ao contrário, disse-lhe:

- Eh, meu filhote, os teus olhos são saudáveis e os óculos são bons, mas o teu cérebro é que não é bom, nem a tua cabeça saudável.

O filho sábio (Mudri sin)

O filho de um camponês veio da Universidade para casa e encontrou o pai a lanchar com a mãe: estavam lá três ovos cozidos. Nessa ocasião, pensou o filho sábio assim mostrar a sua ciência ao pai e disse-lhe:

- Pai amável! Agora vou mostrar-lhe que não andou a gastar comigo em vão. Veja só: aqui estão três ovos, três, pois? Ora bem! Onde há três, há dois, e isso é uma mera verdade, e dois mais três dá cinco, isso também é verdade.

- Oh, Olha, olha só o nosso filho!

- E mais, pai!- continuou o filho com a sua sabedoria- Onde há dois, há um, e dois mais um dá três, ou seja, aqui há oito ovos.

E o pai respondeu:

- Sendo assim, eu mais a tua mãe dividimos estes três e tu dos teus oito come quantos quiseres.

Ero e o juíz turco (Ero i kadija)

Guardava Ero o gado do juíz turco e tinha consigo uma vaca sua que acompanhava o gado do juíz. Uma vez aconteceu que a vaca do Ero deu uma cornada mortal à vaca do juíz.

Então, Ero foi rápido a correr com o juíz turco e disse:

- Honrado *efendi*¹²², a tua vaca matou a minha vaca, ajuda-me.
 - Quém é que tem culpa, pois? Alguém a obrigou?
 - Não foi ninguém, começaram a dar-se cornadas sózinhas.
 - Ah, pois! O gado é o gado, não há tribunal para ele.
 - Ouves o que te estou a dizer, *efendi*! A minha vaca matou a tua vaca.
 - Espera tu, agora vou procurar no livro de leis.
- Não vais nada, voto a Deus e à fé de Deus! Se não querias ver para a tua vaca o que diz o livro de leis, não vais ver nem para a minha.

Ero do outro mundo (Ero s onoga svijeta)

Cavavam o milho o turco mais a turca, e à tarde o turco foi dar de beber ao cavalo, e a turca ficou a descansar à sombra. Neste momento apareceu Ero de algum lado: “Deus ajuda, minha senhora!” “Deus te ajude, servo! E de onde és tu, servo?” “Eu, minha senhora, sou do outro mundo.” “És, mesmo? Por acaso não viste o meu Mujo que morreu há alguns meses?” “Oh, como não o ia ver? Ele é o meu visinho do lado.” “Pois, como está? Como vive?” “Graças a Deus, está bem de saúde, mas juro por Deus que sofre bastante sem tabaco: não tem com que comprar tabaco nem pagar um café aos amigos.”

“E tu voltas outra vez a outro mundo? Podias-lhe levar um pouco de tabaco para lhe enviar?” “Com certeza, por que não? Eu justamente vou para lá.”. Então a turca correu para onde o seu marido se tinha despido por causa do calor e pegou no saco com dinheiro e tudo quanto ali havia deu a Ero para levar ao Mujo. Ero agarrou o dinheiro e colocou-o ao peito, e pôs-se a fugir seguindo o arroio. Mal Ero desapareceu de vista, seguindo o arroio, veio o turco a levar o cavalo para beber, e a turca apareceu na sua frente: “Olha uma coisa, meu homem! Por aí acaba de passar um servo do outro mundo e disse que o nosso Mujo sofre sem tabaco: não tem com que comprar tabaco nem pagar um café aos amigos; e eu, então, dei-lhe aquele dinheiro que estava no teu saco para lho levar.”

E o turco disse. “Pois, para onde foi? Para onde foi?” E quando a mulher lhe disse que tinha ido pelo arroio, ele saltou rápido e montou o cavalo sem o ensilar e pôs-se a persegui-lo seguindo o arroio! Quando Ero olhou para trás e viu o turco a correr atrás dele, desatou a fugir! Quando achou um moinho debaixo do monte, entrou a correr e disse ao moleiro: “Foge, desgraçada da tua mãe! Ai vem o turco para te matar com o sabre; dá-me tu o teu gorro e eu dar-te-ei o meu, e foge para cima do monte à volta do moinho.” O moleiro, ao ver o turco a correr, assustou se, e sem ter tempo de perguntar por quê, nem como o vai matar com o sabre, deu o seu gorro a Ero e pôs o de Ero na cabeça, e começou a fugir subindo o monte à volta do moinho. Ero pôs o gorro do moleiro na sua cabeça e ainda pegou num pouco de farinha e dissipou-a para cima de si e fez-se um verdadeiro moleiro. Nesse momento, o turco chegou a correr em frente do moinho, apeou-se do cavalo e entrou com toda rapidez no moinho: “Onde é que está um homem assim e assim, que agora entrou aqui no moinho?” E Ero disse-lhe: “Vês, está ali a fugir para cima do monte.” E o turco: “Anda, segura no meu cavalo! Segura no meu cavalo!” Ero segurou no cavalo e o turco começou a subir o monte e perseguir o moleiro, por aqui e por ali pelo faial.

Ao alcançá-lo e apanhá-lo, disse: “Filho do cão! Onde está o dinheiro, por causa do qual enganaste a minha mulher e que tomaste para levares ao Mujo ao outro mundo?” E ele começou a fazer o sinal da cruz e a vacilar. “Deus contigo, senhor! Eu

¹²² *Efendi* em turco significa senhor.

nem sequer vi a tua mulher, nem o Mujo, nem o dinheiro! E nisso passou-lhes toda uma meia hora, até entraram em juízo e viram o que se passava. Então o turco desatou a correr com toda força em direcção do moinho, mas ali – nada de nada! Erro montou o cavalo e desapareceu sem deixar rasto, e o turco voltou a pé com a sua mulher. Quando a mulher o avistou sem cavalo, perguntou-lhe: “Então, homem? O que fizeste?” E ele disse: “Tu mandaste-lhe dinheiro para comprar café e tabaco e eu dei-lhe o cavalo para não ir a pé.”

A língua dos cavalos (Konjski jezik)

Um grupo de turcos pôs-se a falar e tocou o tema da Sérvia e do seu povo, costumes e língua. Um deles disse: “Ah, que língua mais feia! Parece língua dos cavalos.”

Neste momento passou por ali um padre sérvio e disse: “Tens razão, meu filho, estás a dizer a verdade, só diz-me uma coisa: Quando os burros compreendiam a língua dos cavalos?”

O imploro do pai (Očina zakletva)

Era uma vez um ancião e tinha três filhos e uma filha. Quando chegou a hora de o ancião morrer, chamou os seus três filhos e implorou-lhes para darem a sua irmã ao primeiro que vier pedi-la em casamento, fosse ele quem fosse. Passado algum tempo após a morte do pai, veio um ancião na carpça de dois cavalos e pediu a menina em casamento. Os dois irmãos mais velhos não quiseram dá-la logo, porque era velho e pobre, mas o mais novo insistiu em darem-na lembrando-os do imploro do pai na hora da morte. E assim, deram-na em casamento ao ancião e o ancião levou-a para sua casa. Passado algum tempo o irmão mais velho foi visitá-la, e viu uma casa grande que não podia ser melhor. A irmã alegrou-se muito de ver o irmão, e quando o irmão lhe perguntou como vivia, ela respondeu: “Bem, não pode ser melhor.” Quando o irmão chegou o ancião não estava em casa, mas pouco depois ele veio, teve um grande prazer em ver o cunhado e disse-lhe: “Vamos festejar e servir-nos de comida, mas primeiro vais montar o meu cavalo e trazer-lhe relva, mas deves gadanhar onde ele escavar o solo com as patas e não onde te apetecer a ti. “ O cunhado disse-lhe “Está bem, cunhado, vou fazê-lo.” E então montou a cavalo e foi.

Indo assim, deu com uma ponte de prata; quando olhou para a ponte e viu que estava toda feita em prata, sentiu cobiça, apeou-se do cavalo, e arrancou uma lájea, dizendo: “Pode-me servir.” Depois gadanhou a relva onde ele quis, sem esperar sequer por o cavalo escavar o solo com a pata. Voltou a montar a cavalo e voltou para trás. Em chegando a casa, levou o cavalo á cavalariça e colocou a relva na sua frente e entrou em casa. Quando entrou, o ancião perguntou-lhe se tinha dado de comer ao cavalo e se o cavalo comia a relva e ele disse que sim e que comia. Então, o ancião disse: “Está bem, deixa-me ver eu também.” E foi à cavalariça, mas o cavalo nem sequer tocou na relva. O ancião reconheceu que a relva não tinha sido gadanhada assim como ele tinha dito; por isso despediu-se logo do cunhado sem banquete para ir de onde veio. E ele, ao voltar para casa, não disse aos irmãos como lhe tinha sido em casa do cunhado, mas disse ao irmão do meio: “O cunhado mandou-te cumprimentos e convidou-te a ti também para o visitares.

Passado algum tempo, o irmão do meio foi visitar a irmã, mas a ele aconteceu-lhe o mesmo que ao primeiro: a ele também o cunhado tinha-lhe mandado buscar relva, mas ao dar com a ponte de prata, sentiu cobiça tal como o outro, e arrancou uma lájea

de prata e não ganhou a relva como o cunhado lhe tinha dito, mas como ela queria. Quando chegou a casa do cunhado, também foi apanhado a mentir e mandou-o para casa sem banquete como tinha feito com o primeiro.

Quando ele também regressou a casa, não disse a ninguém como lhe tinha sido em casa do cunhado, mas disse ao irmão mais novo: “O cunhado mandou-te cumprimentos e convidou-te para o ires visitar”. Depois de algum tempo foi também o irmão mais novo, e a irmã, ao vê-lo, alegrou-se muito, e disse-lhe: “Irmão, procura não fazeres como fizeram os nossos irmãos.” Ele não sabia o que eles tinham feito, e a irmã não lhe queria dizer mais além disso. Ao voltar para casa, o cunhado alegrou-se muito de o ver e disse-lhe: “Vamos festejar e servir-nos de comida, mas primeiro vais montar o meu cavalo e trazer-lhe relva, mas deves ganhar onde ele escavar o solo com as patas e não onde te apetecer a ti.” Ele montou a cavalo e foi buscar a relva.

Ao chegar até aquela ponte, ficou admirado por causa da sua beleza, mas ficou com muita pena por lhe faltarem aquelas duas lájeas, e ao chegar ao meio da ponte, olhou para um lado e para o outro, e debaixo da ponte viu água a ferver num caldeirão grande, e nessa água estavam a cozer-se as cabeças humanas, e as águias vinham de cima e picavam-nas com os bicos.

Depois disso, ao atravessar a ponte, veio a uma aldeia, e passando por ela, ouviu de todos lados canto e alegria, e ficou admirado como é que toda a aldeia cantava e alegrava-se e perguntou a um homem: “Irmão, como é que é isso, que na vossa aldeia está tudo alegre?” E ele respondeu-lhe: “Por quê é que não ia ser, irmão, quando cada ano é próspero para nos e temos tudo em abundância?”

Ao sair da aldeia, encontrou duas cadelas que não paravam de se morder; e começou a separá-las, e sem o conseguir, deixou-se disso e prosseguiu com o caminho.” Indo assim, veio a uma outra aldeia, e passando por ela, viu que nela estava tudo triste e a chorar e disse a um homem: “Passei por uma aldeia e vi tudo alegre, e por quê é que na vossa está tudo assim tão triste?” O camponês respondeu-lhe: “ como não vai ser triste quando o granizo nos cai todos os anos e não temos nada?”

Quando saiu daquela aldeia, encontrou dois carneiros que lutavam um contra o outro sem parar, e começou a separá-los, mas tudo em vão, sem o conseguir, deixou-se disso e prosseguiu com o caminho. Finalmente o cavalo levou-o a um prado belíssimo. Quando estiveram no meio do prado, o cavalo parou e escavou o solo com a pata, e ele apeou-se de um salto ado cavalo e ganhou a relva, e voltou para casa.

Ao voltar para casa, levou o cavalo para a cavalaria e colocou-lhe relva e ele começou logo a comer. O cunhado, ao ver que o seu cunhado tinha dado de comer ao seu cavalo, teve muito gosto e disse-lhe: “Tu és o meu cunhado; agora vamos festejar e banquetear.” E depois, sentaram-se à mesa e começaram a jantar.

Ao jantar, o ancião disse-lhe: “Agora quero que me digas o que viste?” E ele respondeu-lhe: “Oh, meu cunhado, não se pode expressar o que vi: Primeiro vi uma ponte de prata, muito bonita, mas ficou estragada porque lhe faltavam duas lájeas. Quem roubou aquilo, que o mate Deus vivo!” O ancião disse-lhe: “Foram os teus irmãos que roubaram aquilo; como fizeram, assim acabaram. Mas, conta-me o que viste mais.” Ele respondeu-lhe: “No meio, debaixo da ponte vi um caldeirão grande e nele água a ferver, e nele crâneos e de cima vinham águias e picavam-nas com os bicos. “ E o cunhado disse: “Assim é o sofrimento eterno noutra mundo. O que viste mais?” ele continuou: “Vi uma aldeia toda alegre.” O cunhado disse-lhe: “Aquela gente agrada a Deus; recebe e serve todas as pessoas com gosto e não mandam os pobres embora das suas portas sem lhes darem nada. Conta, o que viste mais?”

E ele continuou a contar: “Vi pelo caminho duas cadelas que não paravam de se morder.” E o cunhado: “Elas são duas cunhadas. O que viste mais?” Ele respondeu: “Vi

uma outra aldeia e nela tudo estava triste.” O ancião disse-lhe: “Ali não há justiça nenhuma nem solidariedade, nem sabem de Deus. O que mais viste?” Ele respondeu: “Vi dois carneiros que não paravam de lutar um contra o outro.” E o cunhado: “Eles são irmãos que não vivem bem. Conta, o que mais viste?” Ele respondeu: “Vi um prado belíssimo. Ali passariaa três dias para contemplar aquela beleza até me saciar.” E o cunhado disse: “Assim é o Paraíso daquele mundo, mas é difícil alcançá-lo.”

Depois disso festejavam e banquetevavam durante muitos dias mais. Finalmente o irmão mais novo levantou-se para ir para casa e o cunhado despediu-se dele e deu-lhe uma grande prenda e disse-lhe que tinha reconhecido que ele era um homem honesto, por ter insistido em se cumprir o imploro do pai e por isso ele vai ser feliz e os seus irmãos infelizes.

Não se pode agradar ao mundo (Svijetu se ne može ugoditi)

Um homem, indo da vila para a casa montava o burro, e o seu filho, rapayinho de uns dez-quinze anos ia a pé. Encontrou-os um homem, e disse:

- Isso não é justo, irmão, que tu montes e que o menino vá a pé. As tuas pernas são mais fortes que as suas. Então o pai se apeou do burro e montou o filho sobre ele.

Um pouco mais adiante encontrou-os outro homem:

- Isso não fica bonito, rapaz, que tu montes e que o teu pai vá a pé. As tuas pernas são mais novas.

Então montaram os dois e foram assim um pouco. Encontrou-os o terceiro homem e disse:

- Que tolice é essa! Dois burros velhos sobre um animal fraco! O justo seria que alguém pegasse num pau para vos mandar descerem os dois.

Então, apearam-se os dois e foram a pé, o pai dum lado, o filho doutro e o burro no meio.

Encontrou-os o quarto homem e disse:

- Que três companheiros mais estranhos são vocês! Por acaso não basta dois andarem a pé? Não seria melhor que um de vocês montasse.

Então o pai disse ao filho;

Nós os dois montámos o burro de todas formas. Agora seria bom que o burro nos montasse a nós! E depois puseram o burro no chão, e um deles amarrou-lhe as patas de frente e o outro as detrás e colocaram-no numa estaca entre eles e levaram-no assim.

E quando as pessoas que os encontravam e alcançavam começaram a rir-se e ficar admiradas ainda mais, o pai de repente botou o burro para o chão e começando a desatá-lo exclamou:

- Qualquer um que queira agradar o mundo inteiro é mais louco que este burro! Eu com o meu burro vou fazer como dantes o que eu quiser; e as pessoas que digam o que lhes apetecer. E ele montou o burro e o filho foi junto dele a pé e assim foram para casa.

O avô e os netos (Deda i unuci)

Num momento iniciou-se uma discussão entre a rapaziada: “ quem sabe mais dos rapazes letrados, aquele que anda e olha para o chão, ou aqueles que elevam as cabeças ao ar? Uma vez na ceifa, os rapazes, netos de nove filhos, perguntaram ao seu avô:

- Avôzinho, querido! Diz-nos a verdade, queremos-te perguntar uma coisa:

“Quem sabe mais dos rapazes letrados, aquele que anda e olha para o chão, ou aqueles que elevam as cabeças ao ar?”

O avô disse aos netos:

- Queridos trabalhadores do avô. Primeiro digam-me a verdade. Vocês agora estão com o avô na ceifa. O que está mais cheio? - apontando com o dedo para as espigas que se inclinaram- estas que se inclinaram ou estas que se acabaram de levantar?

Os netos todos disseram unissonamente ao avô:

- pois, avôzinho, nós sabemos isso há muito tempo, que estas espigas que se inclinaram estão cheias de grãos e boas, e aquelas poucas que se ergueram estão vazias e não têm grão nenhum.

O avô respondeu-lhes a isso:

Pois, meus lindos meninos! Vocês próprios disseram a vocês e a mim quem dos letrados sabe mais. Saibam bem que sempre aquele aluno, que agacha mais a cabeça, sabe mais que aquele que eleva ao ar a cabeça vazia.

Os irmãos gratos (Blagodarna braća)

Um comerciante tinha um filho muito libertino. Ele deserdou-o porque não tinha visto melhoramento nenhum nele e pouco depois morreu. O filho ouviu que o seu pai tinha falecido, comoveu-se e pôs-se a pensar para se deixar da sua vida na luxúria. Passado algum tempo entendeu que o pai o tinha deserdado e respondeu:

- Eu mereci isso.

O irmão mais velho, que se tinha informado sobre o melhoramento do seu irmão, rápido foi ter com ele e disse-lhe:

- O nosso pai tinha-te deserdado, mas como o filho que tu antigamente eras e não assim como és hoje, por isso, vem comigo para receberes a tua parte da herança.

O Fado (Usud)

Era uma vez dois irmãos numa casa, e um deles fazia tudo, e o outro sempre folgava e comia e bebia tudo feito. E deus deu-lhes e tiveram suficiente de tudo: do gado, dos cavalos, das ovelhas, dos porcos, das abelhas e em tudo o resto.

Aquele que trabalhava, uma vez pensou para si próprio: “Por quê é que eu iria trabalhar também para este preguiçoso? É melhor dividir a propriedade e trabalhar para mim próprio, e ele que faça o que lhe apetecer.” E assim, uma vez disse ele ao seu irmão: “irmão, não é justo que eu faça tudo e que tu não ajudes em nada e comas e bebas tudo feito. Eu pensei em dividirmos a propriedade.”

Este começou a dissuadi-lo. “Não, irmão, pois estamos bem os dois, tu tens tudo nas mãos, o meu e o teu, e eu estou satisfeito, fazas tu como fizeres.”

O outro ficou com a sua e assim aceitou este também e disse-lhe: “Sendo assim, perdoo-te, pois divide tu próprio como quiseres.” Então aquele dividiu tudo por ordem, e cada um ficou com a sua parte na sua frente: o preguiçoso contratou um guardador para o gado, outro para os cavalos, um pastor para as ovelhas, outro guardador para os porcos, outro para as cabras, um apicultor para as abelhas e disse-lhes: “deixo todo o meu bem nas vossas mãos nas de Deus;” e voltou a viver em casa como antigamente. E aquele outro irmão esforçava-se com a sua propriedade, mas não via prosperidade nenhuma, só estrago, com cada dia que passava, tudo ia de mal em pior, até que ficou tão pobre que já nem sequer tinha sapatos e andava descalço. Então disse a si próprio: “Vou ter com o meu irmão para ver como é que estão as coisas na sua casa.”

E indo assim, encontrou num prado um rebanho de ovelhas; mas ali ao pé das ovelhas não estava um pastor, mas sim uma rapariga muito formosa sentada a fiar um

pássaro de ouro. Cumprimentando-a com “Deus ajuda” perguntou-lhe de quem eram as suas ovelhas, e ela respondeu-lhe: “De quem sou eu, dele são as ovelhas.” E ele perguntou-lhe: “De quem és tu?” Ela respondeu-lhe: “Eu sou a felicidade do teu irmão.” Então ele ficou furioso e disse-lhe: “e onde é que está a minha felicidade?” A rapariga respondeu-lhe: “A tua felicidade está longe de ti,” “E posso encontrá-la?” perguntou ele e ela respondeu-lhe: “Podes, procura-a”. Ao ouvir isso e ao ver que as ovelhas do seu irmão eram boas, que não podiam ser melhores, não quis ir mais longe para ver outro gado, dali foi ter directamente com o irmão. Ao vê-lo, o irmão teve pena dele e teve vontade de chorar. “Onde estiveste tanto tempo?” E vendo-o sem roupas e descalço, deu-lhe logo uns sapatos fortes e dinheiro. Depois disso, após terem comido e bebido alguns dias, aquele irmão levantou-se para ir para sua casa. Ao chegar para sua casa, carregou uma mala no ombro e meteu pão nela e tomou um bastão nas mãos e foi pelo mundo fora à procura da sua felicidade.

Viajando assim, veio a uma floresta grande e passando por ela encontrou uma rapariga velha de cabelos cinzentos a dormir debaixo de um arbusto e abanou com o bastão e deu-lhe uma pancada no rabo, e ela levantou-se com muita dificuldade e dificilmente abriu os olhos por causa dos remelos e falou-lhe: “Agradece a Deus que tenha adormecido. Se tivesse sido acordada, tu não ficavas nem sequer com esses sapatos.” Então ele disse-lhe: “E tu quem és para eu não ficar nem sequer com estes sapatos?” e ela respondeu-lhe: “Eu sou a tua felicidade.” Ao ouvir isso, começou a lamentar-se: “Grande felicidade a minha, Deus te mate! Quem te deu a ti para mim?” E ela disse-lhe logo: “A mim foi o Fado que me deu a ti”. Então, ele perguntou-lhe, “E onde é que está esse Fado?” e ela respondeu-lhe. “Vai e procura-o”. E nesse instante ela desapareceu.

Então o homem começou a procurar o Fado. Indo assim, chegou a uma aldeia e viu que na aldeia uma grande casa rica e em frente dela uma grande fogueira e pensou para si próprio: “Aqui deve ser uma grande festa ou santo familiar”¹²³ e dirigiu-se para dentro, em entrando, viu sobre o fogo um caldeirão grande, nele estava-se a cozer o jantar, e o anfitrião sentado ao pé da fogueira. Aquele homem, ao entrar em casa, cumprimentou o anfitrião com: “boa noite!” e o anfitrião respondeu-lhe: “Deus te dê o bem” e disse-lhe para se sentar ao pé dele, e começou a perguntar-lhe quem era e para onde ia, e ele contou-lhe tudo, que era um homem rico e que tinha ficado pobre e que agora ia perguntar ao Fado por quem é que era pobre.

Depois ele perguntou ao anfitrião por que preparava tanta comida, e o anfitrião respondeu-lhe: “Eh, irmão, eu sou um homem rico e tenho tudo em abundância, só que as pessoas na minha casa não se conseguem saciar, parece que têm um dragão dentro; vais ver agora quando começarmos a jantar o que vai ser.” E quando começaram a jantar, todos agarravam a comida uns dos outros, e aquele caldeirão grande com a comida esvaziou-se de um momento para outro. Depois do jantar, a mulher encarregue da loiça¹²⁴ veio e juntou todos os ossos num montinho e atirou-as atrás do forno e duma

¹²³ Santo familiar ou em sérvio *slava* é um costume que antigamente existia entre muitos povos eslavos de cada família ter um santo padroeiro. A palavra *slava* significa glória e trata-se da glorificação de um determinado santo ortodoxo. Alguns investigadores consideram que estes santos substituem os primitivos deuses pagãos, mas na realidade, este costume surgiu para cada família comemorar a data em que os seus antepassados aceitaram o cristianismo, foram salvos dalguma tragédia, participaram na construção dalguma igreja ou mosteiro consagrados a esse santo. Cada família pode ter apenas um santo padroeiro e este costume transmite-se de geração para geração para os descendentes masculinos. As mulheres, quando se casam aceitam o santo familiar do marido, continuando a ser convidadas de honor para o santo dos seus pais.

¹²⁴ Nas antigas casas sérvias várias gerações viviam juntas e para uma melhor divisão de trabalhos, cada pessoa tinha a sua tarefa e as mulheres tinham o seu turno de lavar a loiça, cozinhar, limpar etc.

vez saíram dali dois seres velhos e gastos, secos que nem fantasmas e começaram a chupar aqueles ossos. Então ele perguntou ao anfitrião: “Irmão, o que é aquilo detrás do forno?” E ele respondeu: “Irmão, eles são o meu pai e a minha mãe, como se se tivessem encravado neste mundo, e não quiseram morrer de uma boa vez por todas e abandonar este mundo.”

No dia seguinte, na despedida, o anfitrião disse-lhe: “Irmão, lembra-te de mim também, se encontrares o Fado em algum lado e pergunta-lhe que desgraça é esta e não consigo saciar a minha gente de maneira nenhuma, e por quê é que o meu pai e a minha mãe nunca mais morrem. Ele comprometeu-se de perguntar-lhe e despediu-se dele e prosseguiu o caminho à procura do Fado.

Indo assim, depois de muito tempo, uma noite chegou a uma outra aldeia, e numa casa pediu que lhe dessem dormida. Eles receberam-no e perguntaram-lhe para onde ia, e ele contou-lhes tudo o que se passava. Então eles começaram a falar-lhe: “Pelo amor de Deus, irmão, já que lá vais, pergunta por quê é que o nosso gado não vai para a frente, mas sempre vai para trás.” Ele prometeu-lhes que perguntaria ao Fado e no dia seguinte prosseguiu com o seu caminho.

Indo assim veio a uma água e pôs-se a gritar: “Ó, água! Ó água! Leva-me a outro lado! E a água perguntou-lhe: “Para onde vais?” e ele disse-lhe para onde ia

O sogro e a nora (Svekar i snaha)

Era uma vez uma nora rabugenta, e uma noite o sogro perguntou-lhe:

- Nora, por quê é que os cães ladram?

Ela respondeu:

- Pela boca, pois.

- E, então, nora, não será o lobo?

- Pois, é o lobo. Que outra coisa vai ser?

- E não vai levar a ovelha?

- Pois, a isso veio, para a levar, não a vai trazer de certeza.

- Nora desgraçada, levará duas.

- Não trouxe o alforge do padre para levar duas, levará uma.

- Eh, pobre de ti minha nora. És inacessível!

- Ninguém te diz para trepares para cima de mim.

E assim o sogro ficou calado.

O viúvo ingenioso (Dosjetljivi udovac)

Era uma vez um viúvo e tinha três filhos casados. Aos seus filhos não lhes agradava a ideia que o seu pai se casasse em velho, e por isso ordenaram severamente às suas mulheres para tratarem bem o pai, e para o servirem bem. Cada mulher na presença do seu marido dizia que servia o seu pai, mas na realidade não era assim. O pobre velho, para mostrar aos filhos que tinha a necessidade de se casar e que as noras não o serviam de maneira nenhuma, pensou deste modo. Um dia chamou os três filhos ao seu quarto, e disse-lhes:

- Eu no meu quarto tinha trezentos ducados e desapareceram-me. Uma entre as vossas mulheres roubou-me o dinheiro, porque, como vocês próprios sabem, ninguém mais entra no meu quarto.

Então os filhos chamaram pelas mulheres e o mais velho perguntou à sua mulher se por acaso tinha tomado o dinheiro do pai. E ela disse: “Se lhe entrei sequer no quarto há oito dias, oxalá que nunca tenha sorte nenhuma!” E depois a do meio jurou que não

lhe tinha entrado no quarto há duas semanas. E a mais nova da mesma forma jurou que não tinha entrado no seu quarto há um mês!

Então o pai disse: “Eis o dinheiro, não me desapareceu! Apenas quis que as vossas mulheres admitissem que não me servem, mas aqui está o dinheiro, poupei-o para vocês, e como vêem vocês mesmos, tenho a necessidade de me casar.” E então os seus filhos ficaram envergonhados e casaram-no logo.

Como surgiu a tartaruga (Kako je postala kornjača)

Os Sérvios contam que um homem (antes de no mundo haver tartarugas) amassou um pão redondo e assou uma galinha e começou a comer, e nesse momento apareceu o seu compadre na porta e ele rápido colocou a galinha sobre o pão e tapou-os com uma tigela assim escondeu do compadre. Quando o compadre se foi embora, ele quis alcançar a galinha e o pão para comer, mas aquilo tudo (o pão, a galinha e a tigela) tornou-se em tartaruga (por ter escondido do compadre). E surgiu a tartaruga.

O vitelo do padrinho (Kumovo tele)

Era uma vez um pai e um filho, e o fillho ficou a cobiçar o vitelo do padrinho e disse ao pai:

- Eu vou roubar o vitelo do padrinho, e vou degolá~lo para o comermos.

O pai dizia-lhe:

- De maneira nenhuma, filho! Como vais roubar o vitelo do padrinho! Não se há de roubar de ninguém e muito menos do padrinho! Não, não, de modo nenhum!

- Eu vou roubar, e tu faz o que quiseres.

Quando o pai não o conseguiu dissuadir, foi ter com o padrinho e disse-lhe:

- Padrinho, aquele meu filho resolveu roubar o teu vitelo, e eu trouxe o dinheiro para to pagar. Não te metas com ele, que o roube, e eu pago-te.

E pagou-o.

Durante a noite o filho roubou o vitelo, levou-o para casa, degolou-o, mas quando o degolaram e assaram e era para almoçarem, o pai disse:

- Vamo-nos pesar para vermos quanto é que cada um de nós vai engordar deste vitelo. Pesaram-se, mas quando se sentaram para almoçar, ouviu-se algum ruído, algo estalou, alguém começa a tussir e u filho deu um salto e olhou se alguém se aproximava.

O pai almoça, não se mexe do seu sítio.

Passados alguns dias, quando comeram o vitelo, pesaram-se e o pai tinha dez kilos mais que o filho. O filho perguntou ao pai:

- Como é que eu emagreci assim, pai?

-Pois, filhote, tu comias carne roubada e estavas com medo e eu paguei e almocei livremente. Tem cuidado e não roubes. O roubado não é bom.

As dádivas do irmão espiritual (Pobratimski darovi)

Contam as pessoas que nos tempos antigos era um homem que abusava do seu poder, que nunca rezava a Deus, nem ia à igreja, nem se confessava como a lei manda, nem comungava, mês sim metia-se em todo tipo de malfetorias que a cidade toda sofria por causa dele. De tanto poderio, não se queria casar como Deus nosso Senhor manda, mas tencionou casar-se com uma dragoa, para fazer ainda mais mal e dirigiu-se a algum

deserto onde estavam lagos horrorosos, mas não acertou no caminho e assim anoiteceu e ele pernitoou numa caverna.

Logo que adormeceu, ouviu na caverna o cintilar de todo tipo de cadeados, trovoadas, e nesse momento acordou. Mas, de repente na caverna amanheceu, como se fosse de dia, e apareceu uma grande multidão de pessoas de todo tipo; negras, de pele vermelha, amarela, vestidos de diversos trajes, e em frente deles estava um ancião de cabelos e barbas brancas como os de ovelha, com duas muletas de dois cornos, que lhe disse: “Quem és tu?” E ele com medo, respondeu-lhe: “Viajante duma terra longuíqua e vosso amigo.” A isso o ancião respondeu-lhe: “Se és nosso amigo, debes-te tornar meu irmão espiritual, se quiseres ser feliz.” Ele aceitou e fezz-se irmão espiritual do ancião.” Depois de terem feito isso, o ancião disse-lhe: “Pois, irmão espiritual, vamos trocar as dádivas, eu doar-te-ei a minha força e tesouro, e tu a mim, em troca de ambas as dádivas debes apenas a tua alma.”

Este homem, embora fosse malvado, ficou a pensar se daria a sua alma, mas o medo obrigou-o, e trocaram as dádivas. O ancião soprou-lhe o seu hálito e naquele momento cresceram-lhe o rabo e uns cornos pequenos na cabeça e deu-lhe um pau com dois cornos, vermelho como o fogo, dizendo: “Batas no que bateres com ele, dali sairão centenas de moedas que tu nomeares.”

Este homem alegrou-se, e na manhã seguinte, quando amanheceu, afastou-se do irmãoi espiritual e assim como era partiu e indo durante muito tempo descansou debaixo de uma pedra grande e começou a experimentar a sorte no pau. Bateu com ele na pedra, dizendo: “Que se façam só réis de ouro! E os réis de ouro escorreram tantos que o apertaram e quase que o afogaram, e ele gritou: “Irmão espiritual! Irmão espiritual! Estou a morrer! Nesse instante chegou o seu irmão espiritual a voar até onde ele estava, dizendo: “Aqui estou, o que se passa?” e o irmão espiritual disse-lhe: “estão-me a apertar estes réis de ouro, vão-me afogar. E o seu irmão espiritual disse: “Diz: “já chega!” e deixarão de sair”. Depois de ter dito: “Já chega! E os reis terem deixado de sair, o ancião disse-lhe: “Toma quanto puderes, e vai de um sítio a outro e compra almas por tesouro.”

Então ele, ao despedir-se do irmão espiritual, dirigiu-se a uma cidade. Ao vir a uma encruzilhada, de repente desapareceu o dinheiro das suas costas; ele olhouà sua volta e viu um monge sentado numa esquina com o rosário nas mãos. “Ah!” disse para si próprio” vou enganar aquele monge e quero que dele saiam réis.” E aproximou-se do monge e bateu nele com o pau, dizendo: “que haja só reis e moedas de prata!” mas, em vez do dinheiro, derteu-se o seu pau na mão e o monge fez o sinal da cruz com aquele rosário e colocou-lho na cabeça dizendo: “Que ressuscite Deus!” e ele naquele instante estremeceu-se e voltou a ser o homem que era. Então o monge disse-lhe: “Ó, cristão! Ó, cristão! Arrepende-te dos teus pecados e reza a Deus e agradece-lhe, por ter ouvido o pranto dos teus pais no céu no momento em que vendeste a tua alma ao Diabo, e deixa-te do dinheiro do Diabo, e esforça-te!” o homem fez uma reverência, agradeceu-lhe e beijou-lhe a mão, e foi para casa e arrependeu-se e viveu como um verdadeiro cristão até a velhice. E Deus connosco!

Vlatko e os mortos (Vlatko i mrtvi)

Era uma vez um homem muito rico que com a sua mulher tinha um filho de nome Vlatko. Quando o Vlatko cresceu, o pai deu-lhe muito dinheiro para ir pelo mundo fora fazer comércio. O Vlatko tomou o dinheiro e foi ao mundo e essim ia pelo mundo durante três meses. Durante a viagem, deu com um cemitério, onde se tinha reunido

muita gente e alguns cavavam com a pá e outros com a sachola. O Vlatko perguntou a essas pessoas:

- Irmãos, o que estão a cavar aí?

As pessoas responderam-lhe:

- Cavamos um morto.

- E por quê?

- Porque tinha pedido emprestado muito dinheiro de nós e morreu e não nos deixou nada. E de tanta desgraça queremos todos dar-lhe pelo menos uma pancada, e depois perdoamos-lhe a dívida.

- Irmãos, não toquem no corpo morto- disse-lhes o Vlatko- deixem-no em paz: que ele repouse tranquilo ali onde está e eu vou pagar-vos honestamente a sua dívida.

Os homens não viram a hora de ouvir isso, atiraram as pás e as sacholas das mãos e cada um recebeu o seu dinheiro, e voltaram para caça tranquilos.

Assim, o Vlatko também voltou para casa, porque tinha dado todo o seu dinheiro àquelas pessoas.

Quando chegou a casa, o pai e a mãe receberam-no com alegria e perguntaram-lhe como é que era pelo mundo, como tinha viajado e o que tinha feito com o dinheiro. O Vlatko respondeu-lhes:

“Eu, graças a Deus fiz uma boa e feliz viagem, mas em casa é o melhor: uma vez durante a viagem dei com um cemitério onde se tinha reunido muita gente, e estavam a escavar um morto da cova e cada um, com o qual ele tinha tido dívidas, queria dar-lhe pelo menos uma pancada, para se satisfazer com isso. Eu disse-lhes: “Irmãos, não toquem no corpo morto- disse-lhes o Vlatko- deixem-no em paz: que ele repouse tranquilo ali onde está e eu vou pagar-vos honestamente a sua dívida.” Eles acataram isso e eu paguei-lhes a todos. E eles foram para casa por um lado e eu pelo outro, porque lhes dei o dinheiro todo.”

O pai e a mãe disseram-lhe que lhes deu gosto ele ter feito assim e não ter permitido que perturbassem o corpo daquele pobre.

Passado algum tempo, o pai do Vlatko tirou três vezes mais dinheiro do que tinha da primeira vez e deu-lho e disse:

-Agora, vai filho, novamente pelo mundo fora e vive como é que as pessoas vivem e fazem comércio.

E a sua mãe tirou do peito uma maçã e disse:

- Se te acontecer teres um companheiro durante a viagem, primeiro dá-lhe esta maçã para a cortar: se a cortar direito, que saibas que ele será o teu amigo fiel, e se a cortar torto, cuida-te dele e evita-o

Depois de tomar o dinheiro e a maçã, o Vlatko lembrou-se das palavras do pai e da mãe e foi pelo mundo fora. Ao terceiro dia, chegou a uma vila onde estava uma feira e entrou numa taverna para comer um pouco, mas na sua frente apareceu um homem, que lhe perguntou:

- Para onde vais, irmão?

- Vou por este mundo fora fazer comércio- respondeu-lhe o Vlatko.

- Pois, tens um companheiro?

Irmão, eu não tenho, mas se encontrasse alguém, gostava mais disso que de qualquer outra coisa no mundo.

- Pois, toma-me a mim para ser teu companheiro. O Vlatko não viu a hora de ouvir isso e disse:

- Ora bem- depois de terem feito o trato, abraçaram-se e deram-se beijos e começaram a almoçar. Depois do almoço, o Vlatko tirou a maçã que a mãe lhe tinha dado, e ofereceu-a ao seu amigo, para ele a cortar à metade. O homem tomou a maçã e cortou-a ao meio

com destreza, que era uma metade perfeita. Este era um bom sinal para o Vlatko: cada um deles comeu a sua metade e continuaram com a viagem. Tiveram muita sorte no comércio, assim que em pouco tempo ganharam bastante mais que o capital. Então aquele homem disse ao Vlatko:

- Vlatko, sabes uma coisa? Nós já ganhámos bastante dinheiro, não precisamos de mais, eu quero casar-te, e vamos pedir em casamento a filha do nosso czar.

O Vlatko sorriu e disse-lhe:

- Deus contigo, homem, como é que o nosso czar dava a sua filha a mim, com tantos senhores, eu não posso lá ir, tenho vergonha.

O homem insistia, e o Vlatko opunha-se; finalmente, aquele convenceu-o e foram ter com o czar.

Quando se apresentaram na frente do czar, o homem disse-lhe:

- Czar, nós viemos pedir a tua filha em casamento.

O czar desatou a chorar:

- Eu casei a minha filha noventa e nove vezes, e cada noivo amanhecia morto no dia seguinte; já não quero pecar contra a minha alma, que os rapazes morram em vão, mas pensei não voltar a casá-la.

Ao ouvir isso, o amigo do Vlatko perguntou-lhe:

- E alguma vez disseste em nome de Deus?

- Não- respondeu o czar.

-pois, agora diz “em nome de Deus” e dá-a com a bênção.

O czar deu-lhe a filha e fez-se o casamento, mas o czar sentia frio à volta do coração. Finalmente, os noivos foram para o seu quarto. Quando adormeceram, o amigo do Vlatko entrou às escondidas, acendeu os turíbulos, pegou na navalha de barba e no afiador, e sempre olhava para os noivos.

Por volta da meia-noite, abriu-se a boca da rapariga, e foi diretamente ao noivo para o picar, o homem cortou-lhe a cabeça e colocou-a no bolso e começou a afiar a navalha. Avistou-se outra serpente, ele cortou a cabeça a esta também e assim fez com a terceira. Depois, apagou os turíbulos e saiu do quarto e deixou os noivos tranquilos.

No dia seguinte, o czar veio abatido ver os seus filhos, pensando que o genro estava morto. Abriu a porta, entrou e encontrou o seu genro são e salvo. Agora surgiu a alegria e a festa. O czar junto toda a gente, senhores e criados, cegos e leprosos, surdos e mudos, coxos e mancos e deu a todos de comer e beber, pela glória de Deus.

Passado mais ou menos um mês, o amigo disse ao Vlatko:

-Irmão, sabes uma coisa? Vão tu mais a tua mulher pedir licença do teu sogro, para visitarem o teu pai e a tua mãe, sei que h+a muito tempo têm saudades tuas, e não sabem nem onde nem como estás.

O Vlatko disse ao czar, a quem isso lhe agradou muito e deu-lhes grande escolta e assim deixou-os irem.

Quando estiveram na viagem, no meio de uma grande floresta, disse o amigo ao Vlatko:

- Vlatko, irmão, vamos agora dividir o que ganhámos.

O Vlatko respondeu-lhe:

- Ofereço-te, bom irmão a ganância e o capital, eu tenho a minha mulher e o dinheiro.

O homem voltou-lhe a dizer:

-Não, irmão, eu não quero isso, estou com vontade de termos as contas claras, que se saiba o que pertence a quem.

- Está bem- disse o Vlatko. Dividiram o dinheiro lindamente como irmãos. Quando o dividiram, o homem disse:

- Agora vamos dividir também a mulher: metade para mim, metade para ti.

O Vlatko ficou abatido e disse-lhe: “Não, irmão, se é para dividirmos, ofereço-ta toda”

O homem sorriu e disse-lhe:

- Não, Vlatko, era uma simples brincadeira, a mulher é tua e mais de ninguém.

E então agarrou o Vlatko e a sua mulher pelas mãos e levou-os de lado, e virou-se para o Vlatko dizendo:

- Vlatko, irmão, eu vou te atar os olhos com um lenço, e não o tires até eu te desatar.

Atou-lhe os olhos, e virou-se para a rapariga, deu-lhe um abraço e disse-lhe para abrir a boca, estremeceu-a uma vez, saiu para fora um corpo da serpente, e depois outro e depois o terceiro. Desatou o lenço dos olhos do Vlatko, e mostrou-lhe as serpentes, e tirou as cabeças do bolso, dizendo-lhe;

- Vês, Vlatko, irmão! Estas são as serpentes que mataram tantos rapazes, eu entrei silenciosamente no quarto depois de vocês, cortei-lhes as cabeças, que te queriam picar, só para te devolver o bem. Aqui tens, meu irmão, a ganância e o capital, eu não preciso de nada. Obrigado por aquela dádiva, quando em cima do túmulo daquele homem saldaste a dívida com o teu dinheiro a pessoas desconhecidas, aquele é o meu túmulo, e eu sou o espírito daquele a quem tu fizeste tanto bem.

Nesse momento, ele desapareceu-lhes de vista. O Vlatko voltou para trás com a mulher, tomou o dinheiro, e foi ter com o seu pai e a sua mãe e contou-lhes tudo como tinha sido, dizendo. “Faz bem, não te arrependas, faz mal, fica à espera.”

A nora piadosa e a sogra ímpia (Milostiva snaha i nemilostiva svekrva)

Era uma vez uma nora e uma sogra. A sogra era astuta e ímpia com os pobres, e a nora boa, como bom dia no ano: quando algum pobre aparecia em frente da casa, a sogra mandava-o embora com o pau, e a nora dava o seu bocado de comida ao pobre; quando trazia o leite das ovelhas para casa, ela onde quer que visse um buraquinho no caminho, dizia logo: “Aqui deve estar algum bichinho,” e vertia-lhe leite.

Por ela ser tão piadosa a sogra odiava-a e torturava-a com fome: escondia o pão encerrado para ela não o achar e assim a pobre passava fome durante dois ou três dias. Uma vez a sogra adoeceu gravemente e deitada rezava a Deus: quando morrer para a deixar vir a este mundo, para não permitir que a norra desse de comer a quaisquer vagabundos. Quando morreu e enterraram-na toda a gente comia e bebia para a sua alma, e quando se foram embora, a nora lavou a loiça e levou a comida aos porcos, e verteu, e depois soltou os porcos.

Quando os porcos vieram a correr ao comedouro, gritam, dão-lhe voltas, mas não querem comer. Ela começou a ficar admirada com o que se passava com eles, mas, não houve uma única gota mais da comida dos porcos, e à volta do comedouro o chão estava seco, não escorreu nada. Na noite seguinte aconteceu o mesmo e assim acontecia durante sete noites. Na oitava noite, ela disse ao marido para ele dar de comer aos porcos.

Quando o marido verteu a comida e soltou os porcos, ao ver quanto emagreceram, começou a ralhar à mulher por não os ter alimentado e por tê-los deixado emagrecerem tanto. Então ela contou-lhe o que se passava e ele correu até ao comedouro para ver se está vazio e estava mesmo vazio! Começou a fazer o sinal da cruz e a admirar-se de que podia ser isso! Nesse momento, a sua mãe debaixo do comedouro disse: “Filho! Ali noutra mundo eu sou torturada! Por cada pobre que suspirou quando o mandei pela porta fora - cada suspiro seu tornou-se um espinho e nesses espinhos estou deitada; e o pobre que chorou por mim, cada lágrima sua ferve no caldeirão e nele me estou a cozer: E por ter pedido a Deus para me deixar doutro mundo para vigiar a casa, para a nora não dar esmola aos vagabundos, para isso foi-me julgado vir a este mundo e comer com os porcos. E para a tua mulher foram postas três

mesas de ouro, e nelas só rosas e nardo. Pergunta-lhe se me quer dar uma, para me acalmar.”

O marido foi para casa com a sua mulher e disse-lhe tudo como era, e ela, ao ouvir isso, foi a correr até ao comedouro, e ao ver o torturada que estava a sogra, desatou a chorar, e a sogra começou a implorá-la para lhe dar uma mesa, porque lhe foi julgado assim. Se a nora lhe der uma mesa, perdoar-se-lhe-á metade dos pecados, e já não terá de vir a este mundo comer com os porcos. A nora disse-lhe: “eu ofereço-te as três mesas. Tudo quanto fiz até agora, que seja para ti, e a partir de agora, que Deus me dê merecer para mim. Nesse instante a sogra desapareceu e nunca mais voltou.

Por quê é que o Monte Sacro se chama Jardim da Mãe de Deus? (Zašto se Sveta Gora naziva Bogorodičinim vrtom?)

Uma vez a Mãe de Deus navegava acompanhada de São João a Cgipre, para visitar o Lázaro. Quando uma tempestade desviou o navio do seu rumo para Atos, na altura pagão, eram obrigados de se deterem perto do porto Clemente. A Virgem saiu para a ribeira, encantada pela magnífica beleza do Monte, abençoou-a e pediu ao seu Filho para o transformar no jardim dela. Ouviu-se uma voz: “Que este sítio seja a tua herança e o teu Jardim, o Paraíso e o Céu para os que procuram a salvação.” Desde este momento o monte foi consagrado como o Jardim da Mãe de Deus e é vedado o acesso às outras mulheres.

A mulher que enganou o Diabo (Žena vraga prevarila)

Um homem tinha uma mulher de quem duvidava muito e por isso ssempre discutia com ela. Mas a sua mulher cada vez o vencia na discussão e, sendo mais forte, amarrava-o à cerca. Uma vez ele apanhou o Diabo e o Diabo pediu-lhe para o largar e ele disse-lhe:

- Vou te deixar em liberdade se enganares a minha mulher.

O Diabo respondeu:

- Coloca-me numa garrafa e leva-me para casa, e deixa-me ali e proíbe a tua mulher tocar na garrafa e tu amanhã vai a algum lado. A mulher virá ver o que há na garrafa, e quando a abrir, eu vou fugir. Tu quando voltares, segura na garrafa e verás que não estou dentro. Então podes persegui-la e ganhála, dizendo-lhe:

- Sim é mesmo assim, como a garrafa. Assim foi. Ele meteu o Diabo na garrafa, trouxe-o para casa e desse à mulher:

- Pois, mulher, vou ver que fidelidade me guardas. Eis a garrafa, que fique aqui intacta até eu voltar. Se apenas tocares nela, eu vou reconhecer.

Ao dizer isso, deixou a garrafa. E o marido sempre dizia à mulher: - Agora é que vou ver a tua fidelidade.No entanto, a mulher estava calada. Quando amanheceu, o marido foi buscar lenha e a mulher ficou em casa. Quando o homem se afastou, ela entrou no quarto e olhou para a garrafa, que lhe pareceu ora vermelha, ora dourada, ora amarela, ora verde. A mulher ficou muito admirada por causa disso, tomou a garrafa nas mãos, olhou para ela, mas a

garrafa estava vazia. Ao ver que estava vazia, voltou atrás, mas ao olhar para trás de novo, a garrafa apareceu-lhe outra vez como antes, amarela, vermelha, roxa, dorada. Ao ver isso, voltou atrás, pegou na garrafa, e admirada, começou a olhar se de verdade estava vazia. Pareceu-lhe como antes. Tendo visto isso, começou a pensar se a abriria, se não, ora, estendeu a mão para abrir a garrafa, ora, tendo medo do marido, travou a mão, até que a curiosidade feminina a dominou e ela abriu a garrafa. Quando a abriu, saiu logo a voar um rapaz belo. Ela estranhou-se e perguntou-lhe:

- Onde estavas?

E o Diabo disse-lhe que estava na garrafa. Ela respondeu a isso:

- Eu não acredito em ti, que tu tão grande podes entrar na garrafa. Depois de brigarem muito, finalmente a mulher disse-lhe: - Nunca te vou acreditar que estiveste na garrafa até eu o ver com os meus próprios olhos.

E o Diabo replicou:

- Pois, agora vais ver que posso entrar na garrafa.

O Diabo entrou e a mulher rápido fechou a garrafa e o Diabo ficou lá dentro. O Diabo, ao ver que a mulher o tinha enganado, tencionou enganá-la outra vez, mas não o conseguiu. De dentro insistia com a mulher para ela poder voltar a abrir a garrafa, mas a mulher já não quis abrir e foi fazer as suas tarefas e o Diabo ficou na garrafa. Quando chegou o marido, viu que o Diabo estava na garrafa e que a mulher lhe tinha guardado a fidelidade. E desde aquele tempo viveram na maior harmonia.

Pai e filhote (Otač i sinčić)

Um pai, com o seu filhote ao colo estava sentado no quarto junto da janela. Nesse momento, olhou pela janela e viu pastores a montarem num burro pelo caminho e disse:

- Eis o teu irmão.

A criança inocente respondeu a isso de forma completamente sincera:

- Pelo amor de Deus, papá, você engendrou ele também?

Quem pede - receberá (Ko ište - dobiće)

Uma criança ao almoço pediu para lhe darem carne assada. A isso o pai disse-lhe que não é educado da sua parte pedir, e que deve esperar para alguém lhe dar sem ele pedir. Ao outro almoço, a criança estava sentada até metade do almoço e ninguém se lembrava sequer de colocar qualquer coisa em frente dela. Ao ver isso, a criança disse ao pai:

- Papá, dá-me um pouco de sal.

- E para quê o queres, filho?- disse o pai.

Para salgar esta carne assada que se lembraram de me dar.

O pai riu-se e permitiu ao filho de, daí em diante pedir sempre sózinho.

Maças podres (Trule jabuke)

Uma noite trouxe o pai seis maçãs muito bonitas e deu-as ao pequeno Dragoslav para as deixar de lado. Quando o Dragoslav levou as maçãs, o pai deu-lhe mais duas,

que estavam podres, para as colocar no cesto junto daquelas bonitas. Passados alguns dias, veio o Dragoslav a correr e disse ao pai que todas as maçãs estão podres.

- Por quê aquelas maçãs são apodreceram?- perguntou o pai ao Dragoslav.

- Aquelas duas podres corromperam aquelas seis saudáveis. Disse o Dragoslav.

- Vês, filho - disse o pai- Assim acontece também com as crianças. Se as crianças boas se relacionam com as más, vão corromper-se como as maçãs saudáveis por causa das podres.

Desde então o Dragoslav relacionava-se só com crianças boas.

A mãe bonita (Lijepa majka)

Numa multidão grande, numa feira houve gente e uma criança pequenina afastou-se da mãe e chorava e entre as lágrimas dizia:

- Onde está a minha mãe bonita?

- Ao verem-no a chorar, mostravam-lhe mulheres cada vez mais bonitas para o aconselarem.

- E esta? E esta?

- Não é nenhuma.

Mas, veio uma de pele dura e que não dava nas vistas, e a criança, ao vê-la, correu com toda velocidade em direção dela:

- Feliz de mim, esta é a minha mãe bonita!

A madrasta (Maćeha)

Um viajante encontrou no caminho uma criança bonita, mas vestida de farrapos e cumprimentou-a com Deus ajuda¹²⁵

- Deus te ajude, tio.

- E tu, menino, tens mãe?

- Tenho.

- E a mim, parece-me que a tua mãe morreu?

- Pois é, mas o pai há pouco, trouxe-me uma nova mãe.

- E qual delas era melhor, a que morreu ou a de agora?

- Voto a Deus que era melhor a que morreu, só que mentia muito.

- Como que mentia, filho do cão?

- Pois, sempre dizia: Mato-te! Mato-te! E nunca me matou, e esta não diz nada, mas apanha-me e bate em mim até me bater todo.

Faz o comedouro dos porcos ao pai (Gradi ocu korito)

Um homem tinha um pai velho e bom. Metia-lhe nojo comer juntamente com ele, e pôs-se a fazer-lhe o comedouro dos porcos para ele. E ele tinha um filho pequeno que disse:

- O que vais fazer, pai?

- Quero fazer um comedouro dos porcos para o meu pai, para comer dele!

¹²⁵ A saudação antiga sérvia: Deus ajuda e tem como resposta: Deus te ajude. Ainda se usa nas igrejas e nas festividades religiosas.

- Assim é que é, pai, faz um belo comedouro e eu farei-o para ti quando for grande!”
 - Vais mesmo?- diz o pai ao seu filho.
- E logo partiu o comedouro que começou a fazer ao seu pai.
- Nem eu vou fazê-lo para ti, quando tu não o fazes ao teu pai!

Mulher é mulher (Žena je žena)

Três homens estiveram na prisão e um deles disse:

- Não devo nada a ninguém, salvo a minha alma a Deus. Não tenho mesmo vontade de viver! Se o czar me quisesse enforcar!

O outro dizia:

- Quem me dera vestir-me de roupas bonitas, montar um belo cavalo ruço, e passar pela cidade do czar! Não me pesaria morrer!

O terceiro dizia:

Por favor, deixem-se disso. Isso não é nada!” eu gostava de morrer logo, só se passasse uma noite com a czarina!

Tudo o que os três estiveram a dizer, ouviu-o o carcereiro e foi e contou tudo ao czar o que estiveram a dizer. O czar deixou os três saírem da prisão e enforcou o primeiro, ao segundo deu um cavalo ruço e vestiu-o de roupas novas e passou pela cidade do czar e enforcou ele também. E o terceiro acompanhou-o até onde estava a czarina para ela o julgar. E a czarina perguntou-lhe:

- Como é que tu pedes que se te faça antes de te executarem?

- Czarina honrada, quero passar uma noite contigo, para ver como é que é isso, e depois que me enforcuem.

A czarina deu uma volta pelo quintal e mostrou-lhe duas galinhas, uma branca e outra preta e disse-lhe:

- Vais dormir comigo se adivinhares qual é o ovo da galinha branca e qual o da preta.

Ele olhou, olhou e disse:

- Não consigo adivinhar, são iguais.

A czarina disse-lhe:

- Deixo-te saíres da prisão, para ires para casa, para dares banho à tua mulher, e para a vestires e para passares uma noite com ele. Todas nós, mulheres somos iguais.

Para mim uma e para ti o resto (Meni jedan a tebi ostalo)

Caminhava o sultão por Estambul e caminhando assim, encontrou na rua crianças a saírem da escola. Entre estas crianças, um aluno chamou-lhe a atenção, e deteve-o e perguntou-lhe o que estudava. Quando o pequenino lhe mostrou o que estudava, o rei ficou contente com a resposta e tirou um ducado e ofereceu-lho.

A criança não quis aceitar o ducado, e quando o rei lhe perguntou por quê é que não queria, o aluno disse-lhe: “Não me atrevo por causa da minha mãe, porque me vai dizer que o tinha roubado!” E o rei respondeu-lhe: “Toma e diz que foi o rei que to deu!” E a criança tornou-lhe a dizer. “Não me atrevo, porque me vai dizer: se fosse o rei a dar-te, dava-te mais!” O rei ficou a gostar ainda mais desta criança, e tirou um punho cheio de ducados e deu-lho e ainda o mandou vir conversar com ele.

Quando chegou a hora, o menino foi ter com o czar, mas quando quis entrar, um guarda deteve-o e não o quis deixar entrar. O menino pediu durante muito tempo, mas quando os pedidos todos não lhe serviram de nada, contou ao guarda o que tinha acontecido com ele e com o rei e voltou a pedir-lhe para o deixar ver o rei. O guarda

respondeu-lhe: “Deixo-te se dividirmos tudo o que receberes dele.” E o pequenino disse ao guarda: “Para mim uma e para ti o resto” e com esse trato feito, o guarda deixou-o ter com o rei.

Quando o pequenino se apresentou na frente do rei, o rei perguntou-lhe o que queria, E ele respondeu que não desejava outra coisa, a não ser cem pancadas com o pau nos pés. O rei dissuadia-o disso durante muito tempo, mas como não o conseguiu dissuadir, ordenou trazerem-se os paus. Quando trouxeram os paus, o pequenino disse:

“Rei honrado, ordena que a mi se me dé uma e o resto àquele guarda da porta porque não me queria deixar ver-te!”

*Quem obedece a mulher, é pior que a mulher*¹²⁶ (*Ko sluša ženu, gori je od žene*)

Um servo foi uma vez falar com o seu agá e não tinha outra coisa para oferecer-lhe em prenda, salvo um par de pintos. Ao chegar onde estava o agá, fez uma reverência, como era o costume e beijou-lhe a mão.

Então, disse-lhe o agá:

- Pois, servo, como estás?”

- Bem, à tua saúde, meu belo agá!”- respondeu-lhe.

- E então, desgraçado, trouxeste mais alguma coisa além destes dois pintos concorvados?

- Juro-te, agá, que não, mas, para te dizer a verdade, quis trazer também um pouco de manteiga, mas, com licença, a minha mulher não me deixou, dizendo que nem sequer nós temos em casa, salvo um pouco.

O agá passou com a mão pela barbe e disse:

- Quem obedece a mulher, é pior que a mulher e por isso nunca é bom obedecer a mulher!

Passado algum tempo, veio o servo outra vez falar com o agá, por causa de algum trabalho, e trouxe-lhe um pouco de manteiga e, este perguntou-lhe:?

- Desgraçado, trouxeste mais alguma coisa além desta chávena de manteiga?

- Não, meu agá, para te dizer a verdade, esta manhã dava-me, com licença, a minha mulher um bom par de galinhas, e dez vezes disse-me: "Toma, leva isso ao nosso bom agá", e eu, tal como tu me disseste há pouco, não quis obedecer a mulher.

Então, o agá disse-lhe: - Por vezes é bom obedecer também a mulher.

A donzela, a viúva e a divorciada (Đevojka, udovica i puštenica.)

Era uma vez um homem solteiro e uns ofereciam-lhe uma donzela, outros uma viúva e outros uma divorciada. Ora ele não sabia qual delas tomar por esposa, porque todas as três em si eram boas e belas, e foi falar com um ancião e perguntar-lhe se é melhor casar-se com uma donzela, com uma viúva ou com uma divorciada, e o ancião disse: “eu não te sei dizer nada sobre isso, mas vai ao Sapiientíssimo (isto é a Salomão) e ele dir-te-á o que é melhor, e depois vem contar-me o que te tinha dito.”

Então o homem foi ao palácio de Salomão. Ao chegar em frente do palácio os criados pergutaram-lhe o que queria e ele disse que veio ter com o Sapiientíssimo.

¹²⁶ Às vezes este conto aparece sob o título *Por vezes é bom obedecer a mulher*, e assim é conhecido nas variantes orais. De facto, este título é mais conhecido para designar um outro conto, que não foi incluído no *corpus* desta Dissertação.

Então um criado levou-o ao palácio e apontou com a mão para uma criança que se tinha montado num pau e corria pelo palácio: “Eis o Sapiientíssimo!” O homem ficou admirado e pensou para si próprio; “O quê é que aquela criança me vai saber dizer? Mas, já que vim aqui, deixa cá ver o que me vai dizer!” E então dirigiu-se a Salomão; e quando chegou a ele, ele deteve-se como deve ser com o seu cavalo, e perguntou-lhe o que queria, e o homem contou-lhe tudo o que se passava. Então o Sapiientíssimo respondeu: “Se te casares com uma donzela, tu é que sabes, se com uma viúva, ela é que sabe, e se com uma divorciada, cuida-te do meu cavalo!” e depois deu uma volta e deu uma pancada com uma ponta do pau nos pés do homem, e voltou a correr pelo palácio.”

Então o homem pensou para si próprio: “Sou um verdadeiro tolo! Eu, um homem de idade, e vim ter com uma criança para me aconselhar como me vou casar!” e voltou para trás e foi ter com aquele ancião para lhe perguntar de quem o tinha mandado pedir conselho. Ao chegar onde estava o ancião, gritando-lhe e ficando irritado, contou-lhe tudo tal como se tinha passado com o Sapiientíssimo e o ancião disse-lhe: “eh, meu filhote! O Sapiientíssimo não disse isso sem mais nem menos: se te casares com uma donzela, tu é que sabes, quer dizer: ela vai julgar que tu sabes tudo melhor que ela, e vai te obedecer em tudo o que tu quiseres, se te casares com uma viúva, ela é que sabe, isto é. Ela uma vez já foi mulher e vai pensar que sabe tudo, e por isso não te vai querer obedecer, e vai querer mandar sempre em ti, se te casares com uma divorciada, cuida-te do meu cavalo (e deu uma pancada nos pés do homem), isto é: cuida-te que não bata em ti como bateu no primeiro marido.”

São Sava o pai, a mãe e uma criança pequena (Sveti Sava i otac i mati s malim detetom)

Trouxeram uma vez um pai e uma mãe um bebé recém-nascido à igreja a São Sava para o abençoar e para lhe dar a felicidade. São Sava Respondeu: “Posso abençoá-lo tal como Jesus abençoou as crianças, mas eu não lhe posso dar a felicidade, podem fazê-lo só vocês que são os pais dele, ensinando-lhe desde cedo a trabalhar, a poupar, a não roubar, a não mentir, a ser obediente, religioso, a respeitar os mais velhos, a ser moderado em tudo, e sobretudo se o ensinarem bem a cuidar da sua saúde,”

Os pais fizeram tudo o que o santo lhes tinha dito, e o seu filho pequeno tornou-se um homem bom, trabalhador, honesto e religioso. Depois disso ouviu-se muito longe e de todos lados vinham muitas pessoas e traziam as crianças pequenas a São Sava para as abençoar e para lhes dar a felicidade. E São Sava respondia a todos como aos primeiros.

Uma mentira para a aposta (Laž za opkladu)

Mandou um pai o seu filho ao moinho, e disse-lhe para não moer em moinho nenhum onde estiver um homem sem barba e bigode. A criança, ao chegar a um moinho, eis nele um homem sem barba e bigode: “deus ajuda, homem sem barba e bigode!” “Deus te ajude, filhote!” “Poderia moer um pouco?” “com certeza, por que não? Agora o que é meu vai acabar de se moer, e depois tu moe à vontade.” Mas a criança lembrou-se do que o pai lhe tinha dito e foi-se embora pelo arroio a um outro moinho. Mas o homem sem barba e bigode, rápido pegou num pouco de trigo e foi a correr pelo outro caminho e chegou antes da criança, e naquele moinho também pôs um pouco de trigo para se moer.

Quando a criança chegou ao outro moinho, viu que nele também estava o homem sem barba e bigode e foi ao terceiro; e o homem sem barba e bigode outra vez pegou num pouco de trigo e por um caminho diferente chegou antes da criança ao terceiro moinho e ali também pôs um pouco para se moer; assim aconteceu também no quarto moinho.

Quando a criança já ficou aborrecida, pensou para si própria: "Deve ser que em cada moinho está um homem sem barba e bigode; e tirou a sua mala das costas e ficou a moer com o homem sem barba e bigode. Quando o trigo do homem se acabou de moer e a criança pôs o seu, o homem sem barba e bigode disse: "Vamos, filhote, amassar um bolo da tua farinha." A criança sempre tinha na mente o que o pai lhe tinha dito, para não moer no moinho em que estivesse um homem sem barba e bigode, mas agora já pensou: "o que se há de fazer, e disse-lhe: "Vamos lá."

O homem sem barba e bigode levantou-se e espalhou a farinha da criança pelo recipiente e disse -lhe para trazer água em punhos. A criança começou a trazer água e o homem sem barba e bigode pôs-se a cozer pouco a pouco, e assim aos bocadinhos até se moer tudo e o homem cozeu a farinha toda e amassou um grande pão redondo, e espalhou as brasas e pôs o pão para se assar. Quando o pão acabou de se assar e quando o tiraram do fogo, apoiaram-no contra a parede, o homem sem barba e bigode disse à criança: "Filhote, sabes uma coisa? Se dividirmos este pão não vai chegar nem para mim, nem para ti, mas vamos mentir e quem mentir mais, que leve o pão.

A criança pensou para si própria: Se tu não sabes mentir mais agora já não há outra opção e disse: "Anda, começa tu." Então o homem sem barba e bigode começou a mentir quaisquer coisas, isto, aquilo, aquilo outro, e quando já mentiu bastante e ficou cansado, a criança disse-lhe: "Meu homem sem barba e bigode! Se tu não sabes outra coisa, isso tudo não é nada! Deixa-me dizer-te uma mera verdade:

Quando eu na minha juventude era um homem velho, nós tínhamos muitas colmeias, e eu contava-as todas as manhãs, e conseguia contar as abelhas todas, mas não as colmeias. Quando uma manhã acabei de contar as abelhas, descobri que me faltava a melhor abelha-macho: então eu rápido ensilei o galo e fui à procura da abelha-macho. Ao perseguir o rasto até ao mar vi que a minha abelha tinha atravessado o mar e eu fui atrás dele. Quando atravessei o mar, vi que um homem tinha colocado a minha abelha-macho no arado e estava a arar para ter a broa miúdinha. Eu gritei-lhe: "esta é a minha abelha-macho! De onde conseguiste a minha abelha macho?" E o homem respondeu: "Irmão, se é tua, fica com ela." E deu-me a abelha e mais uma bolsa cheia de broa pra ter até chegar ao manancial. Então meti a bolsa com a broa nas costas e a sila do galo meti-a na abelha-macho e montei a abelha e levei o galo pela rédea, para descansar.

Quando atravessei o mar, de alguma forma partiu-se-me uma pega da bolsa, e a broa toda caiu-me para o mar. Atravessei o mar e chegou a noite, e eu então apanhei-me da abelha e deixei-a pastar, e amarrei o galo ao pé de mim e coloquei-lhe feno e eu deitei-me a dormir. Ao acordar de manhã, tinham vindo os lobos e degolaram a minha abelha macho e comeram-na; a mel espalhada pela planície até aos joelhos e pelo monte até aos tornozelos. Então comecei a pensar em que ia recolher a mel. Nesse momento lembrei-me que tinha um machado pequeno e peguei nele e entrei na floresta para caçar um animal qualquer para fazer um fole da sua pele, e ali vi duas veadas a saltarem numa pata. E abanei o machadito e parti-lhes a pata e apanhei-as e fiz três foles da pele delas e recolhi a mel toda nelas e carreguei no galo e levei para casa.

Quando cheguei para casa, tinha nascido o meu pai e mandaram-me a Deus buscar água benta. Agora, pus-me a pensar como subiria ao céu, até me lembrar daquela broa minha que me tinha caído ao mar. ao chegar lá, vi que ela tinha caído num lugar

húmido e cresceu até ao seu, e eu subi-o e fui ao céu. Tendo chegado lá cima, a minha broa amadureceu e Deus ceifou-a e amassou um pão dela e molhou-a no leite quente e comia. Cumprimentei-o com: “Deus ajuda” e ele respondeu-me: “Deus te ajude” e deu-me a água benta.

Ao voltar atrás, vi que, infelizmente para mim, rompeu a chover e o mar subiu e inundou toda a minha broa e levou-a! Agora fiquei preocupado, como ia voltar para a terra! Mas, lembrei-me que tinha os cabelos compridos: quando estou em pé, chega-me até ao chão, equando me sento até às orelhas e peguei numa faca, e fio, a fio, cortava e amarrava. Ao anoitecer, fiz um nó no cabelo e fiquei a pernoitar nele. Mas, agora que vou fazer sem fogo! Tive as acendalhas, mas não houve lenha! De repente lembrei-me que na manga tinha uma agulha de costura e tirei-a e cortei-a e fiz uma fogueira e aqueci-me até dizer chega e deitei-me dormir ao pé do fogo. Mas, infelizmente para mim, quando adormeci uma candeia caiu e queimou o cabelo e eu cai com toda força para a terra e cai noum buraco até á cintura. Virei-me por aqui e por al a ver se me safava de alguma forma, mas não conseguia e então corri rápido para casa e trouxe uma sachola, e excavei-me e levei a água benta.

Quando cheguei para casa, os ceifeiros estavam a ceifar pelo campo. O calor começou a queimar, bom Deus! Quase que os ceifeiros se agogaram de calor! Então eu exclamei: “Por quê é que não trazem para cá aquela égua nossa que tem dois dias de comprimento e até ao meio-dia de largura, e nas suas costas cresceram salgueiros, para fazer sombra pelo campo. Então o meu pai correu e trouxe a égua e os ceifeiros ceifaram bem à sombra e eu peguei num jarro e fui buscar água. Mas ali, a água ficou congelada, então eu tirei a minha cabeça e quebrei o gelo com ela e apanhei água. Quando levei água aos ceifeiros, eles exclamaram. “Onde está a tua cabeça?” Eu apalpei com a mão, mas a cabeça não estava: esqueci-a na água.

Então rápido voltei para trás, mas ali uma raposa, veio e estava a atirar o cérebro da minha cabeça e comia; e eu, aproximei-me dela, e dei-lhe um pontapé no rabo e ela assustou-se e de medo deixou cair uma caderneta e quando a abri, lá estava escrito: para mim o pão e para o homem sem barba e bigode - uma figa! Então a criança levantou-se, tomou o pão e foi para casa e o homem sem barba e bigode ficou a olhar atrás dele.

O Diabo e o seu aprendiz (Đavo i njegov šegrt)

Era uma vez um homem que tinha um filho único. Este filho disse uma vez ao pai: “Pai, o que vamos fazer? Eu já não consigo viver assim, mas vou por este mundo fora aprender um ofício qualquer. Vês como são as coisas hoje: quem sabe um mínimo de algum ofício, vive melhor que qualquer camponês.” O pai começou a dissuadi-lo dizendo-lhe que até no ofício há preocupação e esforço, e mais ainda, como ia deixar o pai só!

Mas, uma vez que o filho não se deixou convencer de maneira nenhuma, finalmente o pai permitiu-lhe ir aprender o ofício. Então foi pelo mundo fora à procura do ofício. Viajando assim, deu com uma água e junto dessa água encontrou um homem de traje verde e o homem perguntou-lhe para onde ia, e ele respondeu-lhe: “ Vou pelo mundo fora à procura dum mestre qualquer para aprender um ofício. Então, aquele homem de traje verde disse-lhe: “Eu sou mestre, vai comigo e aprende o ofício se o teu coração assim o deseja.” A criança não viu a hora de aceitar e acompanhou-o. Indo assim junto daquela água, de repente o mestre deu um salto para dentro da água e começou a nadar, dizendo à criança: “Anda, segue-me! salta para dentro da água e aprende a nadar.” A criança começou a desculpar-se que não se atrevia porque tinha medo de se afogar; e o mestre respondeu-lhe: “não tenhas medo de nada, mas salta!” A criança deu

um salto para dentro da água e começou a nadar lado a lado com o mestre. Quando estiveram no meio da água, o mestre agarrou a criança pelo pescoço e foi com ela ao fundo do mar.

Ele era o Diabo. Ele levou a criança para o seu palácio e entregou-o a uma mulher velha para o ensinar e ele voltou de novo para este mundo. Tendo ele regressado e a velha ficou sózinha com a criança, começou a falar-lhe: “Meu filhote! Tu pensas que ele é mestre como são os mestres noutra mundo. Ele não é mestre nenhum, é o Diabo. A mim também enganou-me assim e arrastou-me aqui do outro mundo, eu também sou uma alma baptizada. Mas, faz-me caso pelo que te vou dizer. Eu vou-te ensinar todo o ofício dele, e ele, venha quando vier, vai-te perguntar se aprendeste alguma coisa e tu diz que não aprendeste nada, se estás com vontade de livrar-te dele e de voltares para o outro mundo. Passado algum tempo, veio o Diabo e perguntou à criança: “O que aprendeste?” e ela respondeu: “Ainda nada”. E nisto passaram três anos e sempre que o mestre perguntava à criança se tinha aprendido alguma coisa, ela sempre-lhe respondia que não. Finalmente o Diabo perguntou-lhe mais uma vez: “Aprendeste qualquer coisa?” e a criança respondeu-lhe: “Não aprendi nada e esqueci-me daquilo que sabia dantes.” Então o Diabo ficou furioso e disse-lhe: “Quando não aprendeste nada até agora, nunca vais aprender coisa nenhuma, mas desaparece para onde os teus olhos te guiarem e as tuas pernas te levarem.”

A criança, que já tinha aprendido bem o ofício do Diabo, saltou para dentro da água e começou a nadar e nadando saiu para a ribeira e foi ter com o seu pai. O pai, ao ver o seu filho, correu em frente dele e disse: “Onde estavas, filho, pelo amor de Deus?” E o filho respondeu-lhe. “Estive a aprender o ofício.”

Depois disso, passado algum tempo e veio uma feira a uma aldeia próxima. Então, disse o filho ao pai: “Pai! Vamos à feira!” E o pai respondeu: “E com quê, filho, vamos, quando não temos absolutamente nada?” “Tu não te preocupes com isso.”, respondeu-lhe o filho e foram à feira. Indo assim pelo caminho, o filho disse ao pai: “Quando estivermos perto da feira, eu tornar-me-ei num cavalo muito bonito, que não haverá igual na feira toda. A feira toda admirá-lo-á. E o meu mestre virá comprar o cavalo e dar-te-á tudo quanto pedires, mas nem brinques para lhe dares a coleira, mas quando receberes o dinheiro, tira-me a coleira da cabeça e bate com ela no chão.”

Quando chegaram à feira, a criança fez-se cavalo que não existia um igual na feira toda. O ancião levou o cavalo pela feira e a feira toda juntou-se á volta dele e todos comaçaram a olhar uns para os outros, porque ninguém se atrevia sequer a perguntar quanto custava. Mas, eis o mestre: fez-se turco e enrolou o turbante á volta da cabeça e o traje chega-lhe até ao chão. Mal chegou, disse: “Eu vou comprar esse cavalo! Fala, velho, quanto custa! Tudo quanto o ancião pediu, o turco dava-lhe logo em dinheiro sem dizer uma palavra. O anciano, em recebendo o dinheiro, tirou a coleira do cavalo e bateu com ela no chão. Nesse instante desapareceram o cavalo e o comprador. O ancião, ao chegar para casa com o dinheiro, encontrou também o filho em casa.

Passado algum tempo, veio outra feira e o filho voltou a dizer ao pai: “Pai! Vamos à feira.” O pai já não lhe queria dizer nada e acompanhou-o logo. Quando estiveram perto da feira, o filho disse ao pai: “Eu tornar-me-ei numa loja muito bonita: tenda cheia de mercadoria que na feira toda não haverá outra mais bonita e mais rica. Ninguém poderá comprá-la também, e o meu mestre virá e dar-te-á tudo quanto pedires, mas nem brinques de lhe dares as chaves nas mãos, mas quando receberes o dinheiro, bate com as chaves no chão.” Assim foi: quando ele se fez uma loja bonita, a feira toda começou a admirar-se.

Mas, eis o mestre: fez-se turco como antes, e perguntou ao ancião: “Quanto custa?” Fosse quanto fosse o que o ancião pediu, o turco pagava-o logo e o ancião, em

recebendo o dinheiro, bateu com as chaves no chão. Nesse instante desapareceram a loja e o comprador e a loja fez-se um pombo e o comprador fez-se gavião e pôs-se a perseguir o pombo! Enquanto eles se perseguiam por aqui e por ali, a filha do czar tinha saído em frente do palácio e olhava para eles, e o pombo de repente, caiu para a mão da rapariga e fez-se um anel na sua mão.

Então o gavião caiu para o chão e fez-se homem e foi ver o czar e ofereceu-se para servir. Servi-lo-á três anos, e não pedirá nada neste mundo: nem comida, nem bebida, nem roupa, só que o czar lhe dê aquele anel da mão da rapariga. O czar recebeu-o e prometeu-lhe que lho daria. Assim aquele servia e a rapariga usava o anel, e gostava muito dele porque de dia era anel e de noite um rapaz belo, que lhe dizia: "quando chegar a hora de me tirarem de ti, não me des a ninguém nas mãos, mas bate comigo no chão." Quando se fizeram os três anos, veio o czar com a sua filha, e começou a pedir-lhe que lhe desse o anel.

Então ela, supostamente zangada, atirou o anel para o chão; o anel rebentou e dele espalhou-se milho miudinho e um grão caiu debaixo da bota do czar. E o criado de repente tornou-se pardal e rápido começou a comer o milho, e quando quis comer aquele último grão que tinha caído debaixo da bota do czar, dele subitamente fez-se um gato que torceu o pescoço do pardal!

Outra vez o noivo serpente (Opet zmija mladoženja)

Era uma vez uma czarina que não tinha filhos e sempre rezava a Deus para lhe permitir ter um filho. Uma noite, enquanto rezava, suspirou profundamente e disse: "Dá-me, Deus, um filho, masmo que seja uma serpente venenosa!" Passado algum tempo achou-se pajada e na hora de dar à luz, teve uma serpente, e começou a cuidar dela, alimentá-la e amamentá-la como qualquer mãe faz com o seu filho.

Essa serpente durante vinte e dois anos não produziu som nenhum, e quando fez osvinte e dois, ela falou e disse ao pai e à mãe: "Agora quero que me casem." E eles responderam-lhe: "Quem vai dar a sua filha por esposa dumaserpente? Que menina se querará casar com uma serpente?" "Pois", "respondeu-lhes a serpente "vocês não olhem se ela é da origem real, ou nobre, mas aquela que virá ao império viver." A isso, o pai e a mãe disseram-lhe para escolher ele próprio a menina que quisesse. Então ele encontrou uma menina pobre e enviou o pai para a pedir em casamento por ele. O pai foi e pediu a menina em casamento, e ela, sendo assim tão pobre, aceitou com alegria e de boa vontade. Depois, deram-lhe o anel, trouxeram-na e casaram-nos, e a serpente começou a viver com a sua noiva, e passado algum tempo, ela engravidou mesmo.

Então, a sogra disse à nora: "Filha, pelo amor de Deus, como é que engravidaste dumaserpente?" E ela não lhe queria dizer logo, mas quando a sogra insistiu com ela durante alguns dias, e continuava a perguntar-lhe sempre o mesmo, finalmente ela disse-lhe que ele não é serpente, mas rapaz que não existe outro mais belo no mundo, "durante o dia" diz ela "é uma serpente, mas mal chegue a noite, ele despe a pele de serpente e sai o rapaz mais belo no mundo. "Tomara que de dia fosse tal como de noite comigo, mas logo que amanhece, torna a vestir a sua pele e volta a ser serpente."

A sogra, ao ouvir isso, alegrou-se e disse à nora: "sendo assim, vamos fazer com que permaneça tal como é de noite contigo." E depois combinaram o que iam fazer. Quando chegou a noite, ele despiu a pele de serpente, e como sempre, meteu-a debaixo da cabeceira e deitou-se a dormir. Mal adormeceu, a sua esposa tirou-lhe lentamente a pele debaixo da cabeça, e passou-a à mãe dele pela janela e a mãe deitou-a logo para o fogo.

No instante em que a pele começou a arder, ele sobrecolheu-se e gritou: “O que fizeste, pelo amor de Deus!” Agora vê-me e não me tornas a ver mais até estragares os sapatos de ferro e partires um bastão de ferro procurando-me e não te separarás desse filho que tens debaixo do coração até eu passar o braço direito para cima de ti.” Disse isso e sumiu-se.

Depois ela continuava pejada daquele filho três anos inteiros, e finalmente ficou aborrecida e pensou em procurar o marido. E assim fez uns sapatos de ferro e um bastão de ferro e foi por este mundo fora. E procurando-o por todas partes foi ter com a mãe do Sol e encontrou-a a pôr brasas no forno emetia as mãos desprotegidas no fogo. E ela, ao ver isso, cortou rápido o colo do seu vestido e deu-lho para envolver as mãos, e a mãe do Sol perguntou-lhe: “O que estás a fazer tu aqui, almita do céu?” Ela respondeu-lhe: “Mãe, foi a desgraça que me obrigou.”, e contou-lhe o que tinha sofrido, como o marido a tinha amaldiçoado e que vai por este mundo fora à procura dele, e “então”, diz ela “vim perguntar ao teu filho se me poderia dizer qualquer coisa dele, se o teria visto em algum lado, porque ele atravessa o mundo todo.”

A mãe do Sol teve muita pena por isso e disse-lhe para se esconder um pouco detrás da porta: “Eis o Sol, vem cansado, e pode ser que as nuvens o tenham enfurecido, e na ira pode-te fazer alguma coisa, e fica silenciosa, até ele descansar.” Ela escondeu-se, mas aí vem o sol, e desejando boa noite à mãe, disse-lhe: “Mãe! Aqui cheira a alma do céu!” E a mãe respondeu-lhe: “Filhote, aqui não há ninguém, aqui nem sequer um pássaro pode chegar a voar e muito mens uma alma do céu!” O Sol respondeu-lhe: “Há, mãe, há! Mas, que saia, não lhe vou fazer nada!” Então ela saiu e contou-lhe a sua desgraça, e finalmente disse-lhe: “Sol brilhante! Tu brilhas pelo mundo inteiro, por acaso não viste em algum lado um homem assim e assim?” O Sol respondeu-lhe que ele não o tinha visto em lado nenhum e mandou-a à Lua para perguntar-lhe se ela o tinha visto de noite. Na despedida, a mãe do Sol ofereceu-lhe uma roca de ouro, com lâ e fuso de ouro.

Quando foi ter com a Lua e encontrou a Mãe da lua em casa, beijou-lhe a mão e cumprimentou-a: “Deus ajuda, mãe da Lua!” E ela respondeu-lhe: “Que Deus te ajude, almita do céu. E como é que tu chegaste aqui?” Então ela contou-lhe a sua desgraça torda e que foi falar com o Sol e mostrou-lhe o que a mãe do Sol lhe tinha oferecido, e disse que o Sol a tinha mandado perguntar à Lua se por acaso ela viu o seu marido. A mãe da Lua respondeu-lhe que para se esconder um pouco detrás da porta, porque a Lua vinha furiosa e cansada, e ela escondeu-se, mas ei vem a Lua, e depois de desejar bom dia à mãe, disse-lhe: “Aqui cheira a alma do céu.” E a mãe respondeu-lhe: “Filhote, aqui não há ninguém, aqui nem sequer um pássaro pode chegar a voar e muito mens uma alma do céu!” A Lua respondeu-lhe: “Há, mãe, há! Mas, que saia, não lhe vou fazer nada!” Então ela saiu e contou-lhe tudo o que se passava e finalmente disse-lhe: “Lua luminosa! Tu brilhas pelo mundo inteiro, por acaso não viste em algum lado um homem assim e assim?” E a Lua respondeu-lhe: “Alma do céu, eu de noite não o vi, mas tu vai ao vento e pergunta-lhe se o tinha visto, ele dá voltas a pedras e paus e mete-se em todos lados. Ao ir-se dali, a mãe da Lua ofereceu-lhe uma galinha dourada com pintos.

Depois disso foi ela ter com a mãe do vento. E contou-lhe tudo como tinha sofrido e que veio perguntar o filho dela se por acaso tinha visto em algum lado um homem assim e assim. A mãe do vento disse-lhe: “esconde-te um pouco, almita do céu, porque o meu filho virá enraivecido e pode-te fazer em farrapos! E ela escondeu-se detrás da porta, mas, ali vem o vento: sopra, parte, dá voltas a tudo que encontra, todo arranhado e esfarrapado, e mal chegou, cumprimentou a mãe com “deus ajuda”, e disse-lhe: “Deus, contigo, filho! aqui nem sequer um pássaro pode chegar a voar e muito mens uma alma do céu!” O vento respondeu-lhe: “Há, mãe, há! Mas, que saia, não lhe

vou fazer nada!” E assim ela apresentou-se na frente do vento e contou-lhe a sua desgraça, e o vento respondeu-lhe: “eu vi-o, está num reino afastado, ali casou-se e é czar. Mas a minha mãe vai dar-te um tear dourado com os fios dourados e roda de ouro, e quando vires em frente daquela cidade, coloca o tear em direcção do palácio do czar e solta a galinha e os pintos e dá-lhes de comer e mostra a roca também.”

Ela assim fez e quando veio áquela cidade estragaram-se-lhe os sapatos e partiu-se-lhe o bastão; ela colocou o tear em direcção do palácio do czar, soltou a galinha e os pintos e mostrou a roca e pôs-se a tecer. Mas a czarina viu-a do palácio e disse a si própria: “Oh, meu Deus eu sou czarina e não tenho nem um tear de ouro, nem roca de ouro, nem galinha e pintos de ouro” e mandou um criado seu falar com a mulher para perguntar-lhe se queria vender essas coisas. Ela respondeu: “Eu não vou vender, mas que a czarina me deixe pernoitar uma vez com o seu czar, e vou dar-lhe a roca”. A czarina embriagou o czar e permitiu-lhe pernoitar com ele. O czar, mal se deitou no leito, adormeceu e ficou silencioso que nem morto, e ela, quando ficou a sós com ele, começou a dizer-lhe. “Czar iluminado, sol nascido! Passa o braço direito para cima de mim, a ver se me separo do teu filho.” Mas, o czar, nem vê nem ouve alguma coisa. No dia seguinte ela deu á czarina a roca, a lâ e o fuso de ouro, e a czarina pediu-lhe também, a galinha com os pintos, e ela disse-lhe que lhos daria se a deixasse dormir mais uma noite com o seu czar. A czarina aceitou e voltou a embriagar o czar e o czar adormeceu outra vez e não ouviu, quando ela começou a exclamar: “Czar iluminado, sol nascido! Passa o braço direito para cima de mim, a ver se me separo do teu filho.”

Quando amanheceu, os guardas contaram ao czar que já há duas noites que aquela mulher dorme com ele e sempre exclama para passar o braço direito para cima dela a ver se se separava do filho dele. Ao receber a galinha com os pintos, pediu o tear de ouro com os fios e roda de ouro e a mulher prometeu-lho, se lhe permitisse dormir mais uma noite com o marido dela. Ela permitiu, pensando embriagar o marido novamente, mas ele, tendo sabido através dos criados o que se passava, á noite colocou a esponja debaixo da barba e verteu nela aquela bebida que a czarina lhe tinha trazido e ficou consciente. À noite, quando se deitaram na cama, ele fingiu que estava a dormir, e ela exclamou: “Czar iluminado, sol nascido! Passa o braço direito para cima de mim, a ver se me separo do teu filho.

E o czar, ao ouvir isso, passou logo o braço direito para cima dela e naquele momento ela começou a ter dores de parto e deu-lhe um menino de braços e cabelos dourados. Depois ele deixou o país e a czarina e com a primeira esposa e filho regressou ao seu reino anterior.

O Calvo (Ćela)

Era uma vez um czar que tinha três filhas. As duas mais velhas, casou-as com os filhos de czares e pensou deixar o império à mais nova porque era a mais bela. Esse czar tinha um criado a quem chamavam de Calvo, porque era careca. Esse criado não fazia outra coisa, a não ser tudo o que era preciso no jardim, mas o seu jardim estava tão arranjado, como se nele trabalhassem dez pessoas, e toda a gente admirava-se disso.

A filha do czar com frequência olhava para o jardim e dizia para si própria: “Meu Deus! Que jardim mais belo e arranjado que está, e dele trata apenas um homem, e ainda por cima se desse nas vistas, mas é pequeno que nem um figo seco! Uma manhã, a filha do czar, olhando assim pela janela e admirando-se, viu o Calvo no jardim e disse-lhe: “Pelo amor de deus, Calvo, como consegues tu sózinho tratar tão bem dum jardim tão grande?” e ele respondeu-lhe: “Minha senhora! Se queres saber, levanta-te mais cedo e vais ver!”

Na manhã seguinte a filha do czar levantou-se muito cedo e começou a olhar para o jardim sem avisar o pai e a mãe, mas ao Calvo apresentou-se um cavalo com características de dragão e trouxe-lhe roupas de senhor e as armas e consigo trouxe mais três-quatro pessoas para trabalharem no jardim, e o Calvo vestiu-se daquelas roupas, e fez-se completamente diferente: já nem sequer era calvo, mas um rapaz belo, que não havia outro igual e montou aquele cavalo, e passeou-se pelo jardim, e o cavalo debaixo dele começou a enfurecer-se, e deitava chispas pelas narinas fora.

Ela, ao ver o Calvo, apaixonou-se por ele, mas não quis dizer a ninguém durante muito tempo. Quando começaram a vir muitos pretendentes a pedirem-na em casamento, finalmente ela disse que não se queria casar com outro a não ser com o Calvo.

O czar e a czarina, ao ouvirem isso, começaram a ralhar-lhe e repreendê-la: “Como é que te casarias com um criado, e se pelo menos desse nas vistas, mas ainda por cima é calvo. Queres envergonhar o nosso império?”. Mas ela não quis sequer fazer caso disso e disse: “Ou com ele, ou com ninguém.”

Quando o pai viu que nada adiantava, vestiu-a de roupas de saloia e fez dela uma verdadeira saloia e casou-a com o Calvo, e deu-lhes uma propriedade pequena detrás da cidade, e o Calvo plantou ali um jardim e construiu uma cabana e começou a viver com a filha do czar, como qualquer jardineiro, levando as verduras à cidade e ganhando assim alguma coisa.

Mas, sempre que queria, podia tornar-se no homem mais belo, apenas era preciso assobiar e o cavalo com características de dragão vinha logo a correr e trazia-lhe roupas de senhor e armas. Assim acontecia durante algum tempo, mas uma vez, os inimigos atacaram o sogro do calvo de dois lados, que ela não sabia por onde defender-se primeiro. Então, disse o czar para si próprio: “Daquelas duas filhas que casei com filhos de czares, agora tenho ajuda, e aquela da qual mais esperava, dei-a a um ruim.” E assim, o czar muito aflito, mandou uma ordem para qualquer pessoa que é capaz de levar um sabre, ir para a guerra. Iam os exércitos um atrás outro enfrentar o inimigo, mas o czar continuava a receber notícias de mau agouro, que o exército se estava a rás dele perder. Finalmente, o próprio czar levantou-se a ver como estavam as coisas ali. Atras dele foram graúdos e miúdos e foi também o Calvo num cavaleiro.

Todos gozavam com o Calvo dizendo: “Agora vai estar tudo bem, vai ali o Calvo, ele é que vai destruir e acalmar o inimigo.” Quando chegaram ao campo, o Calvo também fez uma tenda para ele e ficaram ali três dias na trégua. No quarto dia, a batalha começou. Nesse momento o Calvo assobiou e apareceu na sua frente o cavalo adragonado. O Calvo vestiu-se logo daquelas roupas de senhor que o cavalo lhe tinha trazido, pôs o sabre na cintura e montou o cavalo e correu logo para a batalha.

Quando ele entrou na batalha, todo o exército do inimigo agitou-se: não se sabe se mais mata ele com o sabre ou o seu cavalo mata com as patas e assim o exército do inimigo desatou a fugir por todas partes. E desta maneira, de um momento a outro até a tenda do czar chegou a notícia que no seu exército houve um herói que venceu o inimigo e que o inimigo pedia a paz. O czar ordenou logo que se apresentasse esse herói e que pedisse o que quisesse para o czar lhe desse em prenda.

Aqueles primeiros pregoeiros nem sequer chegaram a ir à procura do herói, os segundos vieram e disseram que se tratava do seu Calvo. O czar ficou admirado ao ouvir isso e não quis acreditar: “Se fosse ele, vinha ter comigo.” E o Calvo mandou-lhe dizer: “Quando partirmos para casa, eu vou montar lado a lado com ele.” Quando, depois disso, foi feita a paz e voltaram para trás, o Calvo dobrou a sua tenda e as pouca bagagem e colocou-os sobre o seu cavaleiro e depois assobiou e na sua frente apareceu o cavalo adragonado. Vestiu-se de roupas de senhor e montou o cavalo adragonado e foi

lado a lado com o czar para todos verem que era ele. Quando o czar viu que era ele, rompeu a chorar de alegria e assim, na alegria vieram para casa e ali o czar, ainda em vida entregou o império ao Calvo e o Calvo fez-se czar.

Os vestidos bonitos são capazes de fazer muito (Lijepe haljine mnogo koješta učine)

Um czar tinha uma filha única excessivamente bela, e por causa de tanta beleza sua, deu a saber pelo mundo inteiro: “Ao rapaz que adivinhar que marca de nascimento tem esta rapariga e em que sítio, dar-lhe-á em casamento e mais metade do seu reino, e se não adivinhar, tornar-se-á em carneiro ou será decapitado.

Esta ideia estranha espalhou-se pelo mundo, de modo que milhares de pretendentes de todos lados acudiam, mas tudo em vão e tanta multidão de rapazes tornou-se em cordeiros, e por sua vez quase um mundo ficou decapitado. Esta notícia ouviu-a também um jovem, pobre mas ingenioso e perspicaz, e começou a cobiçar a rapariga bonita, mas também metade do reino e foi ter com a jovem, mas não para a pedir em casamento, senão para a ver e para lhe perguntar uma coisa.

Ao chegar ao palácio do czar- o quê é que se vê? Á sua volta juntaram-se Deus saberá quantos cordeiros de todo tipo e dando saltos para cima dele, começaram a balir e esse era o signo que o queriam dissuadir desse pensamento para ele também não se tornar cordeiro, e aquelas cabeças que foram cortadas e colocadas sobre as estacas começaram a chorar cada uma.

Ao ver isso, assustou-se e quis fugir para trás, mas na sua frente apresentou-se um homem vestido todo de traje ensangrentado, alado e com um olho na cara, que exclamou: “Espera! Para onde vais? Volta para trás ou serás morto!” Nesse momento voltou para onde estava a filha do czar que o recebeu e disse-lhe: “Tu também vieste pedir-me em casamento?” “Não, czarina honrada, mas ouvi falar que te pensavas casar na boa hora, e vim perguntar-te se tens necessidade de quaisquer vestidos para o casamento.” “Que vestidos é que tens?”, perguntou-lhe ela e ele respondeu-lhe:

“Tenho calças de mármore, camisa de rossio, lenço cujos fios são raios de sol e a base as estrelas e a lua, e os sapatos de puro ouro, nem tecidos, nem malhados, ora se desejas comprar tudo isto, ordena para vir trazer, só quero que saibas uma coisa: quando começares a experimentar estes vestidos um a um, não quero que ninguém esteja ao pé de nós, apenas nós os dois, e se te servirem, facilmente combinaremos o preço, e se não te servirem, não vou dizer a ninguém e vou guardá-las para a minha noiva.”

Enganou-se a filha do czar e disse-lhe para trazer tudo isto. E ele partiu e trouxe tudo e Deus saberá de onde é que ele conseguiu e teve isso. Então eles fecharam-se num quarto e ela primeiro começou a vestir as calças e ele pôs-se a espreitar para ver se algures nas suas pernas lhe descobriria a marca, até que, felizmente para ele, lhe viu uma estrela de ouro no joelho direito, e ao vê-la, não disse nada, mas pensou para si próprio: “Feliz de mim hoje e para sempre!” Depois a filha do czar começou a experimentar a camisa e as outras coisas, mas ele já nem sequer prestava atenção se tinha mais qualquer marca e tudo lhe ficou como se fosse feito para ela.

Eles combinaram o preço e ela pagou o combinado, e ele levou o seu dinheiro, e passados alguns dias vestiu-se da melhor forma possível e foi pedir em casamento a filha do czar. Quando se apresentou na frente do czar, disse-lhe: “Czar honrado! Eu vim pedir em casamento a tua filha, e vais dar-ma!” “Bem” respondeu o czar, “Mas tu sabes como se pede em casamento a minha filha? E cuida bem, se não lhe adivinhares a marca, serás morto, e se a adivinhares, ofereço-ta em prenda e mais metade do meu reino.” Ele fez uma reverência ao czar e disse: “Ora bem, czar e meu sogro! Sendo assim, ela é minha. Ela tem uma estrela de ouro no joelho direito.”

O czar ficou admirado de como é que ele sabia isso, mas não teve outra opção e deu-lhe a filha e ele casou-se com ela. Quando era para lhe dar metade do reino, o genro disse-lhe: “Fica com a metade do reino! Só torna essas almas desgraçadas para serem como eram dantes.” Nesse momento o czar disse que isso não depende da sua vontade, mas sim da vontade da sua filha e “tua mulher”, disse ele.

Então ele pediu à sua mulher e ela disse-lhe: “Deixa-me sangrar debaixo desta estrela, e que cada cordeiro chupe um pouco dele e tornar-se-á homem outra vez, e unta com ele cada cabeça no beijo inferior e elas tornar-se-ão pessoas como eram dantes” ele assim fez, e depois de cada um se tornar como era, convidou-os todos para o casamento e foi para casa com a rapariga a cantar e a disparar das espingardas e ali serviu-lhes comida e bebida, e finalmente foi cada um para sua casa e ele ficou com a sua noiva e Deus sabe o que foi feito deles e mencionou-se agora.

A rapariga mais rápida que o cavalo (Djevojka brža od konja)

Era uma vez uma rapariga que não nasceu do pai e da mãe, mas foi feita pelas fadas da neve extracta numa fossa sem fundo, virada para o sol de Santo Helias, o vento deu-lhe a vida, o rossio amamentou-a, e a floresta vestiu-a de folhas e o prado adornou-a e fez-lhe fitas de flores. Ela era mais branca que a neve, mais rubra que uma rosinha, mais brilhante que o sol, que uma assim nem nasceu, nem nascerá. Ela deu a saber pelo mundo fora que em tal e tal dia no tal e tal sítio terá lugar uma corrida, e se algum rapaz no cavalo for chegar antes dela, ela será sua mulher.

Dentro de poucos dias esta notícia espalhou-se pelo mundo e juntaram-se ali milhares de pretendentes nos cavalos, não se sabe quem é melhor de quem. Até o próprio filho do czar veio á corrida. A rapariga pôs-se no lugar marcado e todos os pretendentes ficaram em fila nos seus cavalos, e ela esteve entre eles, sem cavalo, apenas em pé, e então disse-lhes: “Eu coloquei ali uma maçã de ouro, aquele que vier primeiro e apanhá-la, eu serei sua, se eu vier primeira até a maçã e apanhá-la, saibam que todos ficarão mortos naquele sítio, e tenham muito cuidado com o que fazem.” Os cavaleiros olharam uns para os outros e cada um fiava-se de si próprio que iria ganhar a rapariga e disseram entre si: “Sabemos de verdade que ela a pé não vai fugir de nenhum de nós, alguém vai ganá-la, mas quem, ele será hoje ajudado por Deus e pela sorte.” E quando a rapariga bateu as palmas, todos desataram a correr num instante.

No meio do caminho, a rapariga tinha se afastado, porque lhe tinham crescido umas asas pequenas debaixo das axilas. Nesse momento os rapazes repreenderam um o outro e chicotaram e esporaram os cavalos, e alcançaram a rapariga. Ela, ao ver isso, arrancou um fio do cabelo e deitou-o fora, e naquele instante cresceu uma floresta terrível, e os pretendentes não sabiam por onde nem para onde ir, e iam por aqui e por ali, e ela voltou a afastar-se muito longe, e eles esporaram os cavalos e voltaram a alcançá-la.

Mas, quando a rapariga viu que ia de mal em pior, deitou uma lágrima e nasceram rios fortes e grandes e quase que se afogaram todos, já ninguém vinha detrás da rapariga a não ser o próprio filho do czar, e ele pôs-se a nadar com o seu cavalo e a persegui-la, mas ao ver que a rapariga se tinha afastado dele, implorou-lhe três vezes pelo nome de Deus para parar e ela ficou parada naquele sítio em que tinha estado; então ele agarrou-a e amarrou-a no cavalo detrás de si e atravessou o rio e foi para casa por uma montanha, mas ao vir até a montanha mais alta, olhou para trás, mas a sua rapariga não estava.

Outra vez a madrasta e a enteada (Opet maćeha i pastorka)

Era uma vez um homem viúvo e tinha um filho e uma filha, e casou-se de novo e a sua segunda mulher trouxe-lhe uma enteada. Esta mulher complacia em tudo à sua filha, e aqueles dois enteados odiava-os e torturava-os de todas formas. Finalmente disse ao marido: “Ouve, homem: eu esses teus filhos não os consigo ver nem em pintura, então leva-os da casa, ou nós os dois não vamos comer pão juntos.” O homem começou a acalmá-la: “Não, mulher, pelo amor de Deus! Para onde os vou levar?” “Seja para onde for” respondeu a mulher “leva-os à montanha e deixa os lá, que façam o que lhes apetecer.” Finalmente convenceu o marido e ele disse-lhe que amanhã levaria as crianças para a montanha e que os ia deixar ali. E a sua filha estava a ouvir isso tudo, e a chorar disse ao seu irmão, que era mais novo que ela: “Meu irmão! O nosso pai quer-nos levar para a montanha amanhã e deixar-nos lá. Sabes o que vamos fazer? Vamos encher os bolsos de cinza e vamos dissipá-la pouco a pouco pelo caminho e quando eu não tiver mais, continuas tu, e depois seguindo a cinza vamos voltar para casa.”

De manhã, eles pobrezinhos vieram às escondidas e encheram os bolsos de cinza, e quando o pai chamou por eles para o acompanharem, eles partiram. Indo assim durante muito tempo, as crianças deitavam detrás delas um pouco de cinza. Quando o pai os levou ao meio da floresta, disse-lhes: “Sentem-se um pouco aqui, o pai já vem.” As crianças sentaram-se e ele escondeu-se delas e foi para casa e as crianças, esperando ali pelo pai ficaram com fome, e antes de anoitecer, seguindo a cinza, voltaram para casa, mas, ao chegarem lá, não se atreveram a entrarem logo e esconderam-se debaixo do alpendre junto da janela para ouvirem o que em casa se fazia e dizia. A essa hora o homem mais a mulher estavam a jantar e a mulher disse: “Se agora estivessem aqui aquelas duas crianças nossas, dávamos-lhes estas poucas códeas e eles também podiam jantar.” E as crianças então disseram atrás da janela: “Aqui estamos, mãe!” e correram para dentro. Quando-lhes perguntaram como tinham vindo, o menino disse a verdade, que tinham vindo seguindo a cinza. Quando, depois disso, as crianças jantaram e foram dormir, a mulher voltou a insistir com o homem para os voltar a levar logo e ela ia esconder a cinza. As crianças ouviram isso e de manhã cedo, ao não encontrarem cinza, encheram os bolsos de sêmeas e quando o pai os voltou a levar para a montanha, eles começaram a deitar sêmeas pouco a pouco.

Quando o pai os levou para longe, à floresta, ele acendeu uma lareira, e pegou na calabaça, supostamente foi buscar água e disse às crianças para ficarem sentadas ali ao pé do fogo e que ele vinha já, e assi afastou-se deles às escondidas e foi para casa e as crianças ficaram sózinhas na montanha. As crianças estavam sentadas surante muito tempo ao pé do fogo à espera do pai, e quando viram que ela não aparecia e que estava a anoitecer, foram para casa seguindo as sêmeas, mas, tinham chegado as feras e tinham comido aquilo tudo. As crianças, ao virem isso, desataram a chorar e voltaram ao pé do fogo.

Nesse momento passaram por ali alguns judeus, que ao avistarem o fogo, foram ter com as crianças e perguntaram-lhes o que faziam ali e se tinham mais alguém e depois de as crianças lhes terem contado tudo o que se passava, os judeus disseram-lhes para os acompanharem e que estarão bem com eles. As crianças aceitaram e foram com os judeus e eles levaram-nas para sua casa. Eles em casa não tinham ninguém salvo a mãe, e ao chegarem a casa, encerraram o menino para engordar e deixaram a menina para obedecer a mãe deles.

Quando o menino ficou bem nutrido e engordou, os judeus, indo para algum trabalho, ordenaram à mãe para o assar e para o comerem quando à noite voltarem do trabalho. A menina, durante aquele tempo que esteve com os judeus, tinha aprendido

algo do hebraico, e percebeu o que os judeus tinham dito acerca do seu irmão e foi e disse-lhe: “Irmão, hoje os judeus foram a algum lado e ordenaram à mãe para te assar, mas nós vamos procurar meter a velha no forno.

À tarde, a velha aqueceu o forno e levou o menino para o meter dentro e disse-lhe para se sentar na pá. Então a menina disse à velha. “Mãe! Ele ainda é novo e frágil, e não sabe como é que é preciso fazer isso, mas senta tu primeiro para ele ver.” A velha assim fez e sentou-se e eles pegaram na pá e meteram-na no forno e a velha acabou por se assar. Então as crianças puseram-se a fugir da casa, e a fugir, deram com uma água e uma ponte através dela e rápido passaram para outro lado e chegaram a uma floresta.

Quando os judeus á noite voltaram para casa com fome, chamaram pela mãe para lhes trazer de comer, mas em casa não havia ninguém e eles sentiram o cheiro do assado. Ao tirarem o assado do forno, reconheceram a sua mãe e puseram-se rápido a perseguir as crianças. Ao chegarem até aquela água, começou a chover forte e levou a ponte, e eles, sem poderem atravessar a água, voltaram para trás.

As crianças, deambulando por aqui e por ali pela montanha e finalmente deram com um manancial, e ao pé daquele manancial encontraram uma mulher e cumprimentaram-na com “Deus ajuda” e beberam muita água e sentaram-se para descansar. Então a mulher disse á menina: “Filha! Deixa-me deitar-me ao teu colo para me coçares um pouco.” E ela respondeu-lhe: “ Com muito gosto, mãe! E assim a mulher deitou-se ao colo da menina e então perguntou-lhe de onde eram eles os dois.” A menina contou tudo a chorar e finalmente disse: “Mãe! Que bonito cheira a tua cabeça!”

Então a mulher levantou-se do seu colo, olhou para a menina triste e chorosa, e disse-lhe: “Vás aonde fores,que sejas feliz, quando chorares, que em vez de lágrimas te saiam pérolas dos olhos, e quando falares, que deites rosas de ouro pela boca fora.” Depois disso, a mulher mostrou às crianças como iam dar com o caminho e as crianças foram-se embora e a mulher ficou ao pé do manancial. As crianças, tendo dado com o caminho, foram para casa.

A menina, ao ver a madrasta e o pai, desatou a chorar, e a madrasta, quando viu que em vez de lágrimas lhe caíam pérolas dos olhos, abriu os braços e começou a dar-lhe abraços e beijos: “Feliz de mim, quando voltaste! E onde estiveste tanto tempo?” A menina começou a contar, e deitava sempre rosas de ouro pela boca fora. Então a madrasta ficou ainda mais admirada e perguntou-lhe: “Onde é que mereceste tanta graça?” A menina disse que em tal e tal sítio na montanha tinham encontrado uma mulher ao pé do manancial e que a mulher a tinha abençoado.

Então a madrasta perguntou:“E ela continua ali? Para eu também mandar a minha filha para merecer essa graça.” A menina respondeu-lhe que ela tinha ficado ali quando eles se foram embora. E assim a madrasta começou a falar à sua filha para lá ir, e ela hesitava e opunha-se, e finalmente a mãe convenceu-a de alguma forma e ela foi e encontrou aquela mulher ao pé do manancial. Ao chegar ao manancial, em vez de a cumprimentar com “Deus ajuda”, não lhe disse nada, mas murmurou para si própria: “Eis aquela mulherona, que Deus a mate!” E bebeu água até se saciar e sentou-se ao pé do manancial tal como lhe tinham dito.

A mulher foi logo ter com ela e disse-lhe: “Deixa-me pousar a cabeça ao teu colo, para me coçares um pouco.” E ela respondeu-lhe: “Sim, como não, saberá Deus como é essa cabeçota tua!” e começou a chorar: “Eu nem vinha aqui se não fosse aquela maldita mãe minha que me obrigou.”

Então a mulher olhou para ela e disse-lhe: “Quando chorares, que te caiam lágrimas de sangue dos olhos, e quando falares, que te saiam saliva e babas, para as pessoas não te conseguirem ouvir.” Depois disso, a rapariga voltou para casa com a sua mãe, e a mãe não viu a hora de a ver e abriu os braços na sua frente, e ela quando falou,

começou a deitar saliva e babas, que a sua mãe ficou espantada o que se passava com ela. A rapariga então rompeu a chorar: “é tudo culpa tua!” e as lágrimas de sangue, escorreram pela sua cara.

Daquela pobre rapariga depois ouviu-se falar até ao czar, e o czar mandou buscá-la e pediu-a em casamento pelo seu filho, e ela levou o seu irmão com ela e viveram felizes. E a outra rapariga com a sua mãe e padrtasto ficou assim. cmaja je jedva dočeka i raširi ruke pred nju, a kad ona progovori, stane prskati i baliti, da se mati upropasti šta joj je.

O grão de Pimenta (Biberče)

Era uma vez uma mulher estéril e rezava a Deus para lhe deixar ter um filho, mesmo que seja pequeno que nem um grão de pimenta. Deus concedeu-lhe o desejo e ela teve um menino, pequeno que nem um grão de pimenta. No início, de alegria, não se importava com ter dado á luz um filho tão pequenino, mas depois ficou com pena ao ver as outras crianças que nasceram juntamente do seu filho a ficarem crescidos até á idade de casar, e u filho dela ficou do tamanho do grão de pimenta. Então desatou a chorar e a gemer todos os dias. Uma vez, apareceu-lhe alguém no sono e disse-lhe para deixar de chorar porque o seu filho será tão grande como um frecho. Depois disso, ela ficou alegre, mas não por muito tempo, porque pouco depois o seu filho veio falar com ela e disse-lhe que tinha de ir para onde lhe foi dito no sono; e assim ele foi e a mãe ficou a chorar.

Indo durante muito tempo, veio a um palácio real e entrou no jardim, mas eis a filha do czar sentada debaixo de uma árvore e a chorar. Ele cumprimentou-a com “Deus ajuda” e perguntou-lhe por que chorava, e ela respondeu-lhe que nessa árvore debaixo da qual estava sentada tinham nascido três maçãs de ouro, que o pai lhe tinha mandado cuidá-la, mas veio o dragão de debaixo da terra e em três manhãs levou as três maçãs uma a uma e agora não se atreve a dizer ao pai, e o pai convidou para amanhã muitíssimas pessoas para lhes mostrar o que Deus lhes tinha dado.

Ele ddisse-lhe para se calar, que ele lhe traria as três maçãs do dragão, so´que lhe sê dis criados para o acompanharem. Depois disso, ele comprou uma ovelha e tendo-a morto, meteu as quatro pernas na mala e o resto deitou-o fora e levando uma corda, foi com os criados ao lago detrás da cidade, e ali levantou uma pedra e disse aos criados para o fazerem descer na corda, e quando estremecesse a corda, para o tirarem para cima. Assim os criados fizeram-no descer, mas ali - uma casa bonita com o jardim e o dragão estava sentado ao pé da lareira e cozia alguma coisa num caldeirão grande. O dragão, ao vê-lo atirou-se a ele e ele rápido, deitou-lhe uma quarta parte da carne; enquanto ela se agachou e apanhou a carne, ele roubou uma maçã, o dragão agrediu-o outra vez e ele deitou-lhe a segunda porção e apanhou a segunda maçã, quando o dragão engoliu aquela carne, ele deitou-lhe a terceira perna da ovelha e roubou a terceira maçã; quando o dragão se atirou a ele pela quarta vez, deitou-lhe a quarta parte e pôs-se a fugir para trás e mal agarrou a corda, mas o dragão saiu para fora e ele rápido cortou carne da sua perna e deitou-lhe e estremeceu a corda, e tiraram.no para cima. Depois entregou as maçãs á filha do czar e foi se embora.

Passado pouco tempo, o dragão todos os dias começou a sair para cima e comia uma rapariga, que deviam enviar da cidade pela ordem, e assim chegou a vez da filha do czar, que estava domprometida. O pai e a mãe e todos os senhores acompanharam-na

até ao lago e dando-lhe abraços e beijos, o pai e a mãe voltaram para casa a chorar e a rapariga ficou sózinha ao pé do lago á espera do dragão. Esperando assim, começou a rezar a Deus que lhe enc«viasse o Grão de Pimenta, que lhe tinha trazido as maçãs do dragão, para a salvar.

Nesse momento o Grão de Pimenta chegou à cidade, que estava toda de luto. Quando ele perguntou o que se passava e eles disseram-lhe, ele foi a correr até ao lago e encontrou a filha do czar sentada e a chorar e ele perguntou-lhe se se queria casar com ele se a salvasse do dragão. Ela disse: “Quero, mas tu não me podes salvar; há só um que o poderia fazer, mas ele não está.” “E quem é ele?” perguntou ele, e ela respondeu: “É verdade que é pequeno que nem um grão de pimenta, mas ele salvava-me.” O Grão de Pimenta riu-se e disse lhe que ele agora é um rapaz grande é que tinha vindo salvá-la. Ela ficou admirada, mas quando viu o anel que lhe tinha dado quando lhe tinha trazido as maçãs, teve uma prova de que era mesmo ele.

Então ele disse-lhe para o coçar um pouco, e para o acordar se adormecer, quando o lago estremecer. Ele deitou-se ao colo dela e ela começou a coçá-lo, ele adormeceu e o lago tremeu, e ela começou a chorar e uma lágrima sua caiu-lha na cara, ele sobrecolheu-se, agarrou a eespada, e pôs-se a esperar pelo dragão. Nesse momento apareceu o dragão de nove cabeças, ele enfrentou-o e cortou-lhe uma cabeça, o dragão atirou-se a ele e ele cortou-lhe outra cabeça e assim todas as nove. Depois, pediu da rapariga um lenço e extraiu as nove línguas e amarrou-as dentro do lenço, e disse-lhe para não contar a ninguém quem a tinha salvo, e ele já viria quando chegasse a hora e foi-se embora.

Quando a rapariga foi para casa, encontrou-a o seu noivo e disse-lhe:se não disser que foi ele quem a salvou, ele vai matá-la e então é-lhe igual. Ela pôs-se a pensar e lembrando-se que o Grão de Pimenta lhe tinha dito que se apresentaria quando chegasse a hora, prometeu que diria que foi ele que a tinha salvo. O noivo voltou e levou como testemunho as nove cabeças cortadas. Quando ela veio a casa dos seus pais acompanhada dele, não se podia saber se davam mais abraços e beijos a ela ou a ele e pensaram casá-los logo, mas ela fingiu-se doente. Passados alguns dias, apareceu o Grão de Pimenta, e diz que foi ele que salvou a rapariga. Agora o czar, em quem vai acreditar? A rapariga não se atreve a dizer, aquele amiaça que a vai matar, e o czzar ordenou que fosse o tribunal a julgá-los.

Tendo-se apresentado ao tribunal, o juíz disse: “Quem tiver um testemunho, a rapariga é sua.” Quando aquele mostrou as cabeças e este as línguas, ora o tribunal não sabe novamente em quem acreditar, porque aquele diz que não tinha cortado as cabeças logo, mas que tinha ido a correr com a rapariga para ver o pai dela, e quando este mostrou o lenço da rapariga, ele disse que a rapariga o tinha perdido por causa do medo.

Então o czar disse, que amanhã de manhã fossem os dois à igreja rezar, ali estará a rapariga também, e quem vier primeiro, ela é sua. O Grão de Pimenta não quis ir até se ouvirem as badaladas, e aquele levantou-se por volta da meia-noite, mas mal pôs os pés na igreja, abriu-se a terra debaixo dele e ele cortou-se todo nas facas. Depois a rapariga acendeu uma vela e sentou-se ao pé da fossa a esperar o predestinado. Quando se ouviu a badalada, apareceu o Grão de Pimenta. Então o czar viu quem tinha razão e casou a sua filha com o Grão de Pimenta. Depois, o Grão de Pimenta foi ver a sua mãe para ela ver que ele está crescido.

São sava e a mãe (Sveti Sava i majka)

Morreu-lhe a uma mãe o filho único, e ela, desgraçada, ouviu falar em São Sava, e levou-o a ele, para o ressuscitar. “Ressuscitarei o teu filho”- disse São Sava à mãe desconsolada “ se no mundo me encontrases uma única casa em que nunca ninguém morreu.”

A mãe infeliz procurava em vão durante muito muito tempo uma casa assim; não a conseguiu encontrar. Finalmente voltou e contou isso a São Sava. E São Sava respondeu-lhe: “Agora viste que tu não és a única desgraçada neste mundo, porque não há quem nasça e quem não morrerá. Deus dá e Deus toma.”

Filho do Urso (Međedović)

Nalguma aldeia as mulheres foram para a montanha buscar plantas selvagens e vagueando assim pela montanha, uma delas perdeu-se e veio em frente de uma caverna da qual saiu um urso e agarrou-a e levou-a para dentro; e ali vivendo com ele, a mulher achou-se pajada e teve um menino. Depois de o menino ter crescido um pouco, a mulher saiu às escondidas e fugiu para a aldeia para sua casa. O urso continuava a trazer quaisquer coisas e alimentava o menino, como dantes fazia a sua mãe. Quando a criança cresceu bastante, teimou em sair da caverna para ir pelo mundo fora e o pai começou a dissuadi-lo dizendo-lhe que ele ainda é novo e frágil e que no mundo há feras más que se chamam gente e que o vão matar. E assim a criança acalmou-se um pouco e ficou na caverna.

Pasado algum tempo, a criança voltou a teimar em ir pelo mundo fora, e ao ver que não havia outra forma de o dissuadir, o urso levou-o em frente da caverna, debaixo duma faia e disse-lhe: “Se conseguires arrancar essa faia da terra, vou deixar-te ires pelo mundo fora, se não conseguires, ainda é preciso ficares comigo.” A criança agarrou a faia, e tirou por aqui e por ali, mas não a conseguiu arrancar; então voltou de novo com o pai para a caverna. Quando, depois de algum tempo, o menino voltou a teimar em ir pelo mundo fora, o urso levou-o em frente da caverna e disse-lhe para experimentar se agora conseguia arrancar a faia da terra. A criança agarrou a faia e arrancou-a. O urso então disse-lhe para lhe podar os ramos e colocá-la ao ombro como uma vareta para ir pelo mundo fora.

A criança obedeceu o pai, e indo assim pelo mundo, deu com um campo em que se tinham reunido centenas de aradores e aravam a terra do dono. Ao aproximar-se dos lavradores, perguntou se tinham alguma coisa para lhe darem de comer. Eles responderam-lhe para esperar um pouco, daí a nada ia-se trazer o almoço para eles, e onde houvesse almoço para eles todos, almoçaria ele também.

Enquanto eles estiveram a dizer isso, avistaram-se os carros e os cavalos e as mulas e os burros, trazendo o almoço. Quando o almoço foi servido, O Filho do Urso disse que ele ia comer isso sózinho. Os lavradores ficaram admirados e disseram-lhe como é que ele ia comar tanta comida que foi trazida para centenas de pessoas! Ele voltou a dizer que o faria, e apostou com eles: se não comer, dar-lhes ia a sua vareta, e se comer, eles deviam dar-lhe tudo o que era de ferro nos seus arados. O almoço foi servido, e o Filho do Urso pôs-se a comer e comeu tudo, e comia mais se houvesse. Então eles juntaram tudo quanto era de ferro nos seus arados num montinho, e ele arrancou algumas bétulas e amarrou tudo e colocou sobre a sua vareta e metendo-o ao

ombro foi ter com algum ferreiro e disse-lhe para lhe malhar um maço daquele ferro e para ocolocar na vareta.

O ferreiro comprometeu-se de fazer esse trabalho, mas pareceu-lhe qua havia muito ferro e escondeu quase metade e do resto malhou o maço de qualquer maneira. Ao Filho do Urso o maço pareceu-lhe pequeno com tanto ferro, e que não foi feito como devia ser do qua havia Por isso, quando colocaram o maço sobre a vareta. O Filho do Urso, para experimantar se o maço é bom, atirou-o ao ar e pôs-se de joelhos e de cotovelos e recebeu-o nas costas. O maço, infelizmente pelo ferreiro, partiu-se, então o Filho do Urso brandiu com a vareta e matou o ferreiro, e foi para casa dele e encontrou todo o ferro escondido e levou-o juntamente com aquelas paças do maço a um outro ferreiro, e disse-lhe para lhe malhar um maço em cima da vareta, e disse-lha para não brincar e para lhe malhar um maço bom de todo aquele ferro, se não quer acabar como o ferreiro anterior.

O ferreiro, tendo ouvido ainda antes o que se tinha passado com aquele ferreiro, reuniu os aprendizes todos, e juntaram aquele ferro todo num sítio e malharam um maço, tão bom quanto foi possível. Quando colocaram o maço em cima da vareta, o Filho do Urso, para o experimentar, atirou-o ao ar e pôs-se às gatas, e o maço não se partiu e ressaltou das costas. Tendo-se erguido, O filho do Urso disse: “Agora o maço é bom.” E colocou-o ao hombro e continuou a andar.

Indo assim, encontrou um homem no campo que pôs dois bois no arado e estava a arar, e aproximando-se dele, perguntou-lhe se tinha alguma coisa para comer. O homem respondeu-lhe: “Agora a minha filha vai trazer o almoço e vamos dividir o que Deus deu.” O Filho do Urso começou a contar-lhe que tinha comido tudo o que estava preparado para centenas de lavradores, “e num almoço, o quê é que haverá para mim e o quê para ti?”

Nesse momento apareceu a rapariga com o almoço. Logo que a rapariga serviu o almoço, o filho do Urso estendeu a mão para comer em seguida, e o homem não lhe deixou ee disse-lhe: “Não! Até fazeres o sinal da cruz assim como eu.” O Filho do Urso, com fome, sem ter outra opção, fez o sinal da cruz, e então começaram a comer e saciaram-se os dois e ainda lhes sobrou. O Filho do Urso, olhando para quem trouxe o almoço, que era uma rapariga corpulenta e saudável e bonita, agradou-lhe, e disse ao pai dela: “Queres dar-me esta filha tua para me casar com ela?” O homem respondeu-lhe: “Eu dava-ta com gosto, mas prometi-a ao Bigotudo.” O Filho do Urso disse a isso: “Importo-me lá com o Bigotudo! Eu vou dar-lhe com este maço.” E o homem disse-lhe: “Pois, mas o Bigotudo não é pouca coisa. Agora vais vê-lo!”

Nesse momento, ouviu-se ruido dum lado, até que detrás do monte se avistou um bigode e nele estavam trezentos e sessenta e cinco ninhos de pássaros. Pouco a pouco, avistou-se o outro bigode; eis o Bigotudo. Ao aproximar-se deles, pousou logo a cabeça ao colo da rapariga e disse-lhe para o coçar um pouco. A rapariga começou a coçá-lo e o Filho do Urso, levantando-se devagarinho, deu uma pancada forte na cabeça do Bigotudo; e o Bigotudo apontou com o dedo para aquele sítio, dizendo á rapariga: “Aqui é que me picou alguma coisa”, e o Filho do Urso voltou a bater-lhe com o maço noutro sítio, e o Bigotudo apontou outra vez com o dedo para aquele sítio: “Aqui outra vez me picou alguma coisa.”. Quando bateu nele pekla terceira vez, o Bigotudo voltou a tocar-se e exclamou irritado: “Por acaso és cega? Aqui me está a morder alguma coisa.” Então a rapariga disse-lhe: “Não te está a morder nada, é um homem que te está a bater.”

Ao ouvir isso, o Bigotudo sobrecolheu-se e lavantou-se e o Filho do Urso já tinha tirado o seu maço e desatou a fugir pelo campo, e o Bigotudo pôs-se a persegui-lo. O Filho do Urso, sendo muito menos pesado, afastou-se do Bigotudo, mas este de

maneira nenhuma desiste dele. O Filho do urso, fugindo assim, chegou a uma água e encontrou pessoas na eira e exclamou-lhes: “Ajudem, irmãos, pelo amor de Deus! O Bigotudo está-me a perseguir. E agora, o que faço? Como vou atravessar esta água?” e um daqueles homens deu-lhe uma pá, dizendo: “Senta-te na pá, para te transportar?” O filho do Urso sentou-se na pá, e o homem brandiu com ela e transportou-o para outra margem, e ele continuou a fugir. Passado pouco tempo, o Bigotudo chegou até à eira e perguntou aos homens: “Por acaso passou por aqui um homem assim e assim?” E eles disseram-lhe que sim. O Bigotudo perguntou-lhes. “Como atravessou esta água?” E eles responderam-lhe: “Deu um salto.” Então o Bigotudo deu um salto e –zas! atravessou a água, e continuou a perseguir o Filho do Urso.

O Filho do Urso, fugindo para cima dum monte, ficou muito cansado, e quando subiu o monte, encontrou um homem no campo recém-arado, que na mala, à volta do pescoço tinha as sementes, e uma vez apanhava as sementes, e outra vez, metia-as na boca e comia; ele gritou a este homem: “Irmão, ajuda, em nome de Deus! O Bigotudo está-me a perseguir e agora vai-me alcançar! O que vou fazer? Esconde-me em algum lado.” E o homem respondeu: “Voto a Deus que o Bigotudo não é brincadeira! Mas, não sei onde te vou esconder, mas vem à minha mala, entre as sementes.” E assim, recebeu-o na mala. Quando, depois disso veio o Bigotudo e perguntou pelo Filho do Urso, o homem disse-lhe que ele tinha passado por ali há muito tempo e que até agora saberá Deus para onde terá ido. Então o Bigotudo voltou para trás.

Aquele homem, semeando trigo, esqueceu-se do Filho do Urso e uma vez apanhou-o juntamente com o trigo e meteu-o na boca. O Filho do Urso assustou-se de não ser engolido, e foi por aqui e por ali pela boca até que, felizmente, encontrou um dente estragado e deteve-se nele e ficou silencioso. Quando o semeador, à noite veio para casa, gritou às noras: “Filhas, dêem cá aqueles meus palitos dos dentes, alguma coisa me aperta naquele meu dente estragado.” As noras trouxeram dois espetos de ouro, e quando ele abriu a boca, uma começou a limpar dum e a outra doutro lado, até que o Filho do Urso saiu a saltar do dente. Então, o semeador lembrou-se e disse-lhe: “Ah, desgraçado de mim! Onde te escondi! Quase que te devorei!” (...)

O senhor rico não deu a ceia a Cristo (Gazda ne dade Hristu večere)

Quando Cristo andava pela terra, encontrou uma vez um senhor rico e disse-lhe: “Esta noite venho ceiar a tua casa. Prepara-me a ceia.”

O senhor rico ficou muito contente e começou a arrumar a casa, limpar e preparar tudo, para receber quanto melhor possível o convidado importante.

À noite, ouviu alguém a bater na porta e quando a abriu, viu muitas pessoas pobres, cegas, coxas e em roupas esfarrapadas. Ele gritou-lhes: “Embora dali! Não me sujem a casa!”

No dia seguinte, foi o senhor rico à procura de Cristo, e quando o encontrou, disse-lhe: “Então, Senhor, eu ontem fiquei à tua espera e tu não vieste?”

“Eu vim, mas tu não me deste a ceia” respondeu Cristo e desapareceu e o senhor rico ficou envergonhado.

São Sava e um camponês pobre (Sveti Sava i siromah seljak)

Viajava São Sava ao grande mosteiro Hilandar e no caminho apanhou mau tempo e pediu dormida a um camponês que era miseravelmente pobre. O camponês recebeu-o bem e deu-lhe a ceia e a dormida. Por volta da meia-noite, caiu uma candeia da fogueira e a casa do camponês começou a arder nas labaredas do fogo, que era uma cabana. O

camponês acordou rápido São sava e ele safou-se por pouco do incêndio. No dia seguinte, na despedida, disse São sava ao pobre:

- Obrigado, irmão, por teres-me acolhido e por teres salvo a minha vida, pede-me o que quiseres, dar-to-ei, e não te esqueças de mim quando estiveres em apuros.

- Por agora não te peço outra coisa que uma casinha modesta, para os meus filhos não morrerem de frio- respondeu o camponês

São Sava fez o sinal da cruz com a mão e o camponês recebeu uma casa melhor que a que tinha.

Passado algum tempo, o camponês lembrou-se que precisava de bois e arado para arar e subiu um monte que São Sava lhe tinha mostrado ainda no primeiro encontro e exclamou:

- Ó, santo! Ó, santo!

São Sava respondeu-lhe entre as nuvens:

- De que precisas, irmão?

- Dá-me um arado e bois para arar, para dar de comer pão aos meus filhos.

São Sava fez o sinal da cruz com a mão e disse:

- Que assim te seja.

Quando o camponês voltou para casa, eis bois bonitos e um arado forte. Agora o camponês lembrou-se de que tinha bois, mas não tinha suficiente terra para lavrar e voltou ao monte:

- Ó, santo! Ó, santo!

São Sava respondeu-lhe entre as nuvens:

- De que precisas, irmão?

- Dá-me bastante terra para lavrar porque não tenho quase nada.

São Sava fez o sinal da cruz com a mão e disse:

- Que assim te seja.

Agora o camponês tinha bastante terra para lavrar, mas não tinha suficientes jornaleiros.

Por isso, pouco depois voltou àquele monte e exclamou:

- Ó, santo! Ó, santo!

São Sava respondeu-lhe entre as nuvens:

- De que precisas, irmão?

- Dá-me bastantes criados e criadas, porque tenho bastante terra, mas não tenho quem a lavre e por isso estou com dificuldades.

Vai, e que isso também te seja. disse São Sava e fez o sinal da cruz com a mão.

Quando o camponês voltou para casa, a sua propriedade estava cheia de jornaleiros: uns ceifavam, outros gadanhavam, os terceiros debulhavam, os quartos faziam medas de feno, os quintos amontoavam. O camponês viu que já era um senhor rico e ficou envergonhado daquela casinha pequena e apertada e voltou ao monte e exclamou:

- Ó, santo! Ó, santo!

São Sava respondeu-lhe entre as nuvens:

- De que precisas, irmão?

- Dá-me uma casa melhor e maior, porque aquela é pequena e apertada para mim, não consigo abrigar todas as pessoas.

São Sava fez o sinal da cruz com a mão e disse:

- Que assim te seja.

Quando o camponês voltou para casa, em lugar daquela casinha pequena e apertada estava um palácio espaçoso. No palácio havia muitas cortesãs que seguravam nas saias da sua mulher quando se passeava algures pelo palácio ou quando saía a algum lado na carruagem de ouro.

- Mulher- disse o camponês à sua mulher- Quero ir ao santo para me deixar ser rei e tu rainha, estou já aborrecido de ser apenas um senhor rico.

-Não vás fazê-lo, homem- disse-lhe a mulher! O santo já nos deu bastante, é melhor guardarmos o que temos! Não precisamos de mais: mais riqueza-mais dores de cabeça.

O camponês não quis obedecer a mulher e voltou ao monte e disse:

- Ó, santo! Ó, santo!

São Sava respondeu-lhe entre as nuvens:

- De que precisas, irmão?

- Vim pedir-te só mais uma coisa. Não gosto das autoridades terrenas. Quero que me deixes ser rei e veras que sob o meu governo estará tudo bem.

Ao ouvir isso, São Sava ficou calado, a pensar e finalmente fez o sinal da cruz e disse:

- Emfim, que assim te seja.

Quando o camponês voltou para casa, a sua casa tornou-se num palácio brilhante e de luxo. Ali estavam criados, criadas, exército, grandes magistrados e receberam o seu rei com alegria e levaram-no para o palácio nos braços. Ao ver que a sua mulher ficou abatida, que a sua pele tinha endurecido, que não se vestiu bem, começou a odiá-la e desejou uma rainha mais bela e foi ao monte e exclamou:

- Ó, santo! Ó, santo!

São Sava respondeu-lhe entre as nuvens:

- De que precisas, irmão?

- A minha mulher enfraqueceu e peço-te para me dares uma rainha mais nova e mais bela.

São Sava ficou a pensar e pensar durante muito tempo, guardou silêncio e finalmente disse:

- Emfim, que assim te seja.

Quando o rei voltou do monte, pelo seu palácio passeava-se uma rainha bela e jovem, justamente assim como ele desejava. O rei viveu assim com a rainha durante muito tempo, até que finalmente a sua rainha se lembrou de ver esse santo, e mendou-o rei perguntar-lhe se queria ser jornaleiro deles.

O rei subiu ao monte e exclamou:

- Ó, santo! Ó, santo!

São Sava respondeu-lhe entre as nuvens:

- De que precisas, irmão?

- A minha rainha mandou-me perguntar-te se querias ser nosso jornaleiro porque está com vontade de te ver e conhecer.

São Sava fez o sinal da cruz com a mão e disse:

- Como no primeiro dia! -E escondeu-se detrás das nuvens.

E quando o rei voltou para casa- em lugar do seu palácio real estava a sua cabana rota e enegrecida, na qual ao pé da fogueira se estavam a aquecer a sua primeira mulher e os filhos descalços. Mal o viu chegar, disse-lhe:

- Por acaso não te disse, homem insaciável, que paráesses duma boa vez com esses desejos teus. Tu não me fizeste caso, e eis o que somos agora.

Anexo 2:

Lista das narrativas curtas da tradição portuguesa que foram utilizadas como *corpus corpus* para a dissetração de Mestrado com o tema da *Visão dos Homens, Mulheres e Crianças nas Narrativas Curtas da Tradição Popular Portuguesa e Sérvia*

Neste anexo encontram-se os títulos dos contos que foram analisados em pormenor, enquanto que aqueles que apenas foram mencionados por várias razões não têm o seu lugar aqui.

As referências bibliográficas para cada um destes contos são dadas nas páginas da Dissertação

O Aprendiz do Mago
Os Três Estudantes e o Soldado
A Filha do Rei Mouro
O Caldo da Pedra
Pedro das Malas-Artes
*Os Dois Pedrinhos*¹²⁷
Maria Silva
Branca-Flor
João Pequenito
O Rei soberbo
O Príncipe Diabo
O camponês
O sabor dos abores
A princesa-imperatriz
A Menina Fina
*A afilhada de Santo António*¹²⁸
*Frei João Sem Cuidados*¹²⁹
A expulsão dos moiros
São Martinho
Os dois moirinhos
A filha que não queria casar com o pai
São Pedro e as raparigas da fonte
Dom Caio
O bolo refochado
O Grão de Milho
Favas
O saco das nozes
A filha da bruxa
A má sogra
A vaquinha
A enjeitada
O embarcação
A má madrasta
A Senhora das Neves
Mulher teimosa
Rei e rainha teimosos
Por quê há pretos e brancos
As bocas do mundo
O príncipe com as palmas verdes
Os dois pequenos e a bruxa
A mentira do tamanho do Padre-Nosso
A princesa-Diabo
O rapaz que foi ao Céu
A filha do rei guloso
Os quarenta amigos
Lenda do manto de Santo António

¹²⁷ Foram consultadas também as variantes deste conto: *Pedro e Pedrinho* e *Pedro e o Príncipe*

¹²⁸ Foi consultada também a variante deste conto: *A afilhada de São Pedro*

¹²⁹ Foi consultada também a variante deste conto *Padre José Sem Cuidados*

O passarinho verde
O compadre rico e o compadre Pobre
A alegria da viúva
Os dois mentirosos
O boi Rabil
A Bela-Menina